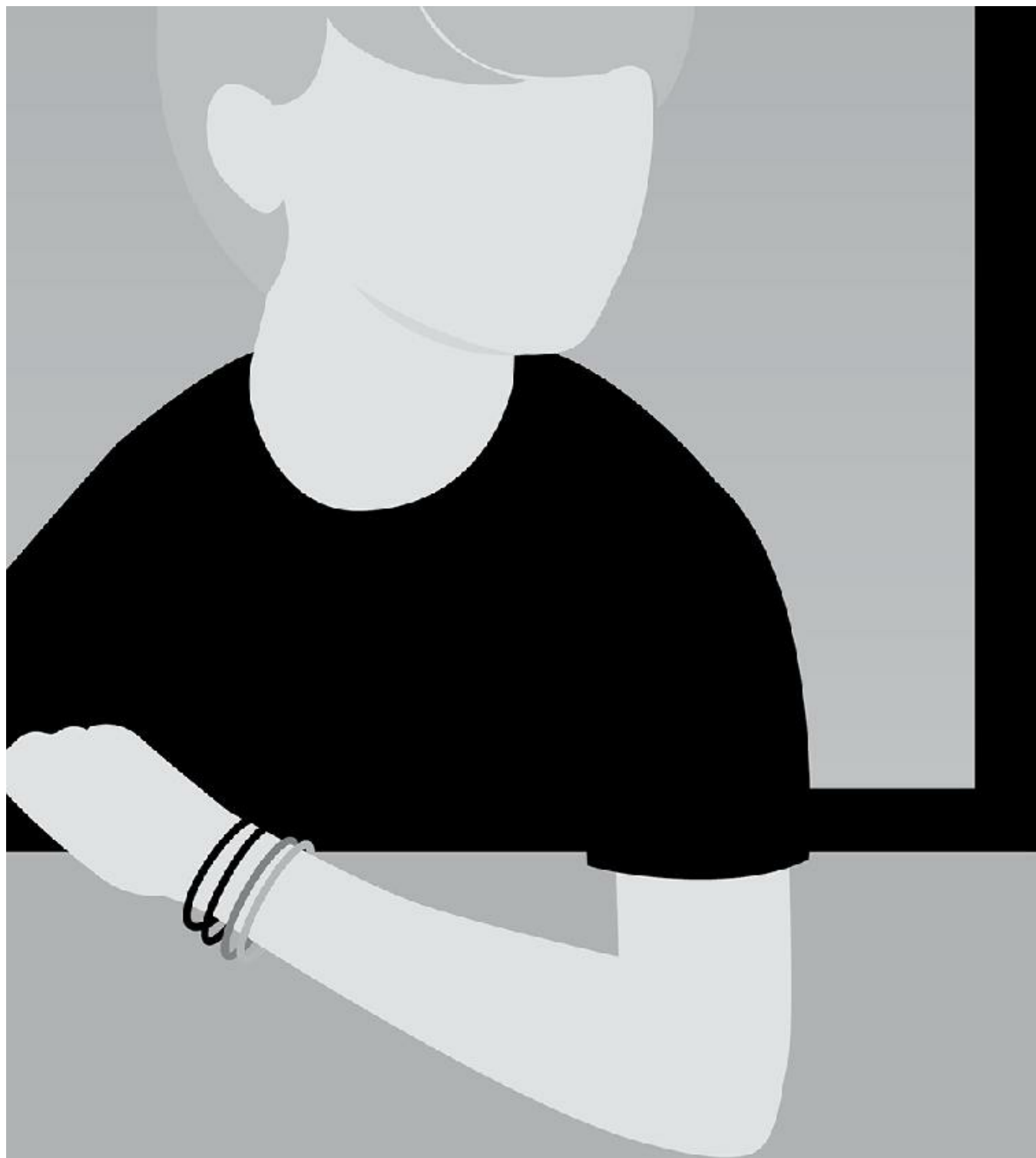


GEEKERELA

ASHLEY POSTON







GEEKERELA

Ashley Poston

Tradução de Rayssa Galvão



Copyright © 2017 by Ashley Poston

Publicado originalmente em língua inglesa por Quirk Books, Philadelphia, Pennsylvania.

Publicado mediante acordo com Ute Körner Literary Agent, S.L.U., Barcelona – www.uklitag.com.

TÍTULO ORIGINAL

Geekerella

PREPARAÇÃO

Denise Scofano

REVISÃO

Mariana Bard

Milena Vargas

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Dan Sipple

ARTE DE CAPA

Timothy O'Donnell

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK

Marina Góes

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0215-5

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Parte um: Apontar para as estrelas](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Parte dois: Mirar](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Parte três: Disparar](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Darien](#)

[Elle](#)

[Elle](#)

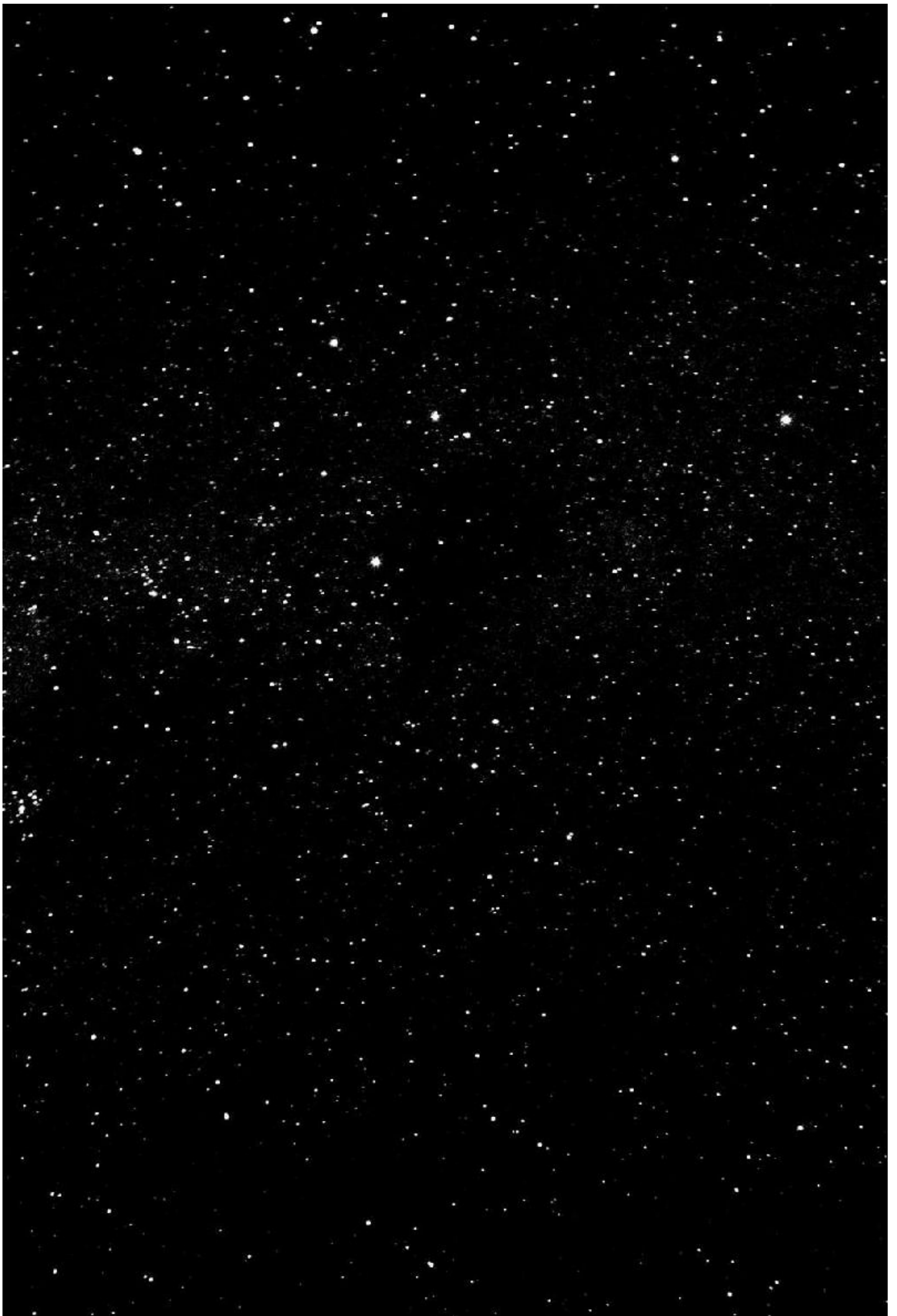
[Starfield dispara para as estrelas](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

Para os camaradas: que venham muitas outras aventuras incríveis



PARTE UM

APONTAR PARA AS ESTRELAS.



*“Conforme a Nebulosa Negra engolia os mundos um a um, envolvendo-os em escuridão, muitas histórias foram contadas sobre uma pequena fagulha de luz que brilhava mais que uma estrela, reacendendo as esperanças quando tudo parecia perdido. Esta é a história da nave estelar **Prospero** e de seu último voo.*

Apontar para as estrelas. Mirar. Disparar.”

*— Monólogo final, **Starfield**, episódio 54*



A PESSIMADRASTA ATACA novamente.

A mesa da cozinha está coberta de cupons de desconto e panfletos. Minha madrasta, sentada em uma cadeira bamba de madeira, muito empertigada, corta mais um cupom com todo o cuidado. O cabelo louro artificial está preso em um coque alto, deixando soltos alguns cachos perfeitos; os lábios, vermelhos como sangue do coração de homens; a blusa branca, impecável; a saia lápis escura engomada... Deve ter uma reunião com algum futuro cliente.

— Querida, hoje preciso que você seja mais rápida — pede ela, estalando os dedos para me apressar.

Procuro o pote de café na bancada da cozinha. O pó tem um cheiro forte de café barato — o único tipo que conheço —, mas está ótimo, afinal, não temos dinheiro para café caro, embora todo dia a pessimadrasta compre chai latte duplo com café e leite de soja (sem chantilly) com um de seus cartões de crédito.

Catherine, minha madrasta, pega outra revista para recortar.

— Nada de carboidratos. Acordei inchada e à tarde tenho uma reunião com um casal. Vai ser um casamento dos grandes. Descobri até que ela é debutante, dá para acreditar?!

Em Charleston? Dá, sim. Todas as meninas deste lugar são debutantes, da alta sociedade ou da família de algum político, e ostentam sobrenomes tradicionais da região: Thornhill, Fishburne, Van Noy, Pickney. E eu não estou nem aí para isso.

Jogo duas colheres de pó de café na máquina. Depois acrescento mais uma, só para completar. Parece que o dia hoje pede três medidas. Talvez uma dose extra de cafeína matinal tire minha madrasta e as gêmeas de casa antes das nove. Não é pedir demais, é?

Olho para o relógio do micro-ondas: 8h24. Se as gêmeas não começarem a se movimentar na velocidade de dobra, corro o risco de me atrasar. Mentalizo uma oração para o Senhor da Luz, o divino Q, ou quem quer que esteja ouvindo: *Por favor, pelo menos uma vez na vida, faça com que a pessimadrasta e as gêmeas saiam de casa na hora certa.* É que às nove em ponto vai passar *Bom dia, América* especial *Starfield*. E eu não vou perder. *Me recuso.* Finalmente, depois de anos de atrasos, troca do diretor e muita enrolação, o filme vai sair. Na verdade, é um remake, mas não estamos em condição de exigir nada. E hoje vão fazer o anúncio oficial, com o elenco, a história do roteiro e tudo o mais. Catherine e as gêmeas já me fizeram perder muitas maratonas na TV e reprises do episódio final nas sessões de meia-noite no cinema, mas isso eu *não vou* perder.

— Eles querem se casar no bosque de magnólias lá no Boone Hall Plantation, aquele

casarão tradicional — continua minha madrastra. — Sabe, desde que Ryan Reynolds decidiu fazer o casamento lá, a agenda do lugar está sempre lotada.

Catherine é cerimonialista. Já passou fins de semana inteiros bordando lantejoulas em toalhas de mesa ou selando convite por convite à mão. Ela se dedica de verdade aos eventos, cuida dos mínimos detalhes, desde o tecido da toalha de mesa até a cor das flores nos arranjos, transformando cada casamento em uma festa mágica de unicórnios saltitantes. Pode até parecer que ela faz isso porque não teve seu próprio “final feliz”, mas não é verdade. É porque ela quer que seus eventos apareçam na *Vogue* e na *InStyle*, quer ver suas festas no Instagram e no Pinterest de todo mundo. Catherine quer notoriedade no ramo. E investiu nisso todo o dinheiro do seguro de vida do meu pai. Quer dizer, nisso e em tudo que, segundo ela, é “essencial” para sua “imagem”.

— Quero que pelo menos *pareça* que sou cliente da Tiffany — comenta, mais para si mesma do que para mim.

É sempre o mesmo lenga-lenga: antigamente só comprava na Tiffany, ia a bailes de gala no Boone Hall Plantation, tinha um casamento feliz, duas filhas maravilhosas. Eu, a enteada, nunca entro na história.

Catherine termina de recortar o cupom e solta um suspiro.

— Mas isso foi *antes*. Antes de seu pai me abandonar com as gêmeas nesta casa minúscula horrível.

Pronto, lá vem. Como se ela tivesse gastado todas as economias por minha culpa. Por culpa do *meu pai*. Pego a caneca de *Starfield* que era dele — seu único pertence que sobrou nesta casa — e encho de café.

Lá fora, o cachorro do vizinho começa a latir para alguém que passa em sua corrida matinal. Vivemos nos arredores do famoso distrito histórico de Charleston. A casa não é tão velha a ponto de ser uma atração turística, mas até que uma reforma cairia bem — não que a gente tenha dinheiro para isso. Moramos a mais ou menos duas ruas da Faculdade de Charleston. Nossa casa é uma das poucas que continuaram de pé depois que o furacão Hugo dizimou a costa da Carolina do Sul, quando eu ainda nem era nascida. Tem alguns vazamentos, como toda boa velharia. Morei aqui a vida toda. Não tenho mais nada além dela.

E Catherine odeia a casa com todas as forças.

O café exala um cheiro forte e caramelado. Tomo um gole e quase derreto. É o paraíso. Catherine pigarreia, então a sirvo em sua caneca favorita (branca com flores cor-de-rosa). Coloco duas colheres de açúcar (o único toque de doçura que ela se permite no dia), três cubos de gelo e mexo um pouquinho só.

Ela pega a caneca sem tirar os olhos da revista. Então, o cachorro do vizinho solta um uivo agudo, e Catherine coloca o café de volta na mesa.

— O mínimo que a gente espera é que os cachorros saibam a hora de calar a boca. Giorgio já tem tantas preocupações, e esse bicho ainda fica latindo o dia todo!

Catherine gosta de bancar a íntima chamando as pessoas pelo nome, ainda mais quem ela considera importante. O sr. Ramirez (Giorgio) é banqueiro, ou seja, tem muito dinheiro; conseqüentemente, é um membro influente no clube da cidade e, resumindo, um cara importante.

— Se esse bicho não calar a boca — continua ela, naquele seu tom frio e sem emoção —, eu mesma vou lá botar uma focinheira nele.

— O nome do cachorro é Franco — digo, para lembrá-la. — E ele não gosta de ficar amordaçado.

— Bem, todos temos que aprender a lidar com frustrações — retruca Catherine, tomando mais um gole de café. Ela contrai os lábios cor de sangue e empurra a caneca de volta para mim. — Está amargo demais. Refaça.

Com muita má vontade, jogo outro cubo de gelo no café, para deixá-lo mais agüado. Catherine pega a caneca e dá um gole. Agora deve estar sem graça o bastante, pois ela deixa a caneca ao lado da pilha de cupons e volta a ler a coluna de fofocas da revista.

— *E então?* — pergunta, meio impaciente.

Hesito, olhando para ela e depois para o café, pensando se esqueci alguma coisa. Mantenho essa rotina há sete anos, e que eu lembre não está faltando nada.

Lá fora, o cachorro solta um uivo sofrido. *Ah.*

Catherine ergue a sobrancelha, um fino traço de lápis.

— Como vou ter uma manhã calma com essa *barulheira*? — pergunta, a voz exageradamente doce, com seu típico tom de superioridade. — Se Robin ainda estivesse entre nós...

Olho bem para ela. Abro a boca. Penso em dizer que também sinto falta do meu pai, que também queria que ele estivesse aqui... mas algo me impede. Ou eu mesma. Culpo a falta de café. Um gole não me dá coragem suficiente, é preciso uma caneca inteira. Além disso, não quero irritar minha madrastra. Quero que ela tome sua dose diária de cafeína, fique bem calminha e *vá embora*.

Catherine vira a página da revista e pega a tesoura para recortar o cupom promocional de um casaco de inverno. Estamos no verão. No início da estação. E moramos num estado quente.

Ela pigarreia.

— Danielle, *dê um jeito* de fazer esse vira-lata ficar quieto.

— Mas...

— *Agora* — interrompe ela, agitando a mão para me apressar.

— Claro, *majestade* — murmuro.

Catherine larga o cupom e começa a ler uma matéria sobre o último look de Jessica Stone em um tapete vermelho da vida, e eu pego na geladeira o resto dos bifes do jantar de ontem e saio correndo pela porta dos fundos.

O pobre Franco está sentado na lama, fora da sua casinha, batendo o rabo numa poça. Ele me observa através de uma lasca na tábuia da cerca. É um dachshund marrom com uma coleira vermelha encardida. Choveu ontem à noite, e a casinha de cachorro alagou, exatamente como eu disse ao sr. Ramirez — ops, ao *Giorgio* — que aconteceria.

O sr. Ramirez trouxe Franco para casa algumas semanas depois de se casar com a segunda esposa (agora ex). Acho que a intenção era treinar para quando tivessem um filho, mas, desde o divórcio, alguns anos atrás, ele praticamente mora no trabalho, então Franco virou uma ideia esquecida que acabou não vingando, e a casinha de cachorro alagada está aí para provar. Pelo menos o coitado consegue boiar.

Puxo o pote de ração de Franco pelo buraco da cerca e faço carinho atrás da orelha dele, sujando os dedos de lama.

— Own, fofinho! Vou tirar a gente daqui assim que tiver dinheiro. Que tal, companheiro? — Ele balança o rabinho, animado, espalhando lama. — Vou até arranjar

uns óculos escuros iguais para nós dois. Tudo a que temos direito.

Contente, Franco deixa a língua cair pelo canto da boca. Talvez nem existam óculos escuros para cachorro, mas por um momento criei essa imagem na minha mente: Franco e eu espremidos em um carro velho, a mil por hora na única estrada local que leva a L.A. — os dois de óculos escuros, claro.

Desde que me entendo por gente, meus dedos coçam procurando coisas para fazer. Gosto de escrever. Já completei vários diários, escrevi fanfics e me refugiei muitas vezes em páginas sobre a vida de outras pessoas. Se meu pai tinha razão quando disse que eu podia fazer o que quisesse, ser *quem* eu quisesse, meu plano é escrever um seriado como *Starfield* e mostrar a outras crianças esquisitonas que elas não estão sozinhas. E depois do ano que vem, o último do ensino médio, é isso que vou fazer. Ou pelo menos tentar. Vou estudar e aprender a escrever roteiros. Já tenho até uma espécie de portfólio. Por enquanto, preencho essa necessidade escrevendo no meu blog, *Artilharia rebelde* — o nome é em homenagem a *Star Trek*, claro —, em que falo sobre o único assunto que domino bem: *Starfield*. Com isso e o pouco dinheiro que estou conseguindo juntar trabalhando no food truck, conseguirei sair daqui.

— *Danielle!* — grita minha madraستا, aparecendo na janela da cozinha.

Empurro o pote de ração com os restos de bife para o outro lado da cerca, e Franco mergulha nele de cabeça.

— Talvez em algum universo paralelo, companheiro — sussurro. — Porque, por enquanto, é aqui que eu moro.

Mesmo se eu quisesse, este lugar está tão impregnado de lembranças que não sei se conseguiria ir embora. Tecnicamente, meu pai deixou a casa para mim, mas fica no nome de Catherine enquanto eu ainda for menor de idade. Então, até lá...

— *Danielle!*

Até lá, fico aqui com minha madraستا e suas filhas.

— Calma! Estou indo!

Faço mais um pouco de carinho em Franco, me despeço e volto depressa para a cozinha.

— Meninas! — grita Catherine, pendurando uma bolsa Gucci no ombro. — Vamos logo, ou vocês vão se atrasar para a aula do sr. Craig! Meninas? *Meninas!* Se ainda estiverem dormindo, vou...

Ouçó os passos dela ecoando na escada em direção ao quarto das gêmeas. Olho o relógio: 8h36. É *impossível* que elas saiam na hora. A não ser que eu acelere as coisas.

Mesmo a contragosto, pego um pouco de couve-de-folhas, morangos e leite de amêndoas para fazer o suco matinal das gêmeas. Claro que Catherine deixou a revista aberta na bancada, com Darien Freeman sorrindo para mim. Minha boca se curva numa expressão de desdém. Há rumores de que ele foi chamado para o remake de *Starfield*, mas essa é uma ideia tão idiota quanto Carmindor ser interpretado por um pug andando de skate. Não dá para colocar um astro de uma série adolescente no comando da galáxia.

Aff. Aperto LIGAR e tento não pensar mais nisso.

Escuto baques abafados no segundo andar, enquanto Catherine tenta arrancar as gêmeas da cama. Acontece a mesma coisa todos os dias, sem exceção.

Nossa rotina de verão é assim: eu acordo e faço café (uma dose um pouco mais forte às segundas). Catherine fica debruçada na mesa recortando cupons de algum jornal. Passa

mais tempo do que deveria olhando propagandas de bolsas e vestidos bonitos. Faz algum comentário passivo-agressivo sobre seu passado. Depois, me manda preparar o café da manhã. Em vez de obedecer, dou comida para Franco. Catherine vai até o andar de cima para brigar com as gêmeas por terem “esquecido” de programar o despertador. Continuo sem fazer o café da manhã. Dez minutos depois, as gêmeas começam a brigar para ver quem toma banho primeiro, e Catherine faz questão de lembrar que é a proprietária da casa, *Danielle*, e que se eu não quiser que ela a venda para comprar um *flat luxuoso* — como se esta casa velha fosse valer tanto —, é melhor eu preparar o café da manhã. Então jogo esse vômito no liquidificador e sirvo nos copos térmicos idênticos das gêmeas. Catherine as arrasta para a aula de tênis.

O restante do dia nunca é muito melhor. Chego ao trabalho cinco minutos atrasada, mas Hera, que trabalha comigo e é filha da dona do food truck, está sempre entretida demais com suas revistas de moda Harajuku para reparar. Passo oito horas enfurnada na Abóbora Mágica, servindo lanches saudáveis para banqueiros de ternos justos e donas de casa com bebês a tiracolo. Depois, me enfio no mercado a cotoveladas, carregada de cupons, e os funcionários do caixa reviram os olhos quando entro na fila (todo mundo odeia cupons). Volto a tempo do “jantar em família”, que eu mesma tenho que preparar. Aí as gêmeas entram em cena com comentários maldosos sobre minha comida, depois desaparecem escada acima para gravar algum tutorial para o YouTube ensinando a fazer o olho gatinho perfeito, explicando qual é a melhor sombra para combinar com batom vermelho-rubi, ou qualquer coisa do tipo. Enquanto isso, eu lavo a louça, guardo as sobras do jantar, dou uma última olhada em Franco e vou dormir.

Bem, não exatamente. De madrugada fico deitada assistindo a episódios antigos de *Starfield* na velha TV de tubo do meu pai, que fica num canto do quarto. Às vezes publico no blog algum texto sobre o episódio, se estiver inspirada. Dou uma olhada nos sites dos pistoleiros estelares, lendo as notícias. Durmo ouvindo o príncipe da Federação dizendo: *Apontar para as estrelas. Mirar. Disparar.*

No dia seguinte, começa tudo outra vez. Só que hoje tem uma reviravolta na história: vou chegar ao trabalho na hora. E talvez Hera fale comigo pela primeira vez na vida. Talvez as gêmeas sejam legais. Talvez alguém me dê como gorjeta uma passagem de avião para L.A. Talvez eu escreva uma carta de amor para o episódio 43, em vez de criticar a integridade dos personagens durante a queda da colônia. Talvez eu sonhe com meu pai.

O liquidificador solta um gemido sofrido. Eu o desligo e despejo o suco verde nos copos térmicos, conferindo, ansiosa, a hora no relógio do micro-ondas: 8h41.

Depois de colocar o café da manhã delas na bancada, agindo no automático feito uma funcionária de fast-food, procuro no armário o pote de manteiga de amendoim que escondi ontem à noite. Protejo esse potinho — *meu precioso* — como Sméagol protege o Um Anel. Não importa qual seja a dieta da moda que “nós” estejamos fazendo. No momento, Catherine decidiu aderir à dieta paleo, mas mês passado o negócio era comida crua. E antes disso foi a dieta da proteína (ou era Dukan? Só sei que tinha bacon). Semana que vem vai ser redução de gordura ou de sal, ou sei lá o quê. Seja o que for, eu é que vou ter que cozinhar, sob a ameaça de venderem a casa. A casa do meu pai.

Raspo o restinho de manteiga de amendoim do fundo do pote, saboreando ao máximo. Aproveito qualquer vitória, por menor que seja.

Lá em cima, os canos do chuveiro começam a gemer. *Finalmente*. As gêmeas estão demorando bastante hoje. Elas gostam das aulas de tênis porque sempre encontram as amigas no clube. É o ponto de encontro dos ricos e populares. E quanto a mim? Catherine sempre diz, sem muitas sutilezas, que eu só poderia entrar no clube se fosse para carregar tacos de golfe.

Jogo fora o pote de manteiga de amendoim e dou uma olhada no tijolo indestrutível que chamo de celular. “Herdei” o aparelho do meu pai. Outra ideia maravilhosa da pessimadrasta, mais um jeito de economizar nosso escasso dinheiro: as gêmeas têm aparelhos modernos, mas eu tive que me virar com algum celular velho sobrando em casa. O treco é enorme, daria até para usar como arma contra uma nave cheia de Reavers, mas pelo menos serve para ver a hora.

São 8h43. Elas não podiam ir mais rápido? Só hoje. Podiam sair de casa antes das nove pelo menos uma vez na vida.

As três estão lá em cima, mas ouço a voz anasalada de Chloe como se ela estivesse bem aqui ao meu lado.

— Mas, *mãe*, o Darien Freeman vai aparecer na TV hoje de manhã! Eu *não vou* perder! Entro em pânico. Se Chloe assumir a TV, não vou conseguir assistir a *Bom dia, América* de jeito nenhum.

— A gente deve se atrasar um pouquinho! — grita Calliope.

Ela sempre fica do lado de Chloe.

Nós três temos a mesma idade e estamos prestes a começar o último ano do ensino médio, mas parece que somos de planetas diferentes. Chloe e Calliope são titulares no time de tênis da liga estudantil. Organizam o comitê de boas-vindas no início do ano letivo. São da comissão de formatura. E não se importam em usar a popularidade para lembrar a todo mundo naquela escola que sou basicamente uma pobre coitada e que, sem elas, eu seria só mais uma órfã jogada no mundo.

Valeu. Como se eu conseguisse esquecer.

— *Não podemos* perder — insiste Chloe. — Temos que ver e filmar nossa reação, senão *todo mundo* vai comentar o que achou antes da gente. E isso seria a morte, *mãe*. A morte.

— Olha, amores, eu pago uma grana preta pelas aulas de tênis com o sr. Craig. *Não vou* colocar em risco a posição de vocês no time do ano que vem por causa de um programa de TV! — Catherine desce a escada e entra de novo na cozinha, revirando a bolsa. — Danielle, você viu meu celular?

Eu me estico por cima da bancada para desconectá-lo do carregador.

— Aqui.

— Ué, por que você botou aí? — Ela pega o aparelho sem olhar para mim e começa a vasculhar o Facebook. Então acrescenta: — Ah, não esqueça que amanhã é...

— É. Eu sei — respondo. Como se eu fosse esquecer o dia da morte do meu pai. — Este ano é melhor comprar orquídeas ou...

— *Meninas!* — grita Catherine, olhando o relógio. — Desçam *agora!*

— *Tá bom, mãe!*

Elas descem emburradas, já com o uniforme branco, e pegam os sucos na bancada. As gêmeas são cópias fiéis de Catherine: louras, olhos castanhos, lábios sedutores em forma de botão de rosa. Chloe e minha madrasta são da mesma laia, mas Cal é um pouco

diferente, talvez mais quieta. Acho que é porque puxou ao pai, que se mandou quando as meninas eram novinhas e se casou com a filha do dono de algum cassino de Atlantic City.

As duas estão de rabo de cavalo bem firme, e seria impossível diferenciá-las se eu não soubesse que Calliope sempre combina os brincos com os óculos roxos e que Chloe muda de esmalte todo dia — hoje está azul-bebê. Às vezes os lobos usam pele de cordeiro.

— Não é justo! Por que Elle não tem que ir para essas aulas idiotas? — reclama Chloe.

— Meninas! — Minha madraستا estala a língua e abre um sorriso paciente. — Elle precisa se virar com os talentos que tem.

Tento ignorar o comentário enquanto pego as chaves de casa no jarro da entrada e as enfio na bolsa, fingindo me arrumar para o trabalho. Às vezes acho que Catherine esquece que estou presente.

— Você vai arruinar nossa carreira — acusa Chloe, bebendo o suco verde. — *Precisamos* ser as primeiras.

— Só vão falar disso no Twitter — acrescenta Calliope.

— Desde que conseguimos cem mil visualizações no tutorial de maquiagem de *Seaside Cove*, todo mundo espera que a gente fique por dentro das novidades!

— MENINAS! — Catherine aponta a unha pintada de rosa para a porta. — Quatrocentos dólares por aula. AGORA!

Calliope revira os olhos, pega a bolsa no cabideiro ao lado da porta e sai feito um furacão até o conversível vermelho (outra “necessidade” para manter a “imagem” da minha madraستا). Catherine olha feio para a gêmea que ainda está ali parada. Se tem uma coisa que Chloe não suporta é a reprovação da mãe. Ela também pega a bolsa — igual à de Cal, só que rosa — e sai batendo os pés atrás da irmã. Não invejo o trajeto de Catherine até o treino.

Minha madraستا dá uma última ajeitada vitoriosa no cabelo diante do espelho do hall.

— Danielle, tem certeza de que não quer que eu converse com o pessoal do clube? Sei que aceitariam você de volta, mesmo depois do... incidente do ano passado. Você já aprendeu a lição, não aprendeu?

Que lição? Nunca mais confiar num cara? Claro. Dou um sorriso educado.

— Não, obrigada.

— É o melhor lugar para alguém como você, sabe? — Ela balança a cabeça. — Um dia você vai me dar razão.

E fecha a porta.

Assim que o conversível dá a partida, corro até a sala para ligar a TV. 8h57. Perfeito. O food truck vai passar às dez para me levar ao jogo de basquete do RiverDogs, do outro lado da cidade, então tenho tempo de sobra. Durante uma hora, vou estar imersa no que deve ser a maior notícia da história de *Starfield*.

Esse momento vai ser épico por encerrar tudo — ou talvez por trazer um novo começo. Um novo *Starfield* para uma nova geração. Essa possibilidade me agrada.

Pego o controle na mesa de centro e me sento de pernas cruzadas na frente da TV de cinquenta e quatro polegadas. A tela preta pisca, e meu peito se enche de ansiedade. Queria que meu pai visse isso. Que estivesse sentado aqui ao meu lado. Ele estaria tão animado quanto eu — não, estaria ainda *mais*. Mas a realidade é que não tenho com quem conversar sobre isso. Especular sobre quem vai finalmente assumir o comando da Federação de Asas Estelares e seguir os passos lendários de David Singh, o ator que

interpretou o príncipe Carmindor original. Já faz meses que escrevo no blog sobre isso, mas ninguém lê. Escrever no *Artilharia rebelde* é terapêutico, é como ter um diário. O mais próximo de amigos que tenho são as pessoas da comunidade *pistoleiros estelares*, onde todos têm comentado sobre o possível elenco: muitos estão torcendo para que seja aquele ator fofinho de Bollywood que aparece em todos os GIFs do Tumblr. Mas para mim não importa quem for, só espero que não botem um cara branco no papel do meu príncipe.

Na TV, vejo o fim de uma matéria com vídeos da internet de bichinhos fazendo coisas engraçadas e, em seguida, a apresentadora abre um sorriso enorme, e a câmera mostra o público. O auditório está cheio — lotado — de garotas, todas gritando. E segurando cartazes. Todas as camisetas exibem o mesmo nome. Um nome que congela a ansiedade em meu peito e cai como uma bomba atômica no meu estômago.

Darien Freeman.

As garotas erguem os braços para a câmera, gritando o nome dele. Aquele nome. Algumas parecem prestes a desmaiar.

Eu não desmaio.

Minha empolgação dá meia-volta e vira desespero.

Não. Não pode ser. Devo estar no canal errado.

Aperto o botão INFO no controle. *Bom dia, América*, anuncia a legenda. De repente, só quero que a Nebulosa Negra me engula de vez.

Quais são as chances? Quais são as chances de *ele* ser só um convidado no programa que vai anunciar o elenco de *Starfield*?

A apresentadora abre um sorriso e diz algumas palavras, e então, de súbito, todos os meus medos se tornam reais.

O símbolo de *Starfield* aparece na tela atrás dela. Neste momento, tudo virou uma bola de neve desastrosa, e não consigo parar de olhar. Todas as coisas que eu venero nessa história, o meu fandom, tudo está sendo jogado num poço em chamas borbulhando de desespero.

Não. Não, não é ele. Não pode ser *ele*.

Darien Freeman não é o meu Carmindor, não é o meu príncipe da Federação.

DARIEN

A PLATEIA ESTÁ cheia de monstros.

Tudo bem, não são monstros de verdade. Mas experimente só passar a noite num voo para Nova York, à base apenas de café velho e metade de uma laranja, depois meia hora sentado na cadeira do camarim para o cabeleireiro deixar seus cachos *perfeitos* (para quê tanto?), isso tudo usando uma calça jeans cara que aperta lugares do corpo ainda adormecidos a esta hora da manhã, enquanto tenta memorizar as respostas para todas as perguntas que os apresentadores vão fazer — tudo após somente três horas de sono, *três* —, e ainda assim ficar animado em ver uma multidão de fãs..

Respira, digo a mim mesmo. *Está tudo bem.*

Ando de um lado para outro nos bastidores. Ninguém me viu ainda, mas sinto um arrepio, como se estivesse sendo observado. Faz parte.

E olha que Gail, minha assistente, me deu dois comprimidos de Advil antes do programa. Já fui a shows de rock (e, nos velhos tempos, a painéis de convenções), mas este público é *absurdo*. Ela disse que estão aqui desde as quatro da manhã. Que pessoa normal acordaria tão cedo para entrar numa fila *só para me ver*?

Gail não para quieta ao meu lado, gastando ainda mais os tênis surrados. Acho que ela não teve tempo para trocá-los desde o segundo episódio de *Seaside Cove*. Está lendo e-mails e assentindo.

— Tudo certo. Já marquei seu voo para esta noite e contratei um carro para levar você ao aeroporto, com dois assistentes para distrair os paparazzi... — Ela olha para mim e sorri. — Está tudo em ordem.

Gail me entrega uma garrafa de água, e a encosto no pescoço. Seu cabelo ruivo-claro está preso num coque bem apertado e cheio de frizz, um claro sinal de que ela está tão nervosa quanto eu.

— Respire fundo. Vai ficar tudo bem. É só o começo do ataque da imprensa. Você vai sobreviver.

— Será que subi de nível?

Ela olha para mim sem entender.

— Sabe, como nos videogames? Quando você ganha pontos de experiência... Ok, vou ficar quieto. — Abro a garrafa e tomo um gole. Pela fresta entre as cortinas dos bastidores, vejo minhas fãs cada vez mais impacientes. Estreito os olhos. — É a minha cara estampada na blusa daquela garota?

— Não liga para isso — responde Gail.

Seu celular apita, e ela olha outra vez para a tela, franzindo a testa.

Olho disfarçadamente para ela.

— Tudo bem aí?

Ela continua lendo os e-mails.

— Terra chamando Gail?

Nada.

— *Gail Morgan O'Sullivan.*

— O quê? Ah! — Ela enfia o telefone de volta no bolso. — Foi mal. Sabe aquela sensação de estar esquecendo alguma coisa?

— Tenho isso com minha cueca. O tempo todo — respondo, num tom mortalmente sério. — Às vezes dou um puxão só para ter certeza de que ela ainda está lá.

A expressão preocupada se desfaz com um sorrisinho.

— *Mentiroso.*

Gail é mais velha que eu, tem uns vinte e cinco anos e as bochechas cobertas de sardas, que se acentuam no verão e quase reluzem quando ela fica vermelha. É minha melhor amiga — depois da minha edição autografada do primeiro volume de *Batman*. Amigos de verdade não são muito comuns para alguém como eu. Longe disso, na verdade. Antigamente eu até tinha alguns, mas aprendi, da pior maneira, que as coisas mudam. Ainda mais com a fama.

Um contrarregra vem instalar meu microfone. Passo o fio por baixo do blazer e prendo o receptor na parte de trás da calça jeans.

— Dois minutos — anuncia ele, e sai apressado.

— Ok! — diz Gail. — Bem, não se esqueça de sorrir. Dê o seu melhor.

Ela me examina com olhos de águia, ajeitando uma mecha do meu cabelo e alisando o blazer por cima da camiseta. É a peça de roupa mais cara que eu tenho (o blazer, não a camiseta), e estou usando a pedido do meu empresário. Ele quer que eu pareça um *nerd simpático*, mas mantendo a imagem de estrela que usa roupa de marca. O que, até onde sei, são dois extremos que nunca deveriam se cruzar.

— *Apontar para as estrelas. Mirar. Disparar* — recita Gail. Ela me dá um abraço apertado. — Estou tão orgulhosa de você, Darien! Seu pai também.

— Ele está orgulhoso é do dinheiro — murmuro.

Ela contrai os lábios.

— Acho que não é só...

A barulheira da plateia nos interrompe. É uma gritaria generalizada, não dá para entender nada do que estão falando. Tenho quase certeza de que a outra protagonista, Jessica Stone — que é fofa, popular e tem um currículo cheio de filmes alternativos, muito mais impressionante que minha participação em *Seaside Cove* —, sempre é recebida por uma multidão muito mais... *calma*. Ninguém vê os caras que acompanham o trabalho dela usando camisetas com a estampa EU ♥ JESSICA, só ficam... Bem, não importa. Não quero nem pensar no histórico de buscas tenebroso dos fãs da Jessica Stone. Temos públicos diferentes, fim de papo. O diretor de *Starfield*, Amon Wilkins, famoso por filmes de robôs gigantes, provavelmente a chamou pensando em atrair a atenção dos prêmios mais renomados e prestigiosos. Seja lá qual foi o motivo, vou descobrir logo, já que as filmagens começam amanhã.

E quanto a mim? Ao que parece, fui escalado para levar um exército de monstros a um

fandom amado e exclusivo. Minhas fãs se identificam como praieiras, e às vezes também como darienetes. E minha aparição hoje aqui é uma jogada de marketing. Uma grande aposta do meu empresário em conjunto com a agência que cuida da minha carreira.

Não vejo a hora de Scotty me teletransportar de volta para a nave.

Ah, e tem esse detalhe. Sei que não sou o primeiro jovem ator a pegar o papel de um personagem já amado pelo público. Com certeza algumas pessoas não gostavam do Chris Pine, que fez o Kirk 2.0. Mas no meu caso é diferente. Tenho dezoito anos, e Chris tinha vinte e poucos. Teve tempo de aprender a não se importar tanto. Ainda me preocupo em usar os pares corretos de meia e em tomar cuidado para não mostrar minhas cuecas com estampa de *Star Wars*. Além disso, minhas mãos estão úmidas e acho que estou começando a suar. E suar durante uma entrevista na televisão é *a pior coisa que pode acontecer*.

Inspira, expira. Você consegue, Darien.

O contrarregra vem atrás de mim, me cercando e me conduzindo pelos degraus até o palco. Neste momento, começa a fazer uma contagem regressiva com os dedos.

Cinco... quatro...

Ajeito o blazer. Controlo a ansiedade.

— E agora vamos dar as boas-vindas ao nosso próximo convidado — anuncia um dos dois apresentadores, silenciando a multidão —, o jovem ator conhecido como o rei de *Seaside Cove* — Santo esmagador de egos, Batman. Isso acaba com a minha imagem! —, que agora vai assumir a coroa da nossa *realeza* intergaláctica favorita no papel de Carmindor, o príncipe da Federação... Darien Freeman!

Inspira. Expira. Não esquece o sorriso.

Como um super-herói botando a máscara, saio de mim e incorporo Darien Freeman, sendo engolido pelos gritos alucinados de quinhentas adolescentes.



O ROSTO DE Darien Freeman, irritantemente lindo — do tipo que vai estampar cada outdoor e propaganda de perfume pelos próximos dez anos até ficar gravado na memória —, preenche toda a tela da TV de plasma de cinquenta e quatro polegadas da minha madraستا com aquele sorriso galanteador. Pele escura, cílios longos, cabelo cacheado... Fisicamente, ele até pode se encaixar no papel, mas tem um sorriso enorme, ofuscante. Não serve para interpretar o príncipe melancólico e sorumbático da Federação. Eles são de espécies diferentes.

Carmindor só sorriu uma vez em cinquenta e quatro episódios. E foi para a princesa Amara, no episódio 53. O último antes de...

Não. Não. Ninguém nem *pensa* no último episódio, muito menos comenta sobre. Nunca aconteceu. Até bloqueei qualquer menção a ele no meu blog.

O Rockefeller Center está todo coberto de azul e prata, as cores oficiais de *Starfield*. Um bando de meninas histéricas na fileira da frente sacode cartazes com os dizeres VOCÊ É MINHA PAIXÃO ESTELAR e VEM FAZER WABBA-WABBA COMIGO, como se fossem fãs das missões interestelares dos nox desde o lançamento. E eu sei que não são.

Nem *eu* era fã no lançamento.

Mas meu pai... *Ele* acompanhou tudo desde o começo. Era um fã original. Até criou uma convenção, a ExcelsiCon. Íamos juntos todo ano. Eu me lembro de ver os atores já velhos, de pedir para autografarem minha pistola estelar. De esconder a réplica na mochila para levar para a escola. De acordar todo dia com a música-tema tocando no despertador dele. De comer cereal wabba-wabba no café da manhã (na verdade, era uma marca de sucrilhos qualquer, mas, aos seis anos, eu não sabia a diferença). De ficar olhando as estrelas no verão, de embarcar numa batalha imaginária contra os nox no quintal. De impedir que a galáxia fosse sugada pela Nebulosa Negra...

Morar com meu pai era como viver num universo em que o Carmindor existia de verdade.

Até que, num piscar de olhos, esse universo desapareceu.

Paro o dedo em cima do botão DESLIGAR, mas não consigo tirar os olhos da tela. Quero ver o choque entre as fãs de *Seaside Cove* e nós, os pistoleiros estelares. É como ficar assistindo a dois carros de corrida turbinados prestes a colidir de frente em alta velocidade. E não consigo parar de olhar.

Darien Freeman se acomoda numa poltrona aparentemente bem confortável e acena para o mar de fãs enquanto um dos apresentadores lhe deseja boas-vindas. Darien parece

meio tímido, meio atordoado. Aposto que pensa que está sendo fofo.

— É um grande prazer estar aqui — começa ele.

As fãs gritam feito sirenes de ambulância: *Darien, eu te amo! Casa comigo!*

Argh, que nojo.

Um dos apresentadores, um sujeito com um queixo gigante, diz:

— Estamos tão felizes em receber você! Acho que vou entregar a idade com esse comentário, mas eu me lembro de ficar acordado até tarde só para ver a série! É um clássico! Como você se sente assumindo um papel tão importante quanto Carmindor?

Darien sorri. Ele tem dentes brancos demais, boca muito simétrica... Aposto que treina esse sorriso no espelho.

— Ah, é uma honra, sem sombra de dúvida — responde, embora seja incapaz de reconhecer uma nave clássica, mesmo sob a mira de um de seus canhões de fase. — E estou ansioso por esse papel. Espero estar à altura.

— Duvido muito — retruco, falando sozinha.

David Singh era fenomenal. Quebrou paradigmas numa época em que nenhum outro seriado de ficção científica tinha protagonista negro. Era um defensor dos direitos humanos à frente e atrás das câmeras. Um homem que realmente acreditava na filosofia de *Starfield* e a seguia.

— Bem, ao contrário do Rick, eu nunca vi esse seriado — comenta a outra apresentadora, uma mulher pequena de terninho branco. Não deve ter sido intencional deixá-la parecida com um Stormtrooper, mas ficou igualzinha. — Mas parece que hoje em dia todo mundo conhece! Aquele lema... como é mesmo?

— Apontar para as estrelas. Mirar. Disparar — responde Darien. — E espero que você vire fã. *Starfield* é uma série que agrada todos os gostos. É a história da nave *Prospero* e sua tripulação lutando para proteger a galáxia e preservar os princípios de paz e igualdade. — Ele abre um sorriso. — Ah, claro, e para derrotar alienígenas!

— Nossa, parece assustador! — exclama a apresentadora.

Reviro os olhos. “Derrotar alienígenas” não é bem como eu descreveria a luta contra o rei nox, já que, tecnicamente, os humanos é que são os alienígenas da série. Mas, como sempre digo, sou fã de verdade, né.

— Olha, não fica nervoso — continua o apresentador —, mas fazemos algumas brincadeiras aqui no programa, e já que você parece saber bastante sobre *Starfield*, que tal enfrentar o desafio do mergulho no tanque!?

A câmera se afasta, revelando um recipiente cheio de água com um alvo ao lado. Então, volta a enquadrar Darien, que parece... Quer dizer, que finge estar chocado.

— Ai, meu Deus! Sério?

— Mas é claro! — A apresentadora se vira e pega, atrás da própria cadeira, uma pistola de água. — Vamos ver se você consegue nos ensinar um pouco sobre *Starfield*! Cada resposta errada é um tiro!

Ah, isso vai ser ÓTIMO, penso. Claro que ele não sabe nada além do nome.

A plateia começa a entoar, aos berros:

— Vai cair! Vai cair! Vai cair!

Darien abre os braços para a plateia, teatralmente.

— É isso mesmo? Vocês querem me ver caindo na água?

— Vai cair! Vai cair! — canta a plateia, e tenho que concordar.

— E então, Darien? — pergunta a apresentadora, sorrindo.

Ele suspira e abaixa a cabeça, como se dissesse “Ah, tudo bem. Vamos logo com isso!”. Então dá um tapa na lateral da cadeira e se levanta, tirando o blazer caro.

— Muito bem! Vamos lá!

Ah, é? Vamos ver o que você vai errar, Darien Freeman. Cruzo os braços e me acomodo na poltrona. Na tela, Darien se posiciona na plataforma de madeira acima do tanque de água, coloca os óculos de natação e ergue o polegar.

A mulher faz pose com a pistola de água e lê em um cartão que tem nas mãos:

— Primeira pergunta. Qual é o nome do governo de que Carmindor faz parte?

— Sério? Mas isso é muito fácil! — grita Darien. — Federação!

Uma campanha anuncia que a resposta está correta, e o público vaia, gritando para que a mulher jogue ele logo na água. Algo passa voando ao lado da cabeça de Darien: acho que é uma calcinha. Ele não parece nem um pouco abalado; continua com um sorriso de orelha a orelha, balançando os pés no tanque.

— Ah, então vou pegar uma mais difícil! — avisa o apresentador de queixo grande. E lê a seguinte: — Quem é o melhor amigo de Carmindor?

— Euci! Vai ter que ser melhor que isso! — provoca Darien.

— Então, qual é a função de Euci na nave? Em que episódio ele trai Carmindor em nome dos nox, para salvar sua colônia? Em que episódio a colônia explode mesmo com a traição? — murmuro. — Responde agora, bonito!

A plateia entoa cada vez mais alto:

— Vai cair! Vai cair! Vai cair!

— Qual é o nome da nave?

— *Prospero*!

— E como se chama o cumprimento da Federação?

— Palavra de honra!

A apresentadora abre um sorriso e saca a última carta, claramente prestes a dar o golpe fatal. Estou sentada na beira da poltrona.

— Como Carmindor chama seu par romântico no último episódio da série?

Darien hesita. Olha em volta, analisando a multidão.

— Não vale colar! — grita a apresentadora. — Deu branco? Dez, nove, oito...

Acima do tanque, Darien mordisca o lábio, balançando o corpo para a frente e para trás. Solto um suspiro de irritação. Claro que ele não sabe. Darien nunca viu nenhum episódio de *Starfield* na vida.

A multidão começa a contar junto.

— Cinco! Quatro! Três!

A apresentadora afasta os pés e mira o alvo com a pistola, em uma postura dramática demais para quem está usando uma arma de brinquedo. Darien coça a nuca, parece confuso.

— Dois... Um... ZERO!!!!

A plateia comemora.

A apresentadora atira, e o jato de água acerta o alvo em cheio. Uma sirene começa a tocar, e uma luz pisca acima dos cachos perfeitos de Darien Freeman. Então, a plataforma desaparece. Ele cai na água, e a plateia vai à loucura. Estão amando.

Mas, por incrível que pareça, eu não estou.

— *Ah'blena* — murmuro, mesmo com Darien submerso. Mesmo que ele esteja num estúdio de TV. Mesmo que não possa me ouvir e eu só esteja falando para uma tela de plasma. Mesmo assim. Se ele vai ser Carmindor, deveria saber. Dentro do tanque ou não. — *Ah'blena* é como ele a chamava.

Na tela, Darien sai do tanque completamente encharcado e sacode o cabelo molhado diante da multidão de garotas, que começam a gritar, balançando os braços. Ele abre um sorriso.

Faço uma careta. A essa altura, a única coisa que pode salvar o filme é um vilão perfeito. Claro que tem que ser o rei nox, seria simplesmente incrível. Os nox são inimigos naturais da Federação, mas, infelizmente, os recursos de maquiagem e os efeitos especiais do começo dos anos 1990, na série original, não conseguiram deixá-los muito bonitos com aquelas orelhas gigantes. No remake, eles poderiam ficar bem melhores. E, sendo bem sincera, precisamos considerar todo o material para fanfics gays que vai surgir. Olho a hora no celular, só por precaução, mas ainda tenho uns bons vinte minutos.

No programa, um assistente de palco entrega uma toalha a Darien, que começa a se secar. Então alguém grita para ele tirar a camisa. Darien se vira para a multidão e pergunta:

— Sério?

As meninas começam a gritar.

Os gritos ficam mais altos quando ele leva a mão à barra da camisa encharcada. Reparo no desenho do peitoral definido sob o tecido. Todo mundo deve ter reparado. Solto um suspiro. Por que a vida não pode ter um botão AVANÇAR?

Ao contrário das gêmeas, não sou fãzoca do Darien Freeman. E *muito menos* daquele sonho erótico adolescente que chamam de *Seaside Cove*.

Mas quando ele tira a camisa, fico de queixo caído. Os músculos do peitoral e do abdome reluzem na tela da TV de Catherine, penetrando meu cérebro sonolento como um raio de esperança neste universo impiedoso.

— É... tenho que reconhecer que ele malhou bastante para o príncipe da Federação — murmuro.

A imagem prende minha atenção por mais tempo do que eu gostaria. Mais tempo do que eu *admitiria*. Darien, que parece adorar cada minuto de atenção, abre bem os braços e faz uma reverência cheia de pompa para o público.

A apresentadora começa a se abanar com a pistola de água.

— Nossa! Isso compensa a derrota! Posso tocar nesses músculos?

Um estrondo vem lá de fora, tão intenso que faz os porta-retratos estremecerem em cima da lareira. Dou um pulo. *Droga*. Reconheceria esse som em qualquer lugar.

A Abóbora Mágica está chegando.

Eu me volto depressa para a TV, agarrando o controle entre as mãos como se estivesse rezando.

— Andem logo com isso, anunciem o vilão! — imploro. — Por favor, tem que ser o rei nox! Por favor! *Por favor!*

O apresentador queixudo olha para a apresentadora com um misto de pena e reprovação, como quem diz “Essas mulheres...”, enquanto Darien veste a camisa.

— Bem, para ser o herói da Federação galáctica, você vai precisar de um arqui-inimigo... — diz o queixudo.

— Pensem nos monólogos! Pensem nos triângulos amorosos! — grito para o nada. — Por favor, universo, é só isso que eu peço!

Mas o queixudo continua falando, como se eu não estivesse sendo convincente.

— Bem, sei que o vilão foi mantido em segredo, mas ouvi alguns... *rumores*... sobre uma certa... *mulher*.

Fico boquiaberta, sem palavras. Se é mulher, significa que não é o rei nox. Então só pode ser...

Eu me inclino para mais perto, tentando ouvir a TV por cima do estardalhaço da Abóbora, segurando a vela na mesinha de centro para impedir que ela balance dentro do vaso. Darien Freeman faz um comentário sarcástico, dobra a manga do blazer e... Espera aí... *Espera aí*...

Estreito os olhos, tentando ler seus lábios. Pelo menos são lábios bonitos. E reconheço as sílabas que estão formando. Percebo sua boca pronunciando o nome do vilão, sua língua se mexendo de acordo com o som.

A Abóbora buzina na entrada da garagem, e Franco começa a ganir na casa do vizinho. A buzina toca outra vez, mas Hera vai ter que esperar. Afinal, ela chegou antes da hora. Fico sentada, embasbacada. Não consigo acreditar. Escolheram a única vilã — o único personagem — que eu queria apagar da memória. No seriado original, tem uma cena em que o príncipe Carmindor grita o nome dela para os céus, brandindo o punho de tanto sofrimento. Uma imagem que foi imortalizada na forma do meme “gritando de raiva, angústia e desespero”.

Mas, pensando bem, é a única vilã que se encaixaria num remake. A única *capaz* de arrancar nosso frágil coração humano do peito e ainda usar as costelas para palitar os dentes cobertos de puro amargor e agonia. O único e verdadeiro amor do príncipe Carmindor.

A princesa Amara.

O queixudo encara a câmera.

— E se você quiser ser um dos poucos sortudos que vão conhecer pessoalmente o príncipe da Federação, este ano a produtora Midlight Entertainment, em parceria com a ExcelsiCon, vai oferecer uma promoção aos fãs! Basta se fantasiar como seu personagem favorito para concorrer a um ingresso para o baile de máscaras da ExcelsiCon. É uma oportunidade única, e os vencedores terão a honra de um encontro exclusivo com nosso protagonista, Darien Freeman, além de ganharem ingressos para a *première* de *Starfield* em Los Angeles!

Ridículo. Desse prêmio, a única coisa que me interessa é a passagem para Los Angeles. E talvez a chance de dizer na cara idiota e sem graça do Darien o que eu acho do Carmindor idiota e sem graça que ele vai fazer.

Darien Freeman lança um olhar confuso para o apresentador.

— Eu... o quê?

O sujeito simplesmente olha para ele, boquiaberto. Fica um silêncio constrangedor, e Darien Freeman se vira outra vez para a câmera. Para mim. Por um segundo, percebo alguma coisa diferente em sua expressão, mas não consigo identificar o que é. Parece que ele está tentando disfarçar. E tem milhões de americanos assistindo.

— Ah, Darien, você sabe! A ExcelsiCon!

Darien assente, distraído.

— Sim, sim. Foi mal. Claro.

A apresentadora apoia a mão no joelho dele.

— Darien, foi tão bom ter você aqui no nosso programa! Mal posso esperar pela estreia de *Starfield* nos cinemas, no ano que vem!

De repente, um barulho ecoa em algum lugar atrás das câmeras. Muitos gritos. Alguém sobe no palco e vai correndo para cima de Darien. Uma garota usando uma camiseta com a frase *te vejo na praia*, escrita à mão, e a parte de baixo do biquíni.

A menina o agarra e lhe tasca um beijo na boca com tanta força que os dois caem no sofá. Os seguranças entram em cena. A câmera corta para um comercial de fraldas.

Afundo ainda mais na poltrona macia de Catherine. Então é esse o futuro de *Starfield*? Vai ter esse monte de praieiras e darienetes invadindo meu seriado? Um show em que abdome definido e pôr do sol dourado são mais importantes que palavras de honra e celebração da individualidade?

Então, tá. Se o universo acha que pode mandar essa, vou retribuir. Eu me levanto de um pulo, subo a escada correndo e entro voando no quarto. Escancaro o laptop enquanto, lá fora, Hera enfia a mão na buzina da Abóbora.

Ignoro e entro no blog. A verdade é que Chloe e Cal estavam certas: quando o assunto é internet, é *importante* publicar sua reação o mais rápido possível. E se tenho uma missão nessa vida, é escrever sobre a catástrofe que está acontecendo com *Starfield*. Registrar tudo. Depois de quarenta anos, é *assim* que Hollywood retribui o amor dos pistoleiros estelares? Botando Darien Freeman no papel?

ESCOLHA FANTÁSTICA OU FANTASIA DELIRANTE?, digito no campo do título. Perfeito.

Meus dedos trêmulos disparam pelo teclado. As palavras brotam. Não sei de onde estão surgindo. Talvez dos anos de raiva reprimida por não ser valorizada. Ou por passar *anos* tendo que assistir a reprises numa TV velha para depois ver em HD a cara do galã idiota destruindo o personagem favorito do meu pai.

O *meu* personagem favorito.

Ouçó a buzina outra vez, e sei que os vizinhos devem estar querendo saber por que tem um food truck na frente da minha casa.

— Estou descendo! — grito.

Com um clique, posto o artigo no universo paralelo da internet.

Trinta segundos depois, já com a blusa do uniforme, penduro a bolsa no ombro e me atiro no banco do carona da monstruosidade excessivamente laranja que é meu local de trabalho.

— Você está atrasada — reclama Hera, com uma voz que combina muito bem com o cabelo cor de piscina cheia de cloro: sem graça e bem esquisita. Ela não está nem um pouco a fim de falar comigo. O cabelo já deve ter sido verde-escuro, já que ela é bem o tipo de pessoa que pintaria o cabelo para combinar com o próprio nome. — Estou esperando há *séculos*.

— Desculpa — respondo, mais do que depressa.

Tem uma abóbora sorridente tenebrosa pendurada no espelho retrovisor, que minha colega de trabalho ajusta enquanto dá a ré.

— Tive que... resolver um problema.

Nem em um milhão de anos, em um milhão de universos, eu admitiria para ela que sou uma pistoleira estelar. Hera com certeza riria de mim.

— Espera, o estádio dos RiverDogs não é para o outro lado? — pergunto, quando ela entra numa das notórias ruas de mão única de Charleston.

— Mudança de planos.

— Eu... — Minha voz falha quando passamos por uma placa de trânsito. — Acho que estamos na *contra-mão*.

Hera não responde e aperta mais o volante, com um sorriso malicioso curvando os lábios pintados de cor-de-rosa, que não combina com seu rosto normalmente inexpressivo. Parece um bichinho de pelúcia no meio de uma poça de sangue. É quase demoníaco.

— Lá está! — grita Hera, tão alto que levo um susto, e ela dá um tranco na marcha.

Procuo depressa o cinto. Tenho carteira, mas, como a mãe dela é dona da Abóbora (e, conseqüentemente, nossa chefe), é Hera quem dirige. O problema é que ela é completamente doida no volante. E em tudo mais. Para ser sincera, eu aceitaria *qualquer* outro trabalho. Só que tenho sorte de ser aceita aqui na Abóbora, já que a única coisa no meu currículo é o desastroso trabalho no clube, para onde não volto de jeito nenhum, não importa o que Catherine diga.

Existem trabalhos piores no mundo. Eu poderia estar sendo atacada por garotas fanáticas, feito o pobre e belo Darien Freeman.



— AI, MEU DEUS, desculpa mesmo. — Gail me entrega uma bolsa de gelo assim que entro na coxia.

— O que aconteceu?

Faço uma careta quando encosto o gelo na nuca.

Gail balança a cabeça.

— Achei que os seguranças tivessem conseguido...

— Ah, eles conseguiram, mas só depois que ela me agarrou. E me jogou no chão. Nossa, achei que fosse engasgar com aquela língua na minha boca.

Meu cabelo molhado, com os cachos desmoronando, está grudado no pescoço como se fosse alga.

A fã veio tão rápido para cima de mim que só vi o que — ou *quem* — me atacou quando já tinha me desequilibrado e derrubado aquela poltrona dura feito pedra. Eu me estaquei de costas, para piorar meus problemas de coluna. É ridículo, eu sei. Tenho dezoito anos, não era para eu sentir dores na coluna. Mas depois de dois anos carregando no colo de um lado para outro meu par romântico em *Seaside Cove* (a ideia era ser bem romântico mesmo, as fãs adoravam), meu quiroprático me aconselhou a dar um descanso para a lombar. E esse descanso certamente não inclui garotas se pendurando no meu pescoço para me beijar em pleno *Bom dia, América*.

Gail esfrega as mãos, nervosa.

— Vou tomar cuidado para não acontecer de novo. Foi mal. A culpa foi toda minha. Eu devia ter pedido mais seguranças. Devia ter dito alguma coisa.

— Ei — interrompo-a, tocando de leve seu cotovelo. — Sei que a culpa não é sua, e você também sabe. Nós dois sabemos que o problema é o meu tanquinho irresistível.

Ela me olha ainda preocupada, mas sorri.

— Ah, não me faça rir! Meu trabalho é cuidar de você. Eu não devia ter deixado esse incidente acontecer numa transmissão ao vivo. Acho que dessa vez Mark vai me matar.

Afundo no sofá do camarim. Mark: meu empresário, meu fã número um, o cara que sempre salva minha pele e, numa galáxia muito, muito distante nessa lista, meu pai. Já faz um tempo que ele está incomodado com Gail. Acha que ela é uma idiota trapalhona que às vezes dá uns moles. Mas todo mundo erra de vez em quando. E se ele acha que *ela* é uma idiota trapalhona, não quero nem saber o que pensa de mim.

Além disso, Gail é a única pessoa que me resta dos tempos de A.S.C. (antes de *Seaside Cove*). Todos os outros, meus assistentes, os assistentes dos assistentes e os assistentes de

Gail, não passaram pelo crivo de Mark. Só Gail. Ela é um lembrete das minhas origens. Faz parte de uma época em que eu não imaginava que poderia ser atacado por uma fã no palco do *Bom dia, América*.

Aliás, também nunca imaginei que fosse responder errado de propósito a uma pergunta de *Starfield*. Eu sabia a resposta, era *muito* fácil... Mas estava no script: errar *ah'blena*, cair no tanque e mostrar os músculos. Um belo dia de trabalho.

Gail aponta para minha nuca.

— Machucou muito?

— Olha, eu ainda consigo sentir, o que é um bom sinal.

Ela concorda e se senta ao meu lado. Depois que o segurança arrancou a fã de cima de mim, os produtores me arrastaram até o camarim, onde me examinaram rapidamente e conferiram o contrato que assinei antes de participar do programa. Tudo para não correrem o risco de serem processados pelo ataque da fã. Claro que *eu* não processaria o programa, mas, assim que ficou sabendo o que aconteceu, Mark ordenou que esperássemos no estúdio. *Ele* processaria sem pestanejar.

Mas essa não é a maior das minhas preocupações.

— Ah, então — digo, me virando para Gail —, por que não fiquei sabendo desse concurso da ExcelsiCon?

— Desculpa, é que eu... — Gail sempre me olha nos olhos quando conversamos, mas agora começou a mexer no celular. — Tenho coisas demais para resolver, acabei esquecendo.

— Gail.

Gail não tira os olhos do celular. Outra vantagem de trabalharmos juntos há tanto tempo é que sei quando ela está mentindo.

— Você também está com calor? — Ela começa a se abanar. — Como está quente aqui! Vou pedir para ligarem o ar...

Boto a mão em seu ombro, impedindo-a de se levantar, e ofereço a bolsa de gelo. Ela aceita e a esfrega nas bochechas coradas.

— Eu não sirvo para isso — comenta.

— Tá de brincadeira? Eu não sei o que faria sem você.

— É culpa minha. — Ela balança a cabeça, enfiando o rosto na bolsa de gelo. — Estraguei tudo.

— Que nada. Ninguém poderia prever o ataque da Desentupidora.

— Desentupidora? Que apelido horrível, Darien.

Dou de ombros.

— Ah, ela nem se apresentou antes de sair enfiando a língua na minha boca... Quando eu dou uns amassos em alguém, gosto de saber pelo menos o nome da pessoa antes... E você viu a cara daquele sujeito...

— Rick Daley?

— Ele cobriu o rosto tão rápido que pelo visto tem um seguro de meio milhão para o queixo.

Parece que foi a coisa errada a dizer. Apavorada, Gail larga a bolsa de gelo e começa a examinar meu rosto, levanta meu cabelo ensopado, confere meus braços.

— Droga, droga, droga! Seu rosto! Está tudo bem com seu rosto? Machucou? Você tem gravação amanhã! Eu falei para Mark que você não devia tirar a roupa no programa.

Avisei que não era uma boa ideia! Mark vai me matar se...

Seguro as mãos dela juntas.

— Gail, está tudo bem — minto.

— M-m-m-mas...

— Eu estou *bem* — repito, colocando-a sentada no sofá para acalmá-la e devolvendo a bolsa de gelo.

Gail é o mais próximo que tenho de uma amiga, depois que meus amigos de verdade se revelaram uns... Bem, uns idiotas. Eu conheço Gail. *Confio* nela. Ela é tipo aquela vizinha lá no fundo que me diz quando alguma coisa não é boa ideia — como aprender a pilotar com Harrison Ford ou comprar uma casa na mesma rua que Justin Bieber. E ela sempre me livra das tropas demoníacas de fãs ou dos paparazzi como em um passe de mágica.

— Mas eu esqueci de contar da convenção! — exclama ela. — A ExcelsiCon. Esqueci completamente.

Ouvir esse nome é como sentir pedaços de gelo cravados no estômago. Gail deve ter reparado na careta que faço, porque começa a ficar desesperada de novo.

— Ah, droga... Ah, não! É a convenção que você ia com o...

— Tudo bem — minto outra vez. — Aliás, fica aí que já volto.

Saio devagar do camarim e fecho a porta sem fazer barulho. Encosto a mão na boca e sinto o machucadinho que ficou onde o dente da Desentupidora bateu. Talvez Mark tenha razão. Talvez eu precise mesmo de alguém para manter as fãs afastadas, alguém com um pouco de músculo em caso de emergências...

— Não — digo a mim mesmo. — Pare com isso. Você confia nas pessoas. Você ama suas fãs. Você é legal, engraçado e tranquilo. Você é a Jennifer Lawrence.

Mesmo enquanto digo isso, sinto um embrulho no estômago. Porque, ainda que a ExcelsiCon seja uma convenção, não é uma convenção qualquer. É a ExcelsiCon. Todo ano eu e meu melhor amigo, Brian, cruzávamos o país em um avião por causa desse evento. Isso nos velhos tempos, quando eu ainda não tinha que cobrir o rosto para ir a um encontro em algum restaurante. Quando eu *podia* ter encontros. Quando meus relacionamentos não eram só jogada de marketing. Quando meu rosto tinha mais tempo de TV que meu abdome.

Pensar nisso me dá um frio na barriga. A maquiagem — digo, as técnicas de contorno — pinica à beça. Sinto uma pontada de dor só de pensar em voltar a frequentar convenções. Se eu voltar, quer dizer que realmente não sou mais o antigo Darien, o cara normal — ou melhor, o nerd desconhecido, com amigos normais que não o traíam.

Por isso sempre deixei claro que não aceito ir a convenções. Todo mundo sabe disso: Gail, meu publicitário Stacey, Mark e os inúmeros assistentes que ele demitiu ao longo da minha carreira... Não é segredo. Inclusive, a agência deve ter uma anotação sobre isso no meu arquivo, destacada e sublinhada com marcador de texto perfumado. Então, é claro que fiquei chateado.

Mal me viro em direção à porta do camarim quando uma voz grave me faz pular de susto.

— DARIEN!

É meu pai. Sinto um nó na garganta.

— E aí, meu velho! — Tento uma piada, porque já faz quase três anos que ele não me

deixa chamá-lo de pai. Diz que é para proteger minha imagem. E tento parecer feliz em vê-lo, o que é justamente a graça da piada. — Demorou para chegar! Veio mancando de Los Angeles?

Ele parece desapontado e tenso, com uma cara de poucos amigos sob a luz fraca típica dos grandes estúdios, os ombros caídos. A essa altura, já tenho certeza de que ele é quase um robô, mas é comum as pessoas que odeiam rugas acabarem parecendo Daleks.

— O que você está fazendo longe da Gail? Eu sabia que devia ter contratado um segurança.

— Ela está ali dentro — respondo, indicando a porta com o polegar. — E eu não preciso de segurança. Minhas fãs são... hã, muito passionais, mas...

— E se fosse outra pessoa chegando aqui agora? Você não pode sair andando sozinho por aí. É muito arriscado. Você *sabe* disso — diz, impaciente. — Ainda mais agora que vai ser o príncipe... — Balança a mão, procurando a palavra.

— Carmindor.

— Isso mesmo! — Mark dá uma risadinha. — O protagonista. Todo mundo vai querer tirar uma casquinha. Você agora vale ouro, meu caro. Um homem de um milhão de dólares.

— Eu teria aceitado o papel de graça — murmuro.

Mark estala o dedo diante do meu rosto.

— Não diga isso. *Nunca* diga isso. — Ele olha de um lado para o outro do corredor, com medo de que alguém tenha ouvido esse meu momento de pura ousadia, demonstrando entusiasmo com o papel. — E o que você está fazendo aqui, afinal?

Hesito. Tenho que dizer logo que não vou à ExcelsiCon. De jeito nenhum. Porque, em vez de passear pelos corredores esperando para pegar autógrafos, as pessoas vão querer tirar foto comigo. Vou ficar com os músculos da boca doendo de tanto sorrir. Completamente cego pelos flashes. Com tendinite, de tanto assinar meu nome. Vou encontrar um monte de gente falsa fingindo ser meu amigo e sofrer com a memória ruim. Não, não é isso que espero de uma convenção.

— Bem... Eu meio que queria falar sobre a...

— Cadê a Gail?

Indico a porta com o polegar outra vez.

Ele resmunga alguma coisa baixinho e ajeita as abotoaduras.

— Ela não está recebendo para ter ataque de pânico.

— Ela teve um dia puxado.

— *Eu* tive um dia puxado. *Você* teve um dia puxado. E olha que não é nem segunda-feira.

— Na verdade, é s...

— O trabalho pesado vai ser na turnê de divulgação depois das filmagens, não agora — insiste ele. — *Esta* é a parte fácil.

— É, foi bem fácil para a Desentupidora subir no palco. Na verdade, quero falar sobre...

— Pode esperar um pouco? — interrompe ele, pegando o celular, que vibrou de novo com algum e-mail ou mensagem, não sei. — Tenho que resolver isso aqui. Por que não vai almoçar? Podemos conversar mais tarde, prometo.

Suspiro, desanimado. Se existe alguém que não tem palavra de honra, esse alguém é

Mark. O *mais tarde* não vai chegar nunca.

— Está bem.

— Ótimo! Ah, Darien?

— O que foi?

— A dieta. Não esquece. Acho que tem uma lanchonete no terceiro andar.

Faço uma careta.

— Lanchonete? Só vai ter comida de plástico, cara.

— Então peça uma salada, *parceiro*.

Contraio os lábios. Com a nova rotina de malhação e meu personal trainer (que parece o Wolverine, mas com a personalidade de um gato molhado... Ou seja: o Wolverine sem tirar nem pôr), tenho me alimentado basicamente de shakes de proteína e comida de passarinho. E frango. Tenho comido tanto frango que daqui a pouco vão começar a crescer penas em mim. E nem é temperado. Tudo isso para manter um corpo digno de um milhão de dólares.

David Singh, o príncipe da Federação original, nunca teve que se preocupar com agachamentos, exercícios aeróbicos, maquiagem ou ataques de fãs na TV ao vivo. O seriado original mal se mantinha no limite mínimo de audiência, mas ainda assim inspirou um grupo seleto de seguidores. Ele conquistou muitos fãs com seu trabalho, que levava as pessoas a pensar além da Terra e a alcançar as estrelas.

Eu conquisto fãs com meu abdome definido.

Se eu fosse David Singh, se eu fosse *mesmo* Carmindor, mandaria Mark para o inferno. De um jeito diplomático, claro. E ele me escutaria. E eu poderia entrar numa rede de fast-food qualquer e comer um hambúrguer.

Mas eu não sou Carmindor. Pelo menos não neste universo.

A COMIDA DA lanchonete no terceiro andar é *ainda pior* que plástico. Tem uma mesa inteira de gula e pecado em forma de donuts. Nada além de donuts. Donuts até não poder mais. E, meio de lado, excluído da diversão feito um emo no recreio da escola, um pote de frutas triste e solitário.

— Estamos juntos nessa, camarada. — Pego o pote e vou para uma das mesas.

Tem mais algumas pessoas tomando café da manhã — comendo donuts, para ser mais específico. Desvio delas e vou para o canto mais distante da lanchonete. Da janela dá para ver o Rockefeller Center. Quase todos os fãs de *Starfield*, vestidos de azul e prata, já se dispersaram. É difícil imaginar que estavam ali por mim. *Por mim*. Sinto o estômago se revirar, e não tem nada a ver com as frutas.

Cutuco um pedaço de abacaxi. De soslaio, vejo um cara vir na minha direção. Um sujeito que, até um minuto atrás, estava comendo um donut divino, coberto de granulado. Ele é mais velho que eu, usa óculos de aro grosso e está com suor no buço.

— Oi. Você é Darien Freeman.

É comum ouvir isso quando se é famoso. Será que esperam que eu responda “Puxa, você me pegou!”? Estendo a mão para cumprimentá-lo.

— Opa, prazer em conhecê-lo.

Ele não aperta minha mão.

— Um show e tanto, hoje.

Consigo identificar sarcasmo a quilômetros de distância.

— Puxa, obrigado — respondo, dando um sorriso tenso.

— Eu e uns assistentes de palco estávamos conversando sobre isso. — Ele chega mais perto. — Posso fazer uma pergunta? Cá entre nós.

Não gosto do rumo que a conversa está tomando, mas não tenho como negar, não é mesmo? E Gail não está aqui para distraí-lo enquanto vou embora correndo.

— Hum, claro.

— Você sabe *alguma coisa* sobre *Starfield*? — Ergo as sobrancelhas. — Porque você pode até ter enganado todos aqueles fãs de *Seaside*, mas eles não saberiam reconhecer uma série boa nem se tivesse uma seta apontando. Aposto que você não sabe diferenciar o Carmindor do capitão Kirk.

Não é uma pergunta. Ele está simplesmente afirmando.

— Sabe, tem muita gente que gosta de verdade de *Starfield* — continua ele. — Não é só modinha. Não é só uma galinha dos ovos de ouro. Não é só mais uma chance de você estampar seu rosto num outdoor. É *importante* para algumas pessoas. Então faça o favor de não estragar tudo. — Ele começa a se afastar, mas para e me dá uma última olhada. — Ah, e só para você saber: não sou o único que pensa assim. Você é uma piada.

— Nunca tive muita graça. — Tento sorrir. — Não sou bom de piada.

Ele não sorri de volta.

— *Starfield* não é uma brincadeira para a gente. Somos uma família, não uma franquia. Basta olhar na internet.

Ele se afasta antes que eu consiga pensar numa resposta educada e digna de uma estrela de cinema.

Aperto o garfo. Quero agarrá-lo por aquele colarinho engomado, colocá-lo cara a cara comigo, falar minhas palavras de honra e enfiar os dedos — indicador e mínimo estendidos, os dois do meio dobrados e o dedão grudado na palma da mão — bem nos olhos dele. E, quando tiver a atenção dele, recitar as sinopses dos cinquenta e quatro episódios com cada detalhe excruciante, de acordo com o que o Darien adolescente anônimo nos subúrbios de Los Angeles acompanhava *religiosamente*. Vou falar do rei nox e da princesa Amara e de cada lua na órbita da Hexagaláxia e de cada planeta-anão entre a Andrômeda e a Nebulosa de Hélix. Quero explicar minha interpretação do monólogo final. O que significou para mim ver alguém parecido comigo no comando da *Prospero*. Quero abrir meu coração fanático e mostrar que sangra igual ao de qualquer outro pistoleiro estelar. Quero dizer a ele que o Príncipe da Federação salvou minha vida.

Mas não faço nada disso. Ouço a voz de Mark na minha mente: *Não perca a calma. Siga as instruções do diretor. Receba seu salário. Seja uma estrela*. E completando, ainda mais alto: *Não vire manchete*.

O suposto “fã de verdade” disse que basta olhar na internet, então deixo o deprimente pote de frutas de lado e pego o celular para pesquisar sobre o que ele está falando. Será que alguém importante tuitou sobre mim? Vai ver já tem alguma coisa num site de fofoca.

Encontro em poucos minutos, com uma rápida busca pelas hashtags relacionadas a *Starfield*. Acho a matéria num dos maiores sites de notícias, com um link de redirecionamento para o post de um blog, e o título do texto é “escolha fantástica ou fantasia delirante?”.

Abro o link, mesmo sabendo que não é uma boa ideia.

A escolha do galã adolescente Darien Freeman para o papel do nobre Carmindor só pode ser vista como um ataque aos verdadeiros fãs de Starfield.

Tem mais de mil retuítes. E centenas de comentários. Ótimo.

Copio o link e digito uma mensagem para Gail, explicando que é *por isso* que não devo ir a nenhuma convenção. Os fãs vão me comer vivo. Mas hesito. Mark está com Gail. Se ele souber que houve uma recepção negativa na internet, mesmo que seja só um texto de blog, vai querer me colocar sob vigilância constante. E me obrigar a ir à convenção. E se aquele negócio estiver cheio de gente igual ao sr. Fã Verdadeiro que reclamou comigo e ao blogueiro por trás desse *Artilharia rebelde*, estou ferrado. Vai ser pura humilhação. Ainda pior que cair naquele tanque. Se Gail não pode me tirar dessa, e Mark não quer me tirar...

O que Carmindor faria?

Bato o celular na mesa, irritado. Ele com certeza não colocaria a culpa por seus problemas nos outros. Tentaria resolver tudo por conta própria. Talvez *eu* possa ligar para o representante da ExcelsiCon. Fingir que sou meu próprio assistente. Afinal de contas, sou um ator, não sou? Posso falar com o diretor da convenção e resolver esse drama. Procuro “ExcelsiCon” no Google e dou uma olhada no site pela milésima vez. Tento ligar para o número da empresa que organiza o evento, mas fico perdido num infinito de números e atendentes eletrônicos. Preciso falar com um *ser humano*. Depois de uma segunda busca no site, encontro a página com informações sobre a convenção. Não tem nenhum telefone, mas encontro o nome do fundador. Depois de pesquisar um pouco na lista telefônica virtual, consigo o contato.

Bingo.

Pigarreio, digito o número e ouço o toque. Os fãs podem até achar que sou só um “atorzinho sem cérebro e com mais gel no cabelo do que talento”, como o post no blog me descreveu com tanta ênfase, mas eu *sou* um ator. Então, é melhor começar a atuar.



HERA PAROU O food truck no canto do estacionamento aberto ao público, a uma distância precisa e segura das placas que dizem PROIBIDO FOOD TRUCKS aqui da praia de Isle of Palms. Apesar de ter um monte de gente deitada na areia, o movimento está bem fraco. Junho em Charleston é quente e grudento, como calda de waffle. Nem a brisa dá conta da sensação de umidade, então ninguém quer se mexer muito. Os turistas só ficam estirados, feito pedaços de carne grelhando ao sol.

Mordisco a ponta da caneta, olhando o diário. Ao meu lado, Hera desenha alguma coisa no caderno, e ouço o lápis riscando a página de leve.

Dou uma espiada. Ela está desenhando uma garota... Não, não tem rosto. Ela está desenhando um *vestido*.

— Nossa, que maneiro!

Hera levanta o rosto, franzindo as sobrancelhas reforçadas com lápis preto. Quando sinto que estou ficando corada, acrescento, mais do que depressa:

— Não que eu esteja surpresa, nem nada. Quer dizer, eu não sabia que você desenhava *tão* bem... Não é isso! É que eu não sei desenhar, então...

Mais uma conversa brilhante entre colegas de trabalho. Juro que tento ser simpática com todo mundo (menos com as gêmeas e os amigos delas do clube), mas não tenho habilidades sociais. Penso numa coisa, mas minha boca diz outra completamente diferente, como se eu estivesse possuída. Pelo demônio da idiotice.

Depois de um bom tempo, Hera volta a desenhar, traçando uma longa linha na curva do vestido.

— Quem você acha que pintou aquela abóbora na lateral do caminhão? — pergunta, sem tirar os olhos do caderno. Quando vou responder, ela interrompe: — Deixa que respondo por você, fui eu. — Ela indica com a cabeça um sujeito se aproximando da janela. — É sua vez de atender.

Solto um suspiro, fechando o diário, e me viro para a janela onde recebemos os pedidos. É um garoto alto, o cabelo desgrenhado tão grande que forma cachinhos ao redor das orelhas.

Nós nos reconhecemos ao mesmo tempo.

— Ah. Oi, Elle.

Contraio os lábios.

— James.

Sinto uma onda de pânico e uma gota de suor escorrendo pela nuca. James Collins é

um dos comparsas das gêmeas no clube. Inclusive, foi por causa dele que jurei nunca mais confiar em nenhum cara. Talvez tenha sido culpa minha, por achar que alguém como James pudesse estar interessado em mim, mas não fui eu quem *filmou* nossa aventura amorosa malsucedida e mandou o link do YouTube para a escola inteira. Não, isso foi obra das minhas adoráveis irmãs postças vlogueiras. Afinal de contas, elas já não estavam infernizando minha vida o bastante. E James era só parte do plano.

Ele está usando bermuda de praia azul-escura e uma camiseta com a frase *PREFERIA ESTAR EM PROSPERO*, a última palavra emoldurada pela silhueta da nave decolando na velocidade da luz.

Pigarreio, apontando para a camiseta.

— Ouvi dizer que a vista da plataforma de observação é bem bonita nesta época do ano.

— O quê? — James olha para mim e depois para Hera, mas ela nem está prestando atenção. Então repara na própria blusa. — Ah, isso? É uma camiseta velha do meu irmão. Ele adora essas idiotices nerds.

— Idiotices... — repito, com o desejo momentâneo de enfiar uma batata frita vegana, fria e sem sal na goela dele. Idiotices. Mentiroso. Ano passado ele não falava que era idiotece. — O que tem de idiotece em...

Hera me chuta por baixo do balcão.

Olho feio para ela, que também me encara com aqueles cílios postços purpurinados. Eu me viro de volta para ele.

— O que você gostaria de pedir? — pergunto, com um sorriso forçado.

— Ele quer chimichangas — declara Hera, baixando o caderno de desenho. — Não é isso?

— Hã... — Pelo visto o que James quer de verdade, mais do que comida vegana, é se livrar da doida do *Starfield* e da sua amiga colorida cheia de piercing. — Claro.

Ele paga — com seu próprio cartão de crédito, claro —, pega a porção de chimichangas com Hera e se manda na velocidade de dobra. Eu me sento num cooler e abro o diário outra vez, ainda irritada com James. Decido canalizar esse sentimento esboçando outro texto fervoroso sobre possíveis usos para o corpo enganadoramente perfeito de Darien Freeman.

Um: um tanque de lavar roupa.

Dois: um terno de pele humana para o chefão do crime.

Três: um molde para bonecos Ken humanos.

Quatro: *não* ser o Carmindor.

Na outra ponta do food truck, o lápis de Hera risca o papel em movimentos rápidos. Uma mecha de cabelo verde cai em seu rosto, e ela a ajeita distraidamente.

— Nossa, que cara babaca. — É uma das frases mais longas que ela já falou para mim. Nem sei como responder. — Vocês dois já tiveram algum rolo?

Não respondo, então Hera dá de ombros e aponta o queixo na direção para onde James foi.

— Você não estuda na mesma escola que eu? Com certeza viu o vídeo.

Ela franze a testa, e, pelo jeito que contorce a boca cor-de-rosa, mordiscando a argolinha laranja no lábio inferior, não dá para saber se viu ou não. Mas se está insistindo em perguntar é porque não viu, o que me agrada bastante. Meu último verão poderia ser

engolido pela Nebulosa Negra. É melhor esquecer.

Por sorte, meu celular decide começar a vibrar no balcão neste exato momento. Não reconheço o número, o que não é nenhuma surpresa. Desde que herdei o celular do meu pai, já recebi muitas ligações e mensagens de pessoas aleatórias, quase sempre sobre a ExcelsiCon. E, quase sempre — na verdade, *sempre* —, ignoro. Quem está ligando vai acabar encontrando a pessoa certa, e tem certas lembranças que é melhor ignorar. Não que eu queira esquecer meu pai, mas é que quando penso na ExcelsiCon — e que não posso ir —, tenho a sensação de que ele ficaria decepcionado comigo.

Mas sinto um peso na consciência assim que a ligação cai na caixa postal. O público não tem culpa se a organização da ExcelsiCon deixou as informações do meu pai no site por tanto tempo. O pessoal de lá sente tanta falta dele quanto eu. E parte de mim, uma parte tão pequena que em geral consigo esmagá-la, acha que pode ser meu pai ligando de outro universo.

Então, quando o telefone vibra outra vez, agora com uma mensagem, eu resolvo olhar.

Desconhecido 11h36

— Olá. É possível tirar o príncipe da Federação da programação?

— Ele pede desculpa, mas tem outro compromisso.

Minha irritação logo vira curiosidade. Deve ser um dos caras que fazem cosplay. Depois do anúncio de hoje, todos os habitantes da Terra devem se vestir de Carmindor, então o pessoal mais profissional provavelmente vai querer se vestir de outra coisa.

Antes que eu consiga responder, o telefone vibra outra vez.

Desconhecido 11h39

— Por favor. Ele estará muito cansado. Tem muito trabalho.

Ah, mas hoje estou tendo uma overdose de *Starfield*, hein! Digito uma resposta sem pensar muito.

11h40

— Trabalho? Como assim? Pelo que sei o Carmindor não é de inventar desculpas.

A resposta chega quase na mesma hora.

Desconhecido 11h41

— Ah, sou obrigado a discordar.

— Este é o número certo? Da ExcelsiCon?

11h42

— Não.

— Mas posso oferecer um chimichanga vegano que é coisa de outro mundo.

Desconhecido 11h42

— *Uma proposta galáctica! Talvez outra hora.*

— *Você sabe com quem tenho que falar?*

Sim. Talvez.

Eu poderia ajudar. Não falo com o pessoal da ExcelsiCon desde que... Bem, faz muito tempo. Mas talvez conseguisse entrar em contato com alguém. Nunca nem tentei. Nem quis.

11h43

— *Infelizmente, não.*

— *Mas talvez não seja tão ruim assim.*

— *Sabe, ir audaciosamente aonde nenhum homem jamais esteve.*

Desconhecido 11h43

— *Haha, confundiu os seriados. Mas valeu.*

— *E que a força esteja com os seus chimichangas.*

— Olha, *olha!* — grita Hera.

Levanto a cabeça de repente. Lá fora, na frente do food truck, James sai de uma das lojas de artigos de praia, empurra para o lado um cabeludo de bermuda e vai correndo em direção ao banheiro público.

Viro para Hera de olhos arregalados.

— Você...

Ela dá seu sorriso demoníaco.

— Aquela era a massa nova? Ou era o chimichanga da semana passada? — Ela dá de ombros, dramaticamente. — Quem poderá dizer? É uma coisa meio wibbly wobbly timey wimey. — Ela balança os dedos, fazendo as muitas pulseiras tilintarem.

Minha colega de trabalho acabou de aplicar a vingança da infecção intestinal vegana em meu nome? Não sei se me sinto grata ou apavorada. Meu telefone vibra outra vez.

— Foi mal, eu... — Pego o celular. — Esse número errado não para de me mandar mensagens...

Mas então olho de volta para a tela e sinto um frio na barriga.

Pessimadrasta 11h44

— *A associação de moradores do bairro acabou de me ligar para reclamar de um caminhão na frente da nossa casa.*

— *Vamos ter uma conversinha séria hoje à noite.*

— *Mas, primeiro, passe no mercado. Aqui vai a lista de compras.*

— *[1 anexo]*

Quando termino de ler, Hera já está na dela, desenhando de novo em silêncio. E durante as quatro horas seguintes, o número misterioso não manda mais mensagens.

Estou completamente sozinha de novo.

PARECE QUE O sr. Ramirez reclamou do barulho fora do horário permitido em seu agradável dia de folga. Ou seja: me dedurou para Catherine. Quando chego em casa, depois que Hera me deixa no fim da rua — para minha madrastra não ouvir o barulho —, recebo como castigo a tarefa de limpar o sótão. E de cuidar dos cupons durante o próximo mês. E de lavar a louça. E de fazer as compras. Ou seja: tudo o que eu já faço, mas que agora é considerado castigo.

Catherine me entrega um par de luvas de borracha e uma máscara de poeira.

— E você tem sorte de não ficar de castigo pelo resto das férias. Tive que passar pela *humilhação* de pedir desculpa a Giorgio! Mal consegui encará-lo durante a aula de pilates. Isto aqui é uma vizinhança *de respeito*, Danielle. Você não pode sair estacionando essas latas-velhas nojentas por aí. Sinceramente, minha querida, o que o seu pai diria?

Meu pai diria que ela é um monstro por ficar ao lado de alguém que deixa o coitado do cachorro jogado ao relento. E ele provavelmente adotaria aquele cachorro-quente saltitante sem nem pensar duas vezes. Mas, o principal, brigaria com ela por jogar suas coisas fora, gastar todo o nosso dinheiro e fingir que está tudo bem.

Até hoje não entendo como foi que meu pai se apaixonou por ela.

— E ainda trabalha com uma doida cheia de piercings! Aquela garota de cabelo verde com certeza está levando você para o mau caminho.

Finalmente levanto o rosto, temendo por alguns segundos que ela me obrigue a pedir demissão.

— Eu gosto de trabalhar lá.

Mas Catherine simplesmente continua falando, como se eu não tivesse dito nada.

— Eu disse a Robin que você seria uma adolescente problemática. Não tem jeito, não.

Minhas mãos começam a tremer.

— Eu estava indo para o trabalho! Fui trabalhar! Estava sendo responsável!

— Não discuta comigo, mocinha.

— Você está agindo como se eu tivesse cometido um crime!

Ela me encara, surpresa.

— Suba — ordena ela, muito calma, apontando para a escada. — Vá limpar *seu* sótão. Antes que fique muito tarde.

Ótimo.

Saio da cozinha batendo os pés e subo a escada. Protejo a boca com a máscara quando passo pelo quarto das gêmeas e ouço uma música animada estourando as caixas de som. Aquilo me faz parar e voltar alguns passos. Pela fresta da porta, vejo Chloe e Cal de pé no meio do quarto, de frente para o MacBook, esperando a música recomeçar. Boquiaberta, observo Chloe usando um pente como microfone e dublando a letra, com uma... uma coisa rosa ridícula pendurada no queixo. Seja lá o que for esse trambolho — as gêmeas são obcecadas por produtos de beleza coreanos —, ela mal consegue mexer a boca com aquilo, mas mesmo assim remexe os quadris e sacode a cabeça. E Cal a imita, usando uma máscara roxa; está mais para um *luchador* do que para uma vlogueira de moda.

Na metade da música, Cal dá um giro e me pega em flagrante. Ela congela bem no meio do passo. Chloe esbarra nela, e as duas quase caem.

— Ai, meu Deus, o que foi agora? — reclama Chloe. Ou quase isso, já que ela não

consegue mexer a boca. — Sua desastrada!

Cal desvia os olhos depressa, mas é tarde demais. *Ops.*

Chloe olha para a porta, procurando o que distraiu a irmã. Quando me vê, fica pálida. Pula no teclado e pausa o vídeo.

— Sua aberração! Nunca ouviu falar em *privacidade*?

— A porta estava aberta. E ouvi Spice Girls tocando. Vocês estavam ensaiando?

Ela olha feio para mim.

— Quando formos para a casa nova, vou pedir que minha mãe coloque você no quartinho debaixo da escada.

Reviro os olhos.

— Fica à vontade. — Sigo para o meu quarto, mas paro, enfim assimilando o que ela disse, então volto. — Como é que é?

Ela cruza os braços, cheia de si, e se encosta no batente da porta.

— Ah, então acho que minha mãe não contou para você.

Atrás dela, Cal começa a tirar a máscara, franzindo a testa.

— Chloe, deixa ela em paz.

— Não, acho que *alguém* devia contar.

— Contar o quê?

Ela se inclina mais para perto de mim, já fora do quarto. As gêmeas são altas e têm pernas longas, então, quando quer, Chloe me peita como se fosse o Olho de Sauron.

— Por que acha que minha mãe quer que você limpe o sótão, hein?

— Porque está sujo — respondo, perplexa. — Ninguém limpa aquele lugar há uns sete anos...

— Ela vai vender a casa, gênio.

Arregalo os olhos e me volto para Cal, que nunca mente. Cal, que não é da mesma laia que elas. Cal, que está arrancando todos os pelos do rosto enquanto tira a máscara roxa. Cal, que nem consegue me encarar.

Chloe abre um sorriso cruel.

— Agora você sabe.

A casa dos meus pais? Esta casa? Dou um passo para trás. Chloe está mentindo. Só pode ser.

Dou meia-volta, desço correndo e vou para a cozinha. As paredes passam como um borrão. Catherine, que voltou a cortar cupons, olha para mim.

— Você vai vender? — Arranco a máscara de poeira da boca, tentando respirar, mas estou sem ar. — Você... Você vai vender a casa?

Minha madrastra inclina a cabeça para o lado, como se não tivesse a menor ideia do que estou falando. Por um instante, encaro como um bom sinal, como se ela não pudesse ser capaz de fazer algo tão terrível. Mas, então, ela fala:

— Ah, Danielle, é o melhor a fazer. Você entende, não é?

Sinto um aperto na garganta, não consigo responder.

— É tão grande, tão gelada — continua ela. — Quando as gêmeas forem para a faculdade, o que vamos fazer com isto aqui? Acho melhor vender.

— Quando?

Catherine me encara pacientemente, com pena.

— Querida, foi por isso que pedi para você limpar o sótão. Já publiquei o anúncio.

Perco o equilíbrio e me apoio no batente da porta. A cozinha começa a ficar pequena, me sufocando, derretendo, como se o universo estivesse se transformando outra vez. Como aconteceu quando meu pai morreu. As portas se fechando com baques. Trancadas. As estradas sumindo. Um monte de possibilidades se desfazendo como poeira ao vento.

Dou um passo para trás. Depois outro.

Catherine ainda está olhando para mim.

— Danielle, todos temos que fazer sacrifícios. A dificuldade dignifica o homem, afinal de contas.

Piscando para conter as lágrimas, eu me viro e subo a escada. Não vou me dar ao trabalho de mexer no sótão hoje. Isso pode esperar. Já esperou por sete anos. Pode esperar até irmos embora.

Passo por Chloe no caminho para o quarto.

— Eu não disse?

Dou meia-volta e olho de soslaio para ela. Chloe já tirou aquela coisa ridícula para afinar o queixo, mas ainda dá para ver as marcas em seu rosto.

— Sabe, acho que seu queixo afinou — digo.

Seus olhos parecem brilhar.

— Sério?

— Não.

Então entro no meu quarto e tranco a porta.

O que vou fazer? Para onde vou? Morei a vida inteira aqui. Esta casa, estas paredes. Esfrego o nariz, determinada a não chorar, e me sento diante do meu velho computador. Meu quarto é pequeno; nele só cabem minha cama e a escrivaninha. As gêmeas nunca entram aqui, e Catherine odeia cômodos apertados. É o único lugar no universo que é só *meu*.

Mas nem isso vai durar muito mais tempo.

Agito o mouse até o computador acender, então pego um Kiss da Hershey's no meu depósito secreto no fundo da gaveta, bem em cima dos 721 dólares que juntei com o trabalho no clube, no verão passado, e na Abóbora. Foi o único lugar seguro em que consegui pensar, onde nem as gêmeas nem Catherine olhariam.

Por um momento, eu me imagino pegando o primeiro ônibus para longe, com Franco a tiracolo. Será que aceitam cachorros nos ônibus de viagem? Resolvo pesquisar isso no Google, então noto que minha caixa de entrada tem um monte de notificações. Todas do blog.

Que ótimo. Mais spam. E eu achando que o dia não podia piorar. Faço login, pronta para selecionar tudo e deletar. Mas logo percebo alguma coisa diferente. Os comentários no meu último post sobre Darien Freeman no papel de Carmindor não são spam.

São mais de *duzentos* comentários.

Ninguém nunca comenta no meu blog. Ninguém nem sabe que ele existe.

Como outro chocolate e clico no post, rolando a tela para baixo, morrendo de medo.

Pelo menos não botaram um cara branco no papel.

Mas ele atua MTO mal.

Consulto o contador de visitantes e quase fico entalada com o chocolate. Mais de cem mil. E foi citado em vários sites de notícias. Sites sérios.

FÃS HISTÉRICOS COM O ANÚNCIO DO ELENCO DE *STARFIELD*, anuncia uma das manchetes.

ESCOLHA FANTÁSTICA OU FÃS DELIRANTES, diz outra.

E tudo com trechos do meu texto. Cara... Como assim?

— Você está sonhando, Elle — digo a mim mesma, conferindo o número de acessos. Dez mil. E nos outros posts? Vinte e sete mil. Treze mil. E tantos comentários.

Seaside é uma merda!!!!

lol, n ACERDITO que vão deixar ele entrar na ECON.

Fala sério os pistoleiros vão ODIAR ver esse cara na convenção.

Eu não quero NENHUM autógrafo dele em NADA das minhas coisas de SF!!!

Sinto um estranho aperto no coração. Meus pais se conheceram numa fila de autógrafos, mais de vinte anos atrás. Reza a lenda que, enquanto esperavam para ver o elenco — David Singh, Ellen North, Carl Thompson e Kiki Sanchez, respectivamente Carmindor, Amara, Euci e CLE-o originais — minha mãe puxou papo com meu pai, sorrindo: “Ouvi dizer que a vista da plataforma de observação é bem bonita nesta época do ano.”

E foi assim.

Juntos, eles eram insuperáveis. Pelo que meu pai contava, ele mal sabia fazer batinha na calça, muito menos costurar um cosplay, mas minha mãe era quase profissional. Era conhecida como a rainha do cosplay. Certa vez, num aniversário de casamento, ela fez para o meu pai o uniforme do príncipe da Federação, e ele ficava ótimo naquela roupa (na época ainda tinha cabelo). Meu pai sempre dizia que era o último biscoito do pacote. Eu ria, mas naquelas fotos que Catherine jogou fora, ele estava mesmo muito bonito. De um jeito meio Marty McFly, anos 1980.

No mundo de *Starfield*, meu pai e minha mãe eram quase celebridades, dois fãs muito conhecidos na era pré-internet. E meu pai fundou a ExcelsiCon.

Continuo descendo a página. Tem mais comentários, mas isso é demais para mim. Eu me afasto do computador, visto o pijama e me jogo de bruços na cama. Nunca imaginei ter tantas visualizações. Só pode ser brincadeira. Alguém me pregando uma peça. Mas os amigos de Chloe não são tão espertos assim, e não conheço mais ninguém que faria isso.

Pela janela, vejo a tempestade de raios sobre o mar, um acontecimento típico do verão. Sinto o cheiro de chuva entrando pela madeira úmida do teto, que dá para o sótão. Meu pai amava tempestades de raios. Ficávamos sentados juntos na varanda, observando.

“São as estrelas em guerra, minha estrelinha”, dizia ele.

Ele me chamava de estrelinha. Como na cantiga infantil, *brilha brilha, estrelinha*.

Ah, quantas vezes não ficamos juntinhos admirando essa vista? Enfio o rosto no travesseiro para não precisar mais ver o céu. Se não for pela casa, não tenho por que continuar aqui. Catherine não me quer por perto, e as gêmeas com certeza também não. Mas não tenho para onde ir. Preciso que a *Prospero* venha me buscar. Preciso de uma

passagem para outro universo.

Lá fora, a tempestade avança no céu, engolindo todas as estrelas no céu.



O COLCHÃO DO hotel é tão macio. É sempre assim. Às vezes sonho que estou me afogando em colchões de hotel. São pesadelos horríveis, mas não tão ruins quanto sonhar que estou caindo. Só comecei a ter pesadelos desse tipo no dia em que sofri um incidente na gravação do clímax da primeira temporada de *Seaside Cove*. A estrutura que me erguia quebrou, e eu despenquei cerca de seis metros. Tudo bem que caí na espuma, mas não deixou de ser uma queda. Por dois segundos, esqueci que a espuma pintada não era cimento de verdade.

Como vou filmar *Starfield*, suspenso no ar, girando pelo “espaço”, se nem consigo encarar uma queda de seis metros? Pior ainda: e se o cara da lanchonete estiver certo?

Afofo o travesseiro e viro de costas, tentando esquecer aquele sujeito. O teto do hotel não tem nenhuma manchinha. É assim que a gente sabe quão caro é o lugar. Eu me lembro de quando Mark não me colocava em hotéis cinco estrelas, na época em que fiz teste para *Seaside Cove*. Ele me levou de carro até os testes de elenco em Santa Barbara e me deixou num hotelzinho sujo, de beira de estrada, com baratas andando pelo teto.

Não adianta, não consigo dormir. Eu me sento, coçando a barriga, onde a maquiagem deixou a pele irritada, e vou até o frigobar. Cerveja light e água. Não estou com vontade de tomar cerveja, mesmo sabendo que toda a população de dezoito anos me renegaria por isso, e a água é com gás.

O que eu quero mesmo é uma Fanta laranja. É minha única kryptonita, com ou sem dieta. Sei que tem uma máquina de refrigerantes em algum andar por aqui, e até uma caminhada pelo corredor do hotel é melhor que ficar entocado no quarto.

Já estou colocando o casaco quando a fechadura eletrônica da porta fica verde, e Mark entra a passos largos, terminando uma conversa ao celular com algum agente, produtor ou o que quer que seja.

— Ei! Não aprendeu a bater antes de entrar? — resmungo, ajeitando o moletom, irritado.

— Aprendi. — Ele pega uma cerveja sem gosto do frigobar e a abre na pequena bancada da cozinha. — Gostou do quarto?

— Eu estava indo pegar um refrigerante.

— Liga para o serviço de quarto — diz ele, pegando o cardápio atrás do telefone, na mesinha do que seria a sala de estar. É, meu quarto de hotel tem uma *sala de estar*. — O que você quer? Posso pedir...

— Deixa pra lá. Vou só tomar uma água. — Ando, de mau humor, até o frigobar. Água

com gás é tão sem vida quanto a minha alma está no momento. — O que você quer?

— Ué, agora um pai não pode querer ficar um pouco com o filho?

Apenas olho para ele.

— Está bem, está bem.

Ele toma outro gole, bota a cerveja na mesinha de centro e se senta numa das poltronas confortáveis de veludo. Eu me sento de frente para ele.

Somos parecidos, ambos de pele escura e cabelo preto. Mas tenho o nariz da minha mãe e o temperamento do pai dela. Pelo menos é o que Mark diz. Eles se divorciaram faz muito tempo, ainda A.S.C. Minha mãe voltou a morar com a família da alta sociedade, em Londres, e não posso julgá-la. Se já é ruim ser filho de Mark, nem imagino o que é ser casada com ele. Hoje em dia ela vive fazendo caridade na Índia com o marido novo e posa para revistas de moda italianas ou coisa do tipo. Ela sempre me convidava para reuniões familiares com os Dayal. Até fui uma vez, mas, por ter sido criado pelo meu pai, eu não sabia como tratar meus avós, como me portar à mesa (usar sempre a mão direita, não servir a própria bebida e só começar a comer depois do mais velho). Os Dayal eram bem receptivos e gentis, mas eu me sentia um idiota, como uma peça que não fazia parte daquele quebra-cabeça.

Após uma reunião desastrosa, parei de ir. E minha mãe acabou parando de me convidar também. Eu era o filho de um alpinista social hollywoodiano — quero dizer, um empresário. Agora somos só eu e Mark, unidos sob a marca Freeman.

— Bem, o negócio é o seguinte — diz ele —, vamos ter que transferir suas férias para o fim de semana depois das filmagens.

— Mas que surpresa — retruco, inexpressivo, esperando pelo resto.

Quero que ele mencione a ExcelsiCon. Porque, acredite se quiser, até agora ele não tocou no assunto. Dei uma mancada hoje de manhã ao ligar, ou melhor, mandar mensagem, para aquele desconhecido. Não consegui falar com o pessoal da convenção e quase me entreguei. Foi de longe uma das piores ideias que já tive.

— Surgiram uns compromissos de última hora. Uma sessão de fotos para o *Entertainment Today*, um comercial de carros, mas só se aqueles idiotas da BMW USA melhorarem as condições do contrato, e uma presença na... Você sabe... Naquele evento. — Ele balança a mão em círculos, buscando a palavra.

— A convenção — digo, seco.

Ele estala os dedos.

— Isso mesmo. Olha, sei que o *Bom dia, América* estragou a surpresa, mas...

— Estragou a surpresa? Olha, Mark, não sou idiota. Sei que você não me contou para que eles me encurralassem e eu não tivesse como recusar diante das câmeras!

Ele suspira.

— Ah, qual é, filho. Você adora convenções, não é? Sempre ia com aquele seu amigo. O Billy, ou Bucky...

— Brian.

— Esse aí mesmo. E faz um tempo que não vai a nenhuma. Então eu pensei: “Ah, vamos fazer uma coisa que ele gosta de verdade!”

Massageio o osso do nariz.

— Mark, você sabe que eu não...

— “Não aceita ir a convenções.” Eu sei...

— Você acabou de me imitar?

— ... Mas, olha, quer saber? Vai ser o momento perfeito, bem no fim do verão, para lembrar a todos que você vai estar em *Starfield*. Você vai ter acabado de sair das filmagens! Vai estar em forma! E dar um pouco de atenção para os fãs vai render ótimas mídias.

— Os fãs — repito.

Tipo o do *Artilharia rebelde*, pronto para dar um soco na minha cara por ter manchado o nome do Carmindor.

— Ah, qual é. Vai ser bom para você sair um pouco e fazer um programa normal. — Ele pelo menos está se dando ao trabalho de argumentar. — Você só precisa aparecer...

— Não.

— E receber alguns fãs...

— Não.

— ... conversar com o sortudo que ganhar o concurso, e marcar presença num baile estranho, depois...

Eu me levanto de repente.

— Quantas vezes vou ter que dizer? Não.

— Olha, meu camarada, odeio ser o portador de más notícias, mas você concordou ao vivo no programa. Se der para trás agora, vai pegar mal. Você vai parecer meio temperamental. Estrelinha. — Ele abaixa o tom de voz. — Uma pessoa difícil.

— Por mim tudo bem.

Ele me olha apavorado.

— O que deu em você, meu chapa? Sabe como essas coisas são importantes para a sua imagem. — Ele suaviza o tom. — E você adora convenções.

— Adorava. No passado. E também adorava *tomar minhas próprias decisões*, mas parece que isso não gera muita mídia, né? — Dou meia-volta, pego a chave do quarto na bancada e a enfio no bolso de trás.

— Onde você pensa que vai?

— Pegar um refrigerante — respondo, entre dentes, abrindo a porta com força.

— Não se esqueça da dieta...

Bato a porta.

O corredor está silencioso, branco e imaculado. Até lembra um pouco o estúdio de *Seaside*, com paredes nuas brancas e iluminação halógena. Vazio. Só que aquilo era um cenário falso, se levantássemos as tábuas de madeira das nossas “casas”, dava para espiar o pessoal trabalhando por trás. Daqui, não tenho como escapar.

Não tem nenhuma máquina de bebidas no meu andar, então desço a escada até o décimo, depois até o nono. Chego ao oitavo e nada de máquina de bebidas, mas também não vejo ninguém. A esta altura, quanto menos gente na minha vida, melhor.

Mas no sétimo andar ouço vozes. Quando percebo que elas estão se aproximando, me espremo na parede e vou para perto da escada. Ali, eu me sento no último degrau para esperar as pessoas se afastarem.

Talvez sejam só pessoas comuns. Talvez não me reconheçam. Ou talvez eu esteja doido e paranoico. Resumindo, há pessoas como meu pai, que querem canalizar a fama e me ajudar a chegar ao topo. E tem gente como Brian, que tira fotos idiotas quando é convidado para conhecer o estúdio e as vende para a imprensa. É isso que dói, mais que

cair de um iate. E, apesar do que dizia o artigo “DARIEN FREEMAN, DE *SEASIDE COVE*, CAIU NO FUNDO DO POÇO?”, eu não estava bêbado, drogado ou sob efeito de nada além dos meus próprios pés. Não era uma jogada de marketing.

E, *sim*, ainda tenho a cicatriz.

Afundo o rosto nas mãos, cada vez mais impaciente. Só queria uma Fanta laranja. Só uma. Que *dia*! Mereço um refrigerante.

Mereço mesmo.

Eu me levanto, cubro quase o rosto inteiro com o capuz, abro a porta da escada com um baque e... esbarro numa das pessoas que estão no corredor. São três: dois homens e uma garota. Devem ter a minha idade, ou talvez sejam um ou dois anos mais novos. Turistas, a julgar pelas sandálias e mochilas.

— Desculpa — murmuro, e baixo a cabeça ao passar.

Não me reconheçam, não me reconheçam, rezo. Hoje em dia, qualquer um tem um celular com uma câmera de um zilhão de megapixels no bolso, então nem precisa ser um paparazzo oficial para esquentar minha cabeça. Por que não vivi na era do telefone tijolão?

Celulares. Levo a mão ao bolso. Vazio. Dou meia-volta. Os turistas ainda estão ali.

— Ei, cara! — chama um deles.

Viro para o outro lado e saio depressa.

— Espera aí! — grita a garota, com um leve sotaque. É francesa ou canadense. Claro que eu seria reconhecido pela garota. Agora ela está correndo atrás de mim, posso ouvir.

— Ei! Ei, cara, você deixou seu celular cair.

Pego o aparelho da mão dela, tentando não fazer contato visual e ao mesmo tempo não parecer mal-educado.

— Obrigado — digo baixinho.

Ela franze a testa.

— Você não me é estranho...

— Sempre me dizem isso — respondo, então dou meia-volta e avanço depressa pelo corredor.

— Que cara esquisito — comenta um dos amigos dela.

— Bom, estamos em Nova York. Todo mundo é esquisito.

Podem apostar que sim. Eles continuam conversando, e me forço a não prestar atenção enquanto procuro um lugar para comprar porcarias. Abro a porta, e as luzes iridescentes da máquina de refrigerante emitem um brilho sobrenatural na sala escura. *Bingo*. Não me dou ao trabalho de acender as luzes, pego uns trocados do bolso e enfio as moedas na máquina.

— Toma isso, sorte — resmungo, apertando o botão do refrigerante que eu quero.

EM FALTA, anuncia o display da máquina.

Aperto outra vez.

EM FALTA.

EM FALTA.

EM FALTA.

— Ah, *por nox* — imploro, apertando o botão com o desespero de um homem à beira da morte.

Com um suspiro, decido comprar água. A máquina faz um gemido e, em seguida, cospe uma garrafa reluzente de coisa nenhuma. Já reparou que essas máquinas nunca ficam sem

água?

Eu me encosto na parede e tomo um gole. Ainda não quero voltar para o quarto, mas também não quero passar outra vez pelo grupo de amigos turistas, e eles estão no corredor entre a escada e o elevador.

Se eu tivesse amigos, ou mesmo uma namorada — essa é boa —, agora eu mandaria mensagem com um “E aí, tudo bem?” ou reclamando da vida. Eu me sento no chão, me acomodando ao lado da máquina de bebidas, e começo a vasculhar a caixa de mensagens de baixo para cima, contato por contato. Tem algumas conversas casuais com o elenco de *Seaside*, em março; mas nunca fomos muito próximos. Eles todos estão na faixa dos vinte e cinco anos e moram do outro lado do país. Há também uma troca de mensagens com o assessor da série, com meu assessor Stacey, com Gail, com Mark... Só contatos profissionais.

Juro que não me sinto solitário. Nem um pouco.

Então, no topo, tem a conversa com o número errado. O cara do chimichanga. Ou pode ser que seja uma garota. Por algum motivo resolvo pensar que é uma garota.

Bebo a água sem graça. Não tenho nenhum motivo para mandar outra mensagem para aquele número. Não mesmo. Mas estou entediado e preso aqui, então meus dedos digitam e apertam ENVIAR antes que o cérebro consiga pensar.



EU ME REVIRO na cama, tiro o telefone do bolso de trás e deslizo o dedo na tela rachada para ler a mensagem.

É aquele número desconhecido. O cosplay. Carmindor.

Desconhecido 21h42

— *Como estava a chimichanga?*

Mordisco o lábio. Pode ser um stalker. Ou um velho estranho com fetiche pelo Carmindor. Ou só alguém querendo saber mais sobre a comida mexicana vendida na minha nave, *La abobora*.

21h47

— *Bem vegana.*

— *Você conseguiu falar com quem estava procurando?*

Desconhecido 21h48

— *Infelizmente, não.*

— *Não tive tempo de procurar a pessoa.*

Eu me sento. A convenção é uma parte da minha vida que tranquei a sete chaves depois que meu pai morreu. Não queria participar daquilo, não queria entrar por aquelas portas de vidro e quase ver meu pai parado na recepção, usando a casaca engomada do Carmindor, as insígnias reluzentes. Além disso, o pessoal da ExcelsiCon também não se esforçou para manter contato comigo. Cortaram relações repentinamente depois que ele morreu. Bela comunidade.

Mas meu pai sempre acreditou que precisamos ajudar os outros acima de tudo. É preciso ser gentil e fazer as coisas de coração. Eu queria ser metade da pessoa que meu pai foi, mas ele sempre dizia que tinha aprendido com minha mãe. Se minha mãe era a bondade em pessoa, e meu pai era metade do que ela era, o que eu sou então? Um quarto?

Mordiscando a parte interna da bochecha, respondo, tentando entender por que estou abrindo uma exceção neste caso.

21h48

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Mas o VERDADEIRO Carmindor não inventa desculpas.

Desconhecido 21h48

— Então como você explica o episódio 26?

21h48

— Ué, a mente dele estava dominada por um nox? Faz favor.

— A não ser que eu esteja errada e você queira me corrigir, vossa alteza federativa.

Desconhecido 21h48

— Ih, acho que tentar corrigir você quando o assunto é Starfield não parece uma boa ideia.

— Não que alguma ideia que eu tenha seja boa.

21h50

— Não tem como ser o Carmindor sem algumas ideias ruins. — ... Sem querer ofender.

Desconhecido 21h51

— Relaxa. Tenho pena da pobre galáxia que ficar sob meu comando.

— Muahaha.

— Quer dizer que você é fã?

21h51

— O sangue que corre em minhas veias é da Federação.

— E você?

Desconhecido 21h52

— Eu nasci nas ruínas da Devastação Brinx. Palavra de honra. \m/

Como se eu fosse acreditar em qualquer palavra de honra desse... De quem quer que seja essa pessoa. Outro raio corta o céu, agora mais perto. Começo a contar, esperando o trovão. Um... Dois... Três... Lá vem, lento e suave como uma música.

Sempre me lembro do meu pai nessas tempestades. Os trovões fazem a casa tremer, como um coração vibrando no peito.

Desconhecido 21h59

— Posso fazer uma pergunta estranha?

22h

— Hum... Acho que sim.

Desconhecido 22h

— O que você acha do novo Carmindor?

Ops. Lembro do meu post no blog, o que viralizou. Não posso dizer nada além da mais pura verdade.

22h

— O Darien Freeman?

Desconhecido 22h

— É.

Inclino a cabeça para trás e fico observando a tempestade pela janela. Eu poderia mandar o link do post, mas, se ele é um pistoleiro, há grandes chances de já saber minha opinião. Ou melhor, a opinião da blogueira. Não importa em que universo estivermos, esse Darien Freeman idiota *nunca* será o Carmindor. Mas decido enrolar.

22h01

— Por quê? Você é fã de Seaside Cove?

Desconhecido 22h01

— Nossa, não. Prefiro Gilmore Girls. Café. Sarcasmo.

— Então você acha que ele não consegue?

— O Darien.

Não sei o que responder. Acho que, se está perguntando, é porque ele deve gostar do elenco.

22h01

— Eu... eu acho que se ele se esforçar, talvez consiga.

— Quer dizer, é o que Carmindor faria. Tentaria. Mesmo que parecesse improvável.

— Mas quem sabe se Darien Freeman está mesmo interessado em tentar?

Desconhecido 22h01

— Então, como fã da série, você ACHA que ele vai ser bom?

22h01

— Posso deixar essa pergunta para um momento mais calmo?

Desconhecido 22h01

— Depende. Quando esse momento vai chegar?

Olho pela janela. Na escuridão lá fora, a chuva castiga o céu. Minha vontade é responder: daqui a uma eternidade. Mas digito:

22h02

— *Quando ele conseguir me fazer mudar de ideia, acho.*

— *Mostrar que vai tentar.*

DARIEN

QUANDO VOLTO PARA o quarto, Mark ainda está sentado no mesmo lugar, bebericando uma cerveja. Ele ergue a sobrancelha assim que entro.

— Ora, ora, o retorno do filho pródigo. Já esfriou a cabeça?

— Sim, esfriei.

Eu me sento na poltrona de frente para ele, na sala de estar. Mark digita depressa no Blackberry vintage, e os cliques do teclado quebram o silêncio entre nós. Batuco com a garrafa quase vazia na coxa, no ritmo do tema de *Starfield*.

Se os pistoleiros estelares querem que eu prove que posso ser o Carmindor, que sou um deles — mesmo depois de errar a pergunta sobre *ah'blena* no *Bom dia, América* (o que com certeza ainda vai voltar para me assombrar) —, vou ter que ser um verdadeiro fã. E só sei ser fã de um jeito.

Sempre vai ter gente como a Desentupidora, o cara da lanchonete e o blogueiro do *Artilharia rebelde*; gente que gosta de fazer tanto estardalhaço que não dá para ouvir mais nada. Mas também vai ter gente como o contato das mensagens, que apenas sussurra. É por essas pessoas que assinei o contrato. Porque sei como é estar no lugar delas. Foi em *Starfield* que eu me segurei quando meus péssimos pais e péssimos amigos não estavam ao meu lado. Por isso aceitei esse trabalho. Porque sou fã.

— Eu vou à convenção.

Meu pai tira os olhos do Blackberry.

— Vai?

— Acabei de dizer que vou.

Ele se levanta.

— Ótimo! Fico feliz em ouvir...

Levanto a mão.

— Com uma condição.

Ele volta a se sentar.

— Claro. Tem certeza de que não são duas? Ou três. — Mark vira a cabeça para o teto, quase revirando os olhos. — Bem, qual condição?

Aqui vai. *Mirar. Disparar.*

— Quero ser um dos jurados do concurso de cosplay. Não quero ser só um astro do cinema posando para as fotos. Quero ser parte do fandom.

— Parte do quê? Do fandom? — Uma ruga minúscula se forma na testa impecavelmente lisa dele. A expressão mais dramática que já conseguiu esboçar até hoje.

— Não combina com a sua imagem, Darien.

— Por favor, só dessa vez. Para mostrar que sou um deles.

— Mas você não é.

Contraio os lábios.

— Eu já vou estar lá. Podemos dar um jeito de associar isso à minha imagem.

Mark muda de posição na poltrona, e percebo que está ponderando. Será que Chris Pine aceitaria ser jurado de um concurso de cosplay? E Chris Evans? Chris Hemsworth?

— Vai ser difícil... — responde ele, por fim.

— Mas se você deixar...

— *Mas...* — Ele ergue o dedo para me impedir de continuar. — Acho que pode dar certo. E a ExcelsiCon vai concordar, feliz da vida. — Ele toma outro gole de cerveja. — É... é, acho que dá para incorporar isso na sua marca. Deixar você no centro de tudo, bem em evidência. Você é genial!

Não gosto da expressão que aos poucos vai se formando em seu rosto, ao mesmo tempo confiante e maliciosa. O que ele está tramando? Nem sei se quero saber. Mas pelo menos ele não negou. Pelo menos desta vez eu consegui.

— Valeu. — Por um momento, quase acrescento: *pai*.



NÃO TENHO NOÇÃO de quando enfim peguei no sono depois da última mensagem, mas sei exatamente o momento em que acordo.

— Danielle! — grita minha madraستا, arrancando as cobertas de mim. — Danielle, levante!

— O q... — murmuro, então faço uma careta quando ela aponta uma lanterna para o meu rosto.

A chuva bate forte na janela, os raios cortam o céu. Forço a vista para tentar enxergar as horas no relógio, mas está escuro. A luz deve ter acabado. O uivo do vento quase abafa as palavras de Catherine. Quase: ela nunca permitiria que algo soasse mais alto que ela.

— LEVANTA! — berra, mal me dando tempo de assimilar a imagem de sua cabeça cheia de bobs ou de seu robe de seda ridículo.

Ela sai me puxando pelo braço depois de me arrancar da cama.

Esfrego os olhos para despertar e vou cambaleando atrás dela, que mantém as unhas cravadas no meu braço até me soltar no fim do corredor.

— O que aconteceu?

Ela aponta o dedo com garra cor-de-rosa para cima. Pisco, sonolenta. Uma mancha escura começa a se espalhar pelo teto. Meu coração para. É uma goteira. No sótão.

— Achei que tivesse mandado você consertar isso! — Do outro lado do corredor, as gêmeas espiam do quarto delas. Ótimo. Agora temos plateia. — Não é possível que você não consiga fazer nada direito! — dispara minha madraستا, irritada, cruzando os braços, com o robe todo molhado.

Deve ter alguma goteira no quarto dela, ou ela não teria se dado ao trabalho de me acordar.

— Eu consertei — respondo. Mas que diferença faz? Ela não vai vender a casa de qualquer jeito? — O vento deve ter soltado as telhas de novo...

— Parece que não consertou, não. — Ela olha feio para mim, e eu recuo, constrangida. — O que me diz?

Olho para ela, confusa.

Catherine aponta o dedo para o teto outra vez.

— Vá lá em cima resolver isso!

Fico abismada.

— *Agora?*

— Antes que piore! — grita ela, e me entrega a lanterna. — Já não basta a sua

malcriação hoje à tarde, e agora isso? Francamente, Danielle, sua sorte é que sou muito generosa.

Parte de mim quer responder que é uma *loucura* sair procurando goteira no meio da noite durante uma tempestade. E eu ainda tenho que trabalhar amanhã cedo; elas, não.

— Agora você vai se enfiar lá em cima e parar esse vazamento. E acho que devia pagar pelo estrago, não é mesmo? Não posso vender uma casa nesse estado.

Fico de queixo caído.

— Isso não faz o menor sentido! Podia ter acontecido em qualquer casa, é uma tempestade de raios, caramba!

— Ah, é? E a tempestade esqueceu de consertar a goteira da primeira vez?

Paro de falar. Como argumentar com gente doida?

— Faça o que estou mandando — retruca Catherine, e dá meia-volta, pisando firme até o quarto. — Voltem para a cama, meninas. Danielle vai cuidar disso.

As gêmeas se entreolham e fecham a porta. Com um suspiro, estendo a mão para a corda e puxo a escada retrátil, até a boca escura do sótão se escancarar acima de mim. Ilumino a escuridão com a lanterna para expulsar os fantasmas e subo.

Mesmo tendo passado a vida toda nesta casa, o sótão parece um lugar proibido. A casa em que cresci é um lugar estranho para mim hoje em dia, é a mesma sensação que o príncipe da Federação tem depois que se liberta do nox. Um lugar familiar mas estranho. É diferente das minhas lembranças. Não tem mais jogos de tabuleiro na sala de estar. Nada de espadas e escudos acima da lareira. Meu pai encaixotou todos os objetos depois que se casou com Catherine, e ela doou tudo quando ele morreu. Apagou cada traço de uma história que também era minha. Ou tentou. Não dá para apagar uma casa, as histórias nas paredes.

Mas, pelo visto, Catherine deu um jeito até nisso. Não dá para apagar, mas dá para vender.

O sótão está quente, escuro e úmido. Com certeza tem alguma goteira. Mas também tem uma quantidade surpreendente de tralhas. E, pensando bem, faz todo o sentido. É a cara de Catherine manter um ninho secreto de tralhas. Uma casa “perfeita” embaixo, e um monte de bugiganga quebrada escondida aqui em cima.

Ilumino as lixeiras de plástico empilhadas até o teto triangular, e um trovão sacode a casa. Dou um salto, e meu coração quase sai pela boca. A chuva está muito forte, e parece que tem água entrando por todos os lados. Como vou encontrar uma goteira neste dilúvio?

Vou engatinhando pelas tábuas do piso e empurrando caixas de papelão para o lado, tentando não fazer barulho, procurando poças de água. As etiquetas nas caixas indicam conteúdos como ROUPAS DE INVERNO e BRINQUEDOS. O piso vai ficando cada vez mais úmido conforme avanço.

Isso é ridículo. Olha só para mim: me arrastando por um sótão no meio da noite atrás de uma goteira. E nem sei o que vou fazer se encontrá-la. Talvez só fique gritando até ela se consertar. Funciona com Catherine.

Uma caixa escura num canto chama minha atenção. Vejo o brilho de uma dobradiça de metal. Aponto a lanterna para ela. Um baú. Não, não é qualquer baú. Eu *me lembro* deste baú. De muito tempo atrás. Uma memória antiga, quase esquecida.

Vou engatinhando até lá, coloco a lanterna na boca e passo os dedos por baixo da fechadura. Minhas mãos estão tremendo. O baú se abre com um som anormalmente alto

por cima da chuva que metralha o telhado. Mais uma série de trovões sacode as vigas do teto quando puxo a tampa, e a lanterna ilumina uma linda casaca azul.

A lembrança do tecido vem antes mesmo de eu tocá-lo. Eu me recordo da sensação, do farfalhar que fazia quando meu pai andava, balançando nas costas como uma capa. O cosplay de príncipe da Federação. Puxo a casaca, revelando cada centímetro da peça, como se ressuscitasse meu pai aos poucos.

Devagar, talvez com medo de que vire pó, visto a roupa.

É grande demais, claro. Os botões estão soltos, as franjas das borlas precisam ser refeitas. Enfio o nariz no colarinho e respiro fundo. Ainda tem o cheiro dele, misturado com a goma que usava na gola e na cauda larga.

Então o facho da lanterna ilumina um tecido brilhante roxo-escuro. Não pode ser. Catherine jogou isso tudo fora. Ela disse que tinha jogado. Que doou com as roupas das gêmeas e mais um monte de tralhas.

Enfio as mãos no baú e pego um vestido, de tecido macio e sedoso, que poderia ser feito de céu estrelado, num tom ameixa. Tiro-o do baú, com as tiras de seda translúcida deslizando entre meus dedos. Ali, nas sombras, o tecido brilha como uma galáxia.

Meus olhos se enchem de lágrimas. É o vestido da minha mãe. O vestido da princesa Amara. Eu não conheci minha mãe, não convivi com ela como convivi com meu pai. Mas desejava ter conhecido, de todo o coração.

Abraço o tecido, fechando bem os olhos. Por um instante, parece que não estou sozinha naquele sótão. É como se eles estivessem ali.

Então, tenho uma ideia. Catherine pode vender a casa. Pode tirar meus pais daqui e enfiá-los numa caixa. Pode me forçar a fazer todas essas tarefas. Pode brigar comigo por trabalhar num food truck... Mas, além do que tem neste baú, sou o último resquício do meu pai neste mundo. Posso não ser ninguém, mas meu pai era extraordinário. E me amava mais que tudo.

Que tipo de filha eu seria se deixasse isso acabar?

Mas o que posso fazer, se só o que tenho são as fantasias antigas dos meus pais?

A resposta me atinge como um raio.

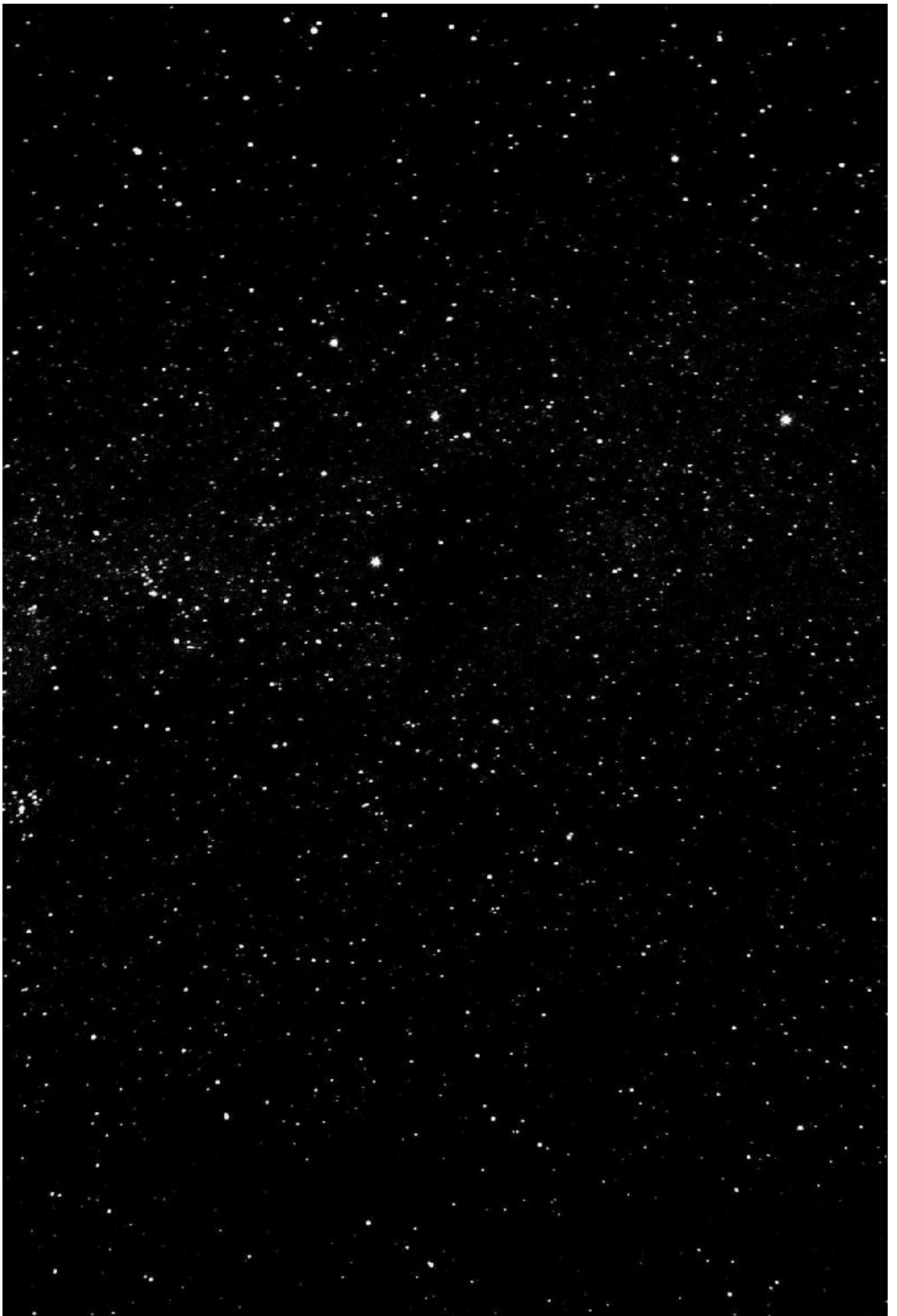
Vou entrar no concurso da ExcelsiCon. Vou *ganhar* o concurso. E vou conseguir minha passagem para longe daqui, longe de Catherine e das gêmeas. Então, vou criar um novo universo, um lugar onde eu possa ser quem quiser, e não quem todo mundo pensa que sou.

Vou ser a filha do meu pai.

Vai dar trabalho. Vou ter que limpar e ajustar estas roupas; depois vou precisar dar um jeito de chegar à convenção em Atlanta. Mas meu pai me ensinou, muito tempo atrás, que é preciso mais que uma fantasia bem-feita para merecer a insígnia da Federação. É preciso coragem e perseverança. É preciso ter todas aquelas coisas boas que ainda sinto no velho cosplay do meu pai. Todas as coisas que o vestido de galáxia da minha mãe guarda.

E, com a ajuda destas roupas, vou deixá-los orgulhosos.

Vou disparar para as estrelas.



PARTE DOIS

MIRAR.



“Quando não vencemos uma batalha, tentamos de novo com armas melhores.”

— Episódio 14, “Sempre há tempo para o espaço”



ACONTECEU A MAIOR tragédia da minha vida, e ainda nem tomei café da manhã.

Um cara com dois metros de altura está bem na minha frente, ombros largos de jogador de futebol americano e dedos tão grossos que poderiam quebrar os ossos até do Darien 2.0 — apelido que adotei depois que comecei a malhar e ganhei dez quilos de músculos para o papel de Carmindor. Ah, o cara também tem uma tribal na lateral da cabeça quase toda raspada.

Santa cabeleira arrepiada, Batman.

Mark, com um sorriso orgulhoso estampado no rosto, olha para mim e depois para o dr. Destino diante de mim. Está com cara de quem ganhou uma prenda num parque de diversões.

— E então, Darien? — pergunta Mark, esperando por um elogio que eu não vou fazer. Pode me chamar de petulante à vontade, dizer que estou agindo feito um bebê... Não importa. — O que você acha?

— Não preciso de nenhum guarda-costas — respondo, cruzando os braços.

Tento me empertigar, parecer mais alto, mas o dr. Destino me encara de cima, como se tivesse uns quinze centímetros a mais que eu. Ele é uma mistura de Dwayne Johnson e Terry Crews. Deve ter uns cento e cinquenta quilos de puro músculo. E faz o mesmo que eu, estufando o peito. *Exibido*.

— Ele não foi contratado para agradar você — responde Mark, entre dentes, dando um sorriso forçado. — Está aqui porque a empresa do seguro insistiu.

— Não tenho culpa se você fez um seguro para o meu abdome. Eles nunca pediram isso. Se você não tivesse me obrigado a ficar me exibindo na televisão...

— Só estou pensando no seu futuro, Darien. Você não quer piorar as coisas, não é mesmo? — Ele cutuca meu queixo, onde tenho uma cicatriz que “pode botar minha carreira em risco”.

Depois da trágica queda de barco, Mark começou a soltar nomes de cirurgiões plásticos para tentar me convencer a entrar na faca, com o mesmo empenho que um jogador de basquete tenta acertar a cesta. Eu não achei a cicatriz tão ruim assim, mas a produtora teve que refilmar quase todas as cenas do último episódio, para não ter erro de continuidade. Não preciso nem dizer que isso *não* foi o fim da minha carreira, né. A única coisa que acabou foi a última amizade que me restava.

Tiro os olhos do Terry Crews Júnior para encarar meu pai.

— Não me olha assim, Darien — reclama ele, dando um suspiro. — Só quero o melhor

para você. Quero que você consiga muitos papéis. Você entende, não entende?

— Está bem. *Está bem.* — Não adianta argumentar. — Por quanto tempo?

— Então, isso...

— Por quanto tempo? E o que Gail acha disso?

— Gail concorda que é uma boa ideia. E é por tempo indeterminado. — O celular do meu pai vibra e ele verifica a tela. — Preciso atender. Vocês dois podem ficar conversando. Vai ser uma aventura e tanto, hein? Alô. Sim, aqui é o Mark. Harrison! Como vai? E o tornozelo?

Mark cai fora, o celular apoiado entre a orelha e o ombro, e eu nem me dou ao trabalho de responder.

A porta do quarto fecha lentamente.

Eu e meu segurança nos entreolhamos, ambos ansiosos. Observo o terno preto impecável, a gravata fina e o Rolex de prata, pensando, com a testa franzida, quanto um guarda-costas deve ganhar. Como ele não esboça nenhuma reação, desisto e arranco a blusa que estou usando desde ontem, caminhando até onde deixei a mala.

Chegamos tarde em Atlanta ontem à noite. Não consegui nem pregar o olho, porque o avião atravessou uma tempestade de raios monstruosa. Desabei na cama e peguei no sono no instante em que pisei no hotel, nem tive tempo de trocar de roupa, mas ainda estou cansado. O relógio de luz vermelha na mesa de cabeceira indica que são 8h31. Ou seja, só dormi quatro horas.

— Você deve estar acostumado a receber ordens sem sentido, né? — murmuro, mais para mim mesmo do que para o segurança, enquanto reviro a mala procurando alguma camiseta que não esteja apertada. — Como os agentes da CIA, que não recebem as informações completas. Existe escola de treinamento para guarda-costas? Você é tipo o Agente 47, do *Hitman*?

O sujeito ajusta as abotoaduras.

— Sabe a primeira regra do clube da luta?

Olho para ele, surpreso.

— Ah, você *fala*!

O segurança ergue a sobrancelha.

— Vou ficar ali fora, bem ao lado da porta, caso precise de alguma coisa. Você tem que estar lá embaixo em vinte minutos. É melhor correr. — Depois de dizer isso, ele leva seu corpo gigante para fora do quarto, com um passo despreocupado.

Visto uma camiseta limpa. Estou terminando de enfiar os braços nas mangas quando meu celular apita.

Tem uma mensagem. Ou melhor, duas.

Gail 8h36

— *ELE SE CHAMA LONNY. SEJA SIMPÁTICO.*

— Lonny? — O nome definitivamente não combina com esse exterminador do futuro, mas tudo bem. Encontro uma bermuda e um par de meias limpo. Meu celular apita outra vez, e só então me lembro da segunda mensagem.

Desconhecido 8h44

— Olha, desculpa incomodar, mas achei que você pudesse me ajudar. Qual é mesmo o termo para quando o Eucinedes faz aquela coisa com as armas da nave? Corrigir? Ajustar?

— Aff.

Ah, sim. O número desconhecido. Dou um sorrisinho enquanto digito a resposta.

8h44

— Escrevendo fanfic já tão cedo?

Desconhecido 8h44

— NÃO.

— Essa resposta foi muito grossa, né?

8h44

— Um pouquinho. Mas vou dar uma dica.

— Começa com C.

Desconhecido 8h44

— Ah, caramba, eu sabia que era com C! Peraí...

Visto a bermuda, calço as meias, enfio o celular no bolso e ajeito o cabelo diante do espelho do banheiro. A cicatriz no meu queixo fica mais evidente quando a iluminação é forte, uma linha branca na pele marrom.

Mark está certo. Carmindor não tem cicatriz. Só mais um indício de que o diretor de elenco devia estar doido quando me escolheu. Mais doido ainda para achar que eu poderia continuar com o legado de David Singh.

Mais uma mensagem pisca na tela, e eu sinto um ligeiro pânico. Odeio conversar por mensagem. Ainda mais com desconhecidos. Mas, não sei por que... até que é agradável trocar mensagens com essa pessoa. É bom ser completamente anônimo. Não tenho que fingir ser ninguém. A pessoa não perguntou meu nome, e eu não perguntei o dela. Não preciso inventar desculpas para explicar por que tenho um segurança, ou por que faço uma dieta maluca ou insisto em usar minhas camisas favoritas, mesmo com buraco nas axilas.

Estamos só... Só *conversando*.

Desconhecido 8h45

— Corrigindo? Calculando?

— Conta, Carmindor!

— Coletando? Carregando? Não tenho a MENOR ideia!

— peraí.

— MEU DEUS, JÁ SEI, É CALIBRANDO.

— Sou uma pessoa horrível.

8h46

— *E ainda se diz fã...*

Desconhecido 8h46

— *Uma fã horrível!*

— *Nunca vou me perdoar por isso.*

— *Tenho que lhe agradecer, majestade.*

— Ei, chefe, dez minutos — anuncia Lonny, ou melhor, o dr. Destino, enfiando a cabeça dentro do quarto.

— Ué, agora você também é despertador?

— Eu faço o que me pagam para fazer.

— Posso pagar para você dar o fora?

Ele olha para mim sem alterar a expressão.

— Foi uma piada — explico, enfiando o celular no bolso e pegando a chave.

Eu não diria que saí *depressa* do quarto, mas, se quer mesmo saber, também não demorei para calçar os tênis. E, antes de sair, mando uma última mensagem.

8h56

— *Pode me chamar de Car. :)*



CALIBRANDO.

Vou levar éons para superar essa vergonha.

— Euci *calibra* as armas, Elle — resmungo sozinha, escrevendo no caderno. — De onde foi que tirei *calculando*?

O sol de terça-feira, já alto no céu, cozinha nossas cabeças enquanto observo os turistas passeando pelo forte histórico. Meu celular tijolão está na sombra, carregando com dificuldade, em sua tela ancestral, um tutorial do YouTube que ensina a fazer ajustes em roupas. Já devo ter visto esse vídeo umas quarenta vezes. Tem um monte de termos estranhos que não entendo, e a mulher está usando uma máquina de costura, que eu não tenho nem posso comprar. Já estou gastando todas as minhas economias com os materiais, e o que sobrar vai para as passagens de ônibus e o ingresso da convenção. Tenho que agradecer se conseguir comprar agulha e linha, agora aprender a costurar já é pedir demais.

— Por que não podia ser um concurso de fanfic?

Escrever é mais fácil. Quando eu me tornar roteirista, vou criar diálogos e personagens do jeito que eu quiser. E *outra pessoa* vai cuidar do figurino para mim.

Mas, por enquanto, tenho que me virar.

Decidi que vou de Carmindor, mesmo sendo uma ideia idiota. O vestido de Amara da minha mãe deve cair melhor, mas algo nele exige que eu mantenha certa distância. Sempre tive que pedir permissão para colocar aquele vestido. Meu pai o guardava em cima do armário e sempre pedia para eu tomar muito cuidado quando pegava, senão a galáxia costurada entre as tramas do tecido poderia me engolir. Mas, na verdade, ele só queria proteger a fantasia que guardava a memória da minha mãe. Queria que eu tratasse aquilo com carinho. Como se fosse de ouro. Além disso, a ideia é fazer um cosplay de quem você *quer* ser, e quero ser o Carmindor desde que me entendo por gente.

O problema é que a casaca do meu pai me engole, claro. Acho que eu tinha esquecido como ele era grandão. Depois de um tempo, as memórias ficam meio esquisitas. Na minha cabeça, ele é um herói de ombros largos, um sorriso torto e doce e olhos azuis tão profundos e escuros quanto o oceano Atlântico. Puxei os olhos castanhos da minha mãe. Ele sempre cantarolava “Brown-Eyed Girl”, dançando com ela na sala. A cabeça da minha mãe se encaixava no ombro dele tão perfeitamente quanto uma chave na fechadura.

Será que ele também dançava com Catherine na sala? Minha madrastra tem olhos azuis, e não me lembro de nenhuma música alegre sobre mulheres de olhos azuis. Será que meu

pai e Catherine foram felizes? Devem ter sido, em algum momento. Meu pai me perguntou o que eu achava dela logo que a conheci, na noite em que ela apareceu na nossa porta com um vestido branco bem curto e carregando uma garrafa de vinho numa sacola cara. Eu tinha oito anos. Minha mãe não estava mais entre nós havia quatro. Tive vontade de sacudi-lo e lembrar a ele que a princesa Amara morre no fim da história; que minha mãe tinha *morrido* no fim da história. Que nenhuma história devia ter continuação. Continuações são sempre ruins. Ninguém nunca gosta de continuações.

Mas não fiz isso.

“Eu gosto dela”, respondi.

Sete meses depois, eles estavam casados. E o impossível aconteceu, deixando eu e Catherine presas uma à outra. Presas num mundo onde ele não existe mais. Ou pelo menos era isso o que eu pensava. Mas posso senti-lo naquela casaca. Posso ouvi-lo cantarolando “Brown-Eyed Girl” entre aquelas costuras, botões e dragonas.

Talvez seja verdade que tudo morre. Mas pode ser que tudo que morre acabe voltando um dia.

A porta da Abóbora se abre, e escondo o celular embaixo do caderno. Hera sobe no caminhão com dois copos de sorvete.

— Ufa, me lembre de *nunca mais* gastar o horário de almoço correndo até a sorveteria do outro lado da cidade — reclama ela, ofegante, e me oferece um copo de sorvete meio derretido. A colherzinha já está quase caindo. — Caramelo ou chocolate com castanha?

Eu olho para ela, confusa.

— É... pra mim?

Hera revira os olhos e bota os dois copos no balcão.

— Não, é para a *outra* garota que trabalha aqui. Meu Deus! Vou comer o de caramelo.

— Ela se senta em um balde d’água virado de cabeça para baixo e começa a comer. — A fila estava *absurda*. Alguém apareceu enquanto eu estava fora?

Balanço a cabeça, pegando o sorvete de chocolate com castanha. Adoro esse sabor. Mas tem alguma coisa... estranha. E não é só porque Hera está falando comigo.

— Você comprou sorvete — digo, sem conseguir pensar em nada melhor.

— Sim, ué. Está muito calor.

Hera mexe a sopa de sorvete com a colher.

— Mas sorvete leva... leite.

Ela pisca, os olhos cobertos de sombra roxa.

— E daí? Ah! — Ela abre um sorriso. — Você achou que *eu* fosse vegana? Deus me livre. Isso é coisa da senhora nossa chefe. Estou fora.

— Eu também. Gosto muito de bacon para ser vegana.

— Hum, sorvete de bacon... Isso, *sim*, seria uma ofensa a este food truck vegano. — Ela dá risada. — Iríamos direto para o inferno vegano. Mas não sei se lá seria tão horrível comparado a isto aqui.

— Você não gosta daqui?

Ela desvia o olhar, culpada.

— Bom, acho que se eu disser que não vai ficar parecendo que sou uma péssima filha, né? Que não quero herdar o orgulho da vida da senhora nossa chefe...

Ela dá tapinhas no balcão, como se estivesse afagando um cachorro e dizendo “Ah, meu garoto, não é nada pessoal”.

— Então, o que você gostaria de fazer?

Hera dá de ombros.

— Tento não pensar muito nisso.

— Você desenha, não é? E também faz suas próprias roupas.

Ela olha para a saia que está usando, com sete longas tiras coloridas costuradas e um forro de tule. Lembra um pouco as revistas japonesas de moda que ela adora. É como se tivesse saído daquelas páginas.

— Dá para perceber?

— Não de forma negativa! — respondo, mais do que depressa. — É que você usa roupas maneiras.

Hera solta um suspiro impaciente.

— Você quer ser designer de moda? — insisto.

Ela toma outra colherada de sorvete e solta um gemido de prazer.

— Eu quero é casar com esse sorvete. Vamos fugir juntos para o Taiti.

Por uma fração de segundo, penso em pedir para ela me explicar o vídeo de costura. Mas antes que eu possa botar a ideia em prática, uma voz me interrompe:

— Olha, é a nojenta da nossa irmã em seu habitat natural.

Chloe e Cal zombam de mim da janela onde recebemos os pedidos. Já faz três semanas que trabalho na Abóbora, e as gêmeas nunca tinham me encontrado. Claro que este dia chegaria. E óbvio que elas estão com todo o pessoal do clube: Erin, a melhor amiga das duas, com seu namorado e uns caras do time de futebol, cujos pais são donos de alguns iates ancorados ali no porto. E, um pouco mais atrás, está James. Maravilha.

Hera bota o copo de sorvete no balcão e se levanta.

— Podemos ajudar? — pergunta, com a colher ainda na boca.

Chloe a ignora. Está com um rabo de cavalo meio frouxo, usando um short rosa curtinho e uma blusa da faculdade de Charleston, onde ela quer estudar no ano que vem. Ao seu lado, um cara grandalhão, de cabeça raspada, com cara de filhinho de papai e que deve ser a estrela do time de futebol americano, se vira para Hera.

— Ei, você trabalha sozinha com ela?

Hera se debruça no balcão, ficando cara a cara com eles.

— O que você tem com isso?

— É melhor tomar cuidado com essa aí. Ela é doida — responde ele, e olha para mim.

James, parado atrás do grupo, faz pouco caso e vira o rosto. Sinto minhas orelhas queimarem de vergonha.

Ou Hera não ouviu ou resolveu ignorar, porque se limita a recitar o cardápio num tom meio seco:

— Temos bolinhos de abóbora, sanduíche de abóbora e tofu, tacos de abóbora e abóbora frita. Mas em sua homenagem posso fazer um burrito. Vegano, é claro.

O jogador de futebol americano para e olha para Hera, reparando o cabelo verde e a argola na boca.

— Ei, você não é aquela garota da minha sala...?

— E você é o cara que está empacando a fila.

Ele se vira.

— Não tem ninguém atrás de mim.

Ela dá um sorrisinho e diz:

— Então você está assustando os clientes. Cai fora. Vai ser idiota bem longe daqui. Chloe estreita os olhos para ela.

— Com licença, quem você pensa que é?

Minha colega de trabalho finge estar constrangida.

— Ah, me desculpa, esqueci de me apresentar, não foi? — Quando todos esperam que ela diga seu nome, Hera acrescenta: — Hum, não estou a fim.

Cal, atrás de Chloe, mordisca o lábio para conter o sorriso.

— Sua maluca — rosna Chloe, e se afasta, puxando James pelo braço.

Ele também está rindo, porque *ninguém* nunca faz Chloe de idiota desse jeito. O restante do pessoal vai atrás, como um rebanho de ovelhas. Cal dá mais uma olhada em Hera, como se estivesse tentando entender de que espécie ela é, até que sai correndo ao chamado da irmã.

Hera revira os olhos e se vira para mim.

— Suas irmãs são tipo os cavaleiros do apocalipse, hein? Aposto que você não vê a hora de se formar.

— Tipo isso — respondo, mas as palavras deixam um gosto amargo na boca, porque não sei o que vai acontecer depois da formatura.

Ou melhor, sei, *sim*. Vou ganhar esse concurso e pegar o primeiro voo para longe daqui, direto para Los Angeles. Para nunca mais voltar.

Ela pega o sorvete de novo e diz:

— Enfim... O que você estava dizendo?

— Ah... Não era nada.

Não tenho coragem de pedir ajuda com o vídeo de costura. Sei que Hera não é como os outros, acabei de constatar isso. Mas ela vai querer saber por que estou interessada em costura, e não tem a menor chance de alguém como Hera gostar de *Starfield*. Se é para me dar mal, não quero arrastar uma pessoa tão maneira junto comigo.

Ela dá de ombros.

— Então tá.

Além disso, posso me virar sozinha. Como sempre fiz.



DARIEN

ESTREITO OS OLHOS para o espelho do camarim, cutucando as insígnias estelares na lapela.

— Gail, este figurino está completamente equivocado.

Gail, sentada numa cadeira dura e vermelha, confere os e-mails, a programação do dia e as mensagens dos fãs — tudo que eu não quero fazer — enquanto masca o cordão do capuz do moletom com a frase *DISPARAR PARA AS ESTRELAS* estampada nele. Ela parece tão cansada quanto eu.

As filmagens mais importantes vão ser num estúdio nos arredores de Atlanta, na Geórgia; esse lugar vai ser minha casa pelos próximos vinte e três dias. O filme terá o codinome *Navio real*. O diretor evita ao máximo usar efeitos especiais, o que significa que vamos filmar algumas cenas numa ponte de verdade montada no estúdio. Só usaremos dublês em último caso, nas de ação, e... E vou ter que beijar Jessica Stone nessa ponte enquanto me viro sem dublê.

É o que mais me deixa nervoso. A parte do beijo, não as cenas de ação. Ah, está bem, acho que as cenas de ação também.

— Oi? — Gail ergue os olhos do smartphone e examina meu uniforme de príncipe da Federação. — O que está equivocado?

— A cor. Este azul não é... não é do tom certo.

— Continua da mesma cor de quando tiraram suas medidas.

— Não, Gail, está mais forte. Tenho certeza.

— Não está, *não*. — Ela termina de responder a um e-mail e guarda o celular, finalmente me dando toda a atenção. — É só a luz do camarim. Pode acreditar no que eu digo.

— Mas você mentiu sobre o Lonny. Ele é ótimo, aliás. Um tagarela.

Ela fica um pouco corada e se mexe na cadeira.

— Mark me mandou manter segredo para que o segurança fosse uma... surpresa.

— Porque eu não iria concordar.

— Bem... Surpresa! — diz ela, sem muita animação.

Eu a encaro, sério, e ela volta a olhar para o celular.

— Vamos deixar para discutir isso depois, ok? Você vai fazer a maquiagem em dez minutos. Precisa de alguma coisa? Quer uma água? Ou a gente pode revisar o roteiro enquanto esperamos, para acalmar...

A porta do camarim se abre com violência.

Fecho os olhos por causa da claridade. Primeiro penso que é Donna, a maquiadora,

vindo reclamar do atraso aos berros. Mas, pelo que sei, Donna, a maquiadora, não tem cabelo preto e comprido, com o penteado da realeza anoriana. Nem essas pernas de matar. Nem usa o uniforme feminino da Federação.

Gail dá um pulo, parecendo ainda mais constrangida.

— Ah! Oi!

— Vocês se importam se eu me esconder aqui rapidinho? — pergunta a garota absurdamente linda, se acomodando na cadeira vazia de Gail e cruzando as pernas douradas. Juro que estou me esforçando para não olhar. Santo bronzeado, Batman. — Começou a caça às bruxas, e tem um exército de paparazzi aí fora — continua ela, se aproximando do espelho para retocar o batom. — Já estou *por aqui* com esse assédio. Precisava fugir um pouco. Vocês não se incomodam, né?

Gail olha para mim, hesitante.

— Bem, na verdade a gente estava...

— Não — respondo, baixinho, lançando um olhar incisivo para Gail.

Ela não sabe quem é a garota?

Jessica Stone. A Jessica Stone. A outra protagonista. Jessica Stone, estrela de filmes independentes desde criança, amada em toda a internet pelo jeito sexy, fofo e engraçado, que um dia com certeza vai ganhar um Oscar. Acho que assisti ao último filme dela umas quinze vezes no cinema, e não foi só porque era baseado numa história em quadrinhos.

Se controla, ordeno a mim mesmo. *Se controla*.

Gail me encara, surpresa.

— Mas, Dare, a gente estava...

Tusso. Duas vezes. Gail olha para Jessica Stone e para mim, depois arregala os olhos, finalmente entendendo. Ela fica ainda mais vermelha.

— Ah. Ah. — Pega a mochila e se retira às pressas. — Bem... Estou por aqui caso você precise de mim, Dare.

Depois que a porta se fecha, Jessica Stone me encara com aqueles olhos azuis intensos e quase transparentes.

— Eu não queria atrapalhar...

Minha língua se embola. Ela pode atrapalhar o quanto quiser. Quer dizer, atrapalhar não; está mais para “me dar a honra de ficar quietinho ao seu lado pelo resto da vida”, mas atrapalhar também serve. Atrapalha minha rotina. O quanto quiser.

Será que isso é muito estranho? Deve ser. Mas é a *Jessica Stone*.

Que droga, Darien, para de tietar.

— Eu tenho o péssimo hábito de sair entrando — continua ela. — Sem pedir licença. Meu terapeuta diz que não respeito o conceito de espaço pessoal. Sério, você pode me mandar embora, se quiser. Ah, a propósito, eu sou a Jess.

— Na-na-na — gaguejo, e mordo a parte interna da bochecha. *Fica. Calmo*. Tento outra vez, incorporando Sebastian, meu personagem em *Seaside Cove*. — Não, sério, a Gail já estava vindo. Quer dizer, indo.

Ela arregala os olhos, e por um instante acho que vai tirar o sapato e enfiar o salto agulha no meu olho, como fez em *Caçadora: a ascensão*, mas joga a cabeça para trás e começa a rir. É uma risada descontrolada, daquele tipo que, a qualquer descuido, pode vir com um ronco no meio. Seus olhos ficam pequenininhos quando ela ri. Além de ser linda em todos os aspectos mais tradicionais — que pernas! —, a personalidade e o talento

ajudam. Ela poderia recitar Shakespeare aqui do meu lado e eu não entenderia nada. Não estou tietando, concluo, é apenas admiração.

A risada vai morrendo aos poucos, e ela balança a cabeça.

— Você é tão fofo. Não me surpreende ter sido escolhido para o papel. É ao mesmo tempo sexy e desajeitado. Uma receita para o sucesso. Se eu fosse homem, ficaria bem nervoso. Você vai começar a pegar todos os papéis bons.

Olho para o espelho, ainda atrapalhado com a lapela do uniforme.

— Nervoso? Eu é que deveria estar nervoso. Você me faz parecer uma fraude. Mandou muito bem em *Caçadora*. Você era a *Sylvia*. Ficou igualzinha aos quadrinhos.

Ela dá de ombros.

— Obrigada. Mas eu nem cheguei a ler os quadrinhos.

— Não?

— Não tive tempo — responde ela, sem rodeio, depois inclina a cabeça para o lado e observa meu uniforme. — Por que os homens podem usar calça e eu tenho que usar esta roupa idiotas? — Ela aponta para os saltos extremamente altos.

— Machismo?

Jess sorri. Agora ela está sorrindo *comigo*, e não de mim.

— Infelizmente — concorda ela. — É ridículo.

— É mesmo. Porque, tipo, a Federação nunca fazia as oficiais mulheres usarem salto, então não é nem o cânone, né?

Jess olha inexpressiva para mim e responde, sem ser grosseira:

— Sei lá, meu problema é ter que correr usando isso.

— Ah, sim. Claro.

— De salto alto! E com todas aquelas cenas de ação. Sério, eu fui perguntar a Nick — ela está se referindo ao diretor de figurino — se ele não tinha assistido ao Globo de Ouro. Eu não tenho um bom histórico com saltos. Mas não adiantou nada. — Ela olha para as unhas pintadas com descaso. — Vai ser um inferno. Mas eu já sabia disso quando aceitei o papel. Bem, é o preço, não é?

— Preço?

Jess olha para mim.

— Para trabalhos melhores.

— Melhores que *Starfield*? — pergunto, sem conseguir me segurar.

A princípio Jess não diz nada, mas em seguida pergunta:

— Então quer dizer que você é fã?

Disfarço, embora esteja na cara que sim.

— E você não é?

Ela segura uma risada.

— Sou fã do meu cachê. — Devo ter deixado transparecer a decepção, porque ela acrescenta, depressa: — Mas claro que respeito muito os fãs de *Starfield*! Afinal, são eles que vão impulsionar esse filme. — Ela tenta se redimir com outro sorriso glorioso e perfeito. — E essas superproduções... Isso não é arte, mas até que é divertido, né? Pelo menos no começo. É uma coisa nova, animada, cheia de cores. Até que fica entediante. E a gente passa para a próxima. — Ela me encara intensamente, e de repente não sei mais se ainda estamos falando da mesma coisa. — Entende o que estou dizendo, Darien?

Ah. Sei. *Aquilo*. Fico visivelmente sem graça. Mais uma ideia genial para chamar

atenção da imprensa: levantar a suspeita de que eu e Jess temos... Bem, um lance. O que deve explicar por que estou tão nervoso em conhecê-la.

— É, a Gail, minha assistente, mencionou que eu e você estamos saindo.

— Durante os vinte e três dias de filmagem. E só. Não quero nada depois disso, ok? No máximo ficaremos bons amigos. *Pode ser* que nesse caso eu deixe você me beijar na *première*.

— Eu só beijo pistoleiras estelares — brinco.

Jess dá um sorrisinho.

— Talvez você consiga me converter.

— Pelas Asas Estelares da Federação, eu vou tentar. — Faço a saudação da palavra de honra.

— Seu bobo — diz ela, rindo. — Não tinha ninguém melhor para esse papel. Você nasceu para isso.

Nasceu para isso. A frase faz meu estômago se revirar. Como se já não tivesse tanta coisa em jogo. Viro o rosto depressa.

— Ah, sei.

Jessica estreita os olhos por um instante, tira as pernas do braço da cadeira para se sentar direito e olha no fundo dos meus olhos.

— Darien, posso ser sincera?

Não consigo desviar o olhar; ela é intensa demais. Vai ter que usar lentes. A princesa Amara tem olhos verdes, como a radiação dos quasares superaquecidos do espaço.

— Hum, pode.

Ela respira fundo.

— Então, sei que você nunca fez um papel grande — o que ela acha que *Seaside Cove* é, uma peça de escola? —, mas eu já, e sei que às vezes os fãs são um inferno. São maravilhosos, mas também podem ser um saco. E como você é um deles, vai ser horrível consigo mesmo. Vai ser seu crítico mais rigoroso. Um conselho que tenho para dar é: não faz isso. É só um papel. Não precisa definir quem você é. Confia nos seus instintos e no diretor, aí vai ser moleza. Depois você pode pegar papéis melhores e mais relevantes. Isso aqui é um trampolim, não uma armadilha. Entende?

— Hã... — Eu ia dizer alguma coisa, mas Jess já está se levantando.

Quando ela se inclina e me beija no rosto, sinto a aderência da sua boca e a marca do batom na minha pele.

— Vejo você no estúdio, ok?

— Beleza, princesa — balbucio.

Ela sorri.

— Você não é um daqueles atores que tentam incorporar o personagem, né?

Sorrio também, mesmo sem a menor vontade.

— Não. Se eu quisesse mesmo entrar no personagem, chamaria você de *ah'blena*.

— Não foi a pergunta que você errou no quiz sobre *Starfield*?

Eu a encaro, ultrajado.

— *Todo mundo* viu aquilo?

— A internet é eterna, pode acreditar. Você está olhando para a protagonista do GIF mais compartilhado da história do Globo de Ouro. — Ela faz uma careta, olhando para os saltos. — A gente se vê, Darien.

E, com isso, Jessica Stone, meu par romântico, minha Amara, minha namorada de mentirinha pelos próximos vinte e poucos dias, dá um tchauzinho, balançando os dedos, e sai do meu trailer. Mas as palavras continuam grudadas nas paredes como piche, mesmo depois que ela vai embora.

Papéis melhores e mais relevantes. Isso aqui é um trampolim.

Eu me viro de volta para o espelho e encaro o falso Carmindor num uniforme que, com certeza, tem o tom de azul errado. E não consigo deixar de me perguntar se sou muito diferente dela, ou se deveria ser. Será que também estou aqui pelo cachê?

É só por isso que Mark me quer nesse papel. Ele não teria me mandado para o teste de elenco se não estivesse pensando nos contratos milionários. Não teria arrumado um guarda-costas se não imaginasse meu rosto aparecendo nos outdoors.

Meu telefone começa a vibrar no balcão. Pego sem olhar, rezando para não ser Mark me convocando para outra convenção.

Não é.

Desconhecido 8h32

— *Como se faz para tirar um nox de um braço só de cima de uma árvore?*

— *É só acenar para ele!!!*

Mordisco o lábio, contendo o sorriso. Pelo menos conheço uma pessoa que acredita que *Starfield* é mais que uma galinha dos ovos de ouro. Estufo o peito diante do espelho e enfio o celular no bolso da casaca do Carmindor.

Pode até ser um trampolim. Pode ser que, como fã, eu seja a pior pessoa para esse papel. Talvez eu tenha mais chances de estragar tudo do que alguém que não se importa tanto. Jessica quer prestígio, papéis sérios e estatuetas de ouro enfileiradas em cima da lareira. E vai ser uma Amara ótima, afinal combina com o papel e é realmente bonita. Os fãs vão aceitá-la. Quanto a mim... Tenho pôsteres de *Starfield* nas paredes do meu quarto desde os sete anos. Conheço cada galáxia e cada planeta que pertence à Federação. Conheço as manias do príncipe como a palma da minha mão. Decorei o monólogo final. Sei as bebidas que ele pede nos bares de Baixavista.

Não quero ser aplaudido no Oscar nem fazer discursos de agradecimento. Bem, pelo menos não por enquanto. Só quero ser bom. Quero honrar os pistoleiros estelares. Quero manter os pés no chão e passar por isso na maior tranquilidade, como o Darien Freeman que o mundo pensa que sou, mas não é isso que meu coração de fã quer.

Porque, acima de tudo, quero ser bom o bastante para garantir uma sequência.



DEPOIS DO TRABALHO, levo Franco para o cemitério Dias de Glória, carregando um buquê de narcisos. Porque hoje é o dia — aquele dia —, e porque... Bem, porque sinto que preciso da permissão deles. Ou da aprovação. Ou qualquer coisa.

O cemitério está vazio e silencioso. É um daqueles cemitérios pequenos de Charleston. Não é um lugar turístico, já que não é tão antigo quanto os cemitérios mal-assombrados, mas é igualmente lindo, com salgueiros preguiçosos e carvalhos com raízes grandes e retorcidas. Franco e eu somos os únicos aqui além do guarda noturno. Tiro as flores murchas do vaso com o nome WITTIMER e boto os narcisos amarelos.

Eu me sento na grama molhada. Franco ofega ao meu lado, esfregando a cabeça no meu braço.

As lápides são cinza e se destacam, com os nomes LILY WITTIMER e ROBIN WITTIMER gravados em letras bem desenhadas, mais recentes que muitos aqui. Ainda me lembro bem do funeral do meu pai, mas o da minha mãe já se tornou uma lembrança enevoada. Desse dia, só restam as palavras do padre, ecoando como se diante de um penhasco íngreme e sombrio.

Jovem demais. Cedo demais. Demais, demais, demais.

Era tudo demais.

E tudo muito pouco. Pouco tempo. Poucas lembranças. Pouquíssimos “eu te amo” trocados entre nós três. Sobre tudo meu pai. Também sinto falta da minha mãe, mas é como se ela fosse um lugar distante e lindo, daqueles que a gente já ouviu falar mas nunca visitou. O rosto dela é um borrão, o sorriso é uma incógnita, não me lembro nem da sua voz.

Só que ainda posso ouvir a voz do meu pai. E eu me agarro a ela como a uma boia, com medo de perdê-la na tempestade do tempo.

— Achei as fantasias — conto aos túmulos. — Por um momento até pensei que vocês tinham causado a goteira, pareceu tanto que vocês estavam lá, sabe? Como se ainda estivessem...

Seco as lágrimas. Franco apoia a cabeça no meu joelho, batendo o rabo no chão, me implorando por carinho. Começo a acariciá-lo, mas meu celular apita no bolso do moletom. Franco reclama com ganidos quando interrompo o carinho para pegar o telefone, então troco de mão para obedecer aos comandos da fera.

— Você acha que as pessoas da Prospero sentem saudade de casa?

Passo os dedos pela tela, para destravar. É a primeira vez que o contato puxa papo.

20h36

— Está com saudade de casa, Carmindor?

Desconhecido 20h36

— Minha casa explodiu, lembra? No episódio 43. A última virada do tempo.

20h37

— Mesmo assim você ainda pode sentir saudade.

Desconhecido 20h37

— Sinto saudade de alguns aspectos, mas não do lugar em si. A realidade nunca é tão boa quanto a nossa lembrança.

— Foi mal, não sei o que estou dizendo. Que idiotice.

Não é tão idiota assim.

20h37

— Seria estranho se eu dissesse que entendo como você se sente?

Desconhecido 20h38

— Então podemos ser estranhos juntos.

— Para onde você gostaria de voltar?

Boa pergunta. Porque a realidade não seria tão boa quanto minha lembrança. E agora, sabendo o que sei, só tem um lugar para onde eu gostaria de voltar.

Minha vontade é responder que não sei, que é uma pergunta muito difícil.

Mas é mentira. Sei exatamente para onde quero voltar: para o momento exato, sete anos atrás, em que passei horas sentada nos degraus da varanda segurando a história que tinha escrito naquele dia, esperando meu pai voltar para casa. Eu gostaria de dizer para aquela menininha voltar para dentro. Trancar a porta. Não deixar a notícia ruim entrar.

Meu celular vibra outra vez.

Desconhecido 20h43

— Deixa eu adivinhar: você iria querer voltar para quando Starfield ainda estava passando. Acertei?

Abro um sorriso.

20h44

— Não peguei essa época. Era um bebê.

Percebo tarde demais que acabei de revelar que sou adolescente para um completo desconhecido, coisa que nunca se deve fazer, *nunca*. Mas então a resposta chega.

Desconhecido 20h44

— *Nem eu. E as reprises? De onze à meia-noite? E depois dormir na primeira aula na manhã seguinte?*

20h45

— *Todos. Os. Dias.*

Seja lá quem for esse desconhecido, não parece um estranho. Nem mesmo desconhecido. Toda desajeitada com o teclado idiota, vou em SALVAR CONTATO e digito o nome, letra por letra.

Carmindor.

Franco permanece sentado ao meu lado enquanto o sol se esconde atrás das árvores. Na escuridão do crepúsculo, o vigia noturno começa sua ronda.

Quando ele chega onde estou, inclina o chapéu num cumprimento.

— Já é hora de fechar, srta. Danielle.

— Só mais uns minutinhos?

As sobrancelhas grisalhas e muito sérias relaxam.

— Só não deixa esse rato gordo fazer xixi nas lápides.

— Você não faria xixi nas lápides, né? — pergunto a Franco, depois que o vigia vai embora. Ele lambe meu rosto em resposta, com o rabinho balançando. — Não faria, não. A não ser que fosse a lápide da Catherine!

Franco solta um latido e pula no meu colo, e ficamos ali mais um tempo. A verdade é que o vigia noturno me deixa ficar o tempo que eu quiser. E, se eu pudesse, ficaria horas. Eu me deitaria ao lado dos túmulos, toda encolhida, conversando com a terra.

Mas hoje não vou fazer isso. Esta noite, pela primeira vez na vida, tenho alguém que entende como eu me sinto.

DARIEN

PRIMEIRO DESCUBRO QUE tenho um guarda-costas chamado Lonny; depois, a garota mais sexy de Hollywood me avisa que vamos namorar durante os próximos vinte e três dias; e agora estou prestes a morrer. Provavelmente.

Será que é tarde demais para solicitar o seguro do meu abdome?

— Acho que preciso de um tempo — peço para a coreógrafa das cenas de ação, que tenho certeza absoluta de que é uma *doida varrida* de trinta e poucos anos, cabelo preto e olhar assassino.

Ajusto a tira que está enfiada entre minhas pernas, bem do lado esquerdo do meu fiel companheiro. Em matéria de cenas de ação, esta é a que estou menos empolgado para fazer.

— Está com medo, herói da galáxia? — Ela dá um tapa no meu ombro.

É assim que ela me chama: *herói da galáxia*. O que deve ser irônico, porque estou apavorado. É como chamar Lonny de “baixinho”. Ou seja, não é bem um elogio.

— Eu só queria escrever meu testamento antes.

Não sei se cheguei a responder em voz alta. Só consigo ouvir a batida do meu coração. Olho para baixo, bem para baixo, uns quinze metros abaixo, para ser mais exato, no cenário de tela verde.

Se eu cair agora, vou me estatelar no chão feito uma panqueca. Pelo menos, sei que o câmara vai junto.

— Sabe, talvez seja melhor fazermos um intervalo. Quem está com fome? Você está com fome? — pergunto ao câmara.

Ele faz uma bola de chiclete, com um olhar de tédio como se dissesse “para de drama”. Eu sou o único que acha isso uma maluquice?

— Vamos lá, herói, engole o medo.

A coordenadora puxa os fios que me prendem, conferindo tudo mais uma vez para garantir que não vou de jeito nenhum me estatelar que nem uma panqueca.

— Mas... Mas ainda não definimos um código de segurança — protesto. *Enrola, ganha tempo. Sua vida está em jogo.* — Tipo, você vai me botar nessa posição comprometedora e ainda nem nos conhecemos direito!

Ela revira os olhos e passa um rádio para a assistente de direção.

— Eu disse que a gente devia mandar o Luís fazer isso.

— Luís?

— Seu dublê.

— Espera, ele queria fazer isso?

— Quer que eu vá atrás dele, *herói da galáxia*? — Ela enfatiza a última parte.

Sim.

— Não — digo, a voz esganiçada.

— Ótimo.

Ela se vira para o câmara e começa a conferir os cabos que o prendem. Ele continua ajustando as configurações do equipamento enquanto os dois conversam sobre a cena.

Puxo o colarinho e olho para as pessoas lá embaixo. Estou começando a me arrepender da decisão de só usar dublê em último caso.

Em teoria, a cena é bem simples. Carmindor está correndo para se proteger. Nessa parte do filme, os nox sitiaram uma reunião do conselho, e todo o prédio em Terra Andrômada, a terra natal da Federação, pega fogo. Carmindor (eu) dispara por um corredor, seguido por sete cavaleiros nox. O corredor não tem saída, mas, como seu corpo é geneticamente modificado, Carmindor pula da janela, cai no telhado do prédio ao lado e consegue escapar.

E é por isso que estou nessa. Tenho que fugir dos nox e me jogar por uma janela de vidro, depois descer quinze metros preso pelos cabos. Só temos noção de que quinze metros são, sim, muita coisa quando estamos lá em cima e olhamos para baixo. Mas acho que meu erro foi lembrar que não sou o príncipe da Federação e que meus ossos não são de titânio. Inclusive, posso me quebrar como qualquer outro ser humano.

Engulo a bile que chega à garganta.

Correr, girar, dobrar o joelho, bater na parede, fico repetindo para mim mesmo, lembrando do ensaio. *Correr, bater o cotovelo, um passo para trás, pular. Correr, dar adeus à vida, pular...*

De repente, sinto algo vibrar no meu uniforme rasgado. Está assim para parecer chamuscado nas pontas e coberto de fuligem, já que, sabe como é, acabei de romper o cerco dos nox.

Enfio a mão no bolso da casaca.

Desconhecido 15h47

— Então, sabe a sua pergunta de ontem...

— Para onde VOCÊ iria?

— Em qualquer lugar e em qualquer momento da história da sua vida?

— E aí, herói da galáxia, pronto para radicalizar? — pergunta a sra. Tenebrosa.

Que Deus tenha piedade da minha pobre alma.

— Tenho escolha?

Lá embaixo, Amon, o diretor, diz, dando risada:

— Os paramédicos estão de prontidão! Você tem colhões de ferro, Darien! Que orgulho!

Sigo a coreógrafa até o corredor construído especialmente para essa cena de luta. É uma cena contínua, não pode ter erros.

Correr, girar, dobrar o joelho, bater na parede. Correr, bater o cotovelo, um passo para trás, pular. Correr, dar adeus à vida, pular.

Já ensaiei bastante. Eu consigo.

15h48

— *Sinceramente, não sei.*

— *Eu não gostaria de ir sozinho a lugar nenhum. O universo é enorme.*

— *Preciso de um companheiro.*

Desconhecido 15h48

— *LOL seu medroso. E para onde A GENTE iria?*

— Chega de mandar mensagem para a namorada, herói da galáxia! Prepare-se.

15h49

— *Dizem que a tundra de gelo da Galáxia de Arteysa é ótima.*

Desconhecido 15h49

— *Um lugar agradável! Adorei.*

— Ei, *Romeu!* — grita a coreógrafa. — Alguém pode tirar o celular desse garoto?

Garoto. Tento não deixar aquilo me afetar enquanto Gail se aproxima correndo e arranca o celular da minha mão.

— Só estava me certificando de que está tudo certo com o testamento. E o seguro de vida — murmuro.

O câmara traz seu equipamento caríssimo mais para perto, se preparando para me seguir pelo corredor. É tarde demais para desistir? Não sou bom nisso. Eu devia simplesmente...

— Prepare-se — manda a sra. Tenebrosa, passando um rádio para Amon. — Estamos prontos!

— Três, dois... — conta a assistente de direção.

Eu me viro, balançando para a frente e para trás.

Curte o momento. Veste o Carmindor como uma máscara de fantasia ainda com cheiro de borracha. Inspira. Expira.

— Começa a correr. Vai! — ordena a assistente de direção, e depois grita: — Ação!

Ouçó uma buzina.

Começo a correr. Um nox sai da primeira porta. Dou um giro, desviando do soco. Um pedaço do reboco da parede cai bem na minha cabeça — um tiro falso —, depois mais três pedaços se soltam ao longo do corredor. Agarro o nox pelo colarinho e o jogo de cara na parede falsa.

— Agora, BUM! — grita a assistente de direção.

Com a deixa, começo a cambalear. Outro nox sai de mais uma porta, coloca o rifle na minha testa e atira.

Desvio, agarrando a arma e dando uma cotovelada nas costelas do inimigo. Recuo, miro e *atiro*. O nox é jogado para trás, puxado por cordas.

— FINALIZAÇÃO! — urra a assistente de direção.

Jogando a arma para o lado, eu pulo no nox caído, esquivando de mais um cavaleiro que tenta me pegar. As tiras do equipamento de segurança me apertam muito. Meu

coração está quase saindo pela boca.

Quase posso ver o fogo. Sinto gosto de sangue falso na boca, vejo o reboco caindo do teto, ouço os gritos das pessoas presas no prédio da Federação, consumido pelas chamas. Sinto o titânio corroendo meus ossos — porque a dor do Carmindor nunca passa, e nunca vai passar, é o lado humano se rebelando contra o artificial dentro dele. Por um momento, olho pela janela e não sinto mais medo.

Correr, dar adeus à vida e...

Eu me jogo pela janela, girando os braços, sendo engolido pelo ar. Estou chegando muito depressa ao chão de tela verde e num piscar de olhos, vejo a vida passar como um filme. Não me arrependo de quase nada; a não ser por um detalhe irrelevante.

Nunca perguntei o nome do meu amigo misterioso.

As faixas de segurança apertam ainda mais meu peito, me deixando sem ar. Aterrisso no chão de tela verde com as pernas abertas, como vinha praticando. No ponto.

Acertei em cheio.

Eu me mantenho na posição por um segundo... Dois...

— E CORTA! — grita Amon. Ele corre até mim e me dá um tapa nas costas. — Impressionante! Bom trabalho. Foi *irado*!

— Valeu — respondo, ofegante, puxando as faixas de segurança.

A sensação de pisar em chão firme é tão reconfortante quanto voltar para casa depois de uma longa viagem. Enfio os dedos embaixo das faixas de segurança para o diretor não reparar que minhas mãos estão tremendo.

Da janela, a coreógrafa aplaude.

— *Perfeito!* Você podia ser dublê! — Sinto as faixas se retesarem, me suspendendo de novo. — Só que, da próxima vez, tenta não gritar feito uma garotinha!

— Que comentário mais machista! — grito, a voz falhando, antes de pensar bem no que ela disse. — Epa, peraí. Que próxima vez?

Amon me dá um tapa no ombro.

— Quer um conselho? Tenta não fazer essa cara, como se as faixas estivessem beliscando esses seus colhões preciosos. E controla a voz, você não vai querer ser obrigado a dublar essa cena, né? Seria vergonhoso. — Ele gesticula para a coreógrafa me descer, e um dos assistentes vem me soltar. — Muito bem, pausa de cinco minutos!

Agradeço aos deuses dos efeitos especiais. No instante em que o assistente me solta, saio correndo para o banheiro. Toda essa movimentação *não fez bem* para a minha bexiga. Mas quando abro caminho pela multidão de assistentes de produção amontoados ao redor das mesas de comida, tenho um estranho *déjà-vu*, como se tivesse passado por um rosto familiar. Quando olho outra vez, não reconheço ninguém; só vejo os contrarregras sortudos enchendo a cara de donuts.

Eu me enfio no banheiro e faço o que tenho que fazer, mas minhas mãos ainda estão trêmulas. É a adrenalina afetando minha visão e meu cérebro, me fazendo ter alucinações, ver coisas.

— Cai na real, Darien.

Eu jogaria água no rosto, mas estragaria a maquiagem que o pessoal de efeitos especiais fez: tem uma lasca de vidro enfiada na minha testa, quase no couro cabeludo, e um rastro de sangue escorrendo pela têmpora. Estou só sendo paranoico. Não tem ninguém aqui dentro tentando me fotografar. Quer dizer, nem sequer restaram amigos para

vender minha imagem.

Quanto mais tempo passo neste oásis de aromas conflitantes — um contrarregra espalhou vasos de flores por todos os lados —, mais tempo demoro para terminar logo isso. Mark me disse que seria bom para a minha imagem evitar ao máximo usar dublês — foi o que fiz nas filmagens de *Seaside Cove* —, mas agora é diferente.

É só mais uma característica que não tenho em comum com o príncipe da Federação. Ele não tem medo de altura, de escapar de um incêndio ou de voar pelo espaço com chance mínima de pousar no alvo certo.

Já o Darien Freeman... Ah, ele tem medo disso tudo.



QUANDO O ALARME do despertador do celular toca, na mesma terrível hora de sempre, tateio-o desajeitadamente, tentando destravar a tela para desligar aquele negócio. Mas não é apenas o alarme. Recebi uma mensagem.

Do Carmindor.

Rolo na cama segurando o celular. A luz da manhã entra pelo blackout com estampa de galáxia, salpicando o carpete de estrelinhas. Ao longe, alguém está cortando a grama às seis e meia da manhã. Ah, o verão.

A mensagem nova carrega com um barulhinho.

Carmindor 23h23

— Ei, desculpa por não ter respondido antes. Tive que sobreviver a uma tentativa de assassinato.

— Vinte e três tentativas, na verdade.

— Mas deixa pra lá. Olha, pode estar um pouco tarde para isso, mas...

— Qual é o seu nome?

Mordo o lábio e tento não sorrir.

6h34

— Você estava ocupado salvando a galáxia! Não precisa pedir desculpa.

— Olha, eu achava que o Carmindor sabia de tudo...

— P.S.: bom dia.

Do outro lado do corredor, o guincho agudo do despertador das gêmeas toca, e Chloe vai ativar a função “soneca” pelo menos três vezes antes de finalmente se levantar.

Saio da cama e dou uma espiada embaixo dela, onde guardei a fantasia numa caixa de papelão. Ainda tenho que me beliscar para acreditar que é verdade. A fantasia do meu pai. A verdadeira. *Aqui*. Deixei a da minha mãe em segurança no sótão, onde ninguém — nem Chloe, nem Cal, nem o rei nox em pessoa — vai conseguir encontrar.

Pego as roupas que usei ontem no trabalho e uma toalha no armário da casa e hesito. Vou bem devagar até o computador e aperto a tecla de espaço, para tirá-lo do modo inativo. O *Artilharia rebelde* agora tem trinta mil seguidores, e o número continua

aumentando. Não é mesmo um sonho.

Eu devia me precaver, porque este universo não me permite ter sorte, mas tiro isso da cabeça. Tomo um banho rápido, antes de Chloe ou Cal montarem acampamento no banheiro, e me enfio no uniforme de ontem. Nunca vou conseguir me livrar deste cheiro de bolinho vegano frito.

Carmindor 6h41

— Ah, não tem nada de bom neste dia.

— E, a propósito, nós dois sabemos que nunca sei de nada.

6h41

— Então eu não estou nos arquivos da CLE-o?

— Nossa, me deixaram de fora...

Carmindor 6h42

— Vai ver você é importante demais para aparecer no sistema.

— Informação confidencial.

— É confidencial para proteger a humanidade da minha idiotice — murmuro, prendendo o cabelo molhado num rabo de cavalo.

Olho meu reflexo no espelho da parede mais afastada: uma garota de cabelo pintado de ruivo, os olhos castanhos da mãe e uma marca de nascença em forma de estrela-do-mar no pescoço, usando uma blusa amarrotada que diz HORA DA ABÓBORA, e uma calça jeans rasgada e encardida de brechó.

Fico pensando em como o Carmindor deve me imaginar. Provavelmente melhor do que eu sou.

6h43

— Ah, não! Você descobriu meu segredo!

— Sou importante demais para seus arquivos mundanos!

— Dirija-se a mim como imperatriz intergaláctica suprema.

Carmindor 6h44

— Então você é uma garota.

— Ah, foi mal, soou estranho.

— Foi só uma observação inocente.

— Você é uma garota.

— Aff, estou piorando a situação, né?

6h45

— É, está.

— Danielle! — chama Catherine, da cozinha.

Xingo baixinho, enfiando a fantasia numa bolsa, que penduro no ombro. Faltam algumas partes. As insígnias das asas estelares, por exemplo, e a coroa. Olhei o baú todo, mas não estavam lá. Catherine deve ter jogado fora quando enfiou tudo no sótão.

Quando estou descendo a escada, chega outra mensagem do Carmindor.

Carmindor 6h48

— *Sou bom nisso. Em piorar a situação.*

— *E em fazer promessas impossíveis. Em parecer ridículo. E em arriscar minha própria sanidade mental. E em parecer ainda mais ridículo. É minha especialidade.*

— *Ou seja: sou um verme, ó imperatriz intergaláctica suprema.*

Mordo o lábio para prender o riso, então ouço Chloe na cozinha, gritando:

— Ai, eu sei, eu sei! Não achei que fosse tão difícil achar uma droga de fantasia.

— Acho que não são só fantasias — responde Calliope, hesitante, quando entro na cozinha. — Tipo, tem uma comunidade inteira que se veste assim para ir a essas convenções.

— O nome disso é cosplay — interrompo, sem conseguir me conter.

Chloe olha feio para mim.

— Já entendemos, Elle. Você é supernerd. Mas quer saber? Agora *todo mundo* gosta desse seu seriado espacial. Virou uma moda retrô, ou sei lá o quê. — Ela então solta: — Você sabe onde arranjar uma fantasia, não sabe?

Meu estômago se revira de pânico. Aperto a alça da bolsa e digo:

— Não.

— Queridas — chama Catherine —, se estivesse todo mundo pulando do penhasco, vocês iam pular também? Gostem do que quiserem. Não queiram ser como a Danielle.

Não queiram ser como a Danielle.

Uma boa dica de que não sou bem-vinda aqui. Abaixo a cabeça, ajeito a bolsa e saio depressa. Vou correndo até o fim da rua quando ouço o rugido da Abóbora. Hera estaciona e enfia a cabeça para fora.

— Sobe aí, mané. Hoje vamos pegar um lugar bom!

Entro no food truck e me viro para dar mais uma olhada na casa, preocupada, me lembrando da conversa das gêmeas. Abraço a bolsa. Vai ficar tudo bem.

Para elas, *Starfield* é só uma modinha. Daqui a pouco some, que nem a princesa Amara quando foi engolida pela Nebulosa Negra e nunca mais voltou.

DARIEN

— OLHA PARA MIM.

Conduzo Jessica na valsa. Já estamos rodopiando neste salão há duas horas, com um bando de contrarregras nos seguindo para jogar cinzas e pó na trilha de pegadas dos nossos passos errados.

Se concentra. Seguro o rosto de Jessica e sussurro:

— Você me leva até as estrelas.

Ela me beija com os lábios vermelhos, e o mundo gira.

Não para de girar. Quando escuto a música, passa um filme na minha mente daquele momento do seriado em que a câmera circula pelas pessoas de fantasias mal-acabadas e pelo cenário de papelão. E, por um instante, sou Carmindor, sou...

— E... Corta! — grita Amon.

A realidade me atinge como a *Prospero* saindo da órbita de Marte Dois: bem rápido e sem rodeios. Carmindor é arrancado de mim tão bruscamente que fico sem fôlego, vazio. Ou, como gosto de dizer, volto a ser o Darien Freeman de sempre.

Jessica dá um passo para trás, esfrega o batom dos meus lábios com o polegar e sorri.

— E onde foi que você aprendeu a beijar?

— Bem, eu já tive umas duas horas de prática — respondo, e espero que ela leve na brincadeira.

— E com a melhor beijoqueira de Hollywood.

Jess abre um sorriso maroto. Meu rosto está todo manchado de batom escuro, com gosto de cereja e do que quer que ela tenha comido no almoço. Ela bate o dedo no meu queixo — na minha cicatriz — e sai quase flutuando pelo estúdio. Desço do cenário, abrindo a casaca molhada de suor. Preciso pedir para o pessoal do figurino mandar lavar isso aqui a seco ainda hoje. Daqui a pouco vão começar a nascer fungos.

— Graças a Deus acabou! — comenta ela, tirando o aplique cacheado e jogando-o para sua assistente. — Achei que meus lábios fossem...

— *DARIEN!*

Olhamos para a entrada principal. O vigia não está no posto, porque é hora do jantar, mas há câmeras de segurança por todo o estúdio. Vemos uma manada de garotas — não acho que adolescentes sejam gado nem nada, mas é que tem... um *bando* delas, todas me encarando como se fossem pombos e eu estivesse carregando um pedaço de pão velho e meio mofado. Ou melhor, como se *eu* fosse o pedaço de pão mofado.

— É ELE! É O *DARIEN*! — grita outra garota.

Elas pegam os celulares, e flashes começam a disparar na escuridão, como se quisessem incendiar aquele momento. E todo mundo, desde os contrarregras, passando pelo câmara, até a doida da Jessica Stone, está olhando.

— Suas fãs malucas? — pergunta ela.

— Eu... É. Sim. — Passo a mão no cabelo. — Eu deveria pedir para Gail resolver isso. Ou talvez meu Lonny. — Faço outra careta. — Quer dizer, meu guarda-costas.

Alguns contrarregras começam a apontar para a multidão, rindo.

— Uau. — Jessica balança a cabeça. — Vendo isso eu até agradeço por não ter aceitado aquele papel em *Vampire diaries*.

Sei. Porque ela é uma atriz de verdade, e eu sou só o cara do seriado brega.

— São só fãs — respondo. — Você nunca foi fanática por nenhum artista?

— Claro que já. — Ela cruza os braços e aponta para as meninas com o queixo. — Mas nunca persegui ninguém.

— Isso faz parte — explico, tentando ignorar que o ataque da Desentupidora também faz. Poucas são doidas assim. Mas a lembrança daquela garota partindo para cima de mim me embrulhou o estômago. — Podem ser monstros, mas são *meus* monstros.

Jess ergue a sobancelha.

— Monstros?

Abro bem os braços.

— Vinde todos em júbilo à Igreja de Darien Freeman.

O olhar perplexo de Jess logo vira um sorriso malicioso e ofuscante. Ela me dá um tapinha encorajador no ombro e diz:

— Então é melhor a gente ir lá ver sua congregação.

— O quê? Ah, não, acho que Mark não...

— Quem é Mark?

— Meu...

Eu não falaria que ele é meu *pai* de jeito nenhum, e *empresário* não seria muito melhor. E ele não gostaria que eu fosse lá sem o Lonny — o que só me dá mais vontade de ir.

— Não é ninguém. Não importa. Vamos lá.

Chegamos à barreira. Cumprimento a multidão do mesmo jeito fanfarrão que Sebastian, meu personagem em *Seaside*, cumprimentaria. As meninas vão à loucura. Alguém coloca uma foto na minha mão; é uma foto minha sem camisa, de um ensaio que fiz para a *Teen Vogue* no ano passado.

— Olá! — digo, fingindo estar animado, enquanto pego a caneta e autografo a foto. — Como vocês me encontraram tão rápido? — Tento usar um tom de piada, que é o melhor jeito de fazer uma pergunta séria.

— Por causa do vídeo — explica o cara ao lado dela, um sujeito alto com cabelo cheio de gel. — É irado!

— Não acredito que postaram no Twitter! — grita outra menina.

— Cara, a cena de hoje foi *fantástica*! Amei o beijo!

Paro no meio do autógrafo (já assinei três fotos e um braço). O beijo de hoje? Vídeo?

Olho para Jess, e seu grande sorriso desapareceu. Ela está pensando o mesmo que eu: temos uma maçã podre nesta cesta. Estão vazando cenas. Até mesmo um ator de seriado idiota sabe que isso não é *nada* bom.

— Jessica, como é beijar o Darien? Ele não é maravilhoso? — pergunta uma menina de

maria-chiquinha.

Devolvo o caderno para ela.

Jess dá risada.

— Ele beija muito mal!

— Ei — retruco. — Que mentira!

— Ah, desculpa, eu não quis ofender!

— Estou arrasado.

— Vocês dois formam um casal tão fofo! — grita alguém.

Flashes de câmeras ofuscam nossa visão.

Jess me dá o braço e me puxa para o trailer dos figurinos. Devolvo a caneta do fã depois de assinar a camisa dele às pressas.

— Bem, vocês são irados, mas temos mesmo que ir. Vamos, Dare?

— Vamos. Foi ótimo ver vocês! — digo, acenando e sorrindo como se estivéssemos num concurso de beleza.

Acho que só solto a respiração quando chego ao trailer. A casaca gruda nos ombros quando tento tirá-la.

— Sabe, você é bonzinho demais. — Jess sai de trás de uma das araras, já vestida com suas roupas pessoais e fazendo um rabo de cavalo. — Não pode perder mais de dois minutos nesse tipo de coisa. No máximo.

— Ah, eles são legais. — Pelo menos, às vezes. Tiro a calça, visto a bermuda e um moletom, cobrindo a cabeça com o capuz. — Ei, você acha que quem vazou as cenas é alguém da produção?

Jess parece indiferente.

— Pode ser um contrarregra. Se eu ficar sabendo quem é, essa pessoa vai se ver comigo. Não é para confiar em ninguém aqui, Dare. Agora, se me dá licença, tenho um encontro.

— Um encontro? Com...

Ela pisca, duas vezes.

— Como eu disse, não é para confiar em *ninguém*.

Então ela se vira e vai embora, esvoaçando o cabelo escuro e deixando um rastro de perfume de cereja.

— Aquela ali não leva desaforo para casa — comenta Nick, o coordenador de figurino, estalando a língua.

— Nem me fale — respondo, incapaz de apagar o beijo de cereja dos lábios.

Pego o celular no bolso da bermuda e vejo uma mensagem esperando por mim.

Desconhecido 18h06

— É Elle.

— Só Elle, mesmo.

— Elle.

Um nome. O nome dela. Elle. Talvez seja um apelido para algum nome terrivelmente longo. Elleanor? Janelle? Ell...izabeth? É um universo de possibilidades.

Elle.

Adiciono o nome aos contatos, e sabendo seu nome consigo formar uma imagem mais

real para ela, personificá-la na minha mente. Não achei que um nome pudesse fazer isto: transformar uma vaga ideia em... Bem, uma pessoa de verdade.

Então começo a pensar em como uma menina chamada Elle deve ser fisicamente. Loura ou morena? De pele clara ou escura? Olhos grandes, mas de que cor? Tem dentes alinhados ou é dentucinha? Será que o sorriso é meio torto? É alta? Baixa? Gorda ou magra?

Elle.

— Por que você está rindo? — pergunta Nick.

— Ah, nada. Até amanhã — respondo, bloqueando a tela e saindo do trailer.

As meninas começam a berrar meu nome, mas agora estou pensando no nome de outra pessoa.



O *ARTILHARIA REBELDE* está com quarenta e três mil seguidores, e o número só aumenta.

Estou escrevendo um texto para o blog em vez de trabalhar no cosplay, porque não importa quantos tutoriais do YouTube eu veja, continuo morrendo de medo de meter a tesoura na fantasia do meu pai. Mas ainda tenho dezenove dias. Nesse meio-tempo, saiu um monte de notícias sobre *Starfield* — o filme —, e todos os meus quarenta e três mil seguidores estão esperando para saber minha opinião.

Coloco um link para o vídeo que viralizou, da cena vazada do beijo, bem ao lado do que, se não me engano, é a cena clássica que serviu de inspiração. Episódio 33, “Um nox para recordar”. A cena que vazou parecia a do baile. É bem antes da coroação da princesa Amara e do ataque dos nox. Mas não dá para ter certeza.

Assisto ao vídeo outra vez. Darien Freeman segura o rosto de Jessica Stone, diz alguma coisa que não consigo entender e a puxa delicadamente para um beijo. Logo depois, a câmera balança e desliga.

É... Com certeza, é do episódio 33. Fica claro por causa das balaustradas ao fundo. E pelas cinzas no chão do salão.

Na conclusão, escrevo:

“Uma coisa é certa: erraram no tom de azul do uniforme de Carmindor do Darien Freeman.”

Aperto PUBLICAR. 23h43.

Todo mundo já está na cama, então arrasto a cadeira sem fazer barulho e desço a escada de mansinho.

A casa está tão escura que quase não dá para ver nada, mas eu a conheço como a palma da minha mão, depois de passar tantos anos andando por ela no meio da noite. Na cozinha, abro um dos armários e procuro lá no fundo um novo pote de manteiga de amendoim, depois pego uma colher limpa da lava-louça. Amanhã vou ter que guardar todos esses talheres, e Catherine provavelmente vai brigar comigo por não ter feito isso antes, mas agora estou morrendo de fome e cansada demais para cuidar disso.

Pego uma colherada bem cheia e ouço alguma coisa se mexendo na mesa.

— Sempre quis saber onde você escondia isso — diz minha madrastra, com sua voz fria e ao mesmo tempo doce.

Congelo, com a colher ainda na boca. Então me viro bem devagar e percebo a silhueta sombria.

— Acenda a luz, querida. Não somos neandertais.

Vou até o interruptor e acendo a luz meio contra a vontade. Já sei o que vou ver quando virar para a mesa. A claridade me faz lacrimejar. Catherine ainda está com roupa “de trabalho”: um vestido transpassado de quinhentos dólares, caro demais para ela, e o cabelo preso em um coque alto. Parece cansada.

— Foi mal, eu... — Tento achar uma desculpa para estar ali, escondida, com um pote de manteiga de amendoim extracremosa, mas minha mente me sabotagem.

— Ah, todo mundo tem um prazer proibido — responde ela, tamborilando as unhas pintadas na borda da taça vazia.

As bochechas dela estão coradas, o delineador borrado, e há pedaços do rímel grudados em volta dos olhos. A última vez que a vi tão... Bem, *humana*, foi no dia em que meu pai morreu.

Tiro a colher da boca e tampo rapidamente o pote.

— É, foi mal, é que eu...

— Não precisa pedir desculpa. Eu deixo um pote de sorvete de chocolate escondido no fundo do congelador.

Olho para Catherine, chocada. A pessimadrasta come sorvete de chocolate? Da próxima vez que ela não estiver por perto, vou lembrar de verificar o congelador.

Ela inclina a cabeça para o lado, como se não tivesse dito nada — e tenho a ligeira impressão de que sorvete não entra na dieta paleo.

— Sabe, posso tentar de tudo, mas não consigo me livrar dele — diz ela, tão baixinho que mal dá para ouvir. — Primeiro você... Ah, mas eu sabia que você seria igualzinha a ele. E agora as gêmeas.

— As gêmeas?

— Elas estão obcecadas com aquela coisa... — Catherine sacode a mão, tentando pescar o nome — *Star Trek*?

— *Starfield*.

— O seriado que Robin gostava de ver. — Ela fecha os olhos devagar. — Está em todos os cantos.

Cruzo os braços.

— As gêmeas só gostam porque o Darien Freeman...

— O que tem de tão especial nesse programa? — dispara Catherine, arregalando os olhos. — Eu me lembro de Robin toda vez que vejo o símbolo daquele seriado *idiota*. Não tem a menor graça. É coisa de criança.

— Por que você acha isso? — pergunto, a voz falhando um pouco. — Esse seriado já me ensinou tantas coisas. Sobre amizade, lealdade. Já me ensinou a ter senso crítico e analisar todos os lados de uma história. Me ajudou a...

— *Ajudou? Ensinou?* — Catherine balança a cabeça. — Como um programa de TV pode ensinar alguma coisa? Como alguém vai aprender sobre o mundo real se só vive na fantasia?

— Como você pode achar idiota uma coisa de que meu pai gostava tanto? Ele amava esse seriado.

— Mas ele devia ter amado outras coisas também!

A cozinha mergulha no mais completo silêncio. Catherine pigarreja, como se tivesse acabado de lembrar que uma dama não deve gritar, imagine só o que os vizinhos vão pensar se ouvirem.

— Se ele tivesse dedicado à família um terço da atenção que dava a esse programa, eu não estaria nesta situação — protesta ela, em seu tom de voz doce e doentio. — Mal conseguindo sobreviver. Recortando cupons. *Sozinha*.

— É por isso que você vai vender a casa? Porque o meu pai teve a audácia de morrer num acidente de carro sem um seguro de vida que fosse suficiente para cobrir esse monte de *tralha*?

Catherine me encara com um olhar frio e penetrante.

— Você não sabe nada do mundo real.

— Sei que você não precisa vender a casa! E que poderia arranjar um trabalho de verdade!

— Eu já tenho um trabalho de verdade, Danielle.

Cerro os punhos. A palavra final pode não ser minha, mas a casa também não é dela.

— Você não se cansa de falar em como é idiota gostar de um programa de TV, mas é *você* quem vive uma fantasia! É *você* quem está sendo infantil.

Com aquela mão lisa, de madame, Catherine dá um tapa estridente no meu rosto.

— Vá para a cama, Danielle — manda, bem baixinho. — Você tem trabalho amanhã de manhã.

Ela não precisa pedir duas vezes. Jogo a colher na mesa e vou correndo para o quarto, onde me jogo na cama. Segurando a bochecha dolorida, cubro a cabeça com a coberta e pego o celular no bolso.

23h52

— *Car?*

Carmindor 23h52

— *Ainda está acordada? Por quê?*

23h52

— *Não consigo dormir.*

— *E VOCÊ?*

Carmindor 23h53

— *Também não.*

Aperto o celular na boca, ainda irritada com Catherine. Por ela achar que está cuidando de tudo *sozinha*.

Ela não está *sozinha*. Ela tem as gêmeas e o pai delas, onde quer que esse cara esteja, e tem o pior dono de cachorro do mundo, o Giorgio. Ela pode contar com o pessoal do clube, os amigos do salão, os clientes e os pais dela (embora eles morem em Savannah e aparentemente seja muito *difícil* pegar o carro para nos visitar). Ela não entende o que é estar realmente *sozinha*.

Ela tem uma multidão, em comparação a mim. E morro de raiva por ter achado, mesmo que só por um segundo, que ela pensaria em mim.

Carmindor 23h54

— Quer conversar?

— Sem querer me gabar, mas sou *ESPECIALISTA* em ouvir os problemas dos outros.

23h55

— Aposto que ganhou um prêmio no jardim de infância por isso.

Carmindor 23h55

— Foi minha primeira grande conquista.

— Ah, e eu também guardo segredos.

— Minha boca é um túmulo.

Deixo o celular no peito. Não sei por quê, mas só consigo pensar naquele vídeo que vazou e na cena que vi tantas vezes. Quem nunca assistiu ao seriado não deve saber o que Carmindor fala naquele momento. A imagem não está muito nítida para fazer leitura labial.

Mas eu conheço a cena. Sei aquelas palavras de cor:

“Ah’blena, você não está sozinha.”

E Amara o beija.

Se eu estivesse no universo certo, num cenário possível, não iria querer ganhar o concurso para ver a *première*, para assistir àquela cena clássica na tela do cinema. Não precisaria. Num mundo ideal, eu compraria os ingressos para a estreia no cinema mais próximo. Esperaria meu pai sair do trabalho e iríamos juntos, na sessão de meia-noite mesmo. E talvez encontrássemos um cara vestido com o uniforme da Federação, e trocaríamos olhares, saberíamos que estávamos num universo bom. Talvez um cara de cabelo preto, olhos cor de chocolate e...

A imagem de Darien Freeman me vem à mente por um instante. Surpresa, tiro isso da cabeça. Não. Abortar.

Nada de Darien Freeman. Não que faça diferença. Pego o celular e respondo ao Carmindor.

23h57

— Valeu, mas tá tudo bem.

— Boa noite, Car.

A resposta pisca na tela quase instantaneamente.

Carmindor 23h57

— Boa noite, vossa alteza suprema intergaláctica.

Escondo o celular debaixo do travesseiro. Porque não sou uma princesa. E este é o universo impossível, onde nunca acontece nada de bom.



PASSEI O DIA todo olhando o telefone. Quer dizer, nos momentos em que podia ficar com ele. E aqui estou, olhando outra vez para a tela. Nada. Desde a noite passada.

Será que falei alguma coisa errada?

Paro embaixo de um poste no estacionamento e esfrego os olhos, exausto. Depois aceno para Jess e seu grupo de amigas igualmente lindas. Nem sei o nome delas, e acho que Jess conheceu duas hoje, no estúdio. Todo mundo está indo embora, saindo pelos enormes portões pretos, um fluxo de gente andando curvada, quase caindo de sono. A coreógrafa de cenas de ação passa e me dá um tapa no ombro.

— Você foi muito bem hoje — comenta ela, sorrindo. — Mais algumas tomadas e teria executado os passos quase tão bem quanto Cary Elwes.

— Por pouco não enfiei a espada no rosto do Calvin — lembro a ela.

Calvin Rolfe está interpretando o Euci no remake, e pelo que percebi ele não está nada feliz de pegar um papel secundário enquanto o protagonista é quase dez anos mais novo.

— Ele bem que mereceu, herói da galáxia. Vai dormir um pouco, você está com uma cara péssima.

— Não sou muito fã de filmagens noturnas.

— Ah, coitadinho — provoca ela, fazendo carinho na minha cabeça antes de seguir para o estacionamento.

Lonny estaciona em frente ao portão com o carro preto. Como são três e meia da manhã, não tem nenhum fã aqui, mas mesmo assim ele me conduz até o veículo como se eu estivesse correndo risco de ser assassinado.

Meu telefone apita.

Será que é Elle?

Olho para o relógio no painel do carro. São 3h32. Ela não deve estar acordada.

Pego o celular e olho a mensagem, franzindo a testa. É um número desconhecido.

Desconhecido 3h32

— *Quanta habilidade, hein?*

— *[link]*

Apesar de saber que é uma má ideia, clico no link. Vai direto para um vídeo da filmagem de hoje, a parte em que quase enfiei a espada no olho de Calvin. Contraio o rosto ao ver a cena. Mas pior que minha falta de habilidade são os comentários. Fecho a

página e delete a mensagem. É melhor assim.

— Algum problema? — pergunta Lonny.

— Tive um dia longo.

Seguimos de volta para o hotel, onde ele estaciona nos fundos. Entramos pela saída de emergência, e ele me segue até o quarto, então avisa que estará de volta para me buscar às sete em ponto. Antes de sair, Lonny me entrega uma barrinha de proteína.

— Você está parecendo fraco.

Aceito a barrinha, quase comovido pela consideração dele.

— Valeu.

Mesmo depois de deixar as dezoito horas de falhas coreográficas escorrerem pelo ralo do chuveiro, depois de passar a noite sendo jogado pela escotilha de uma nave explodindo e de vestir roupas limpas, ainda não estou cansado o bastante para dormir. Em geral, depois das filmagens de *Seaside*, eu sempre apagava mais rápido que uma vaca atingida por um dardo tranquilizante para gorilas.

Mas fico acordado na cama pensando no vídeo. Quem poderia ter filmado? Jess já pediu ao produtor geral para dar uma dura no pessoal. Ouvi o cara gritando com os técnicos de som. Alguns deles devem estar traumatizados demais para aceitar qualquer outro trabalho de produção na vida.

Deito de costas e levo sabe-se lá quanto tempo tentando contar as protuberâncias no teto de chapisco. De repente, minha mente começa a vagar. *O que Elle está fazendo?* Fico me perguntando se ela também olha para o teto, contando carneirinhos ou fazendo o mesmo que eu faço quando não consigo dormir, que é pensar no que teria acontecido se Barbara Gordon não tivesse atendido à porta em *Batman: a piada mortal*. Eu me levanto da cama quando os dígitos vermelhos do relógio na cabeceira indicam que são 5h58.

5h58

— Oi. Tá acordada?

Ela ainda deve estar dormindo. Eu também estaria, mas não consegui pregar o olho, e este quarto está ficando sufocante. Visto um moletom que estava jogado no chão, ao lado da mala aberta e revirada, pego o cartão magnético da porta no móvel da TV e saio do quarto.

O corredor está iluminado daquele jeito meio sinistro, como nos filmes de terror — em que o tarado da machadinha está à espera na próxima esquina. Cubro a cabeça com o capuz, por hábito — não porque sou emo nem nada —, e vou para a escada. Como em quase todos os hotéis, tem alarme na porta do terraço. Mas, como em quase todos os hotéis, o alarme não funciona. Espero.

Forço a alavanca da porta, só para ter certeza. A porta se abre com um rangido, mas nenhum alarme soa, então a empurro com o ombro e vou para o terraço. Não tem muita coisa ali em cima: aparelhos de ar-condicionado, um reservatório de água, um armário para armazenamento de alguma coisa que não sei o que é. Tiro um dos sapatos, prendo a porta com ele, para não correr o risco de ficar preso aqui, e vou me sentar no parapeito.

Mark ia pirar.

“Você está perto demais da borda”, brigaria ele. “E se cair?”

Olho para baixo, bem lá embaixo mesmo, percorrendo toda a lateral do prédio. Sinto o

coração palpar na garganta. Tenho medo de altura, mas terraços me trazem certa paz. São tranquilos. Fazem a cidade parecer um lugar distante e silencioso.

Pode ser bobeira minha, mas aqui em cima me sinto mais perto de mim mesmo, o que é raro ultimamente. Sempre diante das câmeras, de outras pessoas da indústria ou de paparazzi, parece que sou o personagem Darien Freeman.

Só consigo me sentir eu mesmo quando... Bem, quando converso com Elle. E isso não faz sentido, porque ela é a única pessoa que não sabe quem eu sou. Como me sentir mais verdadeiro justamente quando estou escondendo minha identidade?

Meu telefone vibra.

Elle 6h04

— *Infelizmente.*

— *Por que você está acordado?*

6h04

— *Ainda não dormi.*

Elle 6h04

— *VAI DORMIR PLMDDS!*

— *Seu doido.*

6h05

— *Hahaha.*

— *Salvar a galáxia dá muito trabalho.*

Na mesma hora me arrependo de mandar essa mensagem. Passei oito horas tentando me manter à sombra de Carmindor. Neste momento, só quero fugir dele.

6h05

— *Não, eu não estava salvando a galáxia. Besteira a minha. Não faço nada disso.*

Elle 6h06

— *Quer dizer que tem uma pessoa DE VERDADE dentro dessa armadura?*

— *Eu nunca teria imaginado.*

6h06

— *Meu detector de sarcasmo apitou.*

Elle 6h07

— *Tudo bem, eu te perdoo.*

— *Desde que você não seja careca, né.*

Solto um suspiro, sabendo exatamente em que isso vai dar. Como eu sou, quem eu sou.

É melhor ficar nessa de Carmindor. Afinal, eu pareço mesmo com ele, ainda mais nos últimos dias, graças ao maquiador.

Elle 6h09

— *Você É careca, não é? Esse é o seu grande segredo.*

— *Você não tem nem um fio de cabelo na cabeça.*

6h10

— *Um absurdo você pensar isso. Juro que tenho cabelo.*

— *É preto. E cacheado.*

Elle 6h11

— *Que nem o do Carmindor?*

6h11

— *Por incrível que pareça, sim.*

Elle 6h12

— *E você também é alto que nem ele?*

— *Tipo, se eu ficasse do seu lado e olhasse para cima, veria os pelos do seu nariz?*

6h14

— *Que pergunta estranha.*

Elle 6h15

— *É meio estranho ser tão baixa que qualquer um seja capaz de ver todo o seu córtex cerebral, mas já estou acostumada.*

Tento abafar uma risada, mesmo não tendo ninguém aqui perto. Sinto como se essa conversa fosse um segredo, então tenho que ficar quietinho para garantir que o universo não vai encontrar essa pequena bolha, estourá-la e acabar com tudo.

6h15

— *Acho que depende da sua altura.*

Elle 6h15

— *Sou baixinha. Tenho 1,60m.*

— *É horrível. Mas é ótimo para o baile de formatura, porque ninguém vai reparar que vou sozinha.*

O céu começa a clarear no horizonte. Uma luz laranja vai se espalhando pelo negrume noturno como um inferno, estendendo dedos amarelos e cor-de-rosa por entre as estrelas. O sol já brilha tão forte que chega a doer a vista, mas continua subindo. Fico imaginando como deve ser o nascer do sol onde Elle está.

6h16

— *Tenho 1,85m, mas conseguiria ver você.*

— *Mesmo no meio da multidão. E saberia na hora.*

Elle 6h17

— *Saberia o quê?*

6h18

— *Que eu ia querer dançar com você.*

Passei tanto tempo sem dormir que já estou delirando. Eu não disse isso de verdade, né? Será que é mesmo isso que eu penso? Lembro de quando beijei Jess. Ninguém percebeu, mas ela deu um sorrisinho discreto e perguntou em quem eu estava pensando.

A verdade é que eu não estava pensando em Elle só durante o beijo. Também pensei nela durante cada passo daquela dança.

Eu tinha falado aquelas palavras do fundo do coração. Cada uma delas.

Dou meia-volta e tiro uma foto minha contra o sol. Não dá para ver meu rosto; a luz do amanhecer é tão forte que destaca apenas minha silhueta. Estou protegendo minha imagem, como Mark me ensinou a fazer por tantos anos. Mas dá para ver meu cabelo.

6h18

— *Para provar que não sou careca.*

— *[1 anexo]*

— *Bom dia.*

É só então que reparo no cara parado na porta, segurando uma câmera que esconde seu rosto. Quase deixo o telefone cair.

— Ei! Ei, você aí! — grito, dando um pulo para a frente.

O estranho vira de costas, chuta meu sapato para longe e bate a porta antes que eu consiga atravessar metade do terraço. Dou um soco na porta e grito um palavrão. Não tem maçaneta. Estou trancado aqui fora, neste terraço, praticamente prestes a viver o roteiro de *Se beber, não case*.

E, o que é pior, não estou alucinando. É verdade: tem alguém vazando informação sobre *Starfield*.



O SOL DE junho queima minha nuca como uma marca de ferro em brasa enquanto fico aqui fora sentada, ocupada com a tarefa lenta e dolorosa de costurar o tecido azul. É um trabalho infernal, mas, depois da briga com Catherine, sem chances de fazer isso em casa. E *não* vou levar a casaca do meu pai para dentro dessa bomba de gordura que é a Abóbora. Além do mais, eu teria vergonha de costurar na frente da Hera.

Meu telefone vibra, e eu levo um susto. A agulha atravessa duas camadas de tecido e fura meu dedo.

— Ai! — Enfio o dedo sangrando na boca.

Que dor! O gosto é ao mesmo tempo acobreado e parecido com o especial do dia da Abóbora Mágica: bolinho de abóbora com tempero oriental.

Hera enfia a cabeça para fora do food truck.

— Tudo bem aí?

Quase sinto o coração sair pela boca. Escondo a casaca ao lado do engradado em que estou sentada.

— Tudo bem! Tudo ótimo! Só... É... Deixei cair o celular...

Ela se aproxima, secando as mãos no avental com a frase DAQUI A POUCO EU VIRO ABÓBORA. Alguém tem que ficar de olho na grelha o tempo todo, mas Hera não liga muito para as regras. Além disso, tem um vendedor de bolinhos de milho do outro lado da rua, então ninguém nem olha para a gente.

Escondo a casaca atrás de mim, mas ela vê a ponta da manga ao lado do meu pé.

— Você vai sujar o tecido.

Envergonhada, pego a roupa de volta, lembrando que a Abóbora Mágica tem tanto óleo espalhado por todos os lados quanto sangue num filme do Tarantino.

— Não é nada. Só... Só um projeto meu. O horário de almoço já acabou? Eu deveria...

— Tento desviar de Hera, mas ela para bem na minha frente. Tento ir pelo outro lado, mas ela também bloqueia o caminho, e eu acabo franzindo a testa, confusa. — O que está fazendo?

— Olha, eu sei o que você está aprontando.

Ela não tira os olhos cobertos de purpurina do kit de costura fajuto que comprei no mercado.

Guardo as agulhas e a linha no estojo de plástico, que fecho e enfio debaixo do braço. Mas Hera não vai me deixar escapar tão fácil.

— Esse tecido é muito bom... Você não pode só alinhar, vai estragar a bainha.

— Não vou, não — retruco, na defensiva, agarrando a casaca. — Eu sei o que estou fazendo.

Ela pisca.

Suspiro, desanimada.

— Tá... Sei mais ou menos.

— Humm.

Ela estende a mão para a roupa. Hesito por um momento, como Frodo com o Um Anel, mas então me lembro de como Frodo sofreu e prefiro não acabar que nem ele. Então, entrego a casaca.

Ela a segura pelo colarinho e vira de um lado para outro, examinando a costura interna nas costas e nas mangas. O sorriso some dos lábios cor-de-rosa, e ela fica séria.

— E como é que você planeja resolver isto aqui sozinha?

Mostro a ela o celular, com o tutorial do YouTube ainda na tela.

— Ah, não! Isso faz meus olhos arderem! — grita Hera. — *Não!* Tire isso da minha frente!

Guardo o telefone no bolso, corando. Ela vira a casaca pelo avesso, mostrando as costuras para mim.

— Olha só, se quiser ajustar direito ao seu tamanho, precisa descosturar nos ombros, cortar e costurar de novo. Esta parte da ombreira vai ser bem difícil, a costura aqui foi muito bem-feita.

Impressão minha ou ela está empolgada? Pela primeira vez na vida não fala como se estivesse entediada.

— Foi feito à mão? Quem desenhou o modelo?

— Ninguém... Quer dizer, foi feito à mão, mas quem fez não importa. — Eu me encolho, contraio o rosto, sem tirar os olhos da mancha de gordura no meu tênis. — É só um... É bobeira.

— Achei que você tivesse dito que se alguém gosta de uma coisa nunca é bobeira.

É, ela me pegou. Derrotada, tento pegar a fantasia das mãos dela, mas Hera recua, desvira a casaca com a segurança de quem sabe o que está fazendo e a coloca por cima dos ombros, como uma capa.

O azul acentua o verde do cabelo, dando a Hera um visual ao mesmo tempo estranho, etéreo e descolado. Odeio ver como o traje cai bem nela, mesmo sendo grande demais. Qualquer coisa fica bem nela. Hera veste a vida como Elvis usava lantejoulas: com atitude e segurança. Não quero nem pensar em como eu ficaria com aquela fantasia. Meio ridícula. Feia. Tenho certeza de que vou ser a piada desse concurso.

— É *muito* bem-feita — continua ela. — É uma fantasia?

Solto um suspiro.

— É. Já ouviu falar em *Starfield*? É do príncipe da Federação.

Ela faz bico.

— Não sabia que você gostava de se fantasiar.

— O nome disso é cosplay, e eu não... Na verdade, nunca usei. Mas tenho vontade. — Volto a olhar para os sapatos, e as palavras saem desenfreadas: — Vai ter um concurso de cosplay daqui a duas semanas na ExcelsiCon, em Atlanta, valendo dois ingressos para a *première* de *Starfield* e uma grana e... É uma longa história, mas eu quero muito ganhar. *Preciso* ganhar. Provavelmente não vou, mas... Sabe, meu pai disse que as coisas só são

realmente impossíveis se a gente nem se der ao trabalho de tentar. Então quero arriscar. — Engulo em seco, soltando o nó que começou a se formar na minha garganta. — Mas, é... Não sei costurar.

Ela inclina a cabeça para o lado e fica um tempo em silêncio.

Começo a ficar vermelha e me viro, voltando para a Abóbora.

— Deixa pra lá. É idiotice... Esquece o que eu falei...

— Parece divertido.

Paro. Dou meia-volta.

Hera, a garota que nem olha para a minha cara durante o expediente, quer me ajudar? Sei. Isso só vai acontecer quando a princesa Amara escapar da Nebulosa Negra. Ou seja, nunca.

Ela tira a casaca com todo o cuidado.

— Você está com sorte, porque preciso de mais peças para o meu portfólio.

— Sério?

Um cliente toca a sineta. Tem alguém na janela querendo fazer um pedido, mas nenhuma de nós faz menção de ir.

Ela me entrega a roupa de volta. Já está quase sem goma, e a cauda, sem bom caimento. Não tem mais tanto o cheiro do meu pai, agora é uma mistura do meu cheiro, bolinhos veganos e aquele aroma peculiar de roupa velha e guardada. Quando tive essa ideia de jerico, não parei para pensar em *como* usar a fantasia. Só pensei que poderia encontrar um pouco do meu pai em mim. Talvez nos momentos em que enfiasse as mangas, abotoasse a casaca ou me olhasse no espelho... Mas claro que são manequins totalmente diferentes. Com outras formas e medidas.

— Claro que é sério — responde ela. — Você não precisa fazer tudo sozinha, sabe.

Abro um sorriso, abraçando a casaca. O tecido é azul da cor do mar, o tom perfeito, a cor perfeita.

— Obrigada.

A sineta soa outra vez.

Quase espero que Hera dê para trás, me mande atender aos clientes e volte a ler as novidades dos fóruns no celular, porque o que estou pedindo é impossível. Ajustar um traje em menos de um mês? Competir num concurso *de verdade*? É loucura. Não há tempo suficiente para desmontar essa casaca e recosturá-la.

Hera estende a mão para mim.

— Minha casa. Hoje à tarde.

Aperto a mão dela.

— Combinado.

Ela aperta com força e, pela primeira vez desde que a conheço, sorri. Não é um sorriso demoníaco, mas um sorriso de gente normal.

— Não foi tão difícil assim, não é?

Foi e não foi. Mas fico feliz.

— Você fez uma oferta que eu não podia recusar — respondo, com toda a sinceridade.

O cliente na janela da frente toca a sineta outra vez, impaciente, como se estivesse tentando nos mandar uma mensagem por código Morse.

— *Alguém aí?! —* chama uma mulher.

Hera revira os olhos, soltando minha mão.

— Aff, essas madames. É a sua vez.

Pego o estojo de costura vagabundo, dobro a casaca do meu pai e volto para a festa do food truck, onde encontro uma jovem mãe muito irritada na janela, tocando a sineta sem parar.

Meu celular vibra outra vez enquanto pulo para dentro da Abóbora e guardo a casaca num cantinho seguro. É uma mensagem não lida do Carmindor, de hoje de manhã; devo ter pegado no sono de novo e não vi. Recebi uma foto dele contra o sol. Dá para ver algumas coisas: o cabelo cacheado e o maxilar largo, mas o rosto em si está escuro. Acho que na verdade ele não queria me mostrar quem é, e, sim, o sol nascendo lá atrás.

O nascer do sol de hoje foi espetacular.

— *Ei!* — chama a mulher. Está usando uma viseira branca, parece irritada e determinada. É uma turista. — Você não trabalha aqui?

— Trabalho — respondo, botando o avental. — Gostaria de experimentar o bolinho de abóbora? É nossa especialidade...

Ela empurra uma nota de cinco dólares para mim.

— Quero uma água. *E só.*

— Ok, ok... — murmuro, pegando a garrafa e o troco.

Um dia os clientes da Abóbora vão aprender a ter educação. Ou melhor: um dia ainda vou largar este emprego.

Pela primeira vez em muito tempo, esse *dia* parece mesmo possível.



REPASSO A COREOGRAFIA da cena de luta mentalmente enquanto o restante da equipe se prepara para outra tomada.

Esquerda, direita, desviar. Pegar, jogar, passo para trás, passo para trás, passo para trás...

Meu calcanhar desliza na borda do tablado do cenário. Quase caio, mas inclino o corpo para a frente e consigo recuperar o equilíbrio a tempo. Calvin/Euci olha para cima, enfiando o celular na casaca. Ninguém reclama *com ele* por trazer o telefone para o estúdio.

— Tomada vinte e três! — grita Amon. — Darien, quero um pouco mais de Carmindor desta vez!

— Nunca é o suficiente... — murmuro, me alongando.

Estamos na ponte da nave, para uma das cenas mais importantes do filme. Mas agora a aparência é de um monte de tábuas de compensado com luzes piscantes e uma tela verde gigante atrás de mim. O cenário todo vai ser acrescentado, posteriormente, na edição.

Assumimos as posições na parte mais distante do cenário. Consigo reproduzir esses passos de olhos fechados. Calvin salta para a frente e para trás, com as luzes da câmera reluzindo na testa brilhosa de Euci.

— Tudo tranquilo? — pergunta ele.

— Tudo — respondo.

Não trocamos mais do que algumas palavras desde que chegamos ao estúdio, mas acho que também não seríamos amigos na vida real. Ele é do tipo que gosta de esportes. Começou a carreira num seriado para a TV aberta, depois migrou para Hollywood. E ele é mais velho, tem quase trinta anos.

— Por quê?

Ele parece indiferente.

— Só para ter certeza de que isto não é demais para você.

Olho confuso para ele.

— Já que sua vida é tão fácil — continua, ajeitando as luvas sem dedo. — Mamãe rica, papai bem relacionado... Ah, qual é, isso não é nenhum segredo.

— Eu... — Quase gaguejo ao responder. — Olha, eu não sou meus pais.

— Eu sei, você é apenas o maior investimento deles. Certo? — Ele dá de ombros. — Olha, não se preocupa. Depois que esta droga aqui fracassar, você poderá voltar a pegar papéis dentro do seu padrão.

Quero responder, mas fico sem palavras. Não sei o que dizer. Será que ele está certo? Será que o Carmindor está muito acima do meu padrão?

— Pronto, vamos começar! — comanda Amon, gesticulando.

Deixa isso pra lá. Se concentra em atuar. Tento esquecer o que ele disse, mas Calvin me dá um sorrisinho um tanto ameaçador que me deixa desconcertado.

Será que todo mundo pensa o mesmo? Que eu não batalhei para estar aqui, como todos os outros atores? Que minha vida é fácil porque minha mãe é uma socialite zilionária e meu pai é empresário? Ou será que Calvin está todo doído porque...

... porque eu sou o Carmindor. Agora entendi. Eu sou o Carmindor, e ele, não. Não faz diferença eu ter feito *teste* para o papel e ter sido *selecionado* pelo diretor de elenco, ou se ele é branco (e o Carmindor *definitivamente* não é). Talvez nada disso importe. Talvez Calvin Rolfe seja o tipo de pessoa que os fãs aceitariam como príncipe da Federação.

Começo a andar para trás, deslizando os pés pelo compensado de madeira do chão. Calvin avança, cada vez mais tenso, entrando no clima.

— E... VAI! — grita Amon.

Algo explode atrás de mim, levando metade da nave. São só luzes brilhando; os efeitos de fogo vão entrar depois. Calvin parte para cima de mim. Eu me desvio para a esquerda e aparo o gancho de direita, mas ele bota mais força no soco e me empurra. Caio no chão, mas me levanto depressa, tentando firmar os pés. Ele me agarra pelo colarinho. Seguro sua mão e a puxo.

Tento pegar a arma, mas sou lento demais. Ele bate com o ombro no meu peito, e caio no painel de controle. A nave inteira treme. Ele agarra meu pescoço e finge apertar. Um segundo, dois... Hum, acho que ele está apertando de verdade.

Santo estrangulamento, Batman, daqui a pouco vou...

— E... CORTA! — grita Amon.

Calvin me solta e dá um soquinho no meu ombro.

— Mandou bem na coreografia.

Esfrego o pescoço.

— Podia ter apertado menos, hein?

— Ah, mas aí não pareceria real, não acha? Você aguenta.

Amon gesticula pedindo que o pessoal arrume o cenário para recomeçar a cena, enquanto ele assiste à tomada num pequeno monitor.

— Ok, estamos indo bem. Euci... Quer dizer, Calvin, será que dá para parecer menos ameaçador? Você está no automático. Não sabe o que está fazendo. Os nox estão controlando sua mente.

— Pode deixar, chefe.

— E Darien — ele nem sequer me confunde com o príncipe da Federação, o que não pode ser um bom sinal —, dá para ser mais... — Ele balança as mãos em círculos. Um maquiador pula para o cenário e vem ajeitar o sangue falso na minha testa. — Mais *Carmindor*?

Pois é. Não foi um bom sinal. Coloco as mãos na cintura e faço que sim com a cabeça.

— É, pode deixar.

— Ok, ótimo. Pessoal, vamos tentar outra vez...

De repente, o telefone de Gail começa a tocar. Amon olha irritado para ela, que se atrapalha tentando silenciar o toque. Por que ela não simplesmente desliga? Gail atende à

ligação, sussurrando. E fica branca.

Isto está indo de mal a pior.

Ela pula da cadeira e vem correndo até mim, com a mão tapando o bocal do celular.

— É o Mark — sussurra, de olhos arregalados e balançando a cabeça. — Você virou notícia.

Pisco uma vez. Duas. Até que a ficha cai.

— Ai, *merda*.

— Ei, o que houve? — pergunta Amon.

— Eu, é... É uma emergência, foi mal — respondo.

O diretor levanta as mãos, irritado.

— Ok! — diz ele, de repente exausto. — Pausa de dez minutos, pessoal.

Ao som de uma sirene, a equipe do estúdio se dispersa, os contrarregras e técnicos de som tentam relaxar. Calvin esbarra no meu ombro quando passa por mim.

— Muito profissional, *Carmindor*.

Quando ele sai, Gail sussurra: *seu pai*, e me entrega o telefone. Claro. Respiro fundo e respondo.

— Mark?

— Quantos anos você tem, Darien? — pergunta ele, com uma voz tão fria e cortante que sinto um calafrio.

— Hã, bem... Dezoito, mas...

— Dezoito. Então você sabe ler?

— Sim, mas...

— Quando subiu ao terraço, reparou que na porta estava escrito “entrada proibida”?

Sinto meus ombros ficarem tensos. Eu me afasto de Gail para ela não ouvir os gritos dele.

— Sim, senhor.

— Que bom. Eu só queria me certificar disso antes de conversarmos, porque agora consigo medir o nível da sua idiotice.

— O que aconteceu? O que estão dizendo?

— E isso importa? Você tem que manter sua imagem, Darien. Você tem uma carreira. Não pode se comportar mais feito uma criança estúpida. — Ele fala a última frase mais devagar. — Entendeu?

Sei o que está querendo dizer com isso, posso ler nas entrelinhas. Tenho um papel a cumprir. A carreira pode até ser minha, mas não mando nela. Estou sentado de mãos atadas diante do volante da minha vida. Engulo em seco, abrindo e fechando os punhos. Os outros atores estão perto do bebedouro, rindo de algum comentário de Jess. Aposto que não levam bronca de seus empresários.

— Sim, senhor. Eu entendo.

— Ótimo. Porque estou quase demitindo essa sua assistente idiota e contratando alguém que saiba o que está fazendo.

Olho para Gail, sentada na minha cadeira, brincando com a tampa de uma garrafa de água.

— A culpa não é dela. É minha.

— Então é melhor não deixar isso acontecer de novo, ou eu mesmo vou até aí para vigiar você até o fim das filmagens.

— Está bem. A gente se fal...

Ele nem espera eu terminar antes de desligar. Aperto ENCERRAR mesmo assim e devolvo o celular para Gail.

— Sinto muito, Dare. O que ele disse?

— Ele... só me disse para tomar cuidado — minto, dando de ombros. Meu pai não vai demitir Gail, não enquanto eu puder impedir. — Está tudo bem. E você é uma assistente muito melhor que ele.

Gail fica quieta, sem saber bem o que dizer. Parece prestes a chorar.

Dou um apertão no ombro dela.

— Você merece um chefe melhor que o Mark...

Amon grita que o intervalo acabou. Estalo os dedos e volto para o set, mais preparado que nunca para interpretar o príncipe da Federação. Porque ser Carmindor significa que não preciso ser eu mesmo.



“E, FALANDO DE assuntos mais chocantes, o mais novo queridinho de Hollywood passou por apuros hoje de manhã, quando foi descoberto trancado na área externa do terraço do hotel...”, diz a voz no rádio, num tom de voz monótono, enquanto Hera estaciona a Abóbora na frente da casa dela.

Eu nunca imaginaria encontrar no porão daquela casa tradicional de subúrbio um templo dedicado ao punk rock eletrônico. Devo ter passado de bicicleta na frente dela umas cem vezes a caminho do trabalho, mas nunca suspeitei que Hera morasse ali. É tão... *disfarçado*.

Hera desliga o rádio e sai do food truck.

— Sério, não precisa fazer isso. Ainda dá tempo de cair fora...

— Elle. — Ela dá a volta na Abóbora e enfia a mão pela janela, ao lado do meu assento. — Fuja comigo para o porão distante, onde haveremos de costurar seu capacete estrelado.

Não saio do lugar, então ela abre a porta do passageiro, me puxa pela bolsa até a casa e abre a porta da frente. Lá dentro, ela me leva para um porão todo decorado e estranhamente aconchegante, com puffes, uma pilha de discos e um suporte torto para TV. A parede é cheia de pôsteres, uns de modelos com roupas supercoloridas — algumas reconheço das revistas que ela lê —, mas a maioria do David Bowie. O rei dos duendes me encara com aquele olhar sexy enquanto afundo num pufe verde, que solta um sibilo leve se ajustando ao meu corpo. O pufe está empoeirado e tem cheiro de bola de pano velha que passou tempo demais sendo chutada de um lado para outro.

— Muito bem, quero a verdade dos fatos — diz Hera. — O que eu preciso saber?

— Hã... — Não entendi muito bem o que ela quer. — Sobre costurar?

— Sobre o seriado! Conta para mim os detalhes sórdidos!

— Sério?

— Sério, claro. Se tenho que costurar sua fantasia, quero fazer direito.

— É que são cinquenta e quatro episódios.

— Então é bom começar do primeiro — sugere ela, ligando a TV.

— A gente não vai costurar?

Faltam pouco mais de duas semanas para a convenção, e, por mais que seja ótimo ter ajuda, não estou muito confiante de que Hera vá ficar nessa até o fim.

— É, mas não consigo costurar sem a TV ligada. É muito chato. — Ela desdobra a casaca e a sacode. — Você cuida do capacete, capitã, que vou começar a trabalhar na

nossa obra-prima.

Fico meio desconfortável, sem saber o que fazer.

— Elle? — Hera olha para mim.

É que nunca apresentei *Starfield* para ninguém. Só conversei sobre isso com meu pai e com as pessoas que conheci na internet, que comentam no *Artilharia rebelde*, mas nunca falei disso ao vivo. Começo a sentir um arrepio na espinha, como se a *Prospero* estivesse preparando os motores para entrar na velocidade da luz, rumo a um destino desconhecido. Pego o controle remoto do chão.

— Na verdade, é melhor começar nossa aula pelo episódio 3. Aí voltamos para o 1, depois vamos para o 12, depois o 22 e...

— Ué, por quê?

Pisco, confusa. Ah, sim. Esqueci que estou falando com uma *futura* fã, que não conhece o universo da série ainda. Preciso explicar as regras do jogo.

— O seriado não foi feito para uma emissora específica, então os escritores não seguiram uma história linear. As coisas iam acontecendo na hora que eles queriam. Mas nós vamos assistir na ordem cronológica.

Hera dá risada.

— Certo! Vou fingir que entendi.

Ela vai até a mesa de trabalho, num canto, e pega uma cesta de ferramentas. Reparo, muito aliviada, que ali tem uma máquina de costura. Procuro na internet até encontrar a série. Seleciono o episódio e engatinho de volta para o trono verde e macio, esperando pelos créditos de abertura. Não consigo deixar de olhar para Hera mexendo na casaca do meu pai.

Ela toca o tecido com tanta delicadeza, como se cada fio fosse de seda pura, traçando os dedos pelas linhas de costura como se conhecesse aquela casaca tão bem quanto eu. A cauda engomada já não está mais dura, e o colarinho está desfiando um pouco, mas mesmo assim ela estica o tecido para medir o corte.

— Muito bem, levanta. — Ela gesticula para que eu fique de pé.

Aperto o botão PAUSE e me levanto do pufe. Hera balança a cabeça e começa a me rodear, erguendo meus braços e tirando todas as medidas possíveis e imagináveis da cintura até o pescoço. Quando acaba, vira a roupa do avesso, faz marcações com giz e prende alguns alfinetes. Depois disso, bota a casaca no chão, pega uma tesoura da cesta e posiciona a lâmina no traço de giz. Seu rosto parece tranquilo e concentrado; a expressão de um serial killer sem qualquer traço de humanidade arruinando algo belo e...

— Para! — grito. — O que você está fazendo?

Ela me olha de canto de olho.

— As alterações, Elle.

— Mas você vai cortar o tecido!

— Para fazer as alterações.

— Mas...

Ela solta um suspiro.

— Olha, você quer que a roupa caiba em você ou não? Eu já disse, não dá para simplesmente ajustar a bainha. Tem que abrir as costuras e tirar o excesso. Ou eu paro e você tenta ganhar o concurso só com a nostalgia ou vamos tentar conquistar essa vitória juntas.

Hesito, olhando para ela e para a casaca. Talvez Hera esteja certa. Contraio os lábios e faço que sim, autorizando Hera a seguir em frente e cortar a costura perfeita que minha mãe fez tantos anos atrás. Fico olhando Hera desmanchar a história dos meus pais, fio por fio, enquanto os créditos de abertura de *Starfield* começam a subir na tela.

No meio do terceiro episódio, ouço uma voz rouca chamando lá de cima.

— Hera? Você está aí embaixo?

— Estou, mãe! — responde ela, e ouvimos passos descendo a escada.

Não digo nada, já que estou presa na casaca com uma floresta de alfinetes impedindo que eu me mova um milímetro sequer.

Uma mulher de cabelo grisalho chega ao porão. Ela parece tão surpresa com minha presença quanto estou com a dela, mas logo abre um sorriso caloroso.

— Ah, nossa! Ele, não é?

— Oi, sra. Graven.

— Ah, por favor, pode me chamar de Wynona. — Ela estende a mão para me cumprimentar. — Sou a mãe de Hera.

— Acho que ela já tinha imaginado isso, já que foi contratada por você — comenta Hera, cruzando os braços.

— Ela podia ter pensado que sou sua irmã. — A mãe de Hera se inclina na minha direção com um sorriso zombeteiro. — Ainda pedem minha identidade nos bares, sabe. — Hera revira os olhos. — E não se engane, minha filha tem um coração mole por baixo de toda essa maquiagem e desse cabelo doido.

— Mãe! — reclama Hera. — *Para*. Estamos ocupadas.

— Está bem. Ele, você vai ficar para o jantar? — pergunta ela, com um sorrisinho. — Hoje vai ter bife de glúten!

Olho para o relógio e solto um palavrão. Como assim já são oito e meia da noite? Eu me levanto de repente e começo a recolher a fantasia.

— Tenho que ir para casa... Foi mal, tenho hora para chegar.

Hera sacode a mão.

— Deixa a fantasia aqui. E cuidado, ainda tem alfinetes no ombro! — diz ela quando pego a casaca, mas dou um gritinho de dor. Deixo a fantasia cair, colocando o dedo espetado na boca. Hera me lança um olhar paciente. — Eu avisei.

Hesito, olhando para a casaca.

— Fica tranquila, minha querida — comenta a mãe de Hera, sorrindo. — Ninguém cuidaria melhor dessa roupa.

Concordo e pego a bolsa vazia.

— Tá bem.

Subimos a escada do porão. Um cheiro doce emana da cozinha, fazendo meu estômago roncar de fome. Nada na casa Wittimer tem um cheiro tão suculento quanto esse bife de glúten. Deve ser porque tempero os jantares lá em casa com lágrimas, pensando nos carboidratos que nunca vamos comer.

Hera me leva até a porta, e sua mãe grita da cozinha:

— Foi um prazer, Ele! Volte sempre!

— Ela volta amanhã! — grita Hera, e me acompanha até a porta. — Foi mal. Minha mãe sempre se mete em tudo.

— Ela é maneira.

— Isso porque você não mora aqui. Tem certeza de que não quer uma carona?

Balanço a cabeça, pensando em Catherine e em Giorgio, que odeiam o motor barulhento da Abóbora.

— Não precisa, a noite está ótima. Vou aproveitar para dar uma caminhada. Mas... Bem... Obrigada.

— Você que sabe.

Ela bate continência, então desço a escada da varanda e vou em direção à esquina. Depois de alguns passos, percebo que estou sorrindo. Pela primeira vez, estou ansiosa para o dia seguinte. E olha que não consigo me lembrar de ficar ansiosa esperando alguma coisa desde o aniversário de vinte e cinco anos de *Starfield*, há dois anos. E ainda assim só fiquei ansiosa para assistir à gravação, duas semanas depois de passar na TV, quando Catherine e as gêmeas decidiram viajar para esquiar.

Mas agora é diferente. É algo que eu posso controlar. Uma *alegria* que eu posso controlar. Uma alegria só minha. Não tinha percebido que isso ainda poderia acontecer comigo. Não lembrava que o universo ainda era capaz de proporcionar essa sensação. Sempre pensei que, quando meu pai morreu, essa possibilidade tinha ido para outro universo — um universo paralelo onde ele ainda estivesse vivo.

— Ei! — É Hera, gritando da varanda de casa. — Elle! Quando é mesmo o concurso?

— Sexta-feira, daqui a duas semanas. Acha que... — Pigarreio. — Acha que dá tempo?

— Quinze dias? — Ela hesita por um bom tempo, mas então ergue o polegar. — Tá brincando? Nada é impossível para mim.



PASSAMOS DEZ HORAS seguidas filmando, isso sem contar as duas horas de maquiagem e o tempo esperando Calvin acertar a droga das falas (talvez seja mesmo mais difícil falar com os dentes de tubarão de Euci, mas ele não foi obrigado a aceitar o papel, então não fico com pena).

Quando o diretor finalmente decreta as gravações encerradas por hoje, Calvin se livra da casaca tão rápido que o assistente de figurino nem tem tempo de pegá-la, e a roupa cai no chão sujo. Ele pula da plataforma, arrancando os dentes afiados da boca. Credo, não podia pelo menos esperar até chegar ao trailer?

Gail sobe depressa no tablado, enfiando a mão no bolso da jaqueta.

— Esse negócio não para de vibrar. Quem é que quer tanto falar com você?

— Sei lá. — Desbloqueio o telefone, e uma torrente de mensagens azuis enche a tela.

Elle 18h42

— Estou apresentando *Starfield* para uma amiga.

— Isso vai ser irado.

— Vou contando tudo pra você.

Elle 19h02

— Ontem ela não pareceu muito impressionada.

— Não parava de perguntar "o que é um capacitor de fluxo solar, e por que esse negócio está quebrado?".

— Aff, terráqueos.

Nem percebi, mas estou sorrindo. *Terráqueos* é como as pessoas das estrelas chamam as que preferem viver num planeta. Que ficam no mesmo lugar para sempre, presas ao seu mundinho. É como chamar uma pessoa de trouxa no mundo do Harry Potter.

Continuo rolando a tela. Tem tantas mensagens. Ela escreveu um testamento.

Elle 19h32

— HOJE foi o quinto episódio. Não teve tantas perguntas.

— Ela achou que os cotocos de chifre do general pareciam um par de peitos colado na cabeça.

— Ai, ai, Carmindor.

— Até que parecem mesmo.

— Hum...

— (Eu sei que você deve estar ocupado, mas tenho que compartilhar com alguém ou vou explodir.)

Elle 19h35

— Pausa para o banheiro. Aliás, coloco o episódio 6 ou pulo logo para o 10?

— Vou pular para o 10, está decidido.

Elle 20h10

— MELHOR IDEIA QUE EU JÁ TIVE.

— E é o episódio em que o Carmindor aparece tomando banho.

— Digo, não estou falando de você. Mas você com certeza toma banho também.

— E não que eu ache horrível pensar em você no banho.

— Só estou dizendo que é aquele episódio em que o outro Carmindor aparece todo sexy debaixo do chuveiro.

— Não que VOCÊ não seja sexy...

— Aff, vou calar a boca.

E assim acabam as mensagens, mas estou sorrindo tanto que minha bochecha começa a doer. De repente, não estou mais tão infeliz pelo drama de Calvin, o Melhor que Darien.

— Você está sorrindo. O que aconteceu? — Gail fica na ponta dos pés para espiar as mensagens, mas desligo a tela e enfio o celular no bolso antes que ela consiga ler alguém falando de mim no chuveiro. — É aquela garota de *Seaside*?

— Não. Só uma pessoa que eu conheci.

— Conheceu onde? — Gail ergue as sobrancelhas. — É uma pessoa aleatória? Você não acha que ela pode ser...

— Não é ela quem está vazando as cenas. Vou trocar de roupa.

Saio do estúdio a caminho do trailer com Gail no meu calçado, fazendo mais perguntas. A noite está quente e abafada. Uma garota grita meu nome, do outro lado da cerca de metal.

— Eu te amo, Darien! Olha para cá! Darien!

Eu olho, colocando a máscara de Darien Freeman, e dou tchauzinho. As meninas dão gritinhos.

— Não mexe com as fãs — reclama Gail.

— Só estou dando oi. Não posso fazer isso?

Ela dá um sorriso forçado para as fãs e responde, entre dentes:

— Não sem o seu guarda-costas.

— Sua desmancha-prazeres.

Quando chego ao trailer, vejo Nick, o figurinista, resmungando, irritado, enquanto bate a poeira do figurino de Calvin. Claro, Calvin tinha que deixar Nick de mau humor logo agora que preciso contar que estou com um botão quase caindo da casaca. O mesmo

botão. Mais uma vez.

— Tenho que me preocupar com essa garota? — pergunta Gail, me seguindo até as araras.

Resolvo esperar até amanhã para falar do botão. Vou fingir que não tinha reparado. Afinal, eu sou um ator, não sou?

— Acho que não. — Tiro a casaca e pego um cabide.

Gail franze a testa, ainda desconfiada.

— Como vocês se conheceram?

Dou de ombros.

— Na internet. — O que é mais ou menos verdade.

— Darien!

— O que foi? Está tranquilo.

— Não está, *não* — retruca ela, enquanto penduro o figurino debaixo da plaquinha que diz FREEMAN, D. — Você não conhece essa garota.

— Ela é legal, engraçada e atenciosa. — Solto a gola mandarin da camisa e começo a desabotoá-la, colocando-a para fora da calça enquanto penso na Elle. — E é bem sincera. Para falar a verdade, acho que conheço essa menina muito bem.

— Vocês falam sobre... — Ela gesticula, indicando o lugar onde estamos.

— O trailer de figurinos? — Gail me encara, impassível, e eu abro um sorriso. — É brincadeira. Eu entendi, e não. Ela não sabe que eu sou *eu*, se é isso que você quer saber.

— Então você está mentindo para ela?

— Não estou *mentindo* — respondo, depressa. Mas será que não? — Ela só... Ela só pressupôs que eu fosse... Sei lá, *normal*. E eu não queria corrigir... Ah, não me olha assim.

Mas Gail continua me olhando com desaprovação, como se fosse minha mãe ou coisa parecida. Se bem que nunca vi minha mãe fazendo isso, então não sei se mães olham assim para os filhos, mas imagino que sim. Tiro a camisa; meus braços estão doloridos de tanto empunhar uma espada.

— Vou contar para ela. Quer dizer, algum dia. Só queria ser tratado como uma pessoa normal um pouquinho.

— Nossa, um ator famoso, com seguro para o abdome, querendo ser *normal*. — Gail revira os olhos. — Não tem jeito, Dare.

— Vou contar para ela. Quando tiver oportunidade, sabe... Naturalmente.

— Não. Você precisa acabar com esse relacionamento.

— Acabar? — Quase deixo cair a blusa, surpreso. — Por quê? Não é justo!

— Não me importa. É para o seu próprio bem, e você sabe disso. — Ela olha de volta para mim, quase conseguindo manter uma expressão rigorosa.

— E você é o quê? Minha mãe? Não pode escolher meus amigos.

Gail hesita um pouco, mas responde:

— Se não for eu, vai ser o Mark. Dare... — A voz dela falha. — Só não quero mais problemas, entende? Chega de fotos. Chega de...

— Eu *sei*. Eu sei, eu sei.

Eu me sinto horrível fazendo Gail bancar a ditadora. Ela não gosta de agir assim, e é um sacrifício manter essa atitude. E sei que está certa, que o que estou fazendo é idiota e perigoso e não pode durar muito.

Mas, por outro lado... tem a Elle.

— Bom — murmura ela, mais para si mesma do que para mim, e confere o celular outra vez. — Lonny vai buscar você no portão principal. Não deixe sua segurança esperando.

— É, entendi... Espera, ele vai *me* buscar? E você?

Gail faz uma careta e fica vermelha.

— Ah, eu... Eu vou, é... sair... e...

— Você tem um encontro! Você tem um encontro e está me dispensando!

— Shhh! — Ela tapa minha boca.

Se Mark descobrir que ela está saindo com alguém no meio das filmagens, vai pirar. Não que ela não possa, mas deve evitar enquanto estou em algum trabalho importante.

— Não fala isso alto!

Afasto a mão dela, sorrindo.

— É aquele cara que comanda os técnicos, não é? — Ela fica muito vermelha, e eu começo a rir. — É ele! Sua traidora!

— Cala a boca! Não quero ouvir nem uma palavra, ou...

— Ei, tenho uma proposta. — Pego o celular do bolso e estendo a mão para ela. — Eu não deduro você para o Mark, e você não me dedura.

Ergo as sobrancelhas, incentivando, e Gail mordisca o lábio, tentando escolher de que lado ficar. Bem, parece que, seja lá quem for esse cara, ele vale a pena, porque Gail enfim cede.

— Isso é uma péssima ideia — responde ela, com um suspiro. — Mas está bem.

Depois de reforçar para mim o cronograma da noite, Gail avisa a Nick que ainda estou no trailer e sai. *Traidora*.

Antes que eu me dê conta, Nick vem correndo.

— Não dá para simplesmente *pendurar* essas coisas! — reclama ele, numa voz bem aguda, considerando seu físico robusto. — E onde está a roupa? Não está toda suja, está?

Ele arranca a casaca das minhas mãos e a estende no braço. Ao reparar no botão quase caindo, seu bigode tremelica.

— Engordou, foi?

— Não — respondo, tirando a calça, na defensiva. — Quer dizer, não é culpa minha se eu tiver engordado, né. Com toda essa proteína.

— Hunf. — Ele me olha de cima a baixo, como se olhasse para um pedaço de carne, e dá meia-volta.

Deve estar indo para a mesa de costura, para consertar a casaca.

Visto minha roupa normal — bermuda, uma camiseta com a frase APONTAR PARA AS ESTRELAS. MIRAR. DISPARAR. e um moletom com capuz — e saio antes que ele repare na barra da minha calça suja de lama.

Lá fora, as garotas me chamam de novo, mas escondo a cabeça no capuz e sigo para o portão principal, onde um pequeno grupo de fãs está reunido, com fotos e blusas com os dizeres EU  DARIEN.

Enquanto espero Lonny chegar, pego o telefone no bolso da bermuda. As mensagens de Elle iluminam a noite ao meu redor. A última foi enviada três horas atrás. Ela deve estar morta de vergonha. Abro o teclado e tento pensar em uma resposta sagaz.

Quer dizer que você tem pensado bastante nos meus banhos?

Não. Não posso dizer uma coisa dessas. Apago.

Pode ter certeza de que o Carmindor ficaria com inveja de MIM, se me visse tomando banho.

Aff, não. Apago tudo enquanto vou andando até o portão. Mais algumas respostas passam pela minha cabeça, algumas inclusive envolvendo os banhos dela. O que é meio idiota, porque não faço a menor ideia de como ela é, onde mora ou mesmo quantos anos tem. Não sei nem como é o rosto dela. Acho que sempre a imaginei como a princesa Amara.

Quando chego ao portão, meu cérebro finalmente consegue juntar algumas palavras, e digito uma mensagem de que não vou me arrepender amanhã de manhã.

23h13

— Fico feliz por você pensar em mim.

É meio bobo e sem graça, mas é alguma coisa. E saiu na hora certa, porque assim que levanto a cabeça vejo o carro enorme de Lonny diante do portão.

— E aí, chefe — cumprimenta ele, balançando a cabeça discretamente.

— E aí.

Ficamos em silêncio, exceto pelo murmúrio de algum programa de rádio. Assim que guardo o celular no bolso, ouço o doce apito da resposta de Elle. Nossa, ela ainda está acordada.

— Namorada?

Olho para Lonny, surpreso. Ele continua inexpressivo como sempre, parece que foi treinado para não deixar transparecer qualquer emoção. Não sei muito bem o que responder, então pego o celular e desbloqueio a tela, que ilumina meu rosto.

Elle 23h13

— Para falar a verdade, eu penso bastante em você.

Bloqueio a tela outra vez. Devo parecer meio constrangido, ou pelo menos um pouco perturbado, porque vejo Lonny erguer as sobrancelhas no retrovisor.

— Foi o que pensei. — Ele se endireita ao volante. — Ela vale a pena?

Não sei por quê, mas não consigo mentir para ele.

— Vale. Vale, sim.

Ele assente.

— Não se preocupe, chefe. Seu segredo está bem guardado.

Avançamos pela noite, e leio o texto de Elle outra vez. Talvez não seja má ideia tomar um banho. Frio.



NA ÚLTIMA SEMANA, aperfeiçoei minha técnica de entrar escondida em casa. Hoje estou chegando quase às nove, raspando no meu horário limite. Parece que é complicado costurar a parte do ombro, e Hera me fez vestir a casaca várias vezes para ajustar e reajustar os alfinetes, deixando a silhueta certinha. Tá bom, pode ser que a gente tenha se distraído um pouco vendo *Starfield*. Mas ainda temos sete dias pela frente — isso se eu não me meter em mais problemas.

Catherine, sentada no sofá, olha feio para mim assim que entro em casa. Seus olhos escuros me seguem pelo corredor. Ela segura uma taça de vinho e está com uma edição de casamentos da *Vogue* aberta no colo.

— Onde você estava? — pergunta, a voz tranquila, quando já estou quase na escada. — Tive que pedir para as meninas limparem o sótão, porque você tinha sumido.

— Eu estava ajudando a limpar o food truck, que nem ontem. — Só quero me teletransportar para o quarto.

— Ainda?

— Sim. E amanhã tem mais. — Tenho servido um rodízio de mentiras. — É o padrão de limpeza exigido pela vigilância sanitária, sabe.

Ela bebe um gole do vinho.

— Eu disse que aquele era um péssimo local de trabalho. No clube, você não precisaria fazer esse tipo de coisa.

Abro um sorriso falso.

— Ah, eu não ligo.

E corro para a escada. Quando passo pelo quarto das gêmeas, a porta se abre.

— Ei, mané, pode nos ajudar rapidinho?

É a Chloe, com um sorriso muito simpático. Como um gato sorrindo para um canário.

— Não precisa, a gente dá um jeito! — grita Cal, dentro do quarto. A voz dela soa estranha. — Não precisamos de ajuda!

— Cala a boca! — retruca Chloe para a irmã, e se vira de volta para mim. — Já que você não se deu ao trabalho, tivemos que passar a eternidade limpando o sótão. Mas pelo menos valeu a pena. *Muito*. E *finalmente* temos alguma coisa para usar naquele concurso idiota.

Franzo a testa.

— Vocês vão competir? — Tento não dar risada, tento mesmo. — Ah, Chloe, qual é. Você nem vê *Starfield*!

Ela dá um sorriso malicioso.

— E é por isso que queremos sua opinião sobre a fantasia.

Ah, isso vai ser bom. Catherine não daria dinheiro para elas comprarem uma fantasia de qualidade no Etsy. Ela odeia *Starfield*, nunca apoiaria isso. Então *preciso* ver a monstruosidade de náilon e poliéster que elas compraram. Vou acabar logo com isso, para ir o quanto antes escrever sobre aquele idiota do Darien Freeman preso no terraço, coisa que até agora não tive tempo de fazer.

— Tá bom. Vocês vão de q...

Mas as palavras morrem na minha boca assim que entro no quarto.

Cal não consegue nem se virar para me olhar enquanto trança o cabelo, desesperada, de pé diante do espelho de corpo inteiro. Usando um lindo vestido de seda.

O vestido da minha mãe.

— O que você acha? — pergunta Chloe, sorrindo maliciosamente.

O que eu acho? Acho que meu coração não aguenta isso. Eu me lembro do tecido quando minha mãe girava, como se a galáxia estivesse se movendo, as estrelas reluzindo pela sala. Agora é um fantasma girando sem parar, dançando pela sala, com sapatos de salto alto, reluzentes como estrelas, batendo no chão de madeira no ritmo de um coração pulsante.

Chloe, indiferente, aponta para os pés de Cal.

— Os *meus* pés não entram nesses sapatos idiotas. Quem é que faz um sapato de vidro? Mas ficaram bem na Cal, não ficaram?

— Onde vocês... — Sinto o coração preso na garganta, um nó cada vez maior, me impedindo de respirar. — Onde vocês encontraram isso?

— Num baú cheio de tralhas — responde Chloe.

Aquelas palavras me cortam com uma dor tão intensa que recobrei os sentidos.

— Isso é o cosplay da minha mãe! Não é *tralha*!

Devia ser isso que ela queria que eu dissesse, porque abre um sorriso, parecendo feliz.

— Ah, então essa é uma das fantasias idiotas daquele seriado! Eu não disse, Cal?

— Só vamos precisar dele por uma semana — acrescenta Cal, como se isso melhorasse alguma coisa. — Depois a gente devolve.

— Mas não é seu!

Cal faz careta, e Chloe retruca, com escárnio:

— E também não é *seu*. Não tem seu nome escrito.

— Era da minha mãe!

— Era mesmo. — Chloe dá de ombros. — Assim como esta casa.

Fico boquiaberta, sentindo como se tivesse levado outro tapa.

— Mas... Mas Catherine não vai deixar vocês irem.

Chloe estala a língua.

— Sabe como é, talvez a gente tenha inventado um torneio de tênis fora da cidade. Cal vai participar do concurso, então vamos ganhar e depois gravar um vídeo quando encontrarmos o Darien Freeman. E isso vai bombar no vlog! Vamos ficar famosas. E nunca se sabe, né — continua, com o sorriso ainda maior —, pode ser que o Darien se apaixone por mim.

Cerro os punhos.

— Não vou deixar vocês irem. Vou contar para Catherine...

— E aí a gente conta por que você tem chegado tão tarde em casa. Anda fumando maconha ou sei lá o quê com aquela menina. Como é o nome dela? *Hera*.

— Como vocês...

— James viu você entrando na casa dela hoje à tarde. Quer dizer que você desistiu de vez dos homens? — Ela abre um sorriso maldoso, sabendo bem que aquelas palavras me cortam como uma faca. — E é ainda mais ridículo por ser *ela*.

— Chloe, chega — pede Cal, olhando para o chão.

— Não — responde a irmã, sem rodeios. — Ela ameaçou nos dedurar. Se ela contar, a gente também conta. Nós vamos para aquele concurso, Cal, vamos ganhar e conhecer o Darien, mesmo se tivermos que entrar nessa onda ridícula de *Star Wars*...

— *Starfield* — corrige Cal.

— Tanto faz. Vamos ganhar e conhecer o Darien Freeman, e vai ser perfeito. E não vou deixar uma ninguém como *você* arruinar isso.

Então ela bate a porta na minha cara, prendendo o vestido da minha mãe naquele quarto de pesadelos.

— Danielle! — grita Catherine, lá de baixo. — A louça!

Se eu contar para Catherine, sabe-se lá o que elas vão fazer com o vestido da minha mãe. Mas se eu não contar... O que acontece? Elas ganham. Talvez não vençam a competição, já que fazer um cosplay é muito mais que vestir uma fantasia, mas vão competir. Com o vestido da minha mãe.

Com os punhos fechados, as mãos tremendo, desço correndo para lavar a louça e guardar as sobras do jantar. Se eu não terminar de ajustar a casaca do meu pai, se eu não provar que um cosplay vai muito além da fantasia certa, elas vão ganhar. Talvez não vençam a competição, mas vão ganhar de mim. E não posso deixar isso acontecer. Não com o vestido da minha mãe.

Não na convenção do meu pai.

Não neste universo.



— DARIEN, MARK QUER falar com você — anuncia Gail, me entregando o seu celular. — Ele disse que está tentando ligar há dias.

Viro a página de *Batman*, ano um.

— Ah, então é ele quem está me ligando? Achei que fosse telemarketing ou...

— Darien — interrompe ela, naquele tom de “não me venha com essa”.

Fecho a revista com um suspiro e pego o celular.

— Oi, Mar...

— Quem você está namorando?

Fico boquiaberto.

— Hã, eu... — É uma pegadinha? — A Jess?

— Ah, que bom que você lembra.

— Claro que eu lem...

— Então *por que* a TMZ anunciou que você está traindo ela?

Olho para Gail, que está sentada na beira da cama, roendo a unha, sacudindo a perna com ansiedade. Será que ela contou? Ela não faria isso. Eu me endireito na poltrona.

— *O que foi?* — sussurra ela.

Estamos no meu belo e espaçoso quarto de hotel. Mas as paredes são finas como papel, e Jess está no quarto ao lado. Vamos filmar uma perseguição daqui a uma hora, e não quero que fique um clima estranho.

— *Mark sabe das mensagens* — respondo, formando as palavras com a boca, sem emitir som.

Ela fica pálida e balança a cabeça enquanto cochicha:

— *Não fui eu.*

Sei que não foi. Afinal, ela também está nas minhas mãos, graças ao técnico desconhecido. Será que foi o Lonny? Não, ele me parece um homem de palavra.

— Não tem ninguém. Deve ser só fofoca.

— Fofoca, é? — repete Mark. — Então por que várias fontes dizem que você não desgruda do celular?

Eu me preparo, imaginando que ele vai mandar Gail confiscar meu telefone ou coisa parecida. Só de pensar em parar de falar com Elle, sinto um vazio angustiante no peito.

Mas então ele ri, como se estivesse tentando quebrar a tensão.

— Você precisa tomar cuidado, garoto. Você é o rosto de *Starfield*. Vai ficar feio se parecer que está traindo sua colega de trabalho. Sabe o que você deveria fazer? — Ele vai

me dizer mesmo que eu não queira saber. — Deveria pedir para quem quer que seja esperar um pouco. Divirta-se um pouco com a Jess. Acabei de falar com o empresário dela, vamos marcar um encontro bacana para vocês dois, está bem? Hoje à noite, depois das filmagens. Que tal?

Fico um tempo em silêncio, olhando para meu celular no colo. Não falar com a Elle? Durante toda esta semana até o fim das filmagens? Até a ExcelsiCon? Uma semana não parece tanto tempo; e quando as gravações acabarem, meu relacionamento com a Jess acabará também, então poderemos seguir nosso caminho, mas...

Como se soubesse que estamos falando dela, uma mensagem aparece no meu celular. É Elle.

Elle 20h47

— Ah, não, Car.

— Ah, não.

— O vizinho tem um cachorro e eu fui lá fora dar comida para ele, porque ele fica latindo e...

— Ai, Car, é horrível. Odeio minha madrasta.

— Odeio muito.

— O vizinho vai levar o cachorro embora.

— Para um CANIL.

Deixo Mark falando sozinho por um minuto.

20h49

— Ai, que merda. Sinto muito.

Elle 20h49

— Car, não sei o que fazer.

— Não é culpa do Franco, ele é um fofo.

— Ela sempre consegue o que quer. SEMPRE.

— Eu nunca consigo reagir. Nunca.

Reagir. É, eu sei como é. Eu me sinto um inútil. Estou aqui, ouvindo Mark me dizer com quem posso ou não falar. Mas ele é o meu pai, deve saber o que é melhor para mim, certo? Os pais sempre sabem dessas coisas, não sabem?

— Darien? Você está ouvindo? — grita Mark ao telefone. — A ligação caiu? Você escutou o que eu disse? Esta porcaria de celular...

— Eu entendi, Mark — respondo.

— Sabia que você entenderia, meu camarada! — comemora ele, como se isso fosse um marco no nosso relacionamento. — E não se esqueça do encontro com a moça hoje à noite. Dê o melhor de si. Brilhe como sempre, está bem?

— Tá — respondo, depois desligo e olho para Gail. — Da próxima vez que ele ligar, diz que estou ocupado.

Gail fica preocupada.

— Darien, talvez ele esteja certo. É só uma semana... — Ela olha para o próprio celular, hesitante. — Quer dizer, é só fazer a vontade dele por uma semana e...

Meu celular vibra outra vez.

Elle 20h52

— *Não sei o que fazer.*

Olho de volta para Gail, que simplesmente ergue as mãos e volta para o sofá, para assistir ao noticiário, dizendo:

— Eu não vi nada.

20h52

— *Calma, vamos pensar.*

— *Você tem onde deixar o cachorro? Pelo menos por um tempo?*

Elle 20h52

— *Não tem lugar nenhum.*

— *Não sei o que fazer.*

20h52

— *E aquela sua amiga? Com quem você estava vendo Starfield...*

Elle 20h53

— *Você está me dizendo para ROUBAR o Franco??*

20h53

— *Estou dizendo para você começar a reagir.*

— *Às vezes temos que parar de imitar o Carmindor.*

— *Às vezes é melhor ser a Amara.*



PELO MENOS O franco gosta da Abóbora. Está enfiado ao lado da geladeira, o único lugar fresquinho aqui dentro. Cedemos aquele espaço para ele de coração aberto (ok, pelo menos eu estava de coração aberto, Hera não gostou muito da ideia). Nos dias quentes, Charleston sofre uma inundação de suor e mosquitos, e é completamente sufocante ficar presa dentro desta lata. É mais que sufocante: é *quente como o inferno*.

Eu me abano com uma espátula e encosto a bochecha no balcão de metal geladinho. Estou praticamente desmaiando de tanto calor quando me lembro de uma coisa. Dou um pulo e confiro a data no celular. De acordo com o frete mais caro que paguei, é hoje.

— Este cachorro-quente do Franco está recebendo mais atenção que a nossa comida — resmunga Hera, olhando feio para o cãozinho quando mais um turista vai embora todo derretido pela sua fofura.

Ele, por sua vez, olha para ela com aqueles olhos grandes e castanhos, a língua de fora. Hera faz uma careta, e eu faço carinho na cabeça dele.

— Sinto muito, garoto. Ela é imune ao seu charme.

— Não acredito que você roubou esse cachorro do vizinho. Acho que estamos violando um milhão de regras sanitárias.

— Um milhão e meio — acrescento, tirando uma porção de chips de batata-doce da fritadeira. Enfio um na boca, mas logo percebo meu erro. Começo a abanar a língua. — Ai, tá quente!

— Bem feito — resmunga Hera. Ela está usando uma bandana para não deixar o cabelo cair no rosto e já faz um tempo que masca um chiclete de tutti-frutti. — Então esse seu garoto misterioso convenceu você a roubar o cachorro? — pergunta, virando a página da última edição da *Vogue*.

— Ele não me *convenceu*. Eu já estava pensando em fazer isso. Mas ele disse uma coisa meio estranha... Disse que precisamos começar a reagir. O que ele quis dizer? Será que também tem uma pessimadrasta? Ou o quê?

Hera dá de ombros.

— Por que você não pergunta para ele?

Dou risada.

— Sem chances.

— Por quê?

— Porque ele não me conta nada de si mesmo. Acho que já foi muita sorte ter me dito isso. Quer dizer, quando não estamos falando sobre *Starfield* ou sobre a integridade do

capacitor de fluxo solar, nós só... Não sei. Falamos de mim. Não conversamos muito sobre ele. Acho que é muito reservado.

— Você acha, é?

Ainda parada na frente da fritadeira, olho para ela, que ergue as mãos, tirando o corpo fora. Franco late e balança o rabo.

— Viu? Franco concorda comigo. — Dou uma coçadinha atrás da orelha dele e olho outra vez para o celular. — Ei, posso pedir um favor?

— Já virei babá do seu cachorro até você encontrar um lar definitivo para ele — retruca Hera, sem emoção. — O que mais você poderia querer de mim, majestade?

Abro um sorriso inocente.

— Minha querida súdita, será que poderíamos ir até minha residência antes da faina desta noite no seu porão? As gêmeas não vão estar em casa e estou esperando uma encomenda pelo correio...

Hera dá um suspiro dramático, passando as páginas da revista sem olhar.

— *Imagino* que sim... — Então ela olha para mim e pergunta, erguendo a sobrancelha: — Que encomenda?

— Ingressos. Para a ExcelsiCon.

— Ingressos? No plural?

Fico um pouco corada.

— Ah... É. Achei que talvez você fosse querer ir... E é por minha conta. Porque você está trabalhando no cosplay e tudo mais...

— Mas é para o meu portfólio. Também vou ganhar com isso.

— Eu sei. É só que... Se você não quiser, não tem problema. — Eu me atrapalho para falar, torcendo as mãos. — Foi besteira minha não perguntar primeiro...

— Você tá de brincadeira? — Levanto o rosto e vejo que Hera está com um sorriso enorme no rosto. — Eu *adoraria* ir.

— Sério? — pergunto, surpresa.

— Sim! Parece irado!

Franco late outra vez.

Hera aponta para ele com o polegar.

— Viu, ele concorda! Valeu. Vai ser o máximo. Quer dizer, vamos ter que descobrir como chegar lá, porque minha mãe não me deixa sair da cidade com a Abóbora...

— Vamos de ônibus, tem um que sai às seis e meia da manhã. E na volta tem um que chega aqui às oito da noite.

Eu fui de bicicleta até a rodoviária de manhã cedo e comprei as passagens — que não podem ser trocadas nem reembolsadas! Com isso e os ingressos para a convenção, gastei quase todo o dinheiro que tinha guardado.

Hera dá risada.

— Ah, você já planejou tudo, não foi?

— Tive que planejar. É como naquele filme, *Uma saída de mestre*. Só que, no caso, o contrabando sou eu.

— Acho que parece mais com Sam e Frodo entrando escondidos em Mordor.

Eu a encaro, inexpressiva. E ela dá de ombros.

— Que foi? Eu nasci na Terra Média.

— Aragorn ou Boromir?

— Olha, eu gosto mais da Arwen. Se é que você me entende. — Ela dá uma piscadinha.

Abro um sorriso, mas então me lembro do que as gêmeas disseram sobre Hera e eu. O que me traz à mente aquela imagem terrível, que nunca vou poder apagar da memória, de Cal usando o vestido da minha mãe. Olho para os chips na fritadeira.

— Algo errado? — pergunta Hera. — Ah, meu Deus, não venha me dizer que você não pode ser amiga de uma lésbica.

— Quê? *Não!* — respondo, mais que depressa. — É só que... São as gêmeas. Elas também vão participar do concurso.

Hera fica surpresa.

— Não sabia que as gêmeas do inferno eram fãs de *Starfield*.

— Não são.

— Então como vão entrar?

— Elas... Bem... Encontraram uma fantasia. Um vestido. — Tento ser bem vaga. Não quero que Hera saiba que é o cosplay da minha mãe. Ainda não estou pronta para admitir isso. É como um corte de cabelo ruim, que a gente esconde com um gorro: se não pensar nele, é como se não tivesse acontecido. — E se nós não conseguirmos terminar a fantasia, aquelas duas vão ter chance de vencer. E não posso deixar que isso aconteça. Mas elas não podem saber que também vou concorrer. Porque vão contar para a minha madrastra, e aí vai estar tudo acabado.

Mas Hera não deixa o assunto morrer.

— Como elas *encontraram* uma fantasia? Vocês têm vários modelos espalhados pela casa?

— Não — respondo, baixinho. — Estava... Estava no sótão. Com as coisas dos meus pais.

Aos poucos, conforme Hera vai absorvendo as palavras, seus olhos vão ficando arregalados. Ela deixa a revista de lado e balança a cabeça.

— Ah, meu deus. Era da sua mãe, não era?

— Eu, é... — Começo a sentir um nó na garganta.

Não quero falar sobre o vestido da minha mãe, sobre as tramas de céu noturno do tecido.

Aquilo me traz uma dor que eu não sentia fazia oito anos, como um músculo que eu tinha esquecido que existia.

— Sério? — continua ela, já que não nego. — Elas vão usar a fantasia da sua mãe? Que droga! Por que você não faz alguma coisa?

— O que eu posso fazer, Hera? Se eu for falar com Catherine, elas vão destruir o vestido. E elas não podem saber que também vou participar do concurso, senão vão contar para a mãe, e aí não poderei ir. Não tenho como ganhar essa briga. *Nunca* vou ganhar delas.

— Mas você não pode deixar...

— Não vou deixar. Vamos participar do concurso. É *assim* que vou impedi-las.

Hera contrai os lábios.

— Então, tá. Vamos passar lá primeiro, depois seguimos para minha casa. *Ai, cachorro!* Respira mais baixo! Aff. Ele está babando *tudo*.

Dou um sorriso vendo a careta de Hera.

— Ele só faz isso porque ama você.

— Sei.

Ela olha feio para Franco e volta a ler a revista.

QUEM NUNCA ESTEVE na minha casa pode achar tudo meio... impactante. As casas históricas de Charleston costumam ser bonitas e elegantes. Os visitantes imaginam que todas são como as da Rainbow Row, pintadas em tons pastel para a temporada turística, alinhadas como a vitrine de uma loja de doces. Mas minha casa fica nos arredores do distrito histórico, e, embora seja velha demais para ser demolida, não chega a ser histórica. Então fica nesse limbo, com o telhado cheio de goteiras e a madeira rangendo.

Abro a porta e subo correndo. Hera fica impressionada com o hall, com o acabamento de madeira imaculado, com o lustre e a sala de estar reluzente de tão limpa. Pelo menos é o que chama atenção das amigas das gêmeas quando elas vêm aqui. Ficam impressionadas por tudo ser tão limpo, tão branco, tão...

— Nossa, é tão sem personalidade — comenta Hera, me seguindo escada acima.

Tento pensar no melhor lugar possível para esconder os ingressos da convenção. Na gaveta de calcinhas? Não, já guardei as passagens de ônibus e o dinheiro lá.

— Catherine gosta de tudo limpo — respondo.

Hera avança pelo corredor com Franco debaixo do braço como uma bola peluda. Catherine iria pirar se soubesse que um cachorro entrou em sua casinha impecável, o que me deixa ligeiramente satisfeita. Porque ela não sabe de tudo. Ela não consegue *controlar* tudo.

Hera observa as fotos de Catherine e das gêmeas, dando atenção especial às das gêmeas crianças. Ela inclina a cabeça para o lado.

— Cadê você na foto?

— Eu não estava nesse dia — respondo, olhando ao redor do meu quarto.

Debaixo do colchão? Não, quem sabe o que posso encontrar ali.

— Ei, esse é o quarto das gêmeas? O que tem duas camas?

— Sim.

Dou uma volta no meu quarto, procurando, procurando... até que paro diante do quadro com a planta da *Prospero*. Bingo. Tiro a moldura da parede e escondo os ingressos na parte de trás.

— Ei, humm... Franco precisa fazer xixi, então vou esperar lá fora.

— Mas eu já estou saindo!

— Relaxa, sem pressa!

Sacudo o quadro para ter certeza de que os ingressos não vão cair e o penduro de volta na parede. Não tem a menor chance de encontrarem isto aqui. Nem *eu* encontraria. Fecho a porta do quarto e vou correndo lá para baixo. Tranco a porta no exato instante em que Hera sai pela porta traseira da Abóbora, secando as mãos na calça.

— Franco fez as necessidades? — pergunto, me aproximando do food truck.

— Bem nas petúnias da sua madrastra. Para minha alegria. — Ela pula para o banco do motorista e vira a chave na ignição. O motor começa a roncar. — Ele não é tão ruim assim, sabe?

— Eu disse que você iria acabar gostando dele.

Ela ajusta o espelho retrovisor.

— Oi? Ah, sim.

Olho intrigada para Hera, que sai com o carro em direção à casa dela, em North Charleston.

— Tudo bem com você?

— Tudo ótimo, tranquilo. *Mas* preciso perguntar uma coisa. Aqueles trechos na casaca do Carmindor... Aqueles dois negocinhos... — Ela aponta para a própria manga, e sei exatamente do que está falando. As insígnias da Federação que indicam a classe e a modificação genética. As insígnias estelares. — Sua casaca não tem nada daquilo. E você não tem a coroa.

— É, não estavam no baú.

— Não dá para comprar na internet?

— Talvez as insígnias. Mas a coroa... — Dou de ombros, tentando lembrar os preços que encontrei no Etsy. — Acho que custa uma criança.

— Bem, meu primogênito já está prometido ao Senhor das Trevas, então que tal a gente mesmo tentar fazer?

— Fazer? — Acho que é uma piada, até perceber que só eu estou rindo. Pigarreio. — Não, não, acho que não dá.

Ela ultrapassa um carro popular indo devagar pela via expressa.

— Fala sério, Elle. Já estou costurando sua casaca. Posso fazer milagres. Não dá para pedir ajuda nos fóruns, ou algo do tipo? Todo fandom tem um fórum, não tem?

— É, tem alguns.

Ela ergue a sobrancelha escura que tem um piercing.

— Posso... tentar — cedo, por fim.

Ela me dá um soquinho animado no ombro, fazendo a Abóbora guinar para o lado.

— Eu sabia que você toparia!

— Ei, olha para a frente!

Com um sorriso enorme, Hera se vira de volta para o volante. Enfia a mão no bolso e pego o celular, mesmo sabendo que Car está trabalhando. Ele também vai estar na convenção, não vai? Estava tentando cancelar alguma coisa, mas talvez não tenha conseguido.

Será que há alguma chance de a gente se conhecer? Será que ele vai querer me encontrar? Mordisco o lábio, ansiosa. E se ele cair na real assim que me vir? E se ele olhar para mim e sair correndo para a Amara mais próxima em busca de apoio?

E se... caso a gente venha a se conhecer... ele não gostar de quem eu sou de verdade? É mais fácil sermos quem queremos ser quando não estamos tentando ser quem todo mundo pensa que somos. Mas por que eu me preocupo? Odeio me importar tanto com isso. Odeio ficar pensando em Car quando era para estar concentrada apenas em vencer o concurso.

Odeio estar me apaixonando por alguém que nem conheço.



— COMO O CAPACITOR de fluxo solar está atingindo um volume de massa crítico, eu não... Quer dizer, eu... *Merda*. — Calvin/Euci se afasta com os reluzentes dentes de tubarão. — Qual é mesmo minha fala?

Eu respondo antes mesmo do contrarregra:

— Como o capacitor de fluxo solar está atingindo um volume de massa crítico, eu não vejo outra solução, *vossa alteza*.

Calvin olha feio para mim.

— Não perguntei para você. Quer uma estrelinha por também saber as *minhas* falas?

Ignoro e ajusto o colarinho da casaca enquanto ele se recompõe. A assistente de direção balança a cabeça e sussurra algo para o diretor. Amon concorda e olha o relógio, depois sinaliza outra coisa para ela.

— Muito bem, vamos fazer uma pausa de uma hora para o jantar! — grita a assistente.

— E hoje é dia de churrasco! Cal, que tal repassar suas falas enquanto come?

— Tá, tá... — resmunga ele, saindo da plataforma do cenário.

Não dá para acreditar na velocidade com que os técnicos e contrarregras param o que estão fazendo e correm para a saída. Dou um suspiro, me sento na lateral da ponte falsa e começo a desabotoar o colarinho da casaca. O estúdio esvazia mais rápido que as arquibancadas do colégio no intervalo dos jogos de futebol americano.

Uma contrarregra vem me ajudar a tirar a casaca, mas digo a ela que consigo fazer isso sozinho. É uma mulher mais velha que eu, deve estar na faculdade, e este deve ser um estágio mal remunerado — ou voluntário mesmo. Ela aponta para a porta com o dedo.

— Você vai comer, pelo menos?

Abro um sorriso agradecido.

— Aham, vou daqui a pouco.

Depois que ela sai, enfio a mão no bolso da casaca e pego o celular. Estou ficando cada vez melhor em escondê-lo. Diminuí um pouco as mensagens, agora só nos intervalos, quando não tem ninguém olhando. É um saco, e me sinto muito mal por deixar Elle esperando. Mas pelo menos respondo quando dá.

Elle 15h02

— O segundo dia do cachorro-quente no trabalho foi ótimo.

— Ele é tão gordinho.

— [1 anexo]

Elle 16h21

— Acho que esta noite vou mostrar o ep da Amara para minha amiga.

— Para ela chorar bastante.

— Mas não sei se ela é capaz de chorar.

— Eu com certeza vou chorar litros.

— Talvez ela seja do tipo que chora toda vez que vê outra pessoa chorando.

Elle 18h32

— Você consegue imaginar o que teria acontecido se a Amara não tivesse salvado a vida dele?

Abro um sorriso, porque sei muito bem qual é a resposta para essa pergunta.

19h43

— Ele provavelmente teria morrido.

— E oi 😊 Foi mal não ter respondido antes.

— Levei uma bronca por mexer no celular no trabalho 😞

— Nossa, olha, é o Rei do Gelo fazendo sua especialidade: ser antissocial.

Jess quase me mata de susto. Enfio o celular no bolso e dou meia-volta, parando de frente para ela, que não está mais com o figurino, e sim com uma calça de ginástica e uma blusa sem manga, o cabelo escuro preso em um rabo de cavalo. E está segurando dois pratos de churrasco.

Ergo a sobrancelha.

— Um desses é para mim?

Ela dá uma risadinha e se senta ao meu lado.

— Só divido com pessoas *sociáveis*.

— Eu sou bem sociável.

— Não mesmo, meu amigo. — Ela me entrega um prato, ainda assim. — Como você vai *interagir com o público* se fica o dia todo sentado num canto mexendo no celular?

— Não é esse o meu trabalho — retruco, pegando o prato.

O cheiro está uma delícia. Ai, e ela se lembrou de não pegar pão nem nenhum outro carboidrato. Só proteína e folhas. Juro que nunca mais minto sobre meu vício no celular se eu puder comer só *um pedacinho* de pão.

— E meu talento não precisa de propaganda para se sustentar.

Jess me encara.

— Cuidado, seu ego está aparecendo.

— Não é fácil ser eu.

— Sei. — Ela balança as pernas, olhando para o estúdio. — Meu empresário está conversando com o pessoal de um projeto independente — comenta ela, depois de algum tempo.

— É mesmo? — pergunto, de boca cheia. — *Robre o uê?*

— Uma garota caipira que tem uma vida dupla como DJ. Eu li o roteiro, e é bom. *Muito* bom. Seria ótimo para *mim*.

— Você com certeza tem talento — digo, após engolir a comida. — Sabe, ninguém é melhor que você quando o assunto é correr de salto alto.

— Quer que eu enfie meu salto na sua barriga? — ameaça ela. Ergo as mãos em sinal de rendição. — O projeto é muito legal. É pequeno, mas parece maneiro. E eu sou perfeita para o papel principal.

Mas ela não parece muito feliz. Eu a encaro por um instante.

— E qual é o problema?

— É o *Starfield* — responde ela, sem rodeios.

— Não... Não entendi.

Ela solta um longo suspiro.

— O problema é esse *Starfield*. Tem um monte de seguidores, são tantos fãs que mais parece uma praga. Esses pistoleiros estelares. Se vierem todos assistir ao filme, fazer propaganda, aumentar os números de bilheteria...

Só então eu entendo.

— Se tiver sequências, você não vai poder pegar o papel.

— Eu teria um conflito de agendas. — Ela suspira. — Já tenho vinte e dois anos, Darien. E sou mulher. Sei que *você* ama isto aqui, mas minha carreira tem uma vida bem mais curta que a sua. Não posso perder três anos sendo uma princesa do espaço. Princesas do espaço não ganham Oscar. — Ela come um pouco, meio de má vontade, separando a vagem da carne, fazendo um biquinho.

— Que belo trampolim para a minha carreira. Talvez seja melhor torcer para dar errado... Ah, meu deus! — Ela olha para mim, arrependida, com os olhos arregalados. — Desculpa, Dare. Eu não quis dizer isso. Foi da boca para fora. Sei que é o papel dos seus sonhos. Foi mal mesmo. Eu sou uma idiota.

— Tudo bem. — Olho para o teto, observando as luzes laranja cada vez mais fracas. — Quando eu era mais novo, não me encaixava em lugar nenhum. Sempre me senti como uma peça de quebra-cabeça que ninguém sabe onde enfiar. Aí eu conheci *Starfield* e o fandom. — *E Brian*. — E foi a primeira vez que pensei: “Ei, o Carmindor parece comigo.” E agora eu posso *ser* o Carmindor. Mas e se eu não for bom o suficiente para interpretá-lo? E se o filme for um fracasso? E se for um fracasso *por culpa minha*? Acho que você não tem com o que se preocupar.

— É sério isso? Se aquele bando de almas penadas berrando todos os dias na porta do estúdio não serve de parâmetro...

— Não estou falando delas — interrompo, frustrado. — Estou falando dos fãs *de verdade*. É como você disse, parecem uma praga, e acho que não gostam muito de mim.

Jess inclina a cabeça.

— Você gosta de *Batman*, não gosta?

— Sou fã.

Ela mastiga lentamente um pedaço de carne. Já reparei que é assim que ela come, saboreando cada pedacinho, pouco a pouco, como um passarinho.

— E de quem você gosta mais, do Val Kilmer ou do Christian Bale?

Dou uma risada debochada.

— Ninguém em sã consciência gosta do Val Kil...
Ela faz um som de buzina com a boca.
— Isso quer dizer que você não é fã de verdade?
— O quê?
— Você gosta mais de um Batman que do outro. Mas de qual Batman os *fãs de verdade* gostam?
— Eu... — Percebo aonde ela quer chegar. — Eu acho que depende do fã.
Jess assente.
— Como atores, só podemos nos colocar no lugar de outra pessoa por um tempo e dar o nosso melhor. Somos instrumentos. Lemos as anotações nas páginas e as interpretamos.
Ela finge segurar um violino invisível, fecha os olhos delicadamente e começa a tocar uma música lenta e comovente, de olhos fechados, e eu fico imaginando se ela já tocou violino em alguma outra vida.
— Achei que você não ligasse muito — provoco. — Já que não é um filme digno de Oscar.
Ela para no meio de uma nota e deixa de lado o violino invisível.
— Não ligo. Mas é o que falei: somos uma orquestra. E, se você sair do tom, eu também fico mal na fita.
Mas ela nem consegue me olhar nos olhos.
— Admite, você gosta de ser a Amara.
Ela finge estar ofendida.
— *Nunca!*
— Jessica! — chama uma contrarregra, na porta, a voz ecoando no estúdio vazio. — Telefone!
Jess se levanta tão depressa que acho que ela devia estar esperando a ligação.
— Pelos fãs, certo? — pergunta ela, e corre para fora do estúdio, pegando o telefone com a moça ao sair.
Pego o meu também, me lembrando dos posts do *Artilharia rebelde*. De todos aqueles comentários cruéis na internet. Jess pode até vir com essa de orquestra, mas, se for esse o caso, eu sou o primeiro violinista... E vou ter que tocar encharcado de gasolina, segurando um fósforo aceso dado a mim pelos fãs, que querem me ver tocar enquanto pego fogo.
Tem mensagens novas, todas de Elle.

Elle 19h47

— Ah, não! Você está com problemas por minha culpa?

— Desculpa!

— Vou diminuir as mensagens, palavra de honra.

Mas também tem fãs como a Elle; *pessoas* como a Elle. Mesmo que no fim das contas ela não goste da minha versão do Carmindor, vou dar o meu melhor. Porque ela me instiga a melhorar sempre. Ela me faz querer tocar com todo o meu coração enquanto estou pegando fogo, tocar sem parar até as chamadas me consumirem.

19h49

— Shhh, deixa eles reclamarem.

— Prefiro que você dê sua palavra de que não vai parar nunca.

Elle 19h50

— Sério?

19h50

— Sério. Eu gosto de falar com você.

Elle 19h51

— Por quê?

— Dez minutos! — grita alguém, e dou um pulo.

Minhas mãos estão até tremendo um pouco segurando o telefone, doidas para digitar todas as coisas que estão passando pela minha cabeça. Antes que eu mude de ideia, começo a escrever a mensagem.

19h52

— Porque não consigo parar de pensar em você.

— Mas isso é loucura, né? A gente nem se conhece! Mas sinto como se nos conhecêssemos.

— ... Estou parecendo um idiota, né?

— Darien? — É o Amon chamando. — Cadê aquele garoto?

— Aqui! — Eu me levanto. — Estou indo!

Mas, antes de ir, dou uma última olhada no celular.

Elle 19h53

— Também quero conhecer você, Car.

— Queria que você estivesse aqui.

— Sério mesmo.

Sinto outro nó se formar na garganta. Porque eu também queria estar lá, sério mesmo, mas tem cem mil motivos para nunca funcionar. Seria impossível.

— Ei, herói da galáxia! — berra a coreógrafa de cenas de ação, do outro lado do estúdio, segurando uma armadura.

Enfio o celular num bolso interno da casaca de Carmindor, pensando em como explicar para Elle que ela não vai gostar nada de me conhecer.

LEVO MAIS DUAS horas para ser liberado. E com “liberado” quero dizer que me levam para correr no parque olímpico. Porque, ao que parece, quando se é um astro de cinema, você trabalha até quando não está trabalhando.

Lonny solta um resmungo atrás de mim.

— Tudo bem aí?

— Sim, por que não estaria? — Quer dizer, tirando o fato de que meu coração está martelando no peito, o que não tem nada a ver com esforço físico.

O parque olímpico fica bem no centro da cidade de Atlanta, mas o mundo parece mudo. O parque supostamente fecha à noite, mas o vigia noturno me deixou pular a cerca quando me reconheceu. Imagino que seja uma das vantagens de ter um rosto famoso. Ou um guarda-costas gigante. Só eu, minha respiração entrando e saindo dos pulmões e meus pés batendo no chão. É o que basta para tudo ficar claro e compreensível. É o que basta para me fazer querer contar a verdade para Elle — contar que eu também queria estar lá com ela. Mas não existe nenhum universo em que isso possa acontecer, não é mesmo? Só conheço uma forma possível de estar ao lado dela, e nunca vai ser suficiente.

Já faz mais de duas horas desde a última mensagem. Ela deve estar chateada porque não respondi. Ou está dormindo. Ou ambas as coisas.

Mas mesmo assim preciso tentar.

22h45

— *Tenho uma ideia.*

— *Vamos brincar de adivinhar.*

Meu guarda-costas me ultrapassa, tão rápido que sinto até um ventinho.

— Mas o quê....

— Muito lerdo! — grita Lonny, tomando a dianteira na pista de corrida.

Correr é a única parte da rotina de exercícios que me agrada, e não posso mais fazer isso sozinho. Fico muito surpreso por ainda poder fazer xixi sozinho, honestamente. Daqui a pouco Lonny vai começar a me seguir até o banheiro.

Nada de resposta. Digito outra mensagem.

22h46

— *Eu começo.*

— *Adivinha o que estou vendo. É bem grande.*

Por favor, responda, praticamente imploro. Depois de um tempinho, aparece ao lado do nome dela uma notificação de mensagem sendo digitada. A resposta chega com um bip suave.

Elle 22h46

— *Dentro ou fora de casa?*

22h46

— *Fora.*

Não preciso olhar para cima para saber que é uma noite de céu claro. A luz dos postes nem seriam necessárias, de tão iluminado que já está aqui fora. Na verdade, dá até para ver

a sombra do meu guarda-costas se aproximando por trás de mim. Parece muito a cena daquele filme de super-herói com aquele cara que usa escudo.

— Aqui na sua...

— Esquerda — digo de imediato, quando ele passa. — Exibido!

Elle 22h59

— Não sei. Uma nuvem?

— Isso é impossível.

— Como vou adivinhar se não estou aí perto para ver, Car?

22h59

— Tsc, tsc, tenha paciência!

— Não precisamos estar sempre no mesmo lugar para vermos a mesma coisa, padawan.

— Que sorriso é esse? — pergunta Lonny, quando passa de novo por mim. Aceno para ele.

— Ah, qual é! Vai parar de me fazer comer poeira?

Elle 23h01

— Continuo sem entender.

23h04

— Vou dar uma dica.

— Olhe para cima.

— Quando foi a última vez que você parou para fazer isso?

Olho para cima, imaginando que talvez ela esteja fazendo o mesmo.

Estrelas e mais estrelas até onde a vista alcança. O fundo, preto como tinta, está tão escuro que parece roxo, brilhando de glitter. Tantas estrelas, incandescentes, brancas, queimando como velas no céu escuro.

Estou adivinhando...

Elle 23h09

— É o céu?

23h09

— Não é APENAS o céu. É o MESMO céu.

E se nós dois estivermos olhando ao mesmo tempo, dá pra considerar que estamos mesmo tão distantes? Quais são as chances de estarmos no mesmo bloco de pedra giratório neste universo imenso?

— Aqui na esquerda! — grita meu guarda-costas, outra vez, desviando de mim ao passar. — Parece que você só tem duas velocidades: devagar e lento!

Olho feio para as costas dele.

— Como é que é?

Lonny dá meia-volta e começa a correr de costas.

— Então venha provar que estou errado, bonito.

É isso, *chega*.

Ele já me seguiu. Já tentou me peitar com aquele tom de voz sério e uma calma sobrenatural. Deu uma de Anjo Lamentador, me perseguindo em silêncio feito uma estátua desde que chegou. Mas o cabelo do Hades vai congelar antes que eu permita que ele fique me provocando desse jeito.

Enfio o celular no bolso e saio correndo atrás dele. Lonny começa a acelerar. Viramos na primeira curva, e minhas pernas começam a latejar. Vou chegando mais perto, um passo de cada vez, o coração batendo forte, quase saindo pela garganta.

— Aqui na sua esquerda! — grito, passando correndo por ele até a linha de chegada.

Desaceleramos até parar, com o corpo meio curvado e as mãos apoiadas nos joelhos. Inspiro com dificuldade, o peito dolorido. Acho que distendi o ego quando estava correndo.

— Ganhei — digo, sem fôlego.

Lonny começa a rir e, quando percebo como aquilo foi bom, dou risada também. Então faço careta, sentindo as costelas doerem.

— É isso aí, chefe! — comenta ele, alguns minutos depois, se esticando. — Se quiser ficar na frente tem que se esforçar muito.

Ele sacode os braços, girando a cabeça para a frente e para trás, alongando o pescoço e os ombros largos. Aproveito a oportunidade para pegar o celular. Nenhuma resposta.

Talvez Lonny esteja certo. Eu preciso mesmo me esforçar muito.

23h09

— *Elle, é verdade que a gente não sabe muito um sobre o outro, e é verdade que eu não estou aí e você não está aqui. Mas fico feliz por podermos dividir este céu.*

— *Talvez seja hora de nós dois começarmos a olhar para cima, ah'blena.*



AH'BLENA.

Dona do meu coração. Foi isso que Carmindor disse à Amara no último episódio. O episódio em que ela... Quando a Nebulosa Negra...

Apertando o celular, olho pela janela, para o céu límpido.

— Não estamos sozinhos — sussurro, degustando as palavras.

Se esse for o universo impossível, espero que esta noite traga impossibilidades boas.

Eu quero acreditar.

O BATTERY PARK já está fervilhando de turistas e de carruagens puxadas por cavalos quando chego, correndo, ao food truck. Hera está de avental, limpando a faca de cozinha nele e nem olha para mim quando entro. Ela hoje está com o cabelo preso por uma bandana de bolinhas e um batom roxo-escuro, quase preto.

— Ah, já estava quase começando a pensar que sua madrastra tinha feito picadinho de você para temperar a salada.

— Não, mas é só uma questão de tempo — respondo, jogando a bolsa num canto e pegando meu avental no cabide.

Amarro as tiras na cintura e enfio o cabelo para dentro de um boné da Abóbora Mágica.

— Meus amigos na internet disseram que dá para fazer a coroa usando um material chamado Wonderflex.

— Wonderflex?

— É. E vamos precisar de um soprador térmico. Pensando bem, acho que dá para usar um secador de cabelo.

— Imagino que sim.

Hera balança a cabeça, muito séria e preocupada. Franco, o cachorro-quente, está ao lado dela, sentado todo alegre numa caminha no balcão, balançando a cauda para os turistas. Uma menininha vem fazer carinho no pescoço dele, que dá uma lambida cheia de baba em sua mão. A garota sai correndo, aos berros.

Hera continua picando legumes. Ajusto o avental, dando mais nós nas faixas da cintura.

— A gente pode deixar a coroa pra lá. É que as pessoas levam essa coisa de cosplay a sério demais. Essas pessoas já fazem isso há tanto tempo, e somos só...

— Somos só o quê? — Hera para o que está fazendo e bota as mãos na cintura. —

Novatas? Porque, pelo que eu sei, Carmindor ainda não era nada quando sobreviveu à devastação de Brinx.

— Não dá para comparar um concurso de cosplay com a devastação de uma colônia.

Ela revira os olhos, ajustando as luvas de borracha.

— Você quer ganhar ou não?

Hesito, dando uma coçadinha atrás das orelhas de Franco.

— Vamos ficar parecendo posers.

— Ahn? Só porque não somos experientes? Agora todo mundo que tenta fazer alguma coisa pela primeira vez é poser? Ah, Elle, qual é, que bobagem.

— Mas e se... — Mordo o lábio enquanto jogo uma porção de bolinhos na fritadeira, ao lado dos chips de batata-doce. A massa mergulha no óleo quente e sibila como uma víbora. — Mas e se a gente for mesmo poser?

— Impossível. Você é a maior fã de *Starfield* que eu já vi na vida. E sabe do que mais, Elle? Você tem o direito de tentar coisas novas. Não tem problema querer experimentar. Você não quer viver outras experiências?

Viver. Quero viver tanta coisa. Quero ir à convenção. Quero fazer esse cosplay. Quero fingir que dentro de mim tem pelo menos uma fagulha de coragem, que sou como o Carmindor. Será que Car vai para a convenção? Será que ele também vai competir?

Então me dou conta de que não estou mais pensando no concurso.

— O que é que você quer, afinal?

Dou de ombros, fazendo uma leve careta.

— Quero... Quero uma coisa que não sei se posso ter.

— Tipo o quê?

Talvez seja hora de nós dois começarmos a olhar para cima, ah'blena.

Não sei como responder, então simplesmente dou de ombros, sacudindo a cesta cheia para que os chips de batata-doce que já estão fritos se soltem.

— Não quero falar sobre isso.

Hera dá de ombros e acena para mim, num gesto de quem já não aguenta mais.

— Tá bom, você que sabe.

Quando ela termina de picar os legumes, tira a casaca do Carmindor de debaixo do balcão, junto com uma almofadinha de alfinetes e linhas do mesmo tom de azul-escuro do tecido, depois passa a linha por uma agulha.

— É aquele cara, não é? O das mensagens.

— Não quero falar sobre isso — repito.

— Você nunca quer falar sobre nada! Ah, qual é? Se você não quer falar comigo, vai falar com quem? Por que você não confia em mim? Se solta! Reclama! Me conta da sua vida!

Pego o celular.

— É que...

— Eu não sou fã o suficiente? — pergunta ela, jogando a casaca no balcão. — É isso? Não atendi às suas expectativas de tiete? Por que você não quer ser minha ami...

— Porque isso não vai mudar nada! — respondo, me virando para olhar para ela. — Reclamar não vai mudar *nada*. Se eu contar o que quero, se disser que odeio minha família, que minha vida é um saco, que estou me apaixonando por alguém que nem conheço e que eu queria, ai, como eu queria, estar em outro universo... Que diferença vai

fazer?

Minha voz sai tão alta que os turistas do outro lado da rua se viram para olhar. Hera abre a boca, fecha de novo, abre outra vez... Parece um peixe fora d'água. De repente, ela olha para o balcão e para a caminha de cachorro cor de abóbora. Está vazia.

— Cadê aquele saco de pulgas?

— O quê? — Pisco.

Olho para todos os lados à procura de Franco. Que não está aqui. Nem a casaca.

Nós duas nos inclinamos para fora do balcão bem a tempo de ver um salsichinha marrom e gordo correndo por entre as pernas de uma família de turistas, com o tecido azul flutuando em seu rastro.

— Vou fritar aquele cachorro! — grita Hera, arrancando o avental.

Ela sai correndo, desvia de mim e abre a porta do food truck, gritando por Franco.

Nem me dou ao trabalho de tirar o avental também, só saio correndo atrás dela. Franco está com minha fantasia, e só Deus sabe o que vai fazer com ela.

— *Franco!*

A rua está abarrotada de gente, com carros sacolejando nos paralelepípedos e as carruagens a cavalo parando toda hora em frente às casas coloridas, para alegria dos turistas. Vejo muita gente, mas nem sinal de Franco. Como fui perder esse cachorro de vista?

Gritamos por ele, desviando da multidão diante das grandes casas coloniais com telhados ornamentados e varandas enormes. Todos se viram, olhando para nós como se fôssemos doidas. Duas garotas, uma delas usando um avental cor de abóbora com os dizeres DAQUI A POUCO EU VIRO ABÓBORA, a outra com uma saia de tule armada e lacinhos quadriculados, ambas correndo pela calçada como se perseguidas pelos nox.

Mas quando chegamos diante da Rainbow Row, o quarteirão com casinhas das cores do arco-íris, ele não está em lugar nenhum. Sinto um aperto no peito.

— Ah, não. Ah, não, não, não, não...

— Ei, vira-lata! Saco de pulgas! — chama Hera. — Barrilzinho! Gorducho!

— Isso não vai ajudar.

Ela dá de ombros.

— Ele atendeu ontem à noite, quando gritei “monstrinho”... Ah, ali!

Ela balança a cabeça para uma rua lateral, e vejo um borrãozinho gordo que poderia ser Franco virando a esquina. Pelo menos espero que seja. Como é que um cachorro tão gordo pode ser tão rápido? Ela segura meu braço e me puxa, correndo outra vez, mas tropeça num carrinho de bebê e perde o equilíbrio. Vou na frente, entrando no beco de paralelepípedos... E meu pior pesadelo vira realidade.

Franco está sentado, abanando o rabinho alegremente, e Calliope Wittimer em pessoa está fazendo carinho em suas orelhas. E ela está segurando a casaca do meu pai.

— Ah! — Ela olha para cima, por trás de mechas soltas de uma trança frouxa, e se levanta depressa. — Elle.

— Cal? O que você... — Dou uma olhada para a casaca, que ela sabe que é minha. — Você não devia estar no clube? Na aula?

— Matei aula hoje. Eu faço isso, às vezes. A Chloe guarda segredo, desde que eu não conte para nossa mãe sobre as aventuras dela com aquele jogador de futebol americano, atrás da casinha da piscina. — Ela faz carinho na cabeça de Franco. — Eu estava mesmo

querendo saber onde este baixinho tinha se enfiado.

— Aqui.

Eu me abaixo e pego Franco no colo, abraçando-o bem forte. Olho para a casaca, considerando se seria uma boa tentar pegá-la. Calliope franze o rosto, parecendo chateada. Eu não deveria me importar. Só que não consigo tirar da cabeça a imagem dela com o vestido da minha mãe, e agora ela também quer a casaca do meu pai?

Estou sem saber o que fazer. Talvez consiga sair dessa com alguma mentira... E se eu jogar Franco em cima dela para distraí-la? Ele vai abrir bem as patinhas e tentar acertá-la com um golpe de kung fu enquanto puxo a casaca com toda a força, e...

Ele solta um ganido, tentando sair dos meus braços, quando Hera chega ao beco.

— Bem, parece que o caso está resolvido — diz Calliope.

Os botões da casaca reluzem à luz do sol. Ela olha para Hera.

— Hã... Oi. Eu sou...

— Calliope — diz Hera.

— Pode me chamar de Cal. Sou meia-irmã da Elle.

Hera olha para mim e para ela, e consigo visualizar o que está passando na cabeça dela. Calliope realmente não *parece* maligna ou traiçoeira, com os óculos de armação roxa e a trança no cabelo. Mas as bruxas de verdade nunca têm uma verruga no nariz.

Cal estende a casaca para nós, hesitante.

— Isto aqui também é seu?

Hera pega a roupa.

— É, é minha. Esse vira-lata pegou e saiu correndo.

— É a casaca, não é? A do uniforme do Carmindor?

— Não conta nada — peço, impassível. — Não conta nada, Cal.

Ela parece um pouco chateada.

— Elle, queria falar sobre o vestido...

— Tá tudo bem — digo, me forçando, com a voz tensa. — Não quero falar sobre isso.

— Mas...

— Tá tudo bem. Obrigada por cuidar dele — acrescento, erguendo um pouco o cachorro-quente, e me viro para ir embora. — A gente tem que voltar para o trabalho. Hera? — chamo, percebendo que ela não está vindo atrás de mim.

Hera hesita, esfregando a nuca.

— Foi um prazer — murmura para Cal.

Depois dá meia-volta e vem na minha direção. Mas só me alcança quando já estou no meio do quarteirão.

— Ei... Espera um pouquinho. Você não acha que pode estar errada a respeito dela?

— Não. Ela vai contar para a Chloe. Sei que vai. Elas parecem gêmeas siamesas.

— Talvez ela não seja tão ruim quanto você pensa.

Fungo, irritada.

— E talvez Darien Freeman atue bem. O que me lembra que preciso escrever mais um post para o blog.

— Sobre o talento artístico do Darien?

— Sobre a incapacidade dele de se manter longe de confusão. Ele e Franco têm isso em comum. Franco, se você tirar esse traseiro gordo daquela caminha mais uma vez, vai virar bolinho frito de cachorro, entendeu? *Frito*.

— Acho que isso não seria muito vegano da sua parte — murmura Hera, e abre um sorriso. — Ei, talvez você devesse mandar o endereço desse seu blog para o cara das mensagens!

— Até parece! — Tenho esse blog praticamente desde antes de saber escrever. Só de imaginar Car lendo o que publico lá, entro em pânico. — Além disso, ele trabalha tanto que não tem tempo para ler meu blog idiota.

— Hum. — Hera joga a casaca por cima dos ombros, como se fosse uma capa. — Como quiser, comandante.



— VOCÊ ESTÁ CERTO. A dona desse blog, quem quer que seja, gosta mesmo de você.
Jess devolve meu celular quando o carro para na frente do hotel.

Já tivemos três desses “encontros”, em que basicamente comemos alguma coisa no mesmo restaurante, um de frente para o outro, sob a trilha sonora de vários cliques de fotógrafos. Agora só falta um.

Entro com o carro no desvio onde fica o manobrista.

— Essa pessoa realmente *me odeia*, você quer dizer.

Jess estala a língua.

— Ninguém consegue ser tão cruel e enfático sem um pouquinho de paixão mal resolvida. E acho que ela levantou algumas questões relevantes. Quer dizer, não é só mais um cara branco dizendo que você levou o papel porque não é branco.

— Olha, em primeiro lugar, isso é ridículo. Em segundo, se eles tivessem assistido à série, saberiam que... Ei, espera aí. Como você sabe que é uma mulher?

Jess ergue a sobrancelha.

— Sério? Lê de novo. Com certeza é uma mulher.

Ergo as mãos num gesto de rendição.

— Está bem. Mas ninguém deveria ser tão cruel e enfático, e *ponto final*. Ela parece um Dalek com a missão de me matar. Não desiste nunca.

Abro a porta do passageiro para ela e jogo as chaves do carro para Lonny, que se espreme no banco do motorista e leva o carro para o estacionamento. Abraço Jess pela cintura e vamos andando para o saguão do hotel, e os paparazzi nos rodeiam como um enxame de abelhas. Eu prefiro mil vezes lidar com meus fãs do que com esse ataque constante de flashes e perguntas.

— Vocês estão namorando?

— Como é namorar ela? E sua antiga companheira de cena?

— Jess! Ei, Jess! E a Carla? Você está traindo ela?

Jess quase perde o passo, mas acho que só eu reparei. *Carla?*

— E o que você acha dessa outra garota com quem ele troca mensagens bem debaixo do seu nariz?

Dou meia-volta, mas Jess dá um puxão no meu braço e chegamos ao fim do corredor. Temos que enfrentar as perguntas enquanto esperamos o elevador. Depois de um éon inteiro, as portas se abrem e aparece uma ruiva dando pulinhos. É Gail. Claro que ela farejou o problema, como um bom cão de caça.

Puxo Jess para dentro do elevador ao mesmo tempo que Lonny nos alcança, abrindo caminho pelos paparazzi como uma faca na manteiga.

— Dare! — exclama Gail, se espremendo no elevador de repente cheio demais com Lonny, que, mesmo espremido no canto, ocupa quase o espaço inteiro. — Eu estava procurando você em tudo que é lugar! Deixaram uma mensagem na recepção...

Eu a ignoro e me viro para Jess.

— Carla?

Com os dentes cerrados, ela aperta com força o botão para seu andar, olhando para a frente, para as reluzentes portas de bronze, o maxilar trincado.

— Por favor, nem pergunta. Por favor.

— *Darien*. — Gail cutuca meu cotovelo. Ela parece inquieta. — Tem um cara ligando para você sem parar. Ele não para de deixar mensagens na recepção.

— Um cara? — pergunta Jess. — Que cara?

Lonny fica tenso.

— É alguma ameaça?

— Algum ex? — sugere Jess.

— Não, não — responde Gail. — É só alguém querendo falar da convenção...

Escutamos uma campainha, e as portas do elevador se abrem. Saio para o corredor antes de terminar de ouvir o que Gail tem a dizer. Jess e Lonny saem logo atrás, mas se mantêm um pouco distantes. Gail vem correndo até mim.

Abro a porta do quarto com o cartão magnético e me jogo de cara na cama.

— Dare, sei que você não quer lidar com isso agora, mas...

— Não é o *seu trabalho* lidar com essas coisas? — pergunto, contra o travesseiro.

— Você entendeu.

Rolo na cama e paro de barriga para cima, olhando o teto chapiscado.

— Está bem. As mensagens. O que diziam?

— Só que... — Ela hesita, e se senta na beira da cama. — Só que você deveria procurar por esse cara, seja lá quem for. Na ExcelsiCon. E que deve ser do seu interesse falar com ele.

— É isso? — Eu me sento. — Gail, honestamente, deve ser esse blogueiro doido. Faz semanas que sai um post atrás do outro sobre minha péssima atuação como Carmindor.

— Mas como ele encontrou o hotel?

— Bem... Não sei. E como as fãs encontraram o estúdio? Essas pessoas da internet são malucas. Devem estar trocando informações sobre meu paradeiro no Tumblr neste exato momento. Olha aqui. — Pego o celular e abro o *Artilharia rebelde*. — É disso que estou falando. Essa gente não cansa. E... Bem, Jess acha que essa garota aqui no fundo tem uma queda por mim, mas...

— Garota? — Gail tira os olhos do celular.

— Ou cara. Quer dizer, não sei quem escreve essas coisas. Mas aposto que é só um fã amargurado querendo torrar minha paciência. E aí ele vai lá me xingar. Grande coisa.

Ela me devolve o celular.

— Então você não acha que é alguém conhecido?

Eu a encaro, inexpressivo, esperando explicação.

— Você não acha que é o Brian?

Pisco. Faz meses que nem escuto falar nesse nome de tão ocupado que estava com os

exercícios, as filmagens, todos esses escândalos nas revistas de fofoca e... com Elle. Elle me ajudou a esquecer.

— Não. Ele não teria coragem de dar as caras aqui. E o que estaria fazendo em Atlanta?

— É verdade — concorda ela, sem hesitar, andando de um lado para outro. — Bem, talvez seja melhor você não ir ao concurso. Você vai estar no meio de todos aqueles fãs. Para dar algum problema é um pulo.

— Algum problema? Tipo *o quê*?

— Não sabemos quem deixou essas mensagens. Pode ser algum maluco. E depois do que aconteceu no terraço... Podemos aumentar a segurança. Para ter certeza de que não acontecerá nada com você...

— Não vai acontecer nada comigo, Gail — interrompo. — Não quero ser só mais uma celebridade qualquer nesse fandom.

— Mas é da *sua vida* que estamos falando, Darien.

— Você acha mesmo que estou em perigo?

Ela joga as mãos para o alto, dá meia-volta e continua andando de um lado para outro. Depois para e se joga na cama ao meu lado, com um som abafado. E solta um longo suspiro.

— Não sei. Eu deveria contar para o Mark...

— *Não*.

Gail fica quieta, e eu a examino. Noto que ela está contorcendo as mãos, limpando as unhas roídas. A camisa xadrez está para fora da calça jeans larga e desbotada. Está razoavelmente arrumada como sempre, mas sem os brincos, as duas bolinhas roxas de sempre. Ela fica meio fora de si quando está sob pressão.

— E se esse cara estiver mesmo mal-intencionado, Dare? — pergunta ela, baixinho. — Você não pode mais ser só um fã.

Ela está certa. Não sei do que essas pessoas são capazes. Jess pode até fazer piada sobre quem escreve aquele blog, mas ninguém vai achar graça quando esses fãs começarem a usar mais do que palavras para me atingir. Quem pode imaginar o que o cara do terraço faria se me pegasse sozinho de novo? Será que simplesmente tiraria mais algumas fotos para as revistas de fofoca?

Não posso correr esse risco. Mas também não posso evitar a convenção.

— Vamos fazer o seguinte, Gail — respondo, tentando manter a voz firme. — Vamos só tomar cuidado para eu não me aproximar demais dos fãs. Nada de dar autógrafos ou coisa do tipo. Beleza?

Ela assente.

— Beleza.

— Perfeito. Viu só? Problema resolvido.

Gail fica um tempo quieta e apoia a cabeça no meu ombro.

— E se alguém tentar se meter com você, vai ter que passar pelo Lonny.

— Tenho até pena do pobre coitado — respondo, tentando não soar assustado.

Ela dá risada e vira a cabeça, apoiando a testa no meu ombro.

Basta agir como se tudo estivesse bem, Darien. Esse é o seu trabalho. Você vai se sair superbem.



QUANDO CHEGO À casa de Hera na noite seguinte — nossa última noite trabalhando juntas —, deixo os sapatos e a bolsa ao lado da porta, como faria em casa. Porque é assim mesmo que me sinto aqui. Em casa.

— Vou tentar voltar razoavelmente cedo hoje. Não quero levantar suspeitas.

Ela revira os olhos.

— Deixa de ser paranoica. Você vai chegar em casa no mesmo horário de sempre.

— Mas e se Catherine começar a suspeitar de alguma coisa?

— Aí eu ligo para ela e digo que você estava aqui, meu bem! — responde a mãe de Hera, vindo da sala de estar, mas parecia ter saído diretamente da década de 1960, vestindo um sarongue tingido à mão com braceletes tilintantes, barulhentos como maracas *new age*. — Não se preocupa!

Abro um sorriso.

— Ah, sra... Quer dizer, Wynona, ela não iria aceitar. Minha madrastra simplesmente não...

— Tem sentimentos — conclui Hera, por mim. — Nem sabe como criar uma filha.

— Ah, Elle. — A mãe de Hera leva a mão ao peito. — Você sabe que pode vir para cá sempre que precisar de carinho de mãe. Pergunte só para Hera. Tenho um talento natural. — Ela dá uma piscadela.

— Mããããe — resmunga Hera, agarrando meu cotovelo. — Vamos, Elle, precisamos assistir ao último episódio e ajustar suas medidas. Não temos tempo a perder.

Ela está certa. O concurso é amanhã. Em menos de doze horas estaremos no ônibus para Atlanta, levando a fantasia.

Mas vou me arrastando. É porque vamos assistir ao único episódio que odeio. Porque estou prestes a reviver meu pesadelo: ver a princesa Amara caindo na Nebulosa Negra, repetidas vezes, como num paradoxo temporal infinito. É por isso que nego a existência do episódio 54. Porque ele dá azar. É o pior fim de personagem de todos os tempos. A pior despedida. Porque Carmindor não consegue dizer adeus. E só eu sei como é isso.

— Olha — digo, enquanto descemos para o porão —, eu posso só resumir o que acontece. Não precisamos assistir.

— Não, eu quero ver! Já aguentei todo o resto!

— Aguentou?

— Aguentei conter a animação — corrige ela.

Hesito.

— Mas esse é o...

— O último episódio, então é claro que vai ter um drama etc. etc. etc. — Hera pega a casaca e a calça. — Que seja. Vem aqui. Podemos assistir enquanto eu faço os ajustes finais.

Mesmo hesitante, aperto PLAY. O episódio começa enquanto visto a calça, já sem a menor vergonha de Hera me ver usando calcinha de criança com estampa de coelho. Já superamos essa fase. Quando termino de vestir a calça, subo no banquinho, e ela me entrega a casaca, que visto com bastante cuidado.

Os créditos de abertura iluminam a tela da TV. É a última vez, o último episódio, a última nova experiência... Mas essa introdução é diferente das outras. Em vez de mostrar cenas aleatórias, mostra só as melhores cenas do seriado. Os momentos de clímax. Meu pai dizia que, na primeira vez que passou na TV, ele já sabia que seria o último episódio só de ver a abertura.

“Parecia um encerramento”, dizia ele. “Dava para ver que era uma despedida.”

A despedida do meu pai não teve tanto alarde. Foram só algumas pessoas reunidas em volta de um buraco no cemitério. Um monte de guarda-chuvas pretos. Chuva. Catherine chorando no ombro do pai; as gêmeas chorando abraçadas.

Fiquei lá, parada, sozinha. Como uma figurante de um videoclipe ruim de alguma banda punk dos anos 1990.

Hera acha que eu odeio a princesa Amara só por uma questão moral, porque ela é traiçoeira e mente. Mas a verdade é que eu odeio a princesa porque me identifico com ela. Na minha história, eu é que fui jogada na Nebulosa Negra. Fiquei perdida nesta vida, neste mundo e neste universo, que não me pertencem mais.

No andar de cima, o telefone toca. Por um instante de puro terror, penso que é Catherine, que pode ter descoberto as mentiras e está prestes a me botar de castigo para valer. Mas então a mãe de Hera grita lá de cima:

— Querida, é o seu pai!

Hera faz careta e vai até o pé da escada.

— Diz que eu ligo depois!

— Ele vai estar com um cliente!

— Diz que estou ocupada!

— Ah, querida, vem cá, por favor!

Ela revira os olhos e se volta para mim.

— Foi mal, é o cara que se diz meu pai. Ele liga uma vez a cada trinta anos e... Ah, não acredito, você não pode mais falar com seu pai, e eu aqui reclamando do meu...

Meio sem graça, dou um sorriso e digo:

— Eu espero. Nem se eu quisesse conseguiria sair daqui.

— Está bem. Não se mexe!

Ela sobe a escada de dois em dois degraus; as botas pesadas fazem um barulhão ao baterem na madeira. Quando ela some, desço do banquinho e procuro o celular no bolso da calça que tirei.

Ah’blen. A versão masculina de “meu amor”. Car responde assim que recebe a mensagem; tão rápido que fico até surpresa. Como se ele estivesse esperando uma mensagem minha ou como se estivesse prestes a me escrever. Ou... vai ver já estava mexendo no celular. Provavelmente foi isso.

Carmindor 19h38

— *Que teoria?*

19h39

— *Não ri. Já faz um tempo que tenho pensado nisso.*

— *Acho que existem outros universos além do nosso.*

Carmindor 19h39

— *Tipo aquelas teorias dos fãs sobre o que tem do outro lado da Nebulosa Negra?*

No andar de cima, Hera anda de um lado para outro com passos firmes, fazendo as vigas de madeira do porão soltarem poeira. Deve estar na sala. Está brigando com o pai, aquele tipo de discussão recheada com anos e mais anos de “eu te amo” desgastados entre as sílabas.

A voz dela chega abafada até o porão, viajando pelos dutos de ventilação, enquanto digito uma mensagem.

19h40

— *É, como se tivesse um lugar onde tudo que achamos impossível acontece e um lugar onde tudo que é impossível não acontece.*

Carmindor 19h40

— *E estamos em qual universo?*

19h40

— *No primeiro.*

Talvez, nesse outro universo, eu esteja tendo essas mesmas brigas com meu pai. Talvez a gente fique discutindo sobre a faculdade em que vou entrar, o que vai ter para o jantar ou por que Darien Freeman é o pior Carmindor da face da Terra. Mas, neste universo, nunca terei essas brigas.

Nós nunca mais vamos brigar.

Carmindor 19h41

— *Ah, ah’blena, que bom. Eu estava com medo.*

— *Fico feliz por estarmos no universo impossível.*

19h42

— *Por quê?*

— Porque senão eu nunca teria conhecido você.

Fecho os olhos.

Ah, então esse é o problema? O que eu escolheria, se tivesse que decidir entre Car e meu pai? Em que universo eu poderia ser feliz?

A abertura do episódio dá lugar à primeira cena, que conheço muito bem. Amara e Carmindor estão frente a frente, na ponte da nave. Ele parece completamente angustiado, encarando a phaser nas mãos de sua amada.

“Você tinha sido avisado sobre mim, *ah’blen*”, vai dizer a princesa, diante daquela expressão chocada. Mas assim que Amara abre a boca, Hera volta da conversa com o pai, pega o controle e desliga a TV.

Dou uma piscadinha, sendo trazida bruscamente para a realidade.

— O que foi isso?

— Levanta os braços — diz ela, e eu obedeço.

Hera puxa o tecido em vários pontos, parecendo satisfeita.

— Muito bom, muito bom. Acho que terminamos.

— Muito bom? — pergunto, aturdida.

Eu me viro para o espelho.

— Por que você desligou? Já terminamos?

— Não, não! Ainda não! Não olhe!

Hera corre para a bancada de costura, coberta com um lençol branco. Quando ela puxa o lençol, fico sem ar.

A coroa. Ela encontrou uma coroa para mim.

Com todo o cuidado, como se o objeto fosse mesmo de ouro, ela pega a coroa e a traz para mim.

— Não pude evitar. É um defeito meu. Não consigo lidar com coisas incompletas. Parecia que estava faltando algo na fantasia. — Quando ela repara que ainda não me mexi, começa a ficar séria. — O que foi? Fiz algo errado? É o modelo errado?

— Não — sussurro, pegando a coroa das mãos dela. — É perfeita.

Ela dá uma risada sem jeito.

— Sério, não precisa ficar tão emotiva. Não foi nada.

Para ela pode até não ser nada, mas para mim é tudo. É o universo inteiro. Quero dizer isso, agradecer um milhão de vezes, mas minha boca não está obedecendo aos meus comandos direito, porque estou tentando não chorar. E não rir. E encontrar as palavras certas para descrever essa luz me preenchendo por dentro.

Nunca vou poder retribuir isso. Nunca, nem em cem mil anos-luz.

Ela faz uma careta.

— Ok, ok, chega de enrolar. Bota logo esse negócio! Não trabalhei como uma escrava para você ficar olhando com essa cara de choro!

Eu me afasto, sorrindo e chorando, esfregando os olhos com as mãos, enquanto ela coloca a coroa na minha cabeça.

Cabe perfeitamente.

Hera segura minha mão e me vira delicadamente para o espelho.

— Vossa alteza, Carmindor, o príncipe da Federação, estimado capitão da bela nave,

Prospero. É uma honra!

Em seguida, ela faz uma mesura da Federação, com a palavra de honra e tudo. Seu sorriso parece mais brilhante do que qualquer estrela no céu. Hera parece orgulhosa, e, quando finalmente me olho no espelho, vejo outra pessoa. Uma garota de cabelo pintado de vermelho, as raízes escuras já crescendo, e óculos de armação preta e grossa. Ela é a oficial com o posto mais alto de *Starfield*; é herdeira de um trono de estrelas, a filha do general. Carmindor. Eu sou Carmindor, com a coroa de estrelas na cabeça.

Mas alguma coisa parece errada.

Hera bota as mãos na cintura, analisando minha imagem no espelho.

— Nossa, como eu sou boa.

— É mesmo — concordo.

O que tem de errado comigo? O resultado é lindo, é exatamente o que eu queria. Eu sou Carmindor.

Mas por que sinto como se não fosse? Afasto a sensação. Deve ser só o choque. É estranho me ver tão diferente.

Hera dá a volta ao meu redor, balançando a cabeça.

— Nada mau para uma futura estilista.

— Você é estilista.

Sorrimos uma para a outra, sorrisos enormes e sem pudores e, por um momento, acho que ela está prestes a dizer algo. Mas então ela desvia os olhos.

— Até acabamos mais cedo. Acho que você vai conseguir chegar em casa antes das nove, hein?

Sinto uma pontada no peito.

— Ah, é.

— O que foi? Você acabou de passar de exultante a deprimida em menos tempo que o Boromir leva para morrer no filme.

— Olha o spoiler!

— Ah, você já assistiu. Não está animada?

— Estou. Não é isso.

Tiro a coroa. Foi feita com tanto cuidado, tem tantos detalhes. Todas as ranhuras, as estrelas feitas à mão.

— E o que é? Eu não sei ler mentes — retruca Hera, impaciente.

— É só que... — Não consigo olhar para ela. — Nunca tive uma amiga. Quer dizer, já tive amigos. Na internet. Mas amigos como você faz muito tempo que não tenho. Então... Vamos continuar amigas depois da convenção, não é?

Ela coloca as mãos na cintura e inclina a cabeça para o lado.

— Mas que pergunta doida é essa? Claro que vamos.

Finalmente olho para ela, absorvendo a imagem da única amiga de verdade que já tive na vida. O cabelo verde-piscina, os piercings, a postura com o peito estufado e os pés bem separados, o jeito como ela entra em qualquer lugar e instantaneamente se torna a pessoa mais maneira do recinto.

— Obrigada.

— O traje não deu trabalho. Na verdade, foi bem fácil...

Dou um abraço em Hera, porque ela é durona demais para tomar a iniciativa. Mas retribui. Dá um abraço digno da amiga que ela é.

MESMO COM A fantasia pronta, decidimos terminar de ver o episódio. Eu tinha pensado que talvez não fosse tão ruim se assistisse junto com outra pessoa, mas fica a dica: é, sim. Hera seca os olhos quando chega aos créditos finais e passa a caixa de lenços para mim. Conto minha teoria, de que a Nebulosa Negra não matou a princesa Amara, só a mandou para longe. Como o que o Dragão do Tempo fez com Elphaba em *Wicked*.

— Mas isso só parece um prêmio de consolação fajuto — reclama ela.

Meu celular vibra. Enfio a mão no bolso e passo o polegar na tela instintivamente. Já estava me perguntando quando ele iria me mandar outra mensagem.

— É aquele garoto de novo? — pergunta Hera, ajeitando o rímel.

— É ele, sim.

Ela funga e limpa as lágrimas, então se vira para mim, ansiosa.

— E qual é a dele? Como vocês se conheceram? Você me enganou e me fez assistir ao maior festival de chororô e nariz entupido da minha vida. Exijo essas informações como pagamento.

O argumento faz sentido. Mexo no celular.

— Na verdade, tudo começou quando ele me mandou uma mensagem por engano. Que nem naquele artigo do *Buzzfeed* sobre a mulher que mandou mensagem para o número errado quando estava entrando em trabalho de parto, e aí apareceu um cara aleatório trazendo fraldas e papinha de presente, e eles ficaram amigos para sempre, sabe?

— Não, mas, já que você está dizendo, vou acreditar que aconteceu.

— Então, foi tipo isso. Ele mandou uma mensagem para o número errado... Acho que queria falar com o meu pai, porque este era o telefone dele. Mas aí a gente... Sei lá, a gente simplesmente continuou conversando e...

— Então você realmente não conhece o cara — interrompe ela.

— Eu *conheço* o cara.

— Mas vocês já se falaram?

Mostro o celular tijolão.

— Como acha que a gente se comunica? Sinal de fumaça?

Ela ignora meu sarcasmo.

— Não, estou falando conversar *de verdade*. Tipo assim, ó. — Ela leva a mão ao rosto, imitando um celular, e cantarola “here’s my number, call me maybe”.

Faço uma careta.

— Não exatamente.

Hera revira os olhos.

— Elle! Ele pode ter sessenta anos, colecionar bonecas e morar num porão.

— Ele não é nada disso! Ele é da nossa idade. E eu *gosto* de conversar por mensagem. Parece, não sei, aquele filme *Mensagem para você*, sabe?

Hera olha confusa para mim, como se eu fosse um nox e tivesse acabado de jurar lealdade à Federação.

— Mas você nunca teve curiosidade?

Não consigo encará-la, porque a verdade é que já pensei nisso. Fico imaginando como deve ser a voz dele, se tem algum sotaque ou problema de dicção, se é grossa ou fina, se ele fala baixo ou alto.

— Ele nunca deu a entender que gostaria de falar comigo. E se ele não se sentir muito confortável com isso? Ou se tiver vergonha porque gagueja ou coisa do tipo?

— E se ele estiver esperando você tomar a iniciativa?

— Pode ser. Mas, sabe... Eu nem sei o nome dele.

Ela estica a coluna e estreita os olhos para mim, me analisando de cima a baixo. Estou prestes a dizer que pelo menos sei que ele não é careca, mas ela pega meu celular e, com dois passos rápidos, vai para o outro lado do cômodo.

— Ei, me devolve isso!

Ela ergue um dedo e leva o celular à orelha.

— Só um segundo.

Sinto uma onda de pânico.

— O que você está fazendo?

— Ligando para ele...

— PARA!

É tão rápido que só percebo que arranquei o celular da mão dela quando já estou com ele. Nós duas ouvimos o toque. E Carmindor atende.

— Alô?

É uma voz suave. Grave. Masculina.

Desligo com tanta força que quase quebro o dedo. Enfio meu celular no bolso, tão lá no fundo que ela *nunca mais* vai conseguir pegar. E olho feio para Hera.

— Está feliz agora?

Ela se joga para trás e cai no pufe, gargalhando.

— Ah, meu Deus, você pareceu uma ninja!

— *Não achei graça.*

— Ah, você *sabia* que eu precisava fazer isso. — Ela se senta, apoiando-se nos cotovelos, e inclina a cabeça para o lado. — Ele pareceu legal, Elle.

Eu me sento ao lado dela.

— Sério?

— Sério. Com certeza não é o tarado da machadinha. — Hera dá de ombros. — Pelo menos é o que eu acho.

— Bem, que ótimo.

Engulo um nó na garganta. Não sei como vou explicar isso para o Carmindor. Ele pareceu mesmo legal. Gentil. Uma voz que eu poderia ouvir por horas. Mas será que ele iria querer me ouvir?

Olho para o celular e sinto o coração parar.

— Ah, meu Deus — sussurro, me levantando num pulo. — Ah, *merda*.

Hera olha para mim.

— O que foi?

— Já são 21h10! — Minhas mãos começam a tremer. Enfio o traje na bolsa e a penduro no ombro. — Estou tão atrasada, tão atrasada... Você pode me levar até metade do caminho?

Hera se levanta depressa e bate continência.

— Comigo, você vai chegar em casa mais rápido que John Travolta em *Grease*.

Com o coração disparado, subo a escada correndo atrás dela. Nós nos dedicamos muito a isso. A convenção é *amanhã*. Não posso estragar tudo agora.



É A ÚLTIMA tomada, penso. *Não estraga tudo.*

— E... Ação! — grita o diretor.

O estúdio mergulha num silêncio mortal. Toda a equipe está atenta. Começamos a nos mexer como máquinas: com harmonia e precisão, muito bem ensaiados e completamente dentro do momento. A tela verde vai sumindo, os microfones desaparecem, a câmera vira uma lembrança.

Entro em Carmindor, na sala de controle da nave, a boa e velha *Prospero*. Estou aqui, comandando minha tripulação. E está prestes a dar tudo errado.

— Quarenta e dois cliques para a esquerda! — grito para Euci. — *Disparar!*

— Feito! — responde Calvin, da ponte, mexendo os dedos apenas o bastante para inclinar a nave para a esquerda.

E, naquele momento, ele não é a subcelebridade chata com aquele defeito genético que o faz sempre esbarrar no meu ombro, e sim o melhor piloto da Federação, meu melhor amigo, o navegador da *Prospero*. Três naves nox estão vindo de cima, e só nos resta trinta e três por cento de energia. Eu não confiaria em mais ninguém para nos tirar dessa enrascada.

A navegação da *Prospero* segue tranquila enquanto esperamos para ver se os três pontinhos vermelhos piscando na tela vão sumir, mas eles continuam nos perseguindo em direção à Nebulosa Negra, cada vez mais próxima, três vezes o tamanho do sol, girando, capturando, absorvendo tudo, crescendo cada vez mais a cada átomo quebrado e engolido por ela. A única esperança da galáxia para impedir essa Nebulosa está a bordo desta nave.

Mais um torpedo acerta a fuselagem traseira. Uma luz vermelha atravessa uma das telas. Euci a desliga.

— Quatro cliques mais rápido.

— A nave já está sacudindo muito, vai se desmontar — avisa Euci. — Se chegarmos perto demais...

— Eu disse para aumentar mais quatro cliques!

Ele inclina um pouco a cabeça, uma referência ao Euci do seriado, que sempre jogava a cabeça para a esquerda quando sabia que Carmindor estava errado, mas mesmo assim seguia as ordens do comandante.

Um microfone paira acima de nós, e vejo grandes câmeras de três lentes nos encarando bem ao lado da ponte. Uma delas, apoiada num suporte móvel, chega mais perto.

À minha frente, o painel de navegação brilhante parece um teclado grande demais. Ao

meu lado, a princesa Amara aperta as mãos, ansiosa.

— *Ah'blen* — diz Jess, e as palavras me encham de uma estranha mistura de desejo e saudade.

Aquilo me lembra Elle, mas tento tirar isso da cabeça.

Agora não.

— Vamos conseguir — digo a ela. — Temos que conseguir.

— Vamos morrer... Todos nós vamos morrer se você chegar mais perto.

Outro míssil acerta a traseira da *Prospero*, destruindo um dos propulsores. A nave sai de repente da velocidade de dobra. Todo mundo é lançado para a frente pela força invisível da queda. A princesa cai no painel de controle e segura minha mão, com força. Nossos olhos se encontram.

Um segundo.

Dois.

O estúdio está em silêncio. Estamos em silêncio. As estrelas, com toda a sua massa e tempo, orbitam à nossa volta. Ela abre um sorriso tímido, e, como Carmindor, sei que ela é a única estrela com que me importo em todo o espaço. Luzes vermelhas riscam todas as telas. Sirenes explodem nos alto-falantes. Se for acertada mais uma vez, a *Prospero* vai virar lixo espacial.

— Você sabe o que eu preciso fazer, *ah'blen* — sussurra ela.

— Não, não vou permitir. Não posso permitir uma coisa dessas. Deve ter outro...

Ela me beija na testa.

— Ouvi dizer que a vista da plataforma de observação é bem bonita nesta época do ano — comenta ela, e depois solta minha mão, se afasta e sai da ponte.

Quando estou assistindo ao seriado, é nessa hora que grito com a TV. Chamo o Carmindor de idiota. Porque é agora que a princesa olha para ele, esperando que ele a faça mudar de ideia, ou ao menos que olhe para ela. Mas ele não sabe que deve olhar para ela. Está ponderando se algum dia sua alma será perdoada por matar a tripulação inteira pelo bem do universo. Se ele vai ser condenado ao sofrimento eterno. Se, no próximo universo, ele vai ter outra chance.

Ele olha para a princesa um segundo tarde demais: ela já se foi.

Estou na cena, olhando para o lugar onde ela estava, pensando que nunca mais vou vê-la, e então...

— Corta! — grita a assistente de direção. — É isso, pessoal!

Euci — quer dizer, Calvin — dá um soquinho no ar, enquanto a equipe de filmagem comemora, gritando tanto que o cenário chega a tremer. Eu me apoio no módulo de comando e jogo a cabeça para trás, fechando os olhos. Fico quieto em meio aos gritos triunfantes da equipe e aos elogios de outros atores, apenas curtindo o momento.

Você só tem uma chance, lembro a mim mesmo, tentando preservar o máximo do Carmindor dentro de mim. Só mais um pouquinho.

— É, parece que você entrou mesmo no clima — comenta Jess, com sua voz agridoce.

Ela está de volta ao cenário e me dá um soquinho no ombro.

— Você até pareceu desesperado quando disse *ah'blena*. Pode falar, estava pensando em como vai ser horrível não me ver mais todo dia, ou pior, não me beijar mais?

Boto um sorriso no rosto, porque ela não precisa saber.

— Acho que um pouco dos dois.

— Ah, minha nossa, Darien, está fazendo piadinhas agora? — Ela leva a mão ao peito, estarecida. — Mas que pena! Talvez a gente pudesse ter namorado por vinte e quatro dias, em vez de vinte e três!

— Você não conseguiria me aguentar por mais um dia — retruco quando ela se junta a mim e também apoia as costas no painel de controle.

Ficamos olhando para o estúdio, para a equipe de filmagem começando a enrolar os fios, para a segunda unidade tomando nota do que ainda precisa ser filmado. Nossa parte praticamente acabou. Pelo menos as cenas neste estúdio. Esta é nossa última noite aqui, depois vamos embora sem olhar para trás.

Ela bate com o ombro no meu.

— E aí, como está sendo?

— Como está sendo o quê?

— Voltar a ser o Darien.

Inclino a cabeça para o lado.

— Ainda não sei bem. Passei tanto tempo esperando para me sentir como o Carmindor, esperando que em algum momento um estalo fizesse essa transformação acontecer, que não percebi que já era ele o tempo todo.

— Talvez você tenha sido o Carmindor em alguma outra vida — provoca ela.

— Pode ser. Mas, neste momento, prefiro ser o Darien.

— É mesmo?

Faço que sim.

— Porque o Darien não está de dieta. — Eu me inclino para perto dela e sussurro: — *Baaaaaaaaacooooooooooooon.*

Jess dá uma risada, se afasta do painel de controle e sai deslizando do cenário. Calvin vai atrás, não sem antes me cumprimentar com um tapinha no ombro que quase me derruba. Quem sabe, agora que as filmagens acabaram, a gente possa ser amigo.

Quando saio do cenário, os contrarregistas estão servindo champanhe, e uma mulher me entrega uma taça. Amon, sorrindo de orelha a orelha, pede silêncio a todos e faz um pequeno discurso de diretor. Ouço quase tudo sem muita atenção, olhando para todas as pessoas, conhecidas ou não: a equipe de filmagem, os atores, os técnicos, os estagiários.

Amon se vira para mim, erguendo a taça.

— E, mais importante, ao nosso Carmindor, esse garoto genial e infalível. Vida longa ao príncipe da Federação! E que venha a continuação!

Quando ele diz isso, busco o rosto de Jess na multidão e a vejo impassível, inexpressiva como uma pedra. Mas ela ergue a taça lentamente, e trocamos olhares. *Eu não disse?*, leio em seus lábios, e ela dá uma piscadela.

— Apontar para as estrelas! — começa o diretor.

Todo mundo ergue a taça.

— Mirar! — gritam.

Engulo em seco e ergo a taça.

— Disparar! — completo, depois brindamos aos vinte e três dias de inferno e bebemos o champanhe.

Depois que Donna limpa minha maquiagem pela última vez, vou para o trailer de figurinos, onde encontro Nick ocupado pendurando todas as roupas, tratando-as com o mesmo cuidado que no primeiro dia de filmagem.

— Darien! Você estava perfeito. — Nick vem até mim e começa a desabotoar a casaca, mas ergo as mãos, interrompendo-o.

— Sabe... — Coço a nunca. — Sei que é um pedido estranho, mas eu estava pensando se...

— Se você pode ficar com esta roupa — completa ele, parando de desabotoar e cruzando os braços. — Sabe, não é porque você usou que o negócio é *seu*.

— Eu sei. — Sinto o rosto corar. — Ah, é que eu tinha ouvido falar que o George Clooney ficou com a roupa do *Batman* e que deixaram Ryan Reynolds ficar com o uniforme do *Deadpool*... É que vou num evento amanhã e não tenho nada para usar. Então estava meio que torcendo para você pelo menos me emprestar.

— E você nunca mais devolver? — Nick parece ofendido e revira os olhos, bufando quando dou de ombros e faço que sim.

— Não vou ser cúmplice desse crime. — Ele faz um gesto me mandando trocar de roupa. — Devo ter enfiado seu figurino em algum outro lugar... Ah, como sou esquecido! — E, resmungando, ele cobre os olhos com o braço num desmaio falso.

Eu agradeço aos sussurros e prometo trazer a roupa de volta em uma semana.

Gail e Lonny me encontram quando estou enfiando a blusa, que está meio justa no peito. Mal posso esperar para as roupas voltarem a servir em mim. Quero voltar logo a usar as antigas camisas com estampa de quadrinhos, que não cabem mais desde que comecei a malhar.

— E aí? — pergunta Gail. — Como foi? Como está se sentindo?

— Posso comer bacon de novo! — grito, erguendo o punho em comemoração. — Quero muito bacon! Tragam o bacon agora!

— Viva! — comemora Gail. — Você com certeza vai poder comer tudo depois das sessões de fotos!

Meus gritos de alegria viram um verdadeiro choro. Escondo o rosto nas mãos. Graças a Deus só Gail e Lonny estão aqui.

Ela me dá tapinhas no ombro.

— Eu sei, eu sei. Mas não vai demorar muito, e aí...

— Não. — Engulo em seco e balanço a cabeça, secando as lágrimas. — Não é o bacon. Quer dizer, é e não é. Estou meio de saco cheio de tudo. Os últimos meses antes da filmagem, a pressão cada vez maior, os vinte e três dias de estresse, a comida de coelho e Elle. Tudo isso.

— Por que tem que ser tão difícil?

— Ter uma barriga sarada?

Dou um sorriso amarelo.

— Espero que você saiba que não sou só um corpo sarado.

Gail aperta meu ombro e, mesmo que ela seja só alguns anos mais velha que eu, me sinto uma criança recebendo carinho e compreensão de um adulto. Como se ela fosse uma babá legal que me deixa ficar acordado até tarde quando minha mãe não está.

— Não, eu entendo — diz ela. — Você trabalhou pesado, Darien. Trabalhou *muito* pesado.

Ela olha para Lonny, como se esperasse que ele acrescentasse algo. Meio sem jeito, ele fala:

— Trabalhou mesmo, chefe. Agora vamos logo.

Cinco minutos depois, saio do trailer com o figurino na mochila e vou para casa. Sigo Gail e Lonny para fora do terreno, onde um carro grande está estacionado. Jess abre a janela do carona.

— Dare, você vem? Vamos comemorar!

— Nós?

Alguém abre a janela atrás dela. É Calvin, que, ao menos desta vez, não parece irritado comigo.

— Vamos lá, Carmindor. Não dispensa a gente!

Talvez seja a onda de adrenalina causada pela exaustão, talvez seja a alegria de *finalmente* ter feito alguma coisa. O que quer que seja, me deixa com vontade de comemorar. Mas não posso simplesmente sair por aí. Olho para Gail e Lonny, que interpretam meus pais. Gail parece preocupada, mas Lonny segura seu ombro e sussurra algo em seu ouvido.

— Está bem — diz ela. — Vamos dar cobertura para você. Só desta vez.

Dou um soquinho no ar, comemorando.

— Viva! — Dou um beijo na bochecha dela. — Amo você, Gail.

— Sei, sei.

— Dare! — grita Jess, mais uma vez. — A gente não vai esperar para sempre!

— Sério — completa Calvin. — Mostra que você já é um rapazinho e vem logo.

— Mas não esquece — Gail pega um boné preto na minha bolsa e o entrega para mim — que se você aparecer num Snapchat que seja...

— Eu sei, eu sei. Mark vai me matar. — Puxo o boné até a testa. — Vai ficar tudo bem, Gail. Você se preocupa demais...

Um celular toca, matando a conversa. Gail e eu trocamos olhares. Quando ela dá de ombros, mostrando que não é o dela, enfio a mão no bolso do moletom. Todos os números no meu celular têm toques específicos, mas agora está tocando um genérico. O único contato para quem não defini um toque foi...

Elle.

Meu coração quase sai pela boca.

— Vamos lá, alteza! — grita Calvin. — É hora da festa!

Ela não deve estar me telefonando de verdade. Deve ter apertado sem querer, ou coisa do tipo.

— Você vai atender? — pergunta Gail.

— Será que eu atendo?

Toca a terceira vez. A quarta.

— *Vamos logooooo* — chama Jess, imitando Calvin. — Você só tem uma vida, Carmindor!

Peço para elas fazerem silêncio e desbloqueio o celular.

— Alô?

Espero um segundo. Dois. Três. Mas ninguém fala nada do outro lado.

— Hum.

Afasto o celular da orelha. Ligação encerrada.

— Nada? — pergunta Gail.

— Acho que não. — Disfarço a decepção dando uma tossida. — Bem, prometo que não vou me meter em muita encrenca.

— Já ouvi isso mil vezes.

Gail não parece muito convencida e continua olhando para o meu celular. Aperto-o com força e me sinto idiota. Elle obviamente não quer falar agora. E ela vai à convenção amanhã. E esta é minha única noite livre.

— Toma. — Entrego o celular para Gail. — Assim não vou ligar bêbado para ninguém. Nem gravar nenhum Snapchat. Só não vai perder, hein? Nem ficar fuçando. Posso ir agora?

Ela faz que sim, parecendo aliviada por cuidar do meu celular.

— Tudo bem.

Vou correndo até o carro, no ar fresco da noite. Deixo toda a bagagem de *Starfield* para trás e levo comigo só as partes de que quero me lembrar: a pistola estelar na minha mão, a sensação de poder por estar na sala de controle da *Prospero*, as noites conversando com uma garota que me chama de *ah'blen*. Todo o resto, vou deixar para trás.



HERA DECIDE NÃO entrar com a Abóbora na minha rua, já que o motor é barulhento demais. Quando ela estaciona, eu passo a alça da bolsa por cima da cabeça e olho as horas. São exatamente 21h31. Vou ter que correr pra caramba.

— Como vai ser amanhã? — pergunta ela.

— Nos encontramos na estação às seis da manhã?

— Combinado, às seis.

Ela se inclina mais para perto e me abraça apertado. Retribuo o abraço.

— Me deseje sorte! — grito, saindo da Abóbora.

Todas as casas estão apagadas e em silêncio. Corto caminho pelos jardins, e as luzes com sensor de movimento se acendem conforme piso nos gramados cobertos de orvalho, sentindo o coração martelar. Não posso me atrasar. Não posso.

Chego na frente de casa e sinto uma onda de alívio ao notar que o conversível de Catherine ainda não está estacionado na garagem. Ninguém chegou ainda. Que dia é hoje? Sexta?

Espera aí. Sexta é dia de compras. Santa protetora dos cartões de crédito, Batman.

Desacelero o passo e dou a volta na casa, me esgueirando para os fundos, torcendo para não acordar Giorgio com o estalar dos galhos quando escalar a pereira que dá para minha janela. Na metade da subida, meu pé escorrega. Solto um palavrão e me agarro em outro galho.

Dou uma paradinha antes de terminar a escalada, para ter certeza de que ninguém ouviu. Quando entro pela janela, sinto minhas pernas virarem geleia e desabo no chão, o coração ainda batendo forte.

Conseguí.

Sinto uma onda de alívio invadir meu corpo. Abraço as pernas e apoio a testa nos joelhos, tentando me acalmar. Isso foi incrivelmente idiota. Logo hoje? Tão idiota que estou tremendo. Porque estou tão perto, mas tão perto de conseguir ir para a ExcelsiCon. Eu me sinto tão perto do meu pai que quase posso vê-lo, como uma silhueta distante na penumbra.

Só mais uma noite, digo a mim mesma. Só mais algumas horas.

Então alguém acende meu abajur. Levanto a cabeça, assustada. Meu coração para de bater.

Chloe está sentada na cadeira do computador, de pernas cruzadas, esperando pacientemente. Ela me encara, como se seus olhos disparassem raio laser.

— Ora, veja só — comenta, ácida —, você chegou.

— O que está fazendo no meu quarto?

Ela inclina a cabeça para o lado.

— Por que você entrou escondida? Está *tão tarde* assim? — Ela finge olhar as horas num relógio de pulso imaginário. — Tsc, tsc. Veja só, está *bem* tarde, não é?

Ouçõ a porta da garagem abrir lá embaixo, e Catherine anuncia que chegou.

— Minha mãe foi encontrar um cliente — explica Chloe, sem rodeios. Faz sentido, só assim para ela estar em casa sem a mãe. — Mas parece que você chegou bem a tempo.

Não entendo.

— A tempo de quê?

Ela se inclina para a frente.

— Sei o que você está tentando fazer, sua nerd — solta ela, irritada. — Você se acha a esperta, agindo pelas minhas costas. O que acha que minha mãe vai dizer se souber que você está saindo com aquela garota bizarra depois do trabalho? E ainda fica mentindo. Depois de tudo que minha mãe fez por você.

Fico com a boca seca.

— Mas você já sabia disso, e eu falei que não ia contar nada para a sua mãe se você não contasse, e...

— Pode parar de tentar me sabotar! — grita ela, batendo as mãos nos braços da cadeira. — Onde está?

Eu me levanto, assustada.

— Onde está o quê?

— Você sabe! Você pegou. Você sabe o que fez. Então cadê?

— Cadê o quê?

— Não se faz de burra! — Chloe dá um pulo da cadeira.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando!

— O *vestido* — sibila ela. Nunca vi Chloe tão irritada na vida. — Onde você enfiou o vestido? Acha mesmo que *você* cabe nele? Não me faz rir.

O olhar dela vai parar na bolsa jogada perto da cama. Chloe voa para cima dela. Eu tento puxá-la pela alça, mas não dá tempo.

— O que tem aqui? — pergunta, num grito triunfal.

— Para! Não está aí!

Eu me jogo em cima dela, tentando pegar a bolsa, mas Chloe desvia e abre o zíper. Ela enfia a mão no tecido lá dentro e o puxa.

Fico parada, horrorizada. Ai, meu deus. Ela sabe. Agora ela sabe.

A surpresa dela logo se transforma numa espécie de raiva, enquanto revira o tecido.

— Ai, meu deus. — Ela olha de volta para mim. — Você ia *participar*?

— Eu... Eu não... — Sinto um nó na garganta.

— Ia, sim! Você ia se inscrever! E pegou o vestido para a gente não conseguir ganhar! Sua ridícula. Nossa, você é mesmo patética!

Algo dentro de mim se quebra. Deve ser por ouvir que sou patética por querer participar do concurso. Ou por ver Chloe colocando as garras na casaca do meu pai como se fosse uma fantasia barata de Halloween. Mas talvez seja só por causa desse olhar debochado dela, que me faz lembrar daquele dia, no verão passado, quando finalmente percebi que as pessoas não são bacanas. Que ninguém é bacana. Que todos mentem, que o

meu coração era só mais um souvenir, que vivo no universo dentro da Nebulosa Negra. O universo horrível, onde não resta mais esperança. O universo em que ninguém quer estar.

Corro para cima dela, agarrando a casaca pelo colarinho.

— Me devolve! Isto aqui não é seu!

— E também não é *seu*! — retruca Chloe, correndo para longe. O tecido do colarinho escapa das minhas mãos. — Isso estava na *nossa* casa, então é *nosso*!

— Nossa casa? Nada aqui nunca foi seu!

Seguro a manga e puxo, enquanto Chloe puxa para o outro lado, tentando tirá-la de mim. É então que o tecido rasga e eu vou para trás, segurando um pedaço do pano. O som da casaca rasgando faz com que eu solte a manga como se ela estivesse pegando fogo, e fico olhando para o tecido no chão.

Não... Não, não, não, não, não, não...

— Aff — resmunga Chloe, largando a casaca. — Que tecido vagabundo.

Pego a fantasia e a aperto no peito, desejando que a costura se refaça sozinha.

— Espera aí. — Ela dá meia-volta. — Se você ia para a convenção, deve ter comprado ingresso, não é?

Sinto o sangue gelar, tremendo.

— Claro que comprou. — Ela arranca um pôster pregado na parede e o rasga todo. — Ops, não está aqui. Nem aqui — acrescenta, derrubando um quadro no chão, abrindo as gavetas da cômoda e jogando minhas roupas para fora.

Fico assistindo, ainda trêmula e abraçada à fantasia; não quero soltá-la. A linda casaca do meu pai, destruída.

— Hum, vamos lá... Onde você esconderia isso?

Chloe dá uma volta completa e para na frente de um pôster. Então olha para mim. Fico branca. Ela olha de volta para o pôster e o arranca da parede. Atrás dele, enfiados na moldura, estão os ingressos para a convenção.

Pulo para cima dela.

— Devolve! — grito.

— Ou o quê? Você vai correndo contar para a sua mãe? — zomba ela.

É então que Chloe vê a parte mais importante: todo o dinheiro que eu tinha guardado, o bolo de notas preso por um elástico, e as passagens de ônibus para Atlanta.

— O que é isso? — Chloe parece radiante de felicidade ao pegar as passagens. — Passagens de ônibus? Que nojo. Ah, não... Ops!

Num único movimento, ela rasga as passagens uma vez, depois rasga outra, e mais outra, e mais outra, até transformá-las numa pilha de confete. Confete de passagens de ônibus sem reembolso, compradas no dinheiro, que Hera e eu usaríamos amanhã de manhã às seis e meia.

— Ah, e isso aqui vai ajudar. — Ela pega o maço de notas e guarda no bolso. — Vamos simplesmente comprar uma fantasia melhor. Valeu.

— Você *não* pode fazer isso. — Minha voz sai falha. — Não pode, senão vou...

— Vai fazer o *quê*? — pergunta Chloe, num tom ameaçador.

— Vou... Vou contar para Catherine que você vai para a convenção! Ela não vai deixar. Vou contar tudo para ela. — Agarro ainda mais a casaca. — Vou... Vou...

Nunca bati de frente com Chloe. Nunca a ameacei. Nunca na vida. E, por um momento, ela fica chocada por me ver fazendo isso. Mas então, num piscar de olhos, seu rosto

assume aquela expressão indiferente que conheço tão bem. Foi assim que ela me olhou, no verão passado, quando perguntou onde eu estava com a cabeça para achar que James pudesse gostar de mim. Quando perguntou como eu podia ter interpretado mal a simpatia dele. Quando ela me fez parecer uma doida, tendo que engolir as respostas que estavam na ponta da língua.

Mas aquilo não foi nada comparado a isto. Aquilo foi só um aperitivo. Agora ela pegou meus ingressos para a convenção, minhas economias e o vestido da minha mãe — só pode estar *com ela*, com quem mais estaria? — Chloe tem tudo. Tem *tudo* o que eu sempre quis.

— Você vai fazer o quê? — repete ela, pisando nas pilhas de roupas que jogou no chão. — Se você contar para minha mãe, vou contar também. E o que você acha que ela vai fazer se souber que a enteada está andando com aquela drogada?

— A Hera não...

— Que tem faltado no trabalho?

— Não faltei!

— E quem é que iria acreditar? Você não é *nada*, Danielle. Você não é ninguém. Nem nunca vai ser. E nenhum vestido idiota vai mudar isso. Você sempre vai ser uma esquisita sem amigos e sem pai.

Ela me empurra. Dou alguns passos para trás, mas não consigo me equilibrar e caio em cima da bolsa. Minha bolsa, que agora só tem a linda coroa que Hera fez para mim.

Ouçó um estalido bem alto, e sinto o coração parar mais uma vez.

— Chloe? — grita Catherine, da porta. — Calliope? Cheguei!

Chloe abre um sorriso falso.

— Já vou! — responde, jogando o cabelo para trás, e sai do quarto.

Eu me levanto, hesitante, mas agora já era. Nem preciso abrir a bolsa para saber o que tem lá dentro, mas abro mesmo assim. A coroa que Hera passou horas fazendo está aos pedaços. Pego alguns cacos, que se desfazem na minha mão.

Sinto que vou vomitar.

Ouçó passos abafados do lado de fora do quarto. Levanto a cabeça bem na hora que Cal espia pela porta.

— Elle? — chama ela, meio sem graça. Então parece levar um susto. — Ai, meu Deus... O que aconteceu?

Eu me encolho. Queria que a Nebulosa Negra me engolisse. Queria que ela me levasse embora. Sinto as lágrimas arderem, escorrendo pelo rosto quando fecho bem os olhos. Eu só queria ir embora. Não quero mais existir.

— Elle?

— Sai daqui — mando, com a voz oscilando. — Sai do meu quarto, Cal.

Ela fica imóvel por um momento, querendo ficar. Para quê? Para me ver sofrendo? Ela deve gostar disso, que nem a irmã. Mas então ela se afasta.

Está tudo arruinado. Tudo. Pelo menos uma vez na vida achei que poderia ter alguma coisa. A única vez...

Mas acho que neste universo não existe nenhum final feliz. Fui idiota por pensar que conseguiria.

Sem perceber, pego o celular no bolso. Fecho os olhos, apertando o aparelho no peito, com medo de que também tirem isso de mim. Porque tudo é tirado de mim.

Tudo.

Até o Carmindor.

Já está tão tarde. Ele deve ter ido dormir. Eu ainda me lembro da voz dele. Jovem e grossa. Sem preocupações. Doce. Fico imaginando como seria se ele me chamasse de *ah'blena* em voz alta.

Pensar nisso é o que me leva a apertar o ícone ao lado do número dele e levar o celular ao ouvido, sentindo o coração bater cada vez mais depressa. A chamada vai até um satélite bem distante no espaço, que reflete a ligação para a Terra, para o lugar exato onde eu gostaria de estar.

Toca uma vez, duas, enviando um sinal de S.O.S. para esse universo impossível. A ligação cai na caixa postal, e não é a voz dele que escuto, mas sim uma gravação genérica. Ele deve estar ocupado. Ou dormindo.

Desligo e encosto a cabeça na porta, piscando para tentar conter as lágrimas.

Eu me lembro da mensagem: *Talvez seja hora de nós dois começarmos a olhar para cima.*

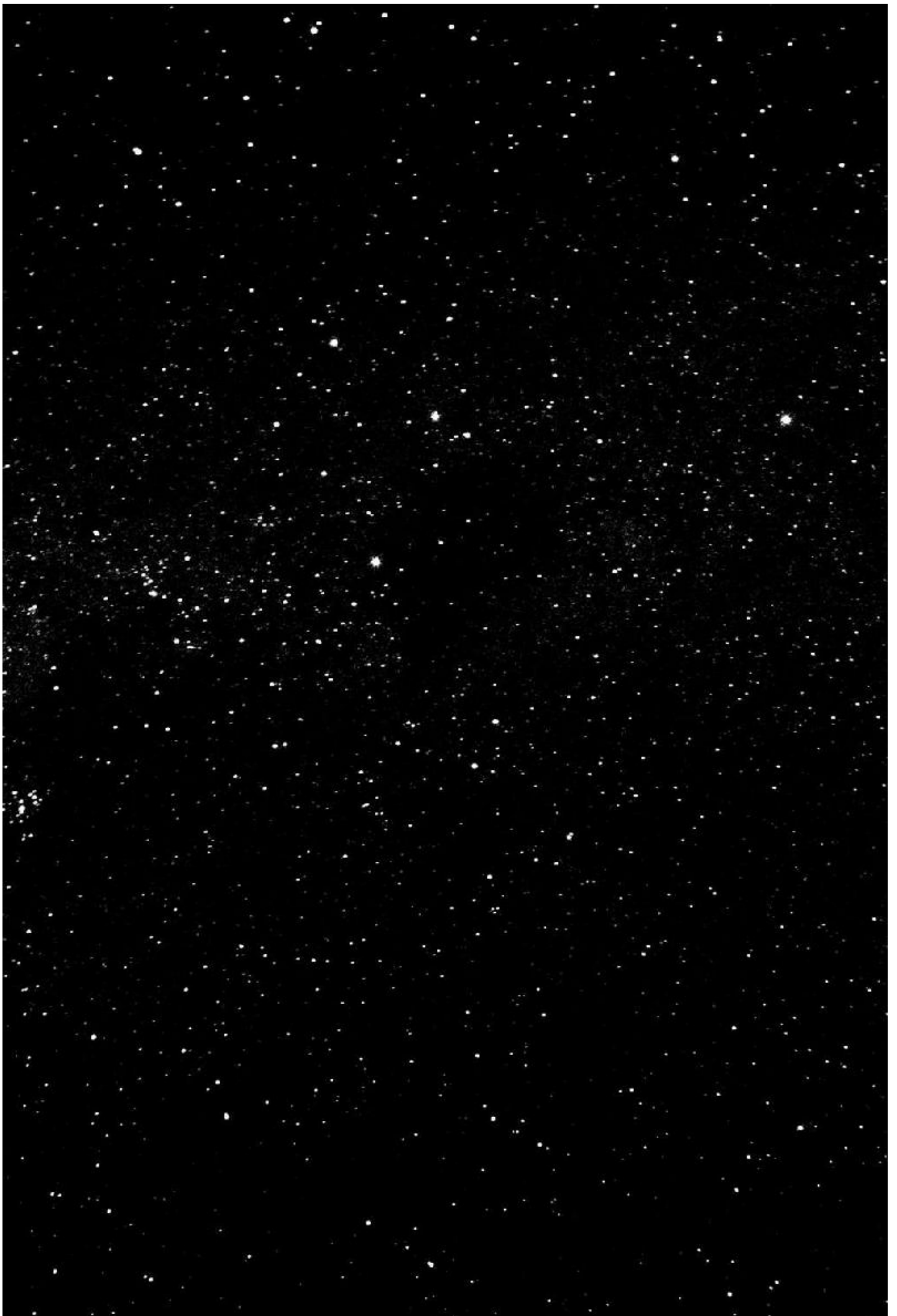
A única resposta vem dos adesivos de estrelas no teto, brilhando no escuro. Uma constelação imaginária que meu pai levou um fim de semana inteiro para colar. Quando estava tudo pronto, ficamos deitados no chão, olhando para o teto, e ele me perguntou: “Para onde você quer ir? Aponta para uma estrela, qualquer uma. Então ajusta o curso. Mirar...” Ele apontou para uma estrela, fechando apenas um olho, e mexeu o dedo como se estivesse atirando uma pistola estelar.

Aponto para o destino que escolhi, mirando com uma das mãos, e hesito. Então ouço a voz de meu pai, mesmo que ele não esteja mais aqui. Mesmo que ele nunca mais vá estar.

— *Disparar!*

Porque este é o universo impossível. E não tem Carmindor, nem *Prospero*, nem Euci, nem Federação, nem plataforma de observação. Só tem eu, perdida no lado errado, separada de tudo que amo.

Como a princesa Amara, engolida pela Nebulosa Negra.



PARTE TRÊS

DISPARAR.



“Você não está sozinha, ah’blena. E suas estrelas vão me guiar de volta para casa.”

— Episódio 33, “Um nox para recordar”



— MUITO BEM, MENINAS, quero que me mandem uma mensagem assim que chegarem ao torneio de tênis.

Catherine sorri diante do café da manhã — ovos com espinafre — que eu preparei. Tomo meu café em pé, encostada no balcão. Quase não dormi à noite, e também não estou com muita fome.

— Ah, mãe, claro — responde Chloe, num tom gentil.

Ela olha feio para mim, um lembrete para eu ficar de bico fechado. E a verdade é que nunca estive mais quieta em toda a minha vida. De que adiantaria dedurar as gêmeas?

— Ele não ia limpar os carpetes hoje? — acrescenta Chloe.

— Ah, é mesmo! — Minha madrastra bate palmas e se vira para mim. — Você sabe o que fazer, não sabe? Não vai deixar o carpete cheio de espuma, como da última vez, não é?

— Não — respondo, sem tirar os olhos da caneca.

Chloe confere o celular.

— Cal, é melhor a gente ir logo, ou vamos perder a carona. James já deve estar chegando.

Cal, que não tinha dito uma palavra a manhã inteira, hesita.

— Eu não...

Catherine franze as sobrancelhas perfeitas.

— Está tudo bem, querida? Você parece meio pálida.

— Ela está bem — responde Chloe, puxando Cal para levantá-la. — Só está nervosa. Não é, Cal?

Calliope olha de soslaio para mim, então volta a encarar o prato de ovos com espinafre, intocado.

— É.

Não aguento mais. Peço licença e subo para o quarto. Alguns minutos depois, ouço o carro de James parar na frente de casa e as gêmeas embarcam com todas as minhas economias. Minha madrastra não vem ao quarto falar comigo; só grita avisando que o limpador a vapor está na garagem e que a gente se vê hoje à noite. Então a porta da frente se fecha, e ouço o conversível saindo.

Depois de não sei quantos minutos deitada na cama, sinto o celular vibrando no bolso.

— Ei! KD VC?

— Tô ligando desde cedo!

7h04

— Não vou poder ir. Foi mal.

Sinto os olhos arderem. Pisco para conter as lágrimas quentes.

A primeira ExcelsiCon de que me lembro foi quando fiz sete anos. Meu pai tinha passado os últimos nove meses trabalhando feito um louco para acertar tudo. Passou tantas noites sem dormir cuidando dos painéis, dos convidados, da segurança... Ele falava tanto do evento que fiquei cansada só de ouvir e nem quis mais ir à abertura.

Naquela manhã, acordei com a música-tema de *Starfield* que meu pai tinha colocado para tocar no volume máximo. O som estava tão alto que os bichinhos de pelúcia nas prateleiras do meu quarto chacoalharam e caíram. Ele entrou como um foguete no meu quarto, usando a casaca engomada e a coroa, e me pegou no colo, cantando, desafinado: “TAN TAN-TAN-TAN TAN-TAN-TAAAAAAN-TAN.”

Foi me conduzindo pelo quarto como se fosse uma valsa. Eu estava usando meu pijama de lua e estrelas, e era o começo do melhor dia da minha vida. Foi quando o sr. Singh assinou minha pistola estelar. Foi a primeira vez que eu achei que podia ser o Carmindor. Quando meu pai me disse: “Brilha brilha, minha estrelinha. Hoje você pode ser quem quiser.”

As lágrimas começam a cair, e eu não consigo segurar. Seco o rosto bem depressa com as mãos, mas as lágrimas não param. Não vão parar. Estou chorando tanto que não consigo nem respirar direito.

Lá fora, ouço um rimbombar.

Esfregando os olhos, vou cambaleando até a janela. Lá na rua, vejo um caminhão laranja enorme fazer a curva, passando num espaço entre dois carros que parece mais apertado que a roupa do Homem-Aranha. O food truck vem disparado pela via de mão única, com uma maníaca de cabelo verde ao volante.

Ah, não.

Hera abre a porta da minha casa com uma pancada e sobe a escada pisando duro, chega ao quarto e me encontra de joelhos no chão, cobrindo o rosto com o braço, porque não quero que ela me veja chorando. Não gosto que ninguém me veja chorando. Desde que meu pai morreu.

Chorar não resolve nada. Não traz ninguém de volta.

— Elle... Está tudo bem. Não tem problema. Vai ficar tudo bem.

Eu a empurro.

— Não v-v-vai, não! — Olho para a coroa em pedaços e a casaca rasgada e choro ainda mais. — Elas acharam que eu tinha roubado o vestido. O v-v-vestido da *minha mãe*. Então elas pe-pe-pegaram meu dinheiro e arruinaram o meu... o nosso...

Hera se ajoelha ao meu lado e tenta me abraçar, mas eu a empurro de novo.

— Não. Fique lo-longe de mim. Eu sou estranha e horrível e e-e-eu estrago tu-tudo. A vida de C-Catherine. Da-das gêmeas. Vou e-estragar a sua vi-vida também. Ainda não deu tempo, mas n-não demora.

Ela bufa.

— Elle, você não tem como estragar a vida de ninguém. Está doida? *Elas* é que destruíram as suas coisas. — Hera me encara por um tempo, agachada, inquieta. — Não entendo por que você acha que estragou algo.

Dou uma risadinha bem fraca.

— Porque eu só a-atrapalho. Não quero morar aqui. Não quero fazer parte disto. Não sou Carmindor, Hera — admito, soluçante. — N-não po-posso fingir que sou. Eu sou a Nebulosa Negra, sou a princesa Amara... E acabo com tu-tu-tudo que toco.

Ela se senta.

— Então, tá.

— *Então, tá?* — retruco. Ela parece calma demais. — Você não entende? É isso, Hera. Acabou. Nada de bom acontece comigo. Nunca.

— Não acredito nisso. — Hera fica de pé e estende a mão para me ajudar a levantar. — Vamos.

Hera mantém a mão estendida, esperando que eu a segure. Hesito, olhando para ela, tentando entender o que ela vê em mim como amiga e por que não consegue entender. Como ela não compreende?

— Por quê? — pergunto, por fim.

— Porque você está certa. Você não é o Carmindor. É a Amara. E sabe por quê? Porque você só tinha uma história secundária, mas conseguiu sobreviver a ela. E é humilde e muito corajosa. — Ela se agacha novamente e bota as mãos nos meus ombros. — Elle, no último episódio, para mim a Amara não acabou com tudo. Ela salvou o universo.

— Carmindor salvou o universo! *Ela* simplesmente morreu!

— Você não tinha dito que tem outro universo do outro lado?

— E o que isso importa? — retruco, irritada. — Eu não poderia ser Amara nem se quisesse. As gêmeas perderam o vestido da minha mãe e... E...

Sinto um nó na garganta.

Hera esfrega a nuca.

— Bem, elas não perderam... Não exatamente.

— Como assim?

— Elle, eu... preciso confessar uma coisa — diz ela, hesitante. — Eu peguei o vestido.

— Você? — As peças começam a se encaixar. — *Você* pegou?

— Peguei. Quando disse que ia levar o Franco para fazer xixi, naquele dia. — Ela parece ao mesmo tempo constrangida e orgulhosa. — Não achei que suas irmãs postiças ficariam doidas! Desculpa. Eu não... Eu só... Eu não conseguia suportar a ideia daquelas metidas usando as coisas da sua mãe. Não aguentei. E vou entender se você me odiar pelo resto da vida por causa disso e...

Eu a abraço e afundo o rosto em seu ombro.

— Obrigada — digo, soluçando. — Obrigada, *obrigada*.

— Você não está brava?

— Eu mesma queria ter roubado, mas não consegui! Não sabia como. Eu... Eu fiquei inconformada. Mas não podia fazer nada.

— Mas Chloe roubou os ingressos. Ela pegou todo o seu dinheiro porque eu peguei o vestido.

Concordo, balançando a cabeça.

— Mas ela teria feito isso de qualquer jeito. Não tenho dúvida.

— Ok.

Hera dá uma risada nervosa e se levanta, então estende a mão, e eu a seguro, ficando de pé.

— Agora vamos logo para a convenção, tá bom? Estamos perdendo tempo aqui paradas.

— Mas como vamos chegar lá? O ônibus já foi, e...

— Vamos na Abóbora.

Fico boquiaberta.

— Sério? Não podemos ir na Abóbora. Sua mãe vai *pirar*. E se a gente levar mais uma multa...

— Situações extremas, minha amiga, pedem medidas extremas. Quando chegar em casa eu me resolvo com minha mãe. Vai pegar suas coisas. Vamos viajar de carro.

— Mas não temos dinheiro. Nem os ingressos.

— Vamos pensar nisso no caminho. Vamos lá, Bilbo, cadê seu espírito aventureiro?

— Você é louca.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Eu sei.

Seco os olhos e enfio o traje na bolsa, largando a coroa quebrada no meio do quarto, e desço a escada correndo. Hera abre o compartimento traseiro do food truck, onde está o vestido da minha mãe, pendurado no teto. Fico olhando para ele, completamente maravilhada.

— Ok — começa ela —, se você quiser que eu conserte isso a tempo, vai ter que dirigir.

Hera joga as chaves para mim e pega um pequeno kit de costura na bolsa.

— Espera... O quê? — digo, pegando as chaves.

— Você dirige — responde ela, fechando a porta traseira e indo para o banco do carona. — Você sabe chegar em Atlanta, não sabe?

— *Eu?* — Dou a volta correndo no caminhão, meio que apreensiva com a possibilidade de o conversível de Catherine chegar de repente. Boto o cinto e enfio a chave na ignição. Fico assustada com todo aquele painel de controle, cheio de botões, indicadores e medidor de velocidade diante de mim.

— Eu mal sei dirigir!

— Você disse que tinha carteira!

— Mas não tenho prática!

— Então é hora de praticar — afirma ela, pegando minha bolsa. — Temos quatro horas, meio tanque e um concurso para invadir. E então, pronta para sequestrar a Abóbora, princesa?

Hera abre seu maior sorriso, e não tenho como dizer não. Simplesmente não consigo resistir.

— Positivo, copilota.

O sorriso dela fica ainda maior, e ela abaixa os Ray Ban que estavam no topo da cabeça. Faço o mesmo, escondendo os olhos vermelhos atrás do modelo aviador falsificado. Giro a chave na ignição. O motor ronca, como uma fera acordando do período de hibernação. A Abóbora sai tranquilamente da frente de casa, descendo a rua e deixando

uma trilha de fumaça preta que sai pelo escapamento.



— ESSE NÃO É o tom certo de azul nem aqui nem na China — murmuro para mim mesmo, ajeitando o colarinho da casaca.

O uniforme está pendurado num gancho de parede numa sala privativa do centro de convenções. Achei que, depois de vinte e três dias de filmagem, não aguentaria mais usar esse traje, mas parece muito estranho não estar com ele agora. A casaca já é praticamente uma segunda pele.

Passo os dedos pelos botões de bronze e pelas insígnias estelares reluzentes. Gail engomou a cauda hoje de manhã, enquanto eu curtia uma caneca de café. Não lembro a que horas fui dormir, mas foi bem depois de arrastar os outros atores alegres e bêbados de volta para o hotel.

“Você é um ótimo partido”, comentou Jess, completamente bêbada, no banco de trás do carro de Lonny.

Parece que ter um guarda-costas tem lá suas vantagens, e uma delas é dispor de uma limusine vinte e quatro horas por dia. Lonny não estava nada feliz.

“Aquela garota é louca por não perceber isso”, completou Jess.

“Que garota?”, perguntou Calvin, deitado de bruços no outro banco.

“Aquela namoradinha do Darien.”

“Eu não...”, tentei protestar, mas Jess pressionou o dedo na minha boca.

“Shhhhhh”, mandou ela.

Logo em seguida, vomitou nos meus sapatos. Eu os joguei no saguão do hotel assim que entramos, tentando evitar o olhar assassino de Lonny enquanto arrastávamos Jess e Calvin para os quartos.

Alguém bate à porta e, em seguida, Gail entra.

— Está pronto, Dare?

Passo a mão no cabelo, nervoso.

— Claro. Algum sinal do meu celular?

Ela balança a cabeça. Assim que voltei para o quarto — quer dizer, assim que voltei e limpei os resquícios do vômito de Jess —, Gail me deu a má notícia: meu celular tinha sumido.

— Não tenho a menor ideia de onde larguei seu celular — diz ela, nervosa, pela milionésima vez. — Até tentei ligar para ele, mas vai direto para a caixa postal. Desculpa, eu sei que você pediu para...

— Vamos encontrar — interrompo, tentando demonstrar mais confiança do que sinto

na realidade.

— É. Vamos mesmo.

Ela me pega pelo cotovelo, sabendo que só vou me mexer se for forçado, e me guia pelo corredor e ao longo da coxia, o único lugar onde os convidados da convenção podem se sentar um pouco sem serem abordados o tempo inteiro pelos fãs pedindo autógrafos ou para tirar selfies. Até os veteranos volta e meia aparecem por aqui. Ninguém gosta de ficar andando pelo evento; é como um aquário cheio de piranhas. É o epicentro da Nebulosa Negra deste universo.

Conforme me afasto, dou uma última olhada desesperada para a porta da coxia, e reparo num cara de cabelo castanho volumoso vestindo um casaco de um castanho ainda mais escuro.

— Gail! — Paro de repente. — Acho que vi Nathan F...

Gail me puxa como se eu fosse um ioiô.

— Depois você pede para ele assinar sua primeira edição da HQ de *Firefly*. Depois do seu painel e da... É... Do encontro com os fãs.

Cravo os pés no carpete.

— Encontro?

Gail faz uma careta e mexe no rabo de cavalo.

— É, olha... São ordens do Mark.

— Ordens do... Mark... — engasgo, e o nome quase não sai. — Foi meu pai que mandou?

— Ele insistiu. Disse que vai ser bom para sua imagem. E que você está precisando disso. Tentei argumentar, mas...

— E se aquele blogueiro estiver aqui? O que deixou as mensagens?

— Não sabemos se é a mesma pessoa.

— E se essas duas pessoas estiverem aqui? Qualquer um pode comprar um ingresso para o encontro comigo!

— Des... Desculpa — diz Gail, e na mesma hora meu medo vira arrependimento, e curvo os ombros.

O casaco marrom na coxia já sumiu de vista. Mais uma oportunidade perdida.

Balanço a cabeça.

— Não, tudo bem, não é culpa sua. Você não pode contrariar as ordens dele. Talvez o pessoal da convenção possa fazer alguma coisa. Vou cuidar disso.

— Mas, Dare...

— Vou *cuidar* disso.

Abro a porta no fim do corredor e entro na convenção lotada, com Gail atrás de mim, forçando a passagem pelo mar de gente. Eu me recuso a parar para tirar selfies ou dar autógrafos, ou para qualquer outra coisa, porque estou numa missão.

Primeiro Mark me obriga a vir para a convenção. Depois me culpa por todas essas informações que estranhamente vazaram. E agora não vai me deixar cancelar o encontro com os fãs? E nada de Fanta laranja. Já estou cansado de não ter o controle das coisas.

Mark que se dane.

Não vou dar autógrafos.



O CENTRO DE convenções de Atlanta é *enorme*.

Hera me deixa na entrada principal com a missão de arranjar ingressos e vai procurar uma vaga para a Abóbora, que sai cuspidando fumaça. Ali sozinha, eu me viro, boquiaberta, para a multidão. Tem *tanta* gente! E não só gente, tem também vulcanos, nox, turians e lordes Sith. E também Groots, X-Men, vários Jon Snows e Marty McFlys, algumas princesas da Disney. Nathan Drakes e Indiana Jones. Além de personagens de *DOTA 2* e de *League of Legends*, browncoats, com seus casacos marrons, andam entre heróis com capas e alunos de Hogwarts. Vejo algumas Sailor Moons, trekkers e cosplayers de outros seriados de ficção científica. E, no meio de todos aqueles fãs, com suas roupas de um azul-marinho perfeito — símbolo da minha amada Federação —, estão os pistoleiros estelares.

O mundo impossível. E, o que é ainda melhor, nenhum sinal das gêmeas.

12h22

— Você *NÃO* VAI ACREDITAR onde estou agora, ah'blen.

— [1 anexo]

Espero a resposta, porque acho que ele também está aqui; deve estar palestrando num dos painéis de cosplay. Mas a resposta não chega. Por enquanto, não. Ele vai responder quando abrir a mensagem. Mas será que vai querer me encontrar? Será que eu quero?

Acho... Acho que sim.

Determinada, ajeito a alça da bolsa no ombro e embarco de cabeça na minha missão: conseguir ingressos. Só resta uma pessoa na bilheteria, um homem com cara de tédio, e acima dele uma placa vermelha enorme dizendo: INGRESSOS DE SÁBADO ESGOTADOS. Respiro fundo e vou até ele.

— Olha, não estou tentando conseguir um ingresso *novo*. É que os meus foram roubados. Só quero entrar no concurso de cosplay. Eu *juro* que não vou andar o tabuleiro todo, comprar o heliporto, visitar a cadeia ou qualquer outra...

Ele aponta para a placa.

— Eu li a placa. Eu sei ler. Só estou perguntando se tem como...

— Ser privilegiada? — completa ele, finalmente olhando para mim. E pisca por trás dos óculos de armação preta e grossa. — Talvez seja melhor comprar os ingressos mais cedo ano que vem, docinho.

— Não me chama de docinho.

— Quem chamou você de docinho?

Hera aparece no mar de gente do saguão e ajeita a roupa, que hoje é um vestidinho azul de bailarina. Ela parece uma fada punk louca — nem um pouco deslocada na convenção.

— Olha, não consegui lugar na garagem, porque a Abóbora é maior que a altura máxima permitida, mas achei uma vaga na esquina, e tive que roubar as moedas do caixa para pagar o parquímetro. A operação Evitar uma Multa está correndo bem.

— Acho que isso é ilegal — comenta o cara dos ingressos.

— Assédio sexual também. — Tento lançar a ele meu olhar maligno destruidor de mentes, mas nada afeta esse cara. O apocalipse poderia estar chegando, e ele só iria pensar que é alguma performance de ficção científica fora de moda.

Ele dá um suspiro.

— Olha, o máximo que você pode fazer para resolver essa questão dos ingressos “roubados” é falar com os organizadores. Eles ficam naquele escritório ali. — O cara aponta um canto do saguão. — Vai lá perturbar eles.

Fazendo cara feia, dou meia-volta e vou para o escritório.

— Acho melhor eu esperar aqui — diz Hera, atrás de mim. — Divirta-se invadindo o castelo!

Aceno com as mãos para o alto para indicar que ouvi.

Isso é ridículo. Meu pai passou anos organizando a ExcelsiCon, mas nunca teria contratado um idiota como *aquela* cara. Pelo menos há outras maneiras de entrar numa convenção, e sei que eles ainda não atingiram o limite máximo de pessoas. Sempre deixam alguns ingressos reservados para o caso de aparecer alguém importante. Por exemplo, o presidente. Ou Tom Hiddleston.

Chego à porta do escritório e espio lá dentro. Vejo uma mulher exausta contando dinheiro numa escrivaninha. Ela é familiar, mas demoro um pouco para me lembrar de onde a conheço.

— Srta. May! — grito, batendo à porta e acenando pela janelinha.

Ela dá um pulo quando ouve seu nome e se vira para a porta na cadeira giratória. Está com a camiseta rosa da produção da ExcelsiCon e calça jeans, e tenho certeza de que não troca esses tênis Keds desde que a vi pela última vez, há dez anos. Franze a testa, como se estivesse tentando se lembrar de onde me conhece.

Faço uma saudação da palavra de honra, e ela ergue as sobrancelhas grisalhas, surpresa.

— Ah, minha nossa... *Danielle!* — grita ela, pulando da cadeira e correndo até a porta para me abraçar.

— Danielle, como você cresceu! Você está a cara do Robin. A cara dele! Nossa, faz quanto tempo? Seis anos?

— Um pouquinho mais.

Dez. Como pode ter passado tanto tempo? Fico imaginando se ela também me culpa por tudo. Eu me obrigo a sorrir.

— Já estava na hora de eu voltar, né?

— Aposto que vai chover! Robin nunca conseguia ficar muito tempo longe. Eu sabia que você iria aparecer uma hora ou outra.

— Na verdade, srta. May, foi disso que vim falar com você. Eu... A gente...

De repente, alguém abre a porta do escritório com uma pancada. Um cara alto, mais ou menos da minha idade, com cabelo escuro e um andar meio gingado, passa depressa por

mim.

— Quero falar com o gerente — declara ele, a voz gélida. — *Por favor.*

Fico boquiaberta. Santo príncipe da Federação, Batman. É o *maldito* Darien Freeman.

A srta. May parece surpresa.

— Caramba, espera um instante...

Em seguida, uma mulher desesperada, que deve ser a assistente dele, entra também e fecha a porta sem fazer barulho.

— Darien, não tem problema...

— Gail, tem problema, sim. — Ele se vira de volta para a srta. May. — *Por favor*, só preciso falar com o diretor do evento. Só isso. Tenho certeza de que foi apenas um mal-entendido.

— O diretor está na convenção — responde a srta. May.

— Com licença — interrompo.

— Só um segundo, ok? — Ele mal olha para mim.

Eu me sinto invisível. Uma coisa é eu me sentir invisível em casa, mas isto aqui... Isto aqui é a convenção do meu pai. Eu não deveria me sentir invisível aqui. *Não* vou me sentir invisível aqui.

— Tem algum jeito de entrar em contato com ele? — pergunta Darien. — Dá para ligar ou algo do tipo? Preciso cancelar a sessão de autógrafos.

— Dare, você vai chegar atrasado ao seu painel — implora a assistente. — Talvez a gente possa resolver isso depois...

— Mas a sessão é logo depois do painel — retruca ele, tentando argumentar.

Contraio o maxilar. Primeiro ele aceita o papel e acaba com o Carmindor. Depois, tem a audácia de mostrar a barriga de tanquinho em rede nacional para *vender* o Carmindor. E agora entra desse jeito no escritório, *me* interrompe e finge que sou invisível? É por isso que eu tenho aquele blog. Tem coisas na vida que eu consigo ignorar. Catherine, as gêmeas, toda aquela porcaria que aconteceu no clube... Mas ninguém mexe com *Starfield*.

— Você não está sendo um pouco mal-agradecido?

Ele finalmente olha para mim, como se estivesse me vendo pela primeira vez. *Ah, oi, querido*, penso. *Que bom que você finalmente notou minha existência.*

— Oi?

— Você não está sendo um pouco mal-agradecido? — repito, fazendo uma pausa a cada sílaba.

— Desculpa, é... senhorita. É que estou com um pouco de pressa...

— E eu não? — Cruzo os braços e continuo: — Eu cheguei primeiro, e não vejo nenhum motivo para você entrar aqui desse jeito e ter um chique porque não quer sentar esse traseiro lindo numa cadeira e dar autógrafos durante meia hora. Isso é um *absurdo*. Considerando a grandiosidade da vida, de que valem umas horinhas? — Boto as mãos na cintura. — O que são trinta minutos diante da ideia de levar alguém às estrelas?

Ele estufa o peito, todo sério.

— Você não entende. Você não poderia...

— Como não? — Dou risada. — Se quiser me dar seu cachê, *eu* passo essa meia hora dando autógrafos *por você*.

Ele faz menção de responder, mas simplesmente se vira para a srta. May.

— Por favor, tem algum jeito de entrar em contato com seu chefe? Podemos chegar a

um acordo. Só não quero dar autógrafos...

— Bem, mas talvez você *tenha* que dar autógrafos — respondo no lugar da srta. May, que está cada vez mais pálida. — Talvez seja *exatamente* o que você tem que fazer, Darien Freeman. Acho que você já devia ter reparado que ser o Carmindor é mais do que ser um rostinho bonito.

Toquei na ferida. Na verdade estou citando o texto do meu blog. E por seu olhar ofendido, percebo que ele entendeu a referência. Ótimo.

— Você é só mais uma celebridade mimada — acrescento, apontando para a porta. — Então, por que não honra seu cachê, para variar, dando alguns autógrafos? É o mínimo que pode fazer, se quer ser o Carmindor.

A coitada da assistente dele, que parece estressada de tanto trabalhar — e ganhar pouco, a julgar pelos tênis surrados — tapa a boca, tentando esconder a surpresa.

Darien Freeman se vira para mim pela primeira vez desde que entrou. E aí eu meio que entendo por que todos o acham tão atraente. Ele é lindo ao vivo, ainda mais com a cicatriz, e aqueles olhos... Mas a personalidade estraga tudo. Ele claramente malhou para as filmagens de *Starfield*. Que eu me lembre, em *Seaside Cove* ele não era tão... robusto. Darien cruza os braços, e a camiseta marca os ombros largos.

— Aquele blog é seu, não é? Você me odeia.

— Eu não te *odeio*.

— Então qual é o seu problema comigo?

Eu me empertigo, mas mesmo assim continuo uma nanica perto dele.

— O que eu *odeio* é ver você maltratando os outros!

— Não estou *maltratando* ninguém.

— Ah, então sair por aí dando ordens em trabalhadores honestos é o que você considera um comportamento normal e educado?

— Eu pedi “por favor”! Não pedi? — pergunta ele, incrédulo, olhando para a assistente em busca de apoio.

Ela contrai os lábios, e reparo que estão se comunicando em silêncio. Quando vê que ela não vai ajudar, Darien levanta as mãos, irritado.

— Ai, tá bom! Olha, senhorita...

— Srta. May — acrescento. — É srta. May.

— Srta. May — repete ele, e vejo um músculo se contraindo em seu maxilar. — Desculpa por ter sido rude. Foi um dia longo, e...

— Não é nem uma da tarde — murmuro.

Darien olha feio para mim.

— Mas só quero um tempinho livre para ver a convenção, entende? Só algumas horas, e não vou conseguir fazer isso se tiver que dar autógrafos. Será que você poderia, *por favor*, chamar o diretor no rádio e pedir para ele me procurar? Vou estar no painel de *Starfield* — ele olha para mim quando completa —, *trabalhando*.

Então dá meia-volta e sai. Há um aglomerado de fãs lá fora que quase derruba Darien Freeman quando ele sai do escritório, mas um cara fortão, provavelmente o guarda-costas, o protege e o guia pelo saguão junto com a assistente. A porta se fecha, abafando os gritos das fãs.

Reviro os olhos e faço careta. Mas a srta. May está sorrindo para mim.

— Você é mesmo filha do seu pai.

— Ele agiu como se eu fosse invisível. Eu só fiz o que qualquer um faria.

— Não, isso era típico do Robin. — Ela balança a cabeça. — Trabalhei com seu pai por tantos anos que vejo direitinho os traços dele em você. Aquele garoto não tinha a menor chance.

— Ele foi *bem* grosso com você.

— Aham.

A srta. May assente e se balança para a frente e para trás na cadeira, pegando um radinho comunicador. Ela entra em contato com o novo diretor, Herman Mitchs, velho amigo do meu pai: um homem careca com barrigão de cerveja que adora fazer cosplay de Chewbacca. A srta. May passa a mensagem de Darien Freeman, depois se volta para mim.

— Então, o que posso fazer por você?

— Bem... — Começo a contorcer as mãos, ansiosa. — É que aconteceu uma coisa, sabe, e meus ingressos foram roubados. Eu tinha dois, trouxe uma amiga. Estou com os recibos, mas o cara da bilheteria disse que...

— *Recibo?* — A srta. May começa a rir, se inclinando para trás na cadeira. — Elle, a filha de Robin Wittimer nunca vai precisar *comprar* ingresso! Você é parte desta convenção, querida. Você é da família.

Ela pega um crachá na gaveta da escrivaninha. Tem uma linha amarela no topo: é o passe mais alto de todos, do tipo que dá acesso à convenção inteira. Com ele, todo mundo sabe que você não é só mais um visitante; você é *alguém*. E *alguém importante* ainda por cima. É o Stan Lee dos crachás.

Ela o entrega para mim, e passo os dedos por cima do nome escrito em letras pretas: *Robin Wittimer*. Sinto os olhos arderem com as lágrimas.

— Todo ano a gente faz um desse — explica a srta. May. — Caso você apareça.

— Todo ano? — pergunto, a voz saindo baixinha. — Mas...

— Sua madrastra nunca contou? — Ela franze a testa. — A gente sempre enviava os crachás para sua casa, mas todas as vezes o correio mandava de volta, então decidimos guardar tudo.

Então esse tempo todo Catherine sabia que eu era convidada para a ExcelsiCon? Ela sabia que todo ano faziam um crachá só para mim, e no nome do meu pai, e *devolvia pelo correio*? Mordisco o lábio, tentando não chorar.

— Eu não fazia ideia — sussurro. — Se soubesse...

A srta. May percebe que estou triste e me oferece um pote cheio de balas.

— Bem, você veio desta vez. E sua amiga pode usar este aqui — acrescenta ela, pegando um dos crachás extras que, como eu sei, ficam reservados para convidados especiais. — E o que a trouxe, afinal? Veio ver o painel de *Starfield*? Porque acho que você está perdendo...

— Na verdade, eu vim participar do concurso de cosplay.

Ela sorri, desembrulhando uma bala.

— Você é mesmo filha do seu pai.



— VOCÊ PRECISA SE acalmar, Dare.

Valeu, Gail. Eu não tinha pensado nisso.

Estamos saindo do auditório gigantesco, onde o painel acabou agora mesmo. Minha visão está pipocando com flashes do zilhão de fotos que os fãs impacientes de *Seaside* tiraram. Eles dizem me amar, mas, se amassem mesmo, não usariam flash. Todas as perguntas do público ainda nadam na minha mente, parecendo as entranhas de Blob.

Como você se sente sendo o novo Carmindor?

O que vai trazer de novo para o papel, e como vai superar o sr. Singh?

Agora que a filmagem acabou, pode nos contar um pouco do que esperar do seu Carmindor?

O que te levou a interpretar o príncipe da Federação?

Ninguém perguntou isso para Jess. Nem para Calvin. E toda vez que perguntavam para Amon por que ele *me* escolheu para ser o príncipe da Federação, ele simplesmente dizia: “Quer saber se escolhi a pessoa perfeita para o papel? Acredito que sim.”

O que é a etiqueta básica para entrevistas. Quando alguém faz uma pergunta que você não quer responder, basta refazer a pergunta a si mesmo e aí sim respondê-la.

Depois do encontro com aquela blogueira no escritório dos organizadores e da participação no painel, estou com um humor péssimo. Não consigo acreditar que encontrei com a dona do *Artilharia rebelde*. E é uma *garota*. O destino só pode estar zoando com a minha cara. Meu humor não melhoraria nem se Nathan Fillion em pessoa aparecesse na minha frente.

— Você ficou realmente afetado com aquela garota, não foi? — comenta Gail, inquieta, atrás de mim.

Lonny vem atrás, como uma sombra gigantesca.

— Aquilo não era uma garota, era uma cria do demo — murmuro, abrindo a porta da área restrita para convidados.

— Mas ela não estava errada, você sabe — comenta Lonny, com sua voz trovejante.

Gail concorda.

— Darien, você é sempre tão bom com os fãs. *Darien*. — Ela me segura pelo braço para me fazer parar no meio do corredor.

Vejo o cara do seriado do demônio passar e balanço a cabeça para ele, cumprimentando. Quando tem certeza de que ele não vai conseguir ouvir, ela sussurra:

— Qual é o problema, Dare, *de verdade*?

Qual é o problema? *De verdade?*

Sinto um músculo da mandíbula pulsar.

— Gail, ainda não achei meu celular, e nunca passei tanto tempo assim sem falar com a Elle desde que discordamos sobre o funcionamento do capacitor de fluxo solar. Descobri que é uma garota que escreve no *Artilharia rebelde*. E tenho que passar meia hora dando autógrafos daqui a — finjo olhar um relógio de pulso inexistente — *dez* minutos num lugar onde um cara que vem me ameaçando pode ou não dar as caras.

Sei que parece loucura, mas, além disso tudo, sinto como se estivesse sendo observado. Quer dizer, eu sei que *estou* sendo observado, mas... É uma sensação diferente. Era como eu me sentia durante as filmagens. Como me senti quando aquele cara me trancou no terraço e quando os vídeos e fotos vazaram.

— Mas eu vou estar lá — intervém Lonny, com sua voz trovejante, estalando os dedos. — Vou dar um nó de marinheiro nas tripas desse sujeito.

— Valeu, cara. — Solto um longo suspiro. Estou estressado. — Vai ficar tudo bem. Uma beleza. Desde que não me façam autografar nada que não possa ser visto em público.



ENCONTRO HERA NO saguão e a coroo com o outro crachá VIP, que dá acesso às mesmas coisas que o meu. Apresentamos ao cara da bilheteria quando chegamos à fila da segurança. Ele fica boquiaberto ao ver a faixa amarela no topo do meu.

— *Toma essa* — mexo os lábios sem emitir som e dou um tchauzinho atrevido quando o segurança confere minha bolsa, onde está a fantasia, e me deixa entrar.

— Vamos lá, precisamos ajustar sua roupa e aprontar você para o concurso — diz Hera, dando tapinhas na alça da bolsa. — Ainda preciso conferir os pontos no ombro, espalhar a purpurina no casaco e...

— Hera.

Ela ainda nem olhou em volta.

— Oi? Ah.

Ela repara na exposição gigantesca, boquiaberta.

— *Uau*.

Todo o centro de convenções está decorado, do chão ao teto. Ao longo das paredes há fileiras de estandes com representantes de canais de televisão, estúdios e jogos, réplicas em tamanho real de personagens de *World of Warcraft* e bonecos Funko gigantes. Pessoas simpáticas cuidam das mesas, que vão de um lado a outro, e banners de *Star Wars* e *Star Trek* tremulam levemente com a brisa do ar-condicionado. A multidão se aglomera para tirar fotos, às vezes no meio do corredor, aproveitando para fazer selfies com cosplayers que carregam armas falsas: espadas, cimitarras, sabres de luz, phasers e pistolas estelares. Um Deadpool esbarra em mim quando desvia de quatro ewoks se esgueirando por trás de uma Hulkbuster gigantesca, filmando o evento com os celulares. E nenhum sinal das gêmeas. O que parece um ótimo presságio.

Hesitante, Hera e eu nos entreolhamos.

— Minha nossa — comenta ela —, estou no paraíso dos nerds.

— Ah, minha jovem Padawan — respondo, acenando para o resto do salão —, tudo aquilo que a luz toca é o nosso reino. Vamos explorar. — Puxo Hera para o turbilhão de fantasias e ficção científica, e nos perdemos naquela bagunça.

— Meu Deus, olha só toda esta gente. Tem tantos Carmindores! Acha que o seu está por aqui?

— Pode ser — respondo, quando passamos por um estande com vestes de *Assassin's Creed* à venda.

— Sério? Vocês vão se encontrar?

— Não sei. Ele ainda não respondeu.

— Hum. — Ela indica um grupo de cosplayers reunido num canto do salão. Um deles segura uma placa dizendo TIME QUATRO ESTRELAS. — Muitos desses grupos organizam encontros em convenções?

— Com certeza.

— E o pessoal de *Starfield*? Aquelas pessoas com quem você conversa nos fóruns?

— Ah... É, eles também. Alguns estão aqui. — Nós nos separamos momentaneamente quando uma elfa armada com uma cimitarra se espreme para abrir passagem. — Bem, é melhor irmos para a área do concurso fazer a inscrição, né? E vamos tentar não dar de cara com as gêmeas.

— Se encontrarmos com elas, vamos enfiar as duas num armário — murmura Hera.

Abro um sorriso.

— Pronta para acabar com a raça de alguns nox?

Ela solta uma risada maquiavélica.

— Elle, estou pronta para pegar uma faca e enfiar no olho desses nox.

— Nossa, fiquei com medo de como você terminaria essa frase.

— Pois é, temos que prestar atenção à classificação etária do público.

— Justo.

Hera pega um mapa da convenção que encontrou no chão do salão, mas eu o arranco das mãos dela com uma risada sarcástica.

— Ah, por favor: eu conheço este lugar como a palma da minha mão.

— É mesmo? Como?

— Porque foi o meu pai quem criou tudo isto aqui.

Seguro a mão dela novamente e abro caminho pela multidão. O mapa desta convenção está grudado na minha memória como os adesivos de estrelas no teto do meu quarto, que brilham no escuro.



DEPOIS DE ASSINAR meu nome em mais uma foto minha em *Seaside Cove*, agradeço a uma fã morena e linda por ter ficado na fila e devolvo a foto, que a garota abraça como se fosse feita de ouro, diz que ama meu personagem em *Seaside* e volta correndo para perto das amigas. Isto aqui é maravilhoso. Achei que ficaria cansado com tantos fãs se declarando, mas a verdade é que o amor deles é sempre tão intenso e verdadeiro que nunca incomoda. Claro que dá uma massageada no ego, mas prefiro acreditar que não sou *tão* superficial assim. Gosto do meu trabalho porque deixo pessoas de todos os tipos, como mostra a diversidade da fila, felizes.

— Então aquela blogueira estava certa — murmuro para mim mesmo, batucando com a caneta na mesa.

É irritante pensar em como ela estava certa. Meu tempo é muito menos precioso do que a felicidade das pessoas.

Gail está por perto, falando toda animada ao celular, embora eu não consiga ouvi-la. Deve estar marcando encontros, ensaios fotográficos e ajustando qualquer outra coisa que eu não tenho tempo de resolver. Ela merece uma folga depois disso tudo. Ou uma promoção.

Lonny está no começo da fila, sério e durão como sempre, mesmo usando a capa das *Meninas Superpoderosas*, que pegou num estande próximo, para se camuflar na multidão. Resultado: todo mundo está olhando para ele.

Um fã desliza um livro na mesa até mim. Quando estou prestes a responder que não autografo obras de outras pessoas, reconheço o que é.

A primeira edição de *Batman*, ano um.

Pego a caneta e olho bem devagar na direção de um cara ruivo usando uma camiseta do Kilgrave, o Homem-Púrpura. Ele está mais alto do que eu lembrava, e mais velho, claro. O cabelo é bem curto, os olhos, escuros.

Sinto uma pontada no peito. Eu me encosto na cadeira e tampo a caneta.

— Brian?

— E aí, Darien. Quanto tempo, hein?

Olho para trás dele. Ainda tem pelo menos umas vinte pessoas na fila. Não posso simplesmente sair daqui, e como Gail está de costas para cá, não percebe que estou com problemas; nem se eu der uma de Hulk, agarrar Brian pelo pé e o atirar para longe vai adiantar. Tenho que manter a calma. O que é difícil, já que minha vontade é dar um soco na cara desse infeliz.

Em vez disso, simplesmente balanço a cabeça e respondo:

— Muito tempo. Quer um autógrafo? Você sabe que não assino obras de outras pessoas.

Ele umedece os lábios. Vejo a ponta de uma insígnia imperial de *Star Wars* despontando do colarinho da camisa. Claro que ele é do Império. Nunca foi bom o bastante para a Aliança Rebelde.

— Quero falar com você, rapidinho. Estou tentando há algum tempo. Deixei umas mensagens no seu hotel...

— Ah, então era você? Achei que... — Não termino a frase, porque tinha pensado em algo ridículo. Claro que só podia ter sido o Brian.

Ele abre um sorriso.

— Você chegou a ouvir as mensagens?

— Não tive muito tempo, sabe como é — respondo, tentando manter a voz firme.

Ele bufa, irritado, e se abaixa, para ficarmos cara a cara. Se isso não puder ser classificado como desdém, não sei o que seria.

— Olha, eu não sabia que iriam tentar acabar com a sua imagem daquele jeito. Achei que seria só uma notícia pequena numa revista de fofocas qualquer. Não achei que a *People* fosse publicar. Ele disse que eu poderia ficar com o dinheiro, e... Não sei, cara. Achei que você soubesse!

— Que eu *soubesse*? — Não consigo acreditar. — Soubesse o quê? Que você sairia vendendo informações minhas por aí?

— Era muito dinheiro. Você entende, não entende? Tem que entender.

Eu queria brigar com ele, mas a verdade é que, infelizmente, eu *entendo*. Entendo por que ele venderia minhas fotos como um paparazzo. Quando oferecem um bom dinheiro que pode pagar sua faculdade, não dá para negar. E lá estava eu, o filho nerd da realeza hollywoodiana (autointitulada como tal, mas tudo bem). Nós dois éramos meio excluídos. E ficamos amigos.

É claro que eu entendo. Entendo as atitudes dele muito mais que as minhas. E é isso que mais me irrita. Ele não teve a capacidade de me entender também. Não é para isso que servem os melhores amigos? Ele era um irmão para mim. Um irmão não vende o outro para a imprensa, mas aqui estamos nós.

Olho para a caneta, girando-a entre os dedos.

— Sim, Brian, eu entendo.

Ele parece aliviado.

— Ah, que bom! Escuta, então, se está tudo bem, podemos voltar a ser... amigos e tal, acho que...

— Não.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Mas você acabou de dizer...

— Olha, não quero ser babaca. Você *era* meu melhor amigo. Eu confiava em você.

As pessoas na fila começam a ficar inquietas. Gail continua tagarelando ao telefone, com sei lá quem. É melhor que seja Mark, ou vou jogar todas as calcinhas dela no frigobar quando voltarmos para o hotel.

Mas Lonny está prestando atenção. Ele nos observa, de braços cruzados, só esperando um sinal meu. Ergue a sobrancelha escura e grossa. Será que eu quero que ele leve Brian

embora? Sim, quero.

Mas isso não vai dar fim ao problema. Preciso resolver sozinho.

Empurro o *Batman*, *ano um* de volta para ele.

— Eu perdoo você, Brian, mas acho que não dá para voltarmos a ser amigos.

Compramos nossas edições na primeira vez que fomos a uma convenção, quando eu ainda não era famoso. Fomos vestidos de Carmindor e Euci, e passamos duas horas na fila só para pegar um autógrafo do David Singh nos velhos DVDs de *Starfield*. Foi a primeira vez que fizemos algo juntos fora da escola, foi naquele fim de semana que nos tornamos amigos. Aquele tipo de amigo que aparece conversando animadamente ao fundo em fotos de festas na praia, bebendo cerveja. O tipo de amigo que gravou minha primeira fita de teste de elenco que meu pai — Mark — usou para conseguir o papel de Sebastian para mim em *Seaside Cove*. E tudo começou naquela primeira convenção.

Então... Então a vida aconteceu. Primeiro veio *Seaside Cove*. Depois *Starfield*. E, de repente, tudo o que eu achava que era verdade virou mentira, *eu* não era mais quem achava. E todo mundo passou a pensar em mim de outro jeito. Virei outra pessoa.

— Boa convenção para você — digo a Brian, chamando a próxima pessoa na fila.

— Você tá de brincadeira? — Brian solta uma risada sarcástica. — Vai repetir aquela desculpa ridícula de “não tive tempo para ouvir suas mensagens”, mesmo tendo passado o mês trocando mensagens com uma garota aleatória?

Olho irritado para ele, que ergue as sobrancelhas, surpreso. Se entregou. E de repente tudo passa a fazer sentido. Aqueles momentos durante as filmagens, quando eu sentia que estava sendo observado. *Não* era coisa da minha cabeça.

— Era você — murmuro. — *Você* estava lá. Foi você que me trancou no terraço e que vazou as cenas. — Minha mente está rodopiando. — Como conseguiu entrar no set?

— Você ainda não entendeu? — Ele abre um sorriso reluzente. — Era só mencionar Mark que ninguém me barrava. Parece que o diretor de figurino morre de medo dele. Ah, falando nisso. — Ele pega alguma coisa. Meu celular. — Sua assistente perdeu isto aqui.

Tento tomar o celular, mas Brian o afasta.

— Nada disso, espera aí. Dez minutos atrás, eu estava disposto a entregar o telefone pra você como oferta de paz, mesmo tendo dado com a cara na porta lá no hotel.

— Olha, eu estava ocupado com as filmagens e... — Tento pegar o celular de novo. — Devolve, Brian.

Mas não adianta. Ele está olhando para a tela. Lendo alguma coisa.

— Olha, a Elle está aqui, sabia?

Sinto um frio no estômago. Deve transparecer no meu rosto, porque Brian abre um sorriso.

— Fica tranquilo. Vou avisar que você está ocupado demais para dar atenção aos amigos. — Antes que eu consiga impedir, ele envia uma mensagem e depois joga o telefone no meu colo. — De nada.

Então estala os dedos na mesa e sai, abrindo caminho pela multidão. Um cara grandalhão se espreme ao lado dele e coloca um pôster de *Starfield* na mesa para eu assinar.

Olho para o celular. Está ligado, com uma mensagem aberta. Que foi enviada para Elle. Mas não fui eu que mandei. Engulo o nó na garganta.

— Sou muito fã, estou tão ansioso para o filme! — diz o cara.

Deixo o celular de lado, tentando não parecer muito abalado, sem querer dar esse gostinho a Brian. Destampo a caneta.

— É mesmo? E o que você está mais ansioso para ver?

Autografo a parte de baixo do pôster.

— A plataforma de observação — responde ele, com um sorriso. — Ouvi dizer que a vista é bem bonita nesta época do ano.

— Só ao sul de Metron — respondo, devolvendo o pôster. — Obrigado por vir — acrescento, e olho para o próximo da fila.

Olha para a frente, olha para a frente, mentalizo, como se fosse um mantra.

Nunca olha para trás.

Finalmente, Lonny se aproxima devagar e fica por perto até Brian se afastar da fila. Ele continua na minha visão periférica por algum tempo, até meu guarda-costas começar a estalar os dedos. Então, Brian finalmente desaparece. Espero que dessa vez seja para sempre.

Talvez isso seja resultado da fama. Ela corrompe tudo ao redor, e depois de um tempo até seus melhores amigos passam a ver você mais como um nome do que como uma pessoa; um produto, e não um ser humano. Talvez essa seja a minha vida agora.

E a Elle? Será que vai acontecer o mesmo quando ela descobrir quem eu sou? Ela já odeia o Darien Freeman, mas será que também vai me odiar? Quando penso no amigo com quem eu trocava cartas de Pokémon num canto da lanchonete da escola, fico me perguntando se realmente quero arriscar de novo.

Vai acabar do mesmo jeito. Talvez pior. E talvez seja pior desta vez, porque eu gosto mesmo de Elle. E percebo que era sobre isso que Gail estava tentando me alertar. Não porque Elle é uma desconhecida, ou porque pode ser uma pessoa horrível; é porque ela é normal. Ela é como todo mundo.

E, como todo mundo, talvez não me entenda.

Gail finalmente sai do telefone e volta para perto de mim.

— Como vão as coisas?

Forço um sorriso.

— Estão ótimas. — Mostro meu celular. — Achei.

A última mensagem que eu mandei, ou que Brian mandou, foi um jeito horrível de dizer adeus. Mas o que me mata é saber que foi o certo a fazer. *Não posso* mais continuar isso com ela. Elle não disse que este é o universo impossível? Na hora eu ri, mas agora não sei mais se era besteira. Minha vida é impossível. Minha *sorte* é impossível.

E eu e Elle? Juntos? Deve ser a coisa mais impossível de todas.

Gail fica surpresa.

— Não acredito! Onde estava?

— No bolso — minto.

Gail solta um enorme suspiro de alívio.

— Graças a Deus. — Ela se recompõe. — E aí, está pronto?

— Pronto para q... — Tento me concentrar no próximo fã, que carrega o que parece um bonequinho com a minha cara.

Meu Deus, virei uma *action figure*.

— Lembra qual é o objetivo desta convenção? — Gail balança a cabeça e me puxa pelo braço. — Vamos lá, Carmindor. Você é jurado de um concurso.



NÃO PARO DE alisar aquele monte de tecido da cor do céu, tentando disfarçar o tremor nas mãos. Entre as manchas no espelho, vejo Hera travar uma batalha com meu cabelo. Ele sempre foi rebelde, e hoje não é exceção: se recusa a ficar preso na trança. Toda vez que uma mecha sai do lugar, ela levanta as mãos, irritada.

— Foi mal. Eu devia ter avisado que meu cabelo é um pesadelo.

Tento passar os dedos pelas mechas para desfazer o restante da trança, mas os fios se embolam e, quanto mais eu puxo, mais o nó aumenta.

— Dez minutos! — grita o produtor. — Por favor, quero todos os concorrentes na coxia... Em fila!

Hera solta um palavrão.

Os outros Eucis, Amaras e Carmindores — alguns vestidos do sexo oposto, outros misturando universos alternativos, outros ainda seguindo certinho o cânone — se levantam e vão saindo do banheiro, até só restar uma Amara além de mim. Fico imaginando se o meu Carmindor está por aqui. Só pode estar, né? Ele deve ser um dos concorrentes, ou está em algum painel aqui perto. Ou nem teria mandado aquela primeira mensagem sobre a convenção.

A outra Amara ajeita o batom preto no espelho, hesita e olha para mim.

— Ah, meu Deus. Desculpa, sei que vai parecer que sou doida, mas... é você que escreve para o *Artilharia rebelde*?

— Eu... É... sou.

Estou chocada demais para ficar com vergonha.

— Ah, meu Deus. Eu *amo* seu blog! Já amava antes de ficar famoso!

Nunca vi a garota na vida, mas ela me abraça mesmo assim. Será que ela deixa comentários? Ou só lê? Não importa. Parece um abraço sincero. Amigável. Eu retribuo.

— Reconheci pela foto de perfil... Espero que você não me ache muito estranha. — Ela dá um passo para trás e olha para minha fantasia de Amara. Um longo vestido, com os restos da casaca do meu pai formando as ombreiras e borlas douradas penduradas. — Essa é a fantasia que você falou no post?

Hesito.

— Mais ou menos. Era uma do meu pai e outra da minha mãe. Eu meio que misturei as duas. Mas não faz muita diferença. Isso é tão... maneiro — comento, apontando para fora do banheiro, na direção do concurso. — É tudo que meu pai esperava que fosse.

A menina fica apreensiva.

— Seu pai?

— Ele criou a ExcelsiCon. Bem, junto com outras pessoas, mas...

— Espera. Você é filha do Robin Wittimer?

— É... Sou — concordo, balançando a cabeça. — Ele iria amar sua roupa, aliás. É maravilhosa. Você está igual à Amara.

— Obrigada, mas...

Ela olha o meu traje de cima a baixo, examinando o uniforme desfalcado, com partes rasgadas, a insígnia estelar quebrada, sem a coroa... Então, para minha completa surpresa, ela tira a própria coroa.

— Aqui. — Ela bota a coroa na minha cabeça. — Assim está muito melhor.

— O quê? — Toco a coroa, muito delicadamente. — Não posso aceitar...

Ela ergue a mão.

— Pode, sim. Eu venho a esta convenção há anos. Amo isto aqui. Aceita essa coroa como um agradecimento.

No espelho, por trás do meu cabelo desgrenhado, o rosto de Hera se ilumina. Acho que ela vai dizer que a nova coroa não combina com o visual que ela criou, mas ela simplesmente estala os dedos e grita:

— É isso!

— Isso o quê?

Ela pega um pacote de lenços removedores de maquiagem da bolsa.

— Tira essa maquiagem. Tenho uma ideia.

— Mas...

— Fica quieta! Estamos correndo contra o tempo. O concurso começa em dez minutos, literalmente. — Ela se vira para nossa nova amiga. — Você acha que consegue arranjar uma insígnia estelar? Ou talvez um elástico de cabelo dourado?

— Consigo muito mais que isso — responde ela, e sai correndo do banheiro.

Olho confusa para Hera.

— O que você está fazendo?

— Você confia em mim?

— Isso é uma pegadinha?

— Você. Confia. Em. Mim? — pergunta ela, pronunciando devagar cada palavra.

O que posso dizer?

— Sim. Claro.

Atrás dela, a porta do banheiro se abre com um estrondo, e entra um desfile de Carmindores, Amaras, Eucis e reis nox. Vários personagens de *Starfield* se aglomeram ao meu redor. Reconheço alguns rostos das fotos de perfil nos comentários do blog: leitores antigos e novos. Eles tiram partes dos próprios trajes e as entregam para Hera.

— Se não fosse pelo sr. Wittimer...

— A ExcelsiCon foi minha primeira convenção...

— ... pela primeira vez na vida...

— ... eu senti que tinha encontrado meu lugar...

— ... graças ao seu pai.

Meu pai.

Meu pai.

Sorrio para todos os cosplayers que entregam peças de suas fantasias, porque, se não

sorrir, vou chorar. São coisas pequenas: luvas de Amara, brincos cor de anil e até um adesivo de estrela, que coloco abaixo do olho esquerdo.

— Como ela está na Nebulosa Negra, ela é galáctica —, explica uma menina baixinha, com uma piscadela.

Até que vejo uma Amara com cabelo preto e óculos roxos abrindo caminho na multidão.

Tenho que olhar de novo para ter certeza. Ah, santos mamilos do Batman. *Não*. É a Calliope.

Nossos olhares se encontram. Cal me encara, paralisada, como se tivesse sido lançada para o espaço e congelado. Está usando um cosplay muito caro. É uma fantasia de princesa Amara, o melhor modelo à venda. Ficou perfeito nela; é azul-escuro com lantejoulas trançadas entre o tecido, um decote enorme, ombreiras prateadas e, preso no tecido acima do peito, um broche de insígnias estelares. Aposto que ela não sabe o significado de nada disso que está usando.

Todos ficam em silêncio. Hera congela no meio da trança. Cal dá um passo à frente e olha para o meu vestido — o vestido que ela usaria — e para a casaca que Chloe rasgou. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Fica muito melhor em você — sussurra.

— Onde está a Chloe? — pergunto, com a voz falha.

— Lá fora, na plateia. Ela quer estar num bom lugar para ver... — Cal hesita. — Desculpa, Elle. Eu não achei que ela fosse tão longe. Ela... Chloe quer muito ser famosa. Ela quer ser alguém.

— Ela já é alguém — retruca Hera, irritada. — Ela é a rainha da maldade.

Cal olha para Hera, sem reação.

— Ela não é tão ruim assim.

— É, sim — retruca Hera, cruzando os braços. — E você deixa.

Cal pisca. Depois de um instante, balança a cabeça, respira fundo e diz:

— Desculpa, Elle, *de verdade*. E acho que isto aqui também é seu. Eles ficam muito apertados em mim, e... — Ela levanta a barra do vestido e tira os sapatos brilhantes da minha mãe, os sapatos estelares. — Acho que ficam melhor em você.

Hesitante, tiro as sapatilhas pretas que Hera me emprestou e calço os sapatos, um de cada vez. Por um momento, estou de volta à sala de estar, dançando com meu pai, dando voltas e mais voltas, o vestido da minha mãe girando, feito de pó de estrelas, com amor e universo trançados em cada costura.

Os sapatos cabem perfeitamente em mim.

— Concorrente quarenta e dois — chama uma assistente de palco, com a cabeça para dentro do banheiro. — Você é a próxima! Vamos!

Hera olha bem no fundo dos meus olhos.

— Está pronta, princesa?

— A-acho que sim.

— Ótimo. — Ela termina de ajeitar meu cabelo embaixo da coroa e estala os dedos. — Ela está pronta!

Dou uma última olhada para Cal, que dá um tchauzinho, então a assistente me leva correndo para fora do banheiro. Desvio de um nox de orelha pontuda. Não tive tempo de olhar no espelho, para ver o que Hera e os outros cosplayers fizeram comigo. Só sei que

ela prendeu os nós do meu cabelo na coroa, estou cheia de partes de fantasias que não são minhas e a casaca engomada está coberta de purpurina, que vai caindo no chão como pó de estrelas conforme sou levada pelo corredor. As dobras do universo parecem me envolver. Meu rosto parece muito pálido. Falta mais maquiagem. Tem muito de mim aparecendo. E eu nunca vou ser a princesa Amara.

Passamos pelos concorrentes que já se apresentaram, e eles se viram para mim parecendo confusos e preocupados. Tento perguntar se tem algo errado, mas a assistente de palco continua me puxando... Até que chegamos à beira do palco, e o apresentador grita:

— Concorrente quarenta e dois: princesa Amara, a Nebulosa Negra da Federação!

— Vai — sussurra ela, e me dá um empurrãozinho.

Meus pés assumem o comando. Primeiro um passo. Depois outro.

Os sapatos de luz das estrelas da minha mãe ecoam, como se fossem de vidro.

Ouço a voz do meu pai no meu ouvido:

Cabeça erguida, Elle. Apontar para as estrelas. Mirar...

Abro as mãos, estufo o peito. Relaxo. Sou metade do meu pai. Metade do meu herói. E sou metade da minha mãe. Uma parte suave e delicada, outra dura e afiada. E se eles podem ser Carmindor e Amara, o sangue em minhas veias afirma que eu também posso. Sou a princesa perdida. A vilã da minha própria história, e a heroína também. Sou um pouco da minha mãe e um pouco do meu pai. E existo neste universo. Sou o possível e o impossível.

Não posso dizer que não sou ninguém.

Sou o legado dos meus pais. E me dou conta de que... neste universo, eles também estão vivos. Eles estão vivos *em mim*.

Fecho as mãos em forma de pistola e aponto para o teto, erguendo o rosto e encarando as luzes ofuscantes do palco. Então disparo para as estrelas.



SÃO OS OLHOS dela. Quando ela olha para mim, sinto que tenho todo o tempo do mundo, mas que esse tempo está se esgotando. Seu olhar é firme, sua postura é rígida, mesmo carregando o peso de toda a Federação. Como o sol se pondo, seu cabelo vermelho brilha, trançado ao redor da coroa dourada.

Quando ela anda, a passos lentos e determinados, os sapatos brilhantes ecoam no palco, o vestido dança ao redor, flutuando, como um extenso universo contornando sua silhueta. A boca, contraída numa expressão decidida, risca seu rosto pálido como uma linha escura e reta. Ela para no meio do palco e ergue a mão, mirando o céu, imitando uma phaser. Então, olha na minha direção.

Aquele olhar faz ressoar dentro de mim um acorde que já ouvi antes, mas não conseguiria resgatar essa lembrança nem se minha vida dependesse disso. Acho que foi no seriado, na própria princesa Amara, pela postura empertigada e a cabeça erguida.

Desafiadora, como no episódio final.

Ela está usando o vestido de baile da princesa Amara, igual ao que Jess usou naquela cena em que passamos oito horas dançando em meio às cinzas. Mas esta Amara é diferente, em alguns detalhes, bem poucos. Talvez seja como a Amara do outro lado da Nebulosa Negra. Não só uma princesa, mas a comandante da *Prospero*, a capitã da própria vida, com a casaca de Carmindor jogada nos ombros, o colarinho alinhado, a cauda engomada, tremulando atrás dela com as pontas brilhando com pó dourado, como a cauda de um cometa.

A casaca é do tom perfeito de azul: o azul do crepúsculo, aquela cor tão atraente que faz qualquer um ter vontade de ir voando em sua direção. É o tom certo. Os botões de bronze estão polidos, reluzentes, e não porque são novos, mas porque estão preservados. As insígnias estelares presas na lapela refletem as luzes do palco.

Esta é a Amara. A verdadeira Amara. A mulher por quem o Carmindor se apaixonou. A mulher que o faria olhar para trás dois segundos mais cedo. Ela me faz lembrar por que me apaixonei por *Starfield*; ela traz à tona a hipótese de que existe um Carmindor e uma Amara em cada universo, em cada mundo.

E em qualquer universo, em qualquer mundo... nós somos eles. E vice e versa.

Olho de relance para os outros dois juízes. Eles a observam, encantados. Abro um sorriso. Quero virar para eles e dizer: *É isso*. Eles estão pensando o mesmo que eu.



NO INSTANTE EM que saio do palco, sacudo os braços e as pernas, tentando expulsar a ansiedade. Sinto como se tivesse tocado num fio desencapado. E foi tipo isso mesmo. Fui até lá. Encarei os jurados, mesmo estando mais cega que a droga de um morcego à luz do dia, e estou torcendo para ter conseguido olhar nos olhos de pelo menos um deles.

E, no fundo, espero que Darien Freeman não tenha me reconhecido.

— Vossa alteza! — chama Hera, num misto de grito e sussurro, pulando em cima de mim. Nós nos abraçamos, e ela dá um pulinho, jogando os braços para cima. — Foi épico! *Você* parecia uma estrela. Tudo foi tão maravilhoso! Teve mais gente boa, mas, nossa, estou com um bom pressentimento. Muito bom mesmo!

— Está? Porque eu apaguei tudo da minha mente — sussurro. — Acha que Chloe me reconheceu?

— Não — responde Cal, que surge atrás de nós. — Eu... mandei uma mensagem para ela, dizendo que tive um problema com a fantasia, e ela teve que sair do auditório. E é bem provável que não consiga voltar.

Olho para Cal, sentindo uma onda de surpresa e gratidão.

— Obrigada.

— Não me agradeça. — Ela balança a cabeça. — Eu realmente não mereço isso. Ainda vou levar um bom tempo para merecer.

— Concorrentes? — A assistente chama todo mundo de volta para o palco.

— Boa sorte! — sussurra Hera, e me dá mais um abraço antes de eu ser conduzida de volta para aquelas luzes fortes e ofuscantes.

Olho para ela na coxia, incapaz de conter o sorriso. Naquele momento, meio que percebo que tanto faz ganhar ou perder. Chegamos até aqui, competimos, e nada vai tirar isso de mim.

O terceiro lugar vai para um Euci que é idêntico ao dos pôsteres do filme. Não foi para mim. Eu sabia que não ganharia, mas ainda assim... Eu tinha alguma esperança. Foi uma boa competição. Quando olho para Hera, não consigo entender por que ela está sorrindo. Será que sabe de alguma coisa que eu não sei?

Deve ser só a adrenalina da competição. Tem quarenta e três competidores, e só três vão ganhar. Cal fica ao meu lado, inquieta, ansiosa.

— Odeio isso — sussurra ela. — Me lembra dos torneios de tênis.

— Meu pai sempre dizia que era a melhor sensação do mundo. — Olho para a multidão, sentindo o coração bater forte e o pulmão se expandindo para dar conta da

respiração acelerada.

Cal olha confusa para mim.

— Que sensação?

— Ser seu personagem favorito. Não faço questão de ganhar. Já estou feliz por participar — respondo.

— Queria ter conhecido seu pai melhor — comenta ela, mexendo nas unhas. — Queria conhecer *Starfield* melhor.

— Posso assistir com você.

Ela olha para mim.

— Sêrio?

— Sêrio. Eu e Hera podemos.

Ela fica um pouco corada.

— Seria legal.

Devo ter dito algo estranho, porque Cal começa a perguntar outra coisa, com uma expressão preocupada, mas o apresentador grita:

— E o segundo lugar vai para... número quarenta e dois: princesa Amara, a Nebulosa Negra da Federação!

A multidão vai à loucura.

Não ouvi da primeira vez. Na verdade ouvi, mas não registrei as palavras na ordem certa. Mas então Cal me dá uma cotovelada, indicando o palco com a cabeça. Ela diz, sussurrando:

— É você.

Sou *eu*?

Olho de volta para o público. A multidão. Estão gritando tanto que sinto a energia deles vibrar no meu peito. O apresentador abre um sorriso paciente, indicando a frente do palco com a cabeça. Dou um passo à frente. Toda grande jornada começa com um passo, não é mesmo? Só preciso desse primeiro movimento. Depois outro. E outro.

— Parabéns! — grita o apresentador, me entregando o prêmio.

Dois ingressos para o baile de cosplay. O prêmio do segundo lugar. Segundo lugar. Seguro os ingressos bem junto ao peito.

O apresentador pega o último cartão no envelope e lê. Então ergue as sobrancelhas, surpreso.

— E o primeiro lugar, com o prêmio de quinhentos dólares e ingressos exclusivos para a *première* de *Starfield* é... número dezessete: a princesa Carmindor!

Do outro lado da fila, uma cosplayer segura a borda do vestido rasgado do uniforme da Federação e vai até a frente pegar o prêmio, acenando para a multidão. Mesmo sem a coroa, ela conseguiu o primeiro lugar.

Isso é que é um bom cosplay. Fantástico. Um Carmindor do sexo oposto? Ela estava maravilhosa! Aplaudo junto com os outros, sorrindo.

Os juízes saem das coxias para nos cumprimentar. Estou atônita, tentando absorver aquilo tudo e respirar ao mesmo tempo. Eu não ganhei. Não tenho o prêmio em dinheiro. Não vou para Los Angeles.

Mas...

Olho para os ingressos dourados na minha mão, e meus olhos se enchem de lágrimas. O baile de cosplay.

— Bom trabalho — diz uma voz grave.

Soa familiar. Olho para cima. *Darien Freeman*.

— Você estava maravilhosa... Quer dizer, a fantasia. Foi ótima. É, um ótimo trabalho. Obrigado. Quer dizer...

— O nox comeu sua língua? — pergunto, sem conseguir me conter.

Ele arregala os olhos. Abaixa as mãos.

— Você... Você é a garota do escritório. Que escreve no *Artilharia rebelde*.

Ele tem um controle no tom de voz que me faz ao mesmo tempo querer pedir desculpa por tê-lo chamado de mimado e brigar de novo por ter tratado a srta. May feito idiota.

Em vez disso, abro um sorriso. Ele deu um dos três votos que garantiram meu segundo lugar, afinal.

— Que bom que você não desistiu de fazer isto aqui também.

Seu olhar fica sério, e os lábios parecem formar um bico, como se ele estivesse prestes a falar algo malcriado, mas então Hera passa o braço por cima dos meus ombros e os outros cosplayers — o rei nox, o Euci steampunk, o lorde Dragnot (que apareceu de passagem no episódio 3) e mais um monte de gente — se reúnem ao meu redor, com gritinhos de comemoração e fazendo a saudação da palavra de honra.

É incrível como eu me sinto uma vencedora.

Hera me puxa para um abraço.

— Segundo lugar! Acho que posso me contentar com isso.

— E quem você vai levar? — pergunta Cal, indicando os ingressos com o queixo. — Para o baile.

— Não sei... — Mordisco o lábio. — Quer dizer, acho que Hera iria querer...

— Ah, não — interrompe Hera. — Você tem que *aproveitar* sua conquista. E, além disso, eu não tenho fantasia. Dã.

— Hera vai estar muito ocupada me fazendo companhia — declara Cal, de repente.

Mal consegui entender.

Hera fica boquiaberta.

— Eu... É... — Ela gagueja.

Suas bochechas já cobertas de blush ficam ainda mais vermelhas.

Minha irmã postiça se vira para ela.

— É, quer dizer... O que acha? A gente podia comer alguma coisa? Se você quiser, claro. — Ela olha para o chão. — Comigo, quer dizer.

Hera abre a boca, mas não consegue dizer nada. Então dou uma ajudinha cutucando o pé dela com o salto dos sapatos estelares. Devo ter acionado seu cérebro, que dá um gritinho:

— Sim! Quer dizer... tipo um encontro? Quer dizer... É... claro. Claro, seria ótimo.

Hera abre um sorriso, sem tirar os olhos de Cal, como se minha irmã postiça fosse a Estrela Norte.

Cal abre um sorriso e diz:

— Ótimo. — Então, como se de repente se lembrasse de sua outra metade, ou como se tivesse sentido o mal se assomando sobre nós, não sei, ela olha para a multidão ao redor.

— Elle, é melhor você correr antes que a Chloe chegue. Sei que ela está vindo.

— Deixa vir. — Hera ergue o queixo. — Dou um soco na cara dela.

— Não, acho melhor eu ir — retruco. — Obrigada de novo — digo a Cal, ainda que ela

tenha acabado de falar que não merece agradecimentos.

Talvez seja verdade, mas sou metade minha mãe, e minha mãe era sempre gentil e educada. E meu pai iria querer que eu fosse que nem ela.

Hera me entrega a bolsa; seguro a barra do vestido para não tropeçar e saio correndo em meio à multidão. Sei que Carmindor não mandou nenhuma mensagem desde ontem à noite, mas eu também estava ocupada com a convenção... E não consigo nem imaginar quem mais eu iria querer convidar para o baile.

No banheiro, boto a bolsa no chão e lavo o rosto. Quando olho o espelho, uma ideia horrível me ocorre:

E se ele não quiser ir?

A garota no espelho, usando a coroa de estrelas presa no cabelo bagunçado, com o rímel borrado, vestida com o cosplay que herdou do pai e o vestido da mãe... Essa é a garota que ninguém nunca quis, desde que o pai morreu. Mas aqui, nesta convenção, cercada pelo legado do sonho do meu pai...

Talvez ele aceite ir. Talvez, nesta convenção, os mundos estejam colidindo e nada seja impossível.

Enfio a mão na bolsa, tomando coragem para fazer o convite. Vai ficar tudo bem mesmo se ele disser não. Mesmo que ele não queira me encontrar, vou entender. Mas, quando pego o celular, vejo que já tem uma mensagem esperando por mim.

Carmindor 13h47

— Foi mal, Elle.

— Acho melhor a gente parar de se falar.

Toda a animação, a ansiedade, a esperança... Tudo aquilo vai escorrendo até virar uma pedra no estômago.

DARIEN

ESCAPO DA MULTIDÃO no palco e vou para as coxias. *Acabou*, digo a mim mesmo, olhando para todos os fãs. Alguns estão com câmeras, e os flashes pipocam, enquanto outros gravam tudo com GoPros e filmadoras. Todos com os olhinhos pretos me acompanhando aonde eu vou. *Não tem nada que você possa fazer. A mensagem foi enviada.* Eu me escondo atrás da cortina do palco.

— Tudo bem? — pergunta Gail. Ela é o mais próximo que tenho de um amigo... e é paga para ficar comigo. — Você está meio pálido.

— Estou bem. Só um pouco... exausto. — Engulo em seco e tento fazer piada. — Uma competição e tanto, hein? Com certeza mostrei aos fãs como sou um bom jurado. — Como Gail não ri, pigarreio e pergunto: — Onde ficam os banheiros deste lugar?

Ela indica uma das saídas do palco.

— Acho que é por ali. Quer que eu peça para Lonny ir com você...

— *Não* — interrompo depressa. — Ir ao banheiro acompanhado é demais para mim.

Gail dá de ombros.

— Tá bom. Mas não demore.

Ela se vira de volta para a multidão, tentando conter um grupo de garotas que se aproxima para tirar mais selfies.

Vou para a porta, me sentindo cada vez pior. É a coisa certa a fazer. É melhor assim, de uma só vez. Eu podia ter simplesmente desaparecido, parado de lhe responder, ir sumindo aos poucos da vida dela, e seria bem pior...

A porta do palco me acerta em cheio no rosto. Dou alguns passos para trás, levando a mão ao nariz, quando a pessoa que abriu a porta solta um palavrão.

— Meu Deus! — diz a menina, segurando meu ombro. — Não vi você...

Solto um palavrão, vendo que minha mão está suja de sangue.

— Desculpa! — continua ela, enquanto tento me recompor, apertando o nariz com cuidado.

Sinto uma dor intensa tomar meu rosto todo.

— Eu estava vindo do banheiro e... Ah. É você.

Olho para a menina. Meu estômago é engolido pela Nebulosa Negra.

— Ah, não.

Tinha que ser a blogueira, de todas as pessoas nesta convenção. A vencedora do segundo lugar, que já me viu passar vergonha uma vez; ou melhor, duas. Ela tira a mão do meu ombro mais que depressa. Como se tivesse levado um choque.

— E-eu realmente não tinha visto você aí.

— Claro que não viu — retruco, irritado.

E me arrependo instantaneamente.

— Foi mal, tá bem?

Ela esfrega os olhos com a mão. Estão inchados. Ela estava chorando? Por quê?

— Eu... É que... *Você* está bem? — pergunto, e aí ela percebe que está com cara de choro, porque esfrega o rosto com mais força.

— Estou ótima! — Ela funga. — *Você* deveria prestar atenção por onde anda.

— Eu?

— Eu estava abrindo a porta!

— Eu também! — O sangue começa a escorrer para minha boca, descendo pelo queixo e pingando na minha camiseta favorita. Claro que ela tinha que estragar minha camiseta favorita. — Com licença — consigo dizer, desviando dela em direção ao corredor.

— Eu pedi desculpa! — grita ela, ficando para trás.

Abro caminho até o banheiro e tento limpar o sangue com uma montanha de toalhas de papel.

— Droga — resmungo, torcendo um pedaço de papel higiênico e enfiando no nariz. Eu me sento numa privada para inclinar a cabeça para trás. — Nada como um bom sangramento nasal para ajudar a lembrar que você é idiota, Darien.

Estou falando sozinho numa cabine de banheiro. Estou tão mal que acho que cheguei ao nível do Tom Cruise pulando no sofá da Oprah. E foi uma boa distância percorrida, em tão poucas semanas. Comparado com o coitado sentado na privada do banheiro da ExcelsiCon, o cara preso no terraço do hotel em Nova York parece incrivelmente sensato. Considerando que fiquei escondido na escada. Conversando com uma menina que mal conheço. Achando que podia... Podia o quê? *Ser normal* ao lado dela?

Eu estava apenas me enganando. Tinha começado a acreditar na minha própria mentira. E agora tenho que dar um jeito de explicar meu nariz quebrado para Mark.

Pego o celular e abro a mensagem que Brian mandou.

Foi mal, Elle.

Acho melhor a gente parar de se falar.

Eu poderia escrever outra mensagem. Dizer que foi um erro, uma brincadeira, qualquer coisa. Talvez ela entenda. Ela é uma garota normal, legal, engraçada. Sempre dá um jeito de me fazer rir. Sempre sabe o que dizer na hora certa, mandando palavras como constelações para me guiar pelo espaço.

— Foi mal — sussurro, tentando formar uma resposta que ao menos pareça um pedido de desculpa, pensando em alguma coisa, qualquer coisa, que não soe muito idiota. — Eu não estava pensando direito. Fui idiota. Mas se você soubesse quem eu sou, ainda falaria comigo? Você odeia o Darien Freeman.

Solto um suspiro, massageando as têmporas.

— *Eu odeio o Darien Freeman* — acrescento, dedilhando o teclado virtual. O cursor pisca de volta para mim. — E eu *sou* o Darien Free...

A porta se abre e bate bem no meu joelho. Seguro a perna, dando um grito de dor, enquanto Lonny olha feio para mim, bloqueando a porta. Eu afundo na privada, me encolhendo sob a sombra dele.

— Ah. — Minha voz sai que nem a dele: sem emoção. — E aí, grandão.

— Gail me disse que você veio para cá. — Ele estreita os olhos. — Se meteu numa briga?

— Com uma porta.

— Não sabia que também teria que proteger você das portas.

— Não, não foi *esta* porta. Eu estava vindo para cá e uma garota abriu a porta com tudo e... — Mas só de olhar para o meu guarda-costas, sei que nem adianta tentar explicar. Solto um suspiro e me endireito, ainda sentado na privada. — Esquece.

— Não vira a cabeça para trás — manda ele, quando faço exatamente isso. — Não vai ajudar. Aperta bem a ponte do nariz. Vou pedir um pouco de gelo para Gail. E uns analgésicos. Você quer que eu fale para ela que não dá para você ir àquele baile de máscaras de hoje à noite?

— Não é um baile de máscaras, é um evento de cos... — Suspiro, desanimado. — Não importa. Eu... Eu acho que vou ter que ir.

— A ameaça foi neutralizada — concorda Lonny. — Você não deve estar mais correndo perigo.

— É. E vou usar uma máscara, de qualquer jeito, né? Não tem como este dia piorar muito.

Ele balança a cabeça.

— Você sabe que dizer isso só piora as coisas, não é? — retruca, e sai do banheiro.

Pego o celular e leio a mensagem não enviada.

Eu sou Darien Freeman.

Penso em todo o mal que ela poderia causar com as mensagens que trocamos. Todas as revistas iriam querer comprar um material como esse. Todas as manchetes. E em todos os segredos que contei para ela. Todas as meias verdades. Todas as vezes que a chamei de *ah'blena*.

Mas eu *sou* Darien Freeman. E menti para ela. Posso até não ter escrito a mensagem, mas Brian estava certo... Eu teria que fazer isso algum dia. Precisava ser feito. Pelo bem de Elle e pelo meu próprio bem.

Aperto o botão para apagar cento e três vezes, deletando cada espaço e cada letra do pedido de desculpas ainda não enviado. E então, com os dedos trêmulos, deleto o contato.

Num segundo a nossa história desaparece.



ACHO MELHOR A gente parar de se falar.

Realmente não tem como interpretar isso errado.

Eu chego ao saguão anexo ao salão do baile de cosplay, andando sem firmeza nos sapatos de vidro. Fica dentro de um hotel enorme no centro de Atlanta. Olho para cima, para a linha do horizonte, abraçando os convites.

É engraçado, mas agora que sei que Carmindor não me quer, não sinto mais o coração tão acelerado. Fico estranhamente calma. Acho que é porque sei, assim como sempre soube com James, que não sou boa o bastante.

Cada pessoa desconhecida que entra pela porta giratória poderia ser o Carmindor. Todos são tão familiares e, ao mesmo tempo, tão estranhos, como reflexos distorcidos de algum personagem famoso numa sala de espelhos de um enorme parque de diversões. Um klingon entra, acompanhado de uma vulcana; depois vejo Dean Winchester com o anjo Castiel, dois orcs da série *World of Warcraft*, Harry e Hermione. Tanta gente fantasiada em dupla que, quando entra alguém sozinho, eu estufo o peito e estreito os olhos, imaginando que talvez seja ele...

Ajusto a máscara. É da Cal, pois mesmo planejando tudo e economizando tanto, esqueci esse pequeno detalhe. Ou talvez, lá no fundo, eu não achasse que tivesse chance de ganhar.

A máscara de Cal é mais pesada do que parece, mas suave ao toque. Quando ela me entregou, fiquei cheia de glitter na mão. E eu tive que piscar, sentindo as lágrimas queimando os olhos.

“Eu... Eu não sei onde a Chloe se meteu”, disse ela, hesitante. “Não a vi depois do... do concurso.”

“Não?”

Ela balançou a cabeça.

“Ela chegou enquanto você estava no banheiro e... Bem... Perdeu um pouco a calma.”

Fiquei branca.

“Você acha que ela vai contar para Catherine?”

Cal fez que não.

“Se contar, também vai ficar encrencada. Então acho que não, mas... Elle, fica esperta. Chloe não aceita perder.”

“Mas o que ela poderia fazer num baile?”, zombei.

Hera deu de ombros.

“É melhor você ficar de olho. E, quando encontrar o Darien, tenta não fazer nada muito precipitado.”

Fiquei surpresa.

“Assim você me ofende! Eu nunca faria nada!”

Ela me lançou *aquela* olhar.

“Vou me comportar”, murmurei.

“Aham. A gente passa às oito para buscar você, ok? Vai ser meio em cima da hora, já que as duas têm que estar em casa à meia-noite, mas...”

“Às oito está ótimo”, — respondi, com um sorriso.

Ainda queria que elas fossem ao baile, mas se minha melhor amiga e minha irmã postiça, que, conforme acabo de descobrir, não é uma psicopata, querem ficar um pouco a sós, quem sou eu para impedir?

“Divirtam-se, vocês duas.”

E elas me largaram lá naquele saguão coberto de painéis dourados, completamente só. Vestida como princesa Amara, a Nebulosa Negra da Federação, com glitter caindo da casaca como se fosse pó de estrelas.

Vou entrar depois da próxima pessoa, digo a mim mesma, cumprimentando mais um casal que passa pela porta giratória. Ou quem sabe da seguinte.

Mas os minutos vão passando e, depois de um tempo, a música fica alta o bastante para escapar para o saguão. E continuo ali, imóvel.

Inspira, expira, mentalizo. Eu consigo.

Não sei o que vai acontecer depois que eu entrar. Não sei se o baile vai atingir minhas expectativas, se vai ser como as lembranças dos meus pais valsando pela sala, se vai ser tudo como meu pai sempre idealizou.

Mas só vou descobrir se eu entrar. E cansei de ter medo de coisas que não posso controlar.

Eu me viro na direção da música, no fim do corredor, e mostro o ingresso para a moça trabalhando como voluntária nas portas douradas. Ela rasga um pedaço e me entrega o ingresso de volta.

— Então, muita gente vem sozinha? — pergunto, tentando parecer tranquila, mas minha voz sai meio esganiçada.

— Não sei, acho que depende — responde ela, hesitante. — Mas acho que você não está nem um pouco sozinha.

A mulher faz a saudação da palavra de honra, e a bolha de ansiedade no meu peito diminui aos poucos. Devolvo a saudação, seguro a maçaneta e abro a porta.

O salão está escuro, decorado em tons de azul e roxo. Fachos de luz giram pelo ambiente como estrelas cadentes. E está cheio, tão cheio. Olho para as pessoas sem conseguir esconder o espanto. Meu pai tinha me falado deste baile, de como ele imaginava que seria. Ele ficava sentado ao pé da minha cama e gesticulava, ilustrando seus pensamentos.

“Vai ser tão enorme, grandioso! Escuro como o espaço, mas não tão escuro que não dê para enxergar. E todo mundo vai estar caracterizado. Olha, filha, tem um Spock ali! É um Chewbacca dançando com ele? E um turiano requebrando com um nox! Dá para acreditar, Elle? Tudo o que você pensou que nunca veria. Vai ser um universo dentro do nosso, um universo que só existe por algumas horas.” Ele hesitava e acrescentava: “Só até o badalar

da meia-noite.”

Avanço devagar pelos degraus que levam ao salão lotado, olhando para as pessoas lá embaixo, com drinks que brilham no escuro e orelhas pontudas, a luz negra destacando armaduras roxas, sapatos azuis e dentes brancos. Uma neblina densa paira na pista de dança, circundando as pernas das pessoas.

Aos poucos, eu abro um sorriso.

— Você conseguiu, pai — sussurro, então desço os degraus até o salão.



TENHO QUE FAZER como o Carmindor, príncipe da Federação, durante a devastação Brinx: sobreviver.

Mais dez minutos, penso, no meio de uma torrente de fãs. Só vou esperar a garota do *Artilharia rebelde* por mais dez minutos. O encontro com a primeira colocada foi ótimo: ela foi educada, estava muito nervosa, e veio com uma amiga vestida de CLE-o. O terceiro lugar foi bem... típico de garotos. Nós nos cumprimentamos com um aperto de mão. Foi maneiro.

Agora Gail está grudada em mim, digitando ininterruptamente, a luz do celular iluminando seu rosto. Não é possível que ela ainda esteja respondendo a e-mails ou falando com Mark. Só pode ser outra coisa.

— Darien, tira uma foto comigo? — pergunta uma menina que mal consigo ver.

Ela me puxa para uma selfie antes que eu diga não. Sorrio, e a câmera me deixa cego.

— Obrigada! — diz ela, e a próxima garota abre caminho para repetirmos todo o processo.

Eu me inclino para Gail.

— Já posso ir embora?

— Você não disse que queria participar do júri do concurso? — Ela nem olha para mim. — Bem, metade do trabalho é comparecer ao baile. Os outros dois juízes não vão embora tão cedo.

— É, mas não estão sendo tão incomodados.

— Darien? — chama a próxima garota, vestida de princesa Amara.

O cabelo preto está preso numa trança, e a maquiagem é impecável. Mas ela só me faz pensar na Amara da Nebulosa Negra do concurso e no encontro com a blogueira, então releio a mensagem enviada para Elle... e volto a me sentir mal.

Nunca fui o tipo de cara que deixa alguém falando sozinho. E não achei que pudesse me tornar alguém assim. Até acontecer.

— Darien, sou muito sua fã. Tenho um vlog de maquiagem. Adoraria se você...

É quando a vejo lá no canto: a garota do concurso, a mesma que estava no escritório. Com olhos maravilhosos e língua afiada. Depois que a localizo, não consigo mais tirar os olhos dela.

A garota com cabelo vermelho sedoso no topo da escada olha para nós por trás da máscara dourada cintilante. Os lábios estão pintados de um tom flamejante que lembra as estrelas gigantes vermelhas. Ela é linda.

— Com licença — digo para a vlogueira, então vou passando pelas pessoas até chegar a ela.

A multidão se vira para olhar para a garota descendo a escada. Deve ser o reflexo da coroa, o brilho da casaca. Todos se aproximam, aos sussurros, perguntando uns aos outros se ela veio sozinha.

— Quem recusaria o convite dela? — sussurra um nox perto de mim para sua acompanhante.

Ela dá cada passo com muita graça e delicadeza, mesmo sob o peso de todos aqueles olhares, e mesmo sozinha. É nessa hora que, nos filmes, o cara encontra o que estava esperando desde o começo da história. É quando a vida volta para os eixos. O encontro em que ele se apaixona. É nesta cena.

Mas isto não é um filme, e já perdi meu encontro. O céu não desaba de repente à nossa volta. O mundo ao redor não fica em silêncio.

Porque não é neste encontro em que eu me apaixono. Eu me apaixonei através de um celular, trocando mensagens até tarde da noite, por uma garota que eu mal conhecia.



QUANDO CHEGO AO pé da escada, um garoto alto, vestido de vermelho, me estende a mão.

— Dança comigo?

Está usando um uniforme muito alinhado, com uma insígnia da frota estelar presa ao peito e uma máscara amarrada por trás das orelhas vulcanas. Não chega a ser um pistoleiro estelar, mas está quase lá. E cavalo dado não se olha os dentes.

— Claro — respondo, e aceito a mão.

Ele me leva até a pista de dança quando o DJ bota outra música de videogame 8-bits para tocar. Dançamos durante duas músicas, mas não é como eu imaginava. Não é como a valsa que meu pai dançava com minha mãe na sala. Ele na verdade dança muito mal, e eu não sou lá muito melhor. Tem uma espécie de cyborg perto da gente tentando avançar o sinal com uma elfa noturna, e não sei bem o que acho desse tipo de união.

— E aí, qual é o seu nome? — pergunta o vermelhinho.

— Amara — respondo.

Ele não parece muito satisfeito.

— Não, o seu verdadeiro nome.

— Ah... Bem, qual é o seu?

Ele está fazendo o equivalente jurássico da dança do robô: sacudindo a cabeça com os cotovelos grudados no corpo, se balançando como um tiranossauro drogado. Não consigo levar esse garoto a sério.

— Dave — responde ele. — Vi sua fantasia no concurso de hoje. Você estava... bem impressionante.

— Valeu. Era do meu pai...

Alguém cutuca meu ombro. Quando eu me viro, um cara vestido com a roupa de casamento do Han Solo me oferece a mão.

— Me concede a próxima dança?

E depois dele vem uma garota fantasiada de algum personagem de *Final Fantasy*, depois uma versão humanoide do Pikachu, e depois... recebo convites demais. Músicas demais, danças demais, rostos demais. Nunca fui tão popular. Eu sou uma ninguém, uma figurante no filme de outra pessoa. Mas parece que o pessoal aqui não sabe disso. É tão intenso que chega a ser meio desconfortável. Se é este tipo de atenção que a Chloe quer, ela que faça bom proveito. Prefiro meu blog. Prefiro um cinema escuro. Prefiro *Starfield*.

No meio de uma versão meio pop de “I Will Always Love You”, consigo escapulir da barulheira da pista de dança e ir até as mesas de comida. Sobrou pouca coisa, mas pego

um biscoito com queijo e um copo de ponche.

Encontro um canto escuro e mais vazio do salão e me acomodo no assento próximo à janela. Estou com as bochechas coradas de tanto dançar, e já faz três músicas que estou suando dentro desta casaca. Puxo o colarinho e encosto o copo gelado no pescoço, fechando os olhos por um doce segundo.

Então ouço passos. Vindo na minha direção. Abro um olho. Vejo botas pretas reluzentes com o brasão da Federação gravado no calcanhar. Quando olho para cima, já estou com o coração a mil por hora. Vejo uma calça preta, uma casaca com abotoaduras douradas no lado esquerdo e forro dourado brilhante. Três coroas saem de um dos bolsos, dando a volta por baixo do braço esquerdo e subindo por trás do ombro, onde se escondem atrás das dragonas.

Mesmo naquela iluminação fraca, vejo que o azul da casaca não é do tom certo — mas o que falta em cor é compensado em medida. A roupa envolve a cintura fina e o peitoral largo, mais apertada nos ombros — que, a propósito, são muito imponentes. Aposto que até o colarinho serviria perfeitamente se não estivesse desabotoado (o que não é má ideia: está quente demais para usar casaca). As insígnias estelares presas à lapela refletem as luzes da cidade que entram pela janela. É como se a roupa tivesse sido feita para ele. E, considerando que é um baile de cosplay, provavelmente foi.

Meus olhos vão até o rosto dele, a pele marrom e o maxilar largo, os olhos escuros e penetrantes por trás da pequena máscara. Meu coração afunda como se fosse uma pedra num rio.

— Meu Deus do céu — murmuro. — Você de novo.

Darien Freeman coloca as mãos na cintura, inclinando a cabeça para o lado. Nada simpático. Não mesmo.

— Vim convidar a segunda colocada para uma dança, mas acho que cheguei um pouco tarde, princesa.

— É princesa Amara para você. E aceito o convite, mas preciso descansar um pouco. Sozinha.

Ele ergue as mãos.

— Está bem.

E, milagrosamente, se vira para ir embora.

Fecho os olhos de novo, agradecida pelo momento de silêncio. Meu pai iria amar este baile. Iria amar tudo aqui, até a música pop ruim. Ia amar as fantasias, a mistura de espécies, o coração e a alma assumindo outro corpo por um tempinho. Mas não me sinto Amara neste momento. Eu me sinto exaustivamente eu mesma.

— Ei, essa fantasia é muito irada — comenta alguém.

Dois minutos de paz, é pedir muito? *Dois minutos.*

— Os detalhes são tão delicados. Foi cara? Quem fez?

Abro os olhos e me viro para a pessoa que está falando. É um garoto da minha idade, numa das fantasias mais pomposas do mundo. Vestes pretas, ombreiras enormes, maquiagem de escamas. A ponta das orelhas adesivas pisca em tons de azul e roxo, quase no ritmo da música. O rei nox.

— Como assim?

— Quero saber o nome do cara que fez a fantasia.

— Não pode ter sido uma garota?

— Sabe, acho que nunca vi você em nenhuma convenção — retruca ele, como se isso explicasse alguma coisa. — Você é mais uma fã do Darien Freeman, não é?

— O quê?

Ele dá uma risada sarcástica.

— Qual é. Você é bonita demais para se fingir de burra.

Fico olhando para ele, de repente muito consciente de que Darien Freeman não está tão longe quanto eu gostaria e consegue ouvir a conversa. Coloco o ponche no banco ao meu lado, tentando encontrar as palavras certas.

— Para sua informação, esta fantasia era do meu falecido pai, e eu e uma amiga fizemos alguns ajustes. — Não menciono que a casaca quase foi destruída. — Na verdade, alguns outros cosplayers ajudaram, então dá para dizer que foi um esforço cósmico.

— Eu sabia. — O rei nox parece feliz demais para o meu gosto. — Não tinha a menor chance de você ter feito isso sozinha.

— Ah, é? — Inclino a cabeça para o lado. — Posso saber por quê?

— Relaxa, não quero ofender. — O garoto dá risada. O dente está sujo de batom preto, mas não vou avisar. — Você só queria chamar atenção e conseguiu. Parabéns...

— Escuta aqui! — exclamo, e dou um pulo da cadeira. — *Starfield* é um dos meus seriados favoritos e...

— Não precisa se explicar para mim, ok? Meninas que fingem ser geeks sempre ganham.

Ele vira de costas, mas o agarro por aquela capa esfarrapada idiota. Por que o rei nox usa capa, afinal? Nunca entendi isso. Dou um puxão nele, que a princípio parece surpreso, mas logo fica irritado. Não deve gostar que toquem sua fantasia sem permissão. Bem, e eu não gosto que ninguém me chame de falsa.

— Você está certo, eu não tenho que dar satisfação, ainda mais para um nox de quinta categoria. Você se acha engraçado? Você não serve nem para fazer cosplay de Euci! Você é uma vergonha para os personagens secundários mal desenvolvidos do omniverso!

— Olha quem fala, a garota que só veio aqui brincar de princesa. O que foi, não conseguiu pensar em nenhuma fantasia mais original? — Ele balança a cabeça. — Coitadinha dessa farsa de cosplayer...

— Com licença — diz o Carmindor, ou melhor, o *Darien*, que acaba de voltar com o uniforme de cor errada.

— Fique fora disso — reclamo.

Darien ergue a sobrancelha.

— Calma, princesa — diz ele. Respondo com um hunf bem alto, mas ele se vira para o nox: — Eu só queria perguntar de que episódio você vem.

O rei nox faz careta, irritado, sujando os dentes ainda mais de batom.

— Do episódio 16.

— Ah — responde Darien.

— O que você tem com isso? — pergunta o garoto, cruzando os braços.

— Nada. — Darien dá de ombros. — É só que o rei nox não usa capa no episódio 16.

— E daí? Eu improvisei.

— Relaxa, cara — responde Darien.

Então ele dá um tapinha no próprio ombro, indicando o ombro do garoto. Só então eu percebo que está errado.

— Mas e a insígnia? — insiste Darien. — Porque eu lembro que era do outro lado. Em todos os episódios. E isso não é um detalhe bobo. Na verdade, é um erro bem grande. Como seus seguidores vão beijar o símbolo religioso se está no ombro errado?

O garoto tenta dizer algo, mas hesita.

— Foi por isso que você não ganhou — continua Darien Freeman. — Porque não prestou atenção aos detalhes. E não porque é um “fã de verdade”. Todo mundo aqui é fã de verdade. E esta garota é a fã número um.

O garoto ataca Darien.

— É? E quem é você? O *namorado* dela?

O Carmindor Darien simplesmente ri bem na cara do rei nox — ah, como eu gostaria que o filme fosse sobre este momento —, e se mantém firme. Com os ombros alinhados, mas relaxado, o queixo meio inclinado e um sorriso torto.

Eu não queria encarar — estou só olhando —, mas, por um momento, naquela iluminação fraca do globo de luz, dos candelabros na parede e da fumaça, ele parece perfeito para o papel.

Ele parece o...

— Pode me chamar de Carmindor, o príncipe da Federação — responde Darien Freeman, e não deixo de apreciar a ironia da situação. — Mas também sou só um fã. Que nem você. E não, ela não é minha namorada, mas agora que você falou... — Ele estende a mão para mim. — Acho que quero tomar um pouco de ar fresco, quer vir comigo?

Eu congelo, até lembrar que faço parte daquela cena, não estou apenas assistindo das coxias.

Darien ergue a sobrancelha por trás da máscara.

— E então, princesa?

Olho para a mão estendida e depois para o brilho tímido nos olhos dele, me pedindo para participar. Ok, vou participar. Seguro sua mão.

— Só se não tiver que atravessar a Nebulosa Negra.

— Uma vez já basta — brinca ele, e me leva até a sacada. — Vamos para o nosso encontro?



SÓ PARO QUANDO chegamos à sacada. Tem dois vulcanos dando uns amassos perto de uma árvore, então a conduzo para o outro lado. Abaixo de nós, a cidade se abre como um mapa de luzes.

A princesa Amara solta meu braço, deixando um estranho vazio. Tento tirar isso da cabeça.

— Sabe, você não precisava aparecer para me salvar — diz ela, se sentando no banco.
— Eu sei me cuidar.

— Ah, então você é independente?

— Sinto desapontar.

— Não estou nem um pouco desapontado. — Eu me sento ao lado dela. — Uma das coisas que mais odeio no mundo é ver uma pessoa acusando outra de não ser fã de verdade. Sei muito bem como é.

Ela mordisca o lábio.

— Olha, sobre aquele post no blog... Eu não... Eu não achava...

— Ah, por favor, você sabe que achava que eu só estava nessa pelo dinheiro — provooco, e ela fica ainda mais vermelha.

— Eu não conhecia você. Quer dizer, *não conheço*, mas...

Esse é o problema. É sempre isso, não é? Ninguém me conhece. Eu deveria voltar lá para dentro. Deveria dizer a Gail que está na hora de ir embora. Que esse encontro com fãs acabou. Já fiz minha parte. Não deveria ficar nem mais um minuto aqui, tirando fotos e dando oportunidade para inventarem fofocas. Talvez essa menina consiga vender alguma entrevista. Vai conseguir uma grana e cinco segundos de fama em cima de mim, como Brian fez.

Mas ela não parece nada com ele. E Elle também não.

Eu pigarreio.

— Você deve me conhecer bem o bastante. Com certeza já leu ou viu algumas entrevistas...

— Aquela do mergulho no tanque foi muito boa.

Dou um sorriso sem graça.

— É, foi boa mesmo.

— Mas... — Ela hesita. — Aquilo não é você *de verdade*, é? Sem querer ser grossa. É que eu não... Não acredito que o cara que acabou de me defender é o Darien Freeman.

— Posso garantir que sou, princesa.

— Mas isso não é do feitio do Darien Freeman. Não é...

— Esse não é o cara do texto no seu blog, certo? Aliás, excelente blog, você é uma jornalista nata. Todos os textos são incrivelmente ácidos. Cada um feria mais que o outro.

Ela contrai o rosto.

— Ok, eu mereci essa. Estou me sentindo uma completa idiota, desculpa. Mas se você não é assim... — Ela começa a trançar uma mecha de cabelo atrás da orelha, como se estivesse nervosa, o que não deixa de ser adorável — ... então *quem* você é?

— Quem sou eu? — repito, surpreso.

Ela assente.

— Podemos dizer que essa é... Hã... Uma entrevista exclusiva? Posso até censurar os outros posts.

Fico sem saber o que fazer, pensando na Elle e no que Brian disse. Durante todas aquelas mensagens, eu não tinha sido sincero com ela, nem uma vez sequer. Estava mentindo por omissão. Se eu gostasse mesmo dela, se me importasse de verdade, teria ao menos contado a verdade?

Talvez eu consiga uma segunda chance.

— Acho que você me entende bem e acertou em cheio — digo à princesa.

— Acertei em quê, por exemplo?

— Sinceramente? Eu... — Respiro fundo, olhando para o chão. — Eu não sou ninguém.

Ela inclina a cabeça para mim, erguendo as sobrancelhas por trás da máscara dourada.

— Eu também sempre achei que não era ninguém. Mas nós dois estamos errados. Nós somos quem quisermos ser. Qualquer um pode ser o que quiser.

— É? E você acha que eu posso ser um bom Carmindor?

O casal que estava se agarrando no outro canto dá uma risadinha, então os dois se levantam e vão correndo para o salão dançar “Thriller”, do Michael Jackson. Fica um silêncio entre mim e a princesa. Estamos sozinhos na sacada. Está tudo tão quieto que poderíamos muito bem ser as duas únicas pessoas no mundo.

— Meu pai dizia que qualquer um pode ser o Carmindor. E que qualquer um pode ser Amara. Que em cada um de nós há um pedacinho deles. Só precisamos iluminá-los e deixá-los brilhar.

— Ele parece um cara maneiro.

— Maravilhoso. Ele... Ele morreu quando eu era pequena.

— Sinto muito, eu não quis...

Ela ignora o pedido de desculpa.

— Este era o cosplay dele, sabe. — Ela passa a mão nas insígnias estelares na lapela, carinhosamente. — E o da minha mãe. Todo ano eles vinham para a ExcelsiCon vestidos de Carmindor e princesa Amara. A ExcelsiCon foi uma criação do meu pai. Ele tinha planos tão grandiosos para a convenção... Teria adorado ver este baile. Não parava de falar nisso depois que a minha mãe morreu. Acho que é o que mais me faz falta: ouvi-lo falando da convenção e deste baile. Dizia que seria um baile de máscaras para as estrelas. Não imaginei que fosse literalmente para as estrelas — completa ela, me cutucando com o cotovelo.

Um leve sorriso começa a surgir nos meus lábios, acho que o primeiro sorriso genuíno em muito tempo, e ela começa a imitar minha expressão... até que o sorriso morre.

Ela desvia o olhar.

— Sei que eu não era o melhor cosplay naquele concurso. Vocês me deram o segundo lugar porque sou a filha do antigo diretor?

Dou uma risadinha, balançando a cabeça. Ela não consegue nem começar a compreender a ironia da situação.

Amara franze a testa.

— Qual é a graça?

— Princesa, quando você entrou naquele palco, me fez acreditar. Foi por isso que votei em você.

— Acreditar no quê?

— No que seu pai disse. Que qualquer um pode ser Carmindor e Amara. Basta encontrar o que há deles em você e deixar brilhar.

Seu rosto fica corado, e ela olha para baixo, para os dedos que fazem um milhão de trancinhas no cabelo. Por que ela é tão familiar para mim? Não é do blog nem do escritório que a conheço. É de algum outro lugar. Já ouvi essas histórias muitas vezes; elas são lentas, como uma valsa.

Estou prestes a dizer algo quando ela dá um pulo do banco e se vira para mim, estendendo a mão.

— Quer dançar? Comigo, quero dizer. Gostaria de dançar comigo?

Será que eu quero?

— Só se você guiar, princesa.

Pego a mão dela, que me puxa, abrindo um sorriso enorme.

— Eu estava torcendo para você dizer isso.



CONDUZO DARIEN — OU Carmindor, ou *seja lá quem for* — até o centro do salão. O DJ troca a música, e a multidão se dispersa até só restar casais na pista.

Ele aperta minha mão com mais força. É uma canção lenta e doce, e, com um arrepio, percebo que é a música-tema de *Starfield*. Darien parece notar ao mesmo tempo que eu. Ele abre um sorriso.

— Que sincronia, hein?

— Às vezes o universo colabora — respondo, então percebo que é verdade.

Mas só os outros universos.

— Talvez a gente esteja num filme e não saiba — sussurra ele, teatralmente.

— Talvez o universo goste de pregar peças.

As pessoas ao redor se viram para nós, os olhares nos seguindo como raio laser, tão intensos e quentes quanto no momento em que entrei no palco do concurso. Ainda estou arrepiada, com medo de fazer alguma coisa errada.

Ele leva a mão ao meu quadril, e começamos a dançar bem devagar. Minhas bochechas ficam cada vez mais vermelhas com o embalo da música. Ouço os instrumentos de corda, os de sopro, a orquestra... A música vai crescendo, crescendo, nos conduzindo pela galáxia. É a trilha sonora do meu pai e da minha mãe dançando na sala, girando sem parar; ela dava risadas e às vezes tropeçava. É a trilha sonora do meu pai me conduzindo pela sala depois de dançar com minha mãe, me contando sobre um grande baile, sobre esse seu sonho de criar um espaço onde, por um momento — numa fração de tempo —, qualquer um pudesse ser quem sempre sonhou.

O príncipe da Federação, que não tem medo de nada. Uma menina honrando a memória do pai. Uma princesa independente dançando com...

Olho para ele e respiro fundo.

— Você ao menos sabe dançar?

— Está perguntando se *eu* sei? — Ele entrelaça os dedos nos meus e me puxa mais para perto. Ele tem cheiro de rolinhos de canela e goma de tecido. — Eu sou o Carmindor.

Conforme a orquestra vai crescendo até a segunda estrofe, avançamos juntos, capturando a nota num movimento fluido, e o salão vira uma espiral. Giramos pela pista de dança, desviando de outros casais; nossos pés estão em sincronia nessa estranha cadência, como se estivéssemos tão conectados que soubéssemos que movimento o outro vai fazer. Pontinhos de luz piscam ao nosso redor, cortando a neblina que gira em nosso rastro. Parece que o universo inteiro está nos orbitando neste momento impossível.

Um momento impossível num universo impossível.

Como seria dançar com o meu Carmindor? Aquele para quem entreguei minha alma? Seria assim?

— Obrigada — sussurro, olhando para o rosto mascarado de Darien.

— Pelo quê? — Ele se inclina mais para perto.

— Por esta noite. Por... Por tudo.

— Achei que você tivesse dito que era independente — brinca ele, sorrindo.

— Até as princesas independentes às vezes se sentem mal.

Estamos tão próximos que sinto seu hálito na minha boca, e meu coração palpita, me mandando beijá-lo, mesmo sem conhecê-lo. Mesmo que esse mesmo coração, quebrado e remendado, ainda esteja dolorido por causa daquela mensagem. Mas tem algo de familiar na cadência das palavras dele, no jeito como ele formula as frases, como articula os pensamentos... É como uma voz que já ouvi em algum lugar.

Mais perto, mais perto...

E então, como sempre acontece no universo impossível, o momento desaparece. Alguém me puxa. De repente, me vejo cara a cara com Chloe.

E ela não está *nada* feliz.

DARIEN

É A VLOGUEIRA de maquiagem. Ela agarra o braço da princesa Amara — nossa, o que aconteceu que não sei o nome de ninguém aqui? — e a puxa para longe.

— Você! — sibila a vlogueira.

— Chloe — sussurra a princesa Amara.

A vlogueira — Chloe — olha Amara de cima a baixo, com desdém.

— Então você *realmente* roubou — sibila. — Eu sabia. Eu *sabia* que você tinha pegado o meu vestido!

Uma onda de murmúrios percorre a multidão. A música continua tocando, mas essa Chloe grita bastante. Sinto os pelos da minha nuca se arrepiarem.

A princesa Amara puxa o braço para se livrar dela.

— Eu não roubei nada, Chloe.

— Claro que roubou! E agora está dançando *com ele*! — Ela aponta para mim.

Ergo os braços.

— Nossa, vamos com...

— Fica fora disso! — grita Chloe. Dou um passo para trás. Ok. Ela olha feio para a princesa Amara, e a fúria contorce seu rosto supermaquiado. — Você tem tudo, sabia? Você tinha *tudo*. E, pelo menos uma vez, eu queria alguma coisa também! Pelo menos uma vez!

— Chloe, não sei do que você está falando...

— Ah, não sabe? — Ela parte para cima de Amara, que recua, na defensiva.

Olho ao redor, procurando um segurança. Onde está Lonny quando eu mais preciso?

— Alguém pode chamar a segurança? — pergunto, olhando para trás, mas isso só deixa a garota ainda mais irritada.

Ela olha feio para mim.

— Não precisa se preocupar. Você vai fugir rapidinho quando descobrir quem ela *realmente* é.

— Para com isso, Chloe — retruca Amara. — Eu vou embora.

— Ah, não! Pode ficar! Só acho que você deveria contar a verdade para ele, sabe? Você precisa contar que é um verme, uma órfã sem amigos, que seu pai era um nerd ridículo, um mané que gostava mais dessas idiotices espaciais que da própria família!

Amara fica parada, de olhos arregalados e boca aberta.

— O q... O quê?

Cada vez mais gente se aglomera ao redor, e os sussurros aumentam.

— Ah, *fala sério* — continua a garota, dando uma risada. — Você sabe muito bem que seu pai era bizarro! Parecia um maluco! Tratava você como uma princesa só porque você era esquisita que nem ele. Como se fosse a única filha. Mas nunca culpamos você por isso. E como você agradece? Vai lá e rouba o *meu* vestido. Eu me esforcei muito por ele!

Amara surta.

— Mentirosa!

— Roubou, sim! Sinto muito se estraguei sua vida, mas não precisa sair estragando a vida de todo mundo aqui. E agora você acha que pode ficar com o *Darien Freeman*? — Ela bufa. — Vai sonhando, Elle. Você não é ninguém.

Elle?

Fico parado no meio da multidão. Não estou acreditando.

O nome dela é *Elle*?

A mensagem de texto, Amara aparecendo com os olhos vermelhos e inchados, a fantasia... Meu Deus! Ela não pode ser a minha Elle. Não pode ser.

— Você não é ninguém — acrescenta Chloe, partindo para cima de Elle, que começa a murchar como uma flor no inverno — e nunca vai ser...

— Chega.

Chloe se vira para mim de olhos arregalados, incrédula por eu não estar ao seu lado. Estou ao lado de Elle. Em parte também não consigo acreditar, mas não pelos mesmos motivos.

Eu me lembro das noites que passei em claro conversando com Elle; a minha Elle, a Elle da minha cabeça, que aparentemente não existe. Querendo puxar conversa. Ansioso por uma mensagem dela. Lembro a primeira vez que ela me chamou de *ah'blen*; as noites em que nos despedimos bem tarde; como sabíamos pouco um sobre o outro, e como eu queria saber mais.

Eu e ela: aquela garota. Aquela Elle.

Nós.

Como eu tive coragem de pensar que Elle poderia ser que nem Brian? Como pude achar que eles fossem iguais? Eu estava cego, irracional, e ela estava aqui o tempo todo.

— Você não quer saber quem ela *realmente* é? — pergunta Chloe. Ela é horrível, exatamente como eu imaginava as irmãs de Elle. A descrição tinha sido perfeita. — Ela é só uma geek esquisita.

— Eu sei quem ela é — respondo.

Elle olha para mim. Vejo as lágrimas em seu rosto. Não posso apagar aquela mensagem, mas posso retribuir o que ela me deu nestas últimas semanas. Sou tão idiota!

— Ela é gentil, esperta, teimosa e muito, muito impetuosa. Mas não de um jeito ruim. De um jeito bom. Como eu gostaria de ser. Ela cresceu num universo em que ninguém gostava dela... *E quem é você* para fazer isso? Quem é você pra tratar Elle como se ela não fosse ninguém?

— E-eu...

Chloe olha para mim e depois para Elle, depois de volta para mim, como se estivesse tentando entender por que estou defendendo sua irmã postiça. As pessoas pensam mesmo que sou tão egoísta assim?

Pego a mão de Elle e aperto bem forte. Para assegurá-la de que não estou dizendo só da boca para fora. Estou falando sério. Porque, se ela for quem eu penso, vai entender. Ela

merece saber quem eu realmente sou.

— Ah, e sabe o pai dela? — continuo. — Ele criou esta convenção. E este baile de cosplay. Então se você acha que *ele* é esquisito, talvez esteja no lugar errado.

E, com isso, faço a saudação da palavra de honra.

Um turiano ao meu lado imita o gesto. E um nox. Um Jedi. Um vulcano. Um elfo noturno. Toda a Sociedade do Anel. Todos os presentes, cada um com seu cabelo, fantasia e máscara, erguem as mãos na saudação da palavra de honra, mostrando que, debaixo das vestes, armaduras ou macacões de lycra, somos iguais, corações batendo num só compasso. Até podemos ser diferentes, torcer por casais diferentes ou ser fãs de histórias diferentes, mas, se aprendi alguma coisa nestes vinte e três dias enfiado num uniforme da cor errada, interpretando um personagem que eu nunca pensei que seria capaz de interpretar, foi que, quando nos transformamos nesses personagens, partes de nós se acendem como fogos de artifício. E brilham. *Nós* brilhamos. Juntos.

E, mesmo quando alguns de nós acabam indo parar em universos diferentes, esse brilho nunca se apaga.

Finalmente, Elle ergue uma das mãos e faz a saudação.

E eu aperto a outra ainda mais forte.

— Somos todos geeks.



CHLOE DÁ UMA olhada ao redor. Ninguém está dançando, mas a música continua. Todo mundo está com a mão erguida, fazendo a saudação da palavra de honra, e não só os cosplayers de *Starfield*. Chloe mordisca o lábio, tentando não tremer, e crava as unhas no vestido engomado. Não sei onde ela arranhou essa roupa nem como entrou aqui. E sinto um aperto no peito, porque não queria que nada disso estivesse acontecendo.

— Odeio você! — grita ela, e abre caminho à força para fora do salão.

A multidão começa a aplaudir enquanto ela sobe a escada aos tropeços e sai, expulsa por uma torrente de vaias.

Penso em ir atrás dela, mas me seguro. Chloe não iria atrás de mim. Isso nem passaria pela cabeça dela.

Darien, ao meu lado, solta um suspiro.

— Nossa, que situação desagradável.

— Você humilhou ela — digo.

Ele estreita os olhos para mim.

— Ela também humilhou você.

— Eu sei, mas... — Olho de volta para a porta do salão. — Eu já estou acostumada.

— E por causa disso tudo bem?

— Não...

Ele suspira de novo, e as pessoas aos poucos vão voltando para o que estavam fazendo: dançando, conversando, comendo os salgadinhos deliciosos que ainda não provei... Talvez eu devesse comer pelo menos um folheado antes que tudo acabe. Darien massageia a própria nuca.

— Escuta... Eu... Eu acho que preciso contar uma coisa.

— Vai me dizer que é um fã *de verdade*? — Tento fazer piada, mas meu coração continua disparado por causa da briga.

Não consigo esquecer a visão dos olhos de Chloe cheios de água. Realmente acabamos com ela. Talvez ela fosse se sentir bem com isso, mas eu não sou assim.

— Bem, isso também — concorda ele, rindo.

Então vira a minha mão, ainda na dele.

— Mas na verdade é sobre...

As portas do salão se abrem de repente, com um berro ensurdecido. Uma garota de cabelo verde-azulado entra correndo, seguida de dois seguranças que gritam que ela precisa de um ingresso.

— Hera! — Solto a mão de Darien quando ela se aproxima. — O que você está fazendo aqui?

Ela se curva com as mãos apoiadas nos joelhos, tentando recuperar o fôlego.

— *Meu Deus!* Você não olha o celular, não? Procurei você por toda parte! Temos que ir!

— Ahn? Por quê? Ah, meu Deus, a hora!

— É, Cinderela, a *hora!* — Hera agarra meu pulso e me puxa para a saída.

— Espera — chama Darien, tentando vir atrás de mim. — Elle...

— Foi mal — digo, mas deixo Hera me levar.

Consigo pensar em pelo menos cem mil coisas diferentes que Catherine pode fazer contra mim. E todas me dão ânsia de vômito.

Por favor, preciso chegar em casa a tempo, penso conforme vamos abrindo caminho pelo salão. Não olho para trás, para Darien. Não posso. Tento esquecer seu olhar de decepção — na verdade, de desespero.

Porque Catherine vai me matar.

— Que horas são? — pergunto à Hera.

Ela abre caminho pela multidão como um trator, me segurando com tanta força que com certeza vai deixar uma marca.

— Nove da noite!

— Nove?! — Uma onda de pânico invade meu peito. Mesmo que a gente consiga fazer a Abóbora correr a cem quilômetros por hora, vamos levar pelo menos quatro horas para chegar. — Não vai dar tempo!

Hera abre a porta do salão com força e saímos correndo pelo saguão dourado de carpete felpudo, até chegar à porta giratória. A Abóbora Mágica está lá fora, numa área onde é proibido estacionar. E tem um policial atravessando a rua na direção dela. Cal se inclina para fora da janela do carona, gesticulando para a gente correr. Ouço passos atrás de nós e, assim que chegamos à porta, dou meia-volta e dou de cara com...

Darien.

— Por favor, espera! — grita ele, passando correndo pelas portas giratórias.

A máscara caiu, e agora dá para ver o hematoma no nariz dele escuro como uma tempestade, e o brilho de medo em seus olhos. Aquele medo de quem nunca mais vai ver a outra pessoa na vida.

— Espera... *ah'blena!*

Ah'blena?

Tropeço, e um dos sapatos da minha mãe escorrega do meu pé.

— O que você está fazendo? — Hera agarra minha mão quando vou me abaixar para pegar o sapato. — Vamos! Temos que ir.

Ela está certa. Temos mesmo que ir. *Eu* tenho que ir. Estou indo embora, seja lá o que foi isso, estou indo embora. Desse sonho. Desse momento. Um sapato é só um sapato, não vale a ira de Catherine.

Quando Darien sai do saguão, eu já estou quase chegando ao food truck. Hera pula no banco do motorista e passa a marcha, e eu seguro a maçaneta da porta do carona. Assim que abro a porta e subo, o food truck acelera.

Pelo retrovisor, vejo Darien ainda correndo atrás da gente. Mas quando aceleramos, ele para, se curvando para a frente, apoiado nos joelhos. Leio seus lábios antes de fazermos

uma curva e ele sumir. Sei que ele estava falando meu nome. Eu me viro para a frente, sentindo o peito apertado e a cabeça latejando.

Ele vai me esquecer. Só tivemos aquele momento. Só um momento num universo impossível, dançando ao som de uma valsa linda e impossível.



ESTOU PRESTES A vomitar.

Meus pulmões ardem a cada respiração, mas eu me ergo, olhando para o sapatinho reluzente no chão. Eu o pego. Vou deixar na recepção do hotel. Talvez eles possam guardá-lo até Elle voltar para buscar. Ou posso avisar a ela.

Sinto um nó na garganta.

Quase consegui. Quase disse a ela quem eu era. Cheguei tão perto... Volto para o hotel, batendo com a sola do sapato dela na palma da mão.

E congelo.

O rei nox está parado no meio do caminho, com o celular na mão, gravando tudo o que aconteceu sob a luz forte de um poste. Ele abre um sorriso sarcástico, e só então eu o reconheço. Solto um palavrão, e é aí que ele ri ainda mais.

— Cosplay maneiro, Brian — comento, irritado.

— Pelo menos você não me reconheceu.

— Pode parar de gravar?

— Por que você não pergunta isso para o seu pai?

Solto um suspiro. É, Mark vai me matar. Mas cuido disso depois.

— Você pode simplesmente não vender o vídeo, sabe? Pode fingir que é uma pessoa decente.

— Você é mesmo cego, né? — Brian balança a cabeça. — Eu até sinto um pouco de pena.

Estou irritado demais para entrar nesses joguinhos. Elle estava ali, ao meu lado, e de repente não está mais. Quando foi embora, senti como se ela tivesse levado todo o ar.

Brian não para de falar:

— E acho que este vídeo vai render bastante. Qual você acha que deveria ser a manchete? Favoritismo na competição? Nerdzinha faz de tudo para ganhar? Astro Darien Freeman mexe os pauzinhos em famosa competi...

É isso. Chega. Uma coisa boa dos últimos meses de pré-produção, com saladas sem graça, shakes de proteína e treinos às quatro da manhã com o primo de Arnold Schwarzenegger, é que eu aprendi a dar soco. Dedão para fora, punho cerrado...

Lá vai.

Brian quase sai voando com a força do golpe. Ele leva a mão ao queixo e sacode o telefone para mim.

— Ainda está gravando, seu idiota! Quer ver uma queixa por agressão nas manchetes,

é?

— FILMA ISSO AQUI. — E, com um berro, parto para cima dele.

Brian dá meia-volta e vai correndo em direção às portas giratórias. Entro junto com ele, e ficamos parecendo sardinhas enlatadas naquele espaço apertado entre duas portas. Puxo suas orelhas nox irritantes.

— Ei, ei, ei! Tira a mão! — grita ele. — Estas orelhas são caras!

— A gente era amigo! — Arranco uma orelha antes que ele consiga abrir a porta. — Você tinha acabado de dizer que queria voltar a ser meu amigo!

— É, aí vi que você se achava bom demais para isso! — responde ele, dando a volta num sofá que parece bem caro.

O estofado é bem bonito mesmo, mas não estou nem aí: subo no sofá, pisando nas almofadas e tudo — e ele esperando que eu fosse dar a volta, coitado —, e agarro aquela capa *idiota* e totalmente inútil. Nunca entendi por que o rei nox usa capa.

— E você me vendeu! Estava com inveja!

— Sério isso, cara? — Ele vai girando para trás de outra cadeira e a empurra para cima de mim. — Você está tão iludido com as artimanhas do seu pai que chega a ser ridículo.

Seguro a cadeira, evitando que ela me acerte na virilha.

— Cala a boca, você não sabe do que está falando.

— Você é mesmo um filhinho de papai. Faz tudo o que ele quer. Ele *fabricou* você, sabia? — Brian pega um monte de revistas e atira em mim.

Eu abaixo, desviando a cabeça de uma *Teen Vogue* com uma foto minha na capa.

— Eu mandei *calar a boca*.

— O que foi? Não gosta de admitir que come na mão...

Parto para cima dele outra vez. Brian passa no meio de uma família de quatro pessoas e empurra o carrinho com as malas deles no meu caminho. Agarro o outro lado do carrinho.

— E por causa disso você resolveu tirar uma foto minha caindo de cara no cais e vendeu? Nossa, isso realmente melhorou tudo! — Tento empurrar o carrinho para longe, mas ele segura firme. — Por que você fez aquilo?

As falsas escamas roxas começam a cair quando ele faz uma careta de puro ódio.

— Por que você não pergunta para o seu pai?

— Mark não tem nada a ver com isso...

— *Ele* vendeu as fotos! — grita Brian.

Fico boquiaberto.

— Isso nunca passou pela sua cabeça, né? — provoca ele, com raiva na voz. — Não acha estranho que tenha sido num momento tão conveniente? Com a segunda temporada de *Seaside* acabando, você fazendo teste para o papel de Carmindor, e as pessoas até sabiam quem você era...

— Vai se ferrar.

— ... mas você não era lá muito conhecido. Só quem ligava para você eram aquelas praieiras, ou sei lá qual era o nome.

Ele está mentindo. Sei que está. Mas suas palavras começam a me sufocar, está cada vez mais difícil respirar.

— Eu tirei as fotos de sacanagem, só queria zoar com a sua cara depois. Mas Mark confiscou a câmera. E me disse que eu poderia ganhar uma grana com elas. Ele estava certo. E, um escândalo depois, você entrou em cena. Começou a aparecer em todos os

lugares.

— Foi um inferno!

— Negócios, meu amigo. Achei que em alguma hora você fosse superar.

— E eu achei que pudesse confiar no meu melhor amigo.

O pai da família dona do carrinho que estamos empurrando de um lado para o outro tenta pegar as malas, hesitante, olhando de Brian para mim como se fôssemos dois animais selvagens. O recepcionista já está ao telefone, provavelmente falando com a segurança. Já até vejo as manchetes: DARIEN ACABA COM A RAÇA DE PAPARAZZO.

— Pode *me* culpar por isso tudo — retruca Brian. — Já que você não tem coragem de assumir a culpa, não é mesmo?

Empurro o carrinho para longe do pai turista e parto para cima de Brian com um grito de fúria digno de Conan, o Bárbaro. Brian entra correndo no salão, desaparecendo na névoa da festa. Ele para na balaustrada que leva para a pista de dança, no andar inferior, e olha para trás.

— Ah, mer...

Tarde demais. Pulo nele, acertando o ombro no seu peito, e nós dois caímos lá embaixo como o King Kong caindo do Empire State Building. Aquela queda de três metros leva mais tempo do que eu esperava. Tempo bastante para eu me arrepender.

Bem, pelo menos tenho seguro.

Caímos no chão com tanta força que perco o ar. O DJ para um remix da música do Pokémon. Somos cercados por vingadores, elfos noturnos e Jedis. Rolo para o lado, ficando com as costas no chão, gemendo de dor. Acho que não destrocei nada, mas não tenho certeza: estou com a sensação de que quebrei cada pedacinho do meu corpo. Brian, ao meu lado, também deita de costas, e ficamos olhando para o teto. Que, aliás, é um teto bem bonito. Cheio de detalhes dourados, como o resto do hotel, todo decorado...

Devo ter batido a cabeça com mais força do que imaginava.

— Quer saber? — Eu me sento, cambaleante. Hoje apanhei e me machuquei mais do que durante as filmagens. Sabia que tinha um bom motivo para evitar esta convenção. — A gente poderia ter sido amigo, Brian. Mas nunca funcionaria. E não é porque eu sou famoso, e sim porque você é um babaca. Você me seguiu, gritou comigo na frente dos meus fãs, roubou a droga do meu celular...

Lá dos fundos, ouço Gail gritando para as pessoas saírem do caminho. Ela já está ligando para a seguradora, querendo saber se o seguro de abdome cobre lutas corporais.

Brian respira fundo, soluçando.

— Pode até ser. — Ele olha para mim. — Mas estou falando a... *Ai...* A verdade.

Ele se levanta bem devagar. Está com os lábios sangrando. Ele estende a mão, e eu aceito, levantando cheio de dor (ok, tem grandes chances de eu ter torcido alguma coisa ou, no mínimo, machucado bastante).

— Você come na mão do Mark, cara. E ainda está prestes a deixar seu pai destruir suas chances com aquela garota.

Gail finalmente chega até nós e segura meu rosto.

— *Dare!* Tudo bem? Você se machucou? Quantos dedos tem aqui?

— Três — respondo, e percebo que Brian não está mais lá.

Olho em volta, mas só vejo a capa preta passando por entre dois orcs.

Gail puxa meu rosto com força de volta para ela, conferindo meu nariz, minha boca,

murmurando sozinha, naquele tom superprotetor, sobre como Mark vai fazer picadinho da gente por causa disso.

— Eu só me meto nas piores furadas quando estou com você, Dare. Vamos voltar para Los Angeles, e você vai ficar trancado em casa até a *première*. Pode acreditar.

— Na verdade...

Eu me lembro do que estava escrito na lateral do food truck em que Elle foi embora. A Abóbora Mágica. “O melhor food truck vegano de Charleston!” Tudo começa a fazer sentido. As chimichangas. As piadas. Ela estava tão perto todo esse tempo. As palavras de Brian ecoam em minha mente como sinais de alerta.

E ainda está prestes a deixar seu pai destruir suas chances com aquela garota.

Eu deveria ter contado a verdade a ela há muito tempo. Não deveria ter tanto medo das consequências, porque, seja lá quais forem, vou sobreviver. Só quero ser uma pessoa real. Pelo menos uma vez. Sem máscaras, sem roteiro, sem planos. Prefiro passar a vida inteira sabendo que Elle me odeia a deixá-la me achar um falso Carmindor.

— Vamos tirar umas férias longas. Vai ser maravilhoso...

— Não — digo, enquanto toco as costelas, tentando não fazer uma careta. Tenho quase certeza de que estão bem machucadas. — Primeiro preciso ter uma conversa com meu pai.

O CELULAR TOCA duas vezes antes de Mark atender. Olho o relógio: 0h31. Lá é bem mais cedo, ele ainda deve estar acordado, bebendo em algum evento patrocinado pelo estúdio ou pela produtora. Segundo ele, tudo para fazer contatos. Eu me lembro dos anos em que ele vivia em função de fazer contatos, noite após noite. Minha infância toda foi assim. Perdi as contas de quantas babás já tive. Então, num fim de semana, muito depois do divórcio, ele conseguiu para mim um comercial de pasta de dente. E, três meses depois, conseguiu o teste de elenco para uma espécie de *The O.C.* genérico chamado *Seaside Cove*. E aí começaram as manchetes.

Esfrego a cicatriz no queixo, distraído. Não sei se dá para acreditar no Brian, mas também não sei se quero confiar no Mark. Não me lembro muito bem daquelas semanas em que fui notícia das revistas de fofoca. Era um furacão de paparazzi, entrevistas e manchetes, e essa fase nunca acabou de verdade. Minha vida é dividida entre antes e depois das manchetes.

A questão é o que eu teria me tornado sem as manchetes, neste universo possível da Elle. Talvez neste universo eu ainda tenha um pai, talvez eu não fosse culpar Brian.

Talvez eu fosse um zé-ninguém.

— Alô? — atende Mark, mal-humorado.

— Alô, meu velho — respondo, animado.

— Darien? O que você... Que horas são? — Ouço Mark se mexendo do outro lado da linha, em seguida solta um gemido. — Darien, está bem tarde aí. Você não deveria estar num avião?

— Deveria. Acho que ele está decolando agora, não tenho certeza.

A voz dele soa irritada.

— Não sabe?

Engulo o nó na garganta e me concentro nas botas de couro lustrosas. Na verdade, são

as botas do Carmindor. Ainda não troquei. Estou tentando enganar a mim mesmo, como se essa roupa me transformasse mesmo num super-herói, preservasse o resquício de coragem que resta em mim.

Lonny está em silêncio, sentado numa poltrona do quarto de hotel, bebericando um copo de água com gás. Gail, na poltrona ao lado, olha o celular. Os dois estão ouvindo a conversa, mas não me importo. Quando perguntei se eles poderiam ficar no quarto enquanto eu ligava para Mark, eles concordaram sem hesitar. A presença deles é reconfortante. Acho que é porque os dois são o mais próximo que tenho de amigos. Ou de pais.

— Como assim *não* sabe? Você vai entrar naquele avião. Vai voltar para casa. Tem ideia de quanto custaram aquelas pass...

— Você vazou as fotos? — pergunto, de uma só vez. — As fotos que Brian tirou? No iate?

Gail tira os olhos da tela do celular e fica me olhando, sem acreditar. Mark fica em silêncio por um bom tempo.

— Eu tinha percebido que você precisava tomar mais cuidado ao escolher seus amigos — responde ele, hesitante, escolhendo as palavras com cuidado.

Com o mesmo cuidado com que ele quer escolher meus amigos. Minha carreira. Minhas namoradas. E tudo mais. Minha vida toda.

— Tive que fazer alguma coisa quando vi aquelas fotos. E fiz. Assim ficamos à frente das manchetes.

Desabo na beira da cama e fico olhando para o carpete bege.

— Então você sacrificou meu orgulho e minha privacidade por um pouco de fama?

— Você conseguiu o Carmindor graças àquelas manchetes, Darien.

Você conseguiu o Carmindor graças àquelas manchetes.

Aquelas palavras são uma facada no coração. Eu me lembro da época em que saíram as manchetes. Eu ficava trancado em casa, me sentindo sufocado pelas paredes. Só saía de boné e óculos escuros, evitava olhar as notícias, mas sempre acabava vendo todas. Sentia muita vergonha, endurecendo, criando uma muralha.

— Você algum dia ia me contar?

— Darien, é complicada...

— *Você ia contar?*

— Darien, eu só queria o seu bem.

— E o vazamento das filmagens? Foi você também? Ou foi tudo obra do Brian?

— Não seja ingênuo. Tudo que vaza é de propósito — retruca Mark. Quase posso visualizar meu pai fazendo um sinal de aspas ao dizer “vaza”. — Brian estava precisando de dinheiro, então arranjei um bico de contrarregra para ele. Mandeí ficar na encolha, esperando uma oportunidade de tirar fotos. E tentar espiar seu telefone.

— Você mentiu para mim. Jogou meu nome no meio das fofocas. De novo. E por quê? Por alguns minutos de fama?

— Para você não sumir de cena.

— Então, parabéns — retruco, amargurado. — Funcionou.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, até que Mark volta a falar:

— Sei que você vai me odiar. É direito seu. Mas não sou o vilão dessa história, pode acreditar. Nunca quis ser. Os vazamentos, as fofocas, o namoro com Jess... Isso tudo foi

bom para você, entende? Funcionou direitinho. E nós sobrevivemos.

— Pode ser.

Ele está certo: eu sobrevivi mesmo. O filme está em produção. Vou virar um astro do cinema. Mas Elle... Perder Elle. É a consequência.

— Bem — continua Mark —, vou marcar outro voo. Você tem um ensaio amanhã de manhã, depois uma entrevista com...

— Não.

— Não?

Respiro fundo, tomando coragem.

— Pode remarcar o ensaio. Diga que tivemos um imprevisto.

— Não seja ridículo. Tem muito dinheiro em jogo, e...

— Pai, não é pelo dinheiro que eu quero ser o Carmindor.

— Darien, isso é *trabalho*.

Cerro o maxilar.

— Não me importo com dinheiro. Com contratos. Ensaaios fotográficos. Com manchetes. Fama. Ou seguro de abdome... Aliás, por que fazer um seguro para o abdome? É como se a Taylor Swift fizesse seguro para as pernas. É *ridículo*.

— Temos que tomar todas as precauções possíveis — explica ele. — É só...

Mas eu interrompo:

— Com ou sem manchete, aceitei o papel por causa do Carmindor. Por causa de *Starfield*. Porque a gente costumava assistir às reprises juntos. Lembra?

— Isso faz muito tempo, Darien.

Pode ser. Mas às vezes parece que foi ontem, quando ele ainda era o meu pai.

— Eu faço isso pelos personagens. Pela história. Pelos fãs. Faço isso por...

As palavras ficam entaladas na garganta quando me lembro das minhas conversas com Elle, sobre a Nebulosa Negra, sobre o mundo, sobre as possibilidades.

— Faço isso pelo universo impossível — concluo.

— Do que você está falando?

Consigo engolir a raiva.

— Quero voltar a ser parte da minha própria história, e quero...

É então que entendo que não posso mais ficar nesse limbo. Entre ter e não ter um pai. Ao contrário de Elle, que faria de tudo para conseguir o pai de volta, o meu está aqui.

— Quero trocar de empresário — digo, por fim. — Quero meu pai de volta.

— Você está... me demitindo?

— É. Estou. Amo você, pai, mas estou.

Ele perde a paciência.

— Darien, ouça o que está dizendo. É a sua carreira. Você não pode simplesmente...

— Já fiz — respondo, e desligo.

Gail começa a recolher as coisas pelo quarto. Está com cara de quem acha que vai ser demitida.

— Já estou saindo. Mark disse que eu tenho que...

— Esquece o Mark. Você acabou de ser promovida, vai assumir a nova função imediatamente.

Gail ergue as sobrancelhas, surpresa. Jogo meu celular para ela, que se atrapalha para pegar.

Ela está boquiaberta.

— Você quer dizer...

— Quero dizer que provavelmente preciso que você vá para Los Angeles e invente umas desculpas para o pessoal das fotos amanhã. Ainda dá tempo de pegar um voo se...

— Mas eu sou péssima em inventar desculpas! — Ela está quase tendo um treco. — O que aconteceu com Mark? Por que...

Eu a puxo pelos ombros para que fique cara a cara comigo.

— Gail, você é minha número um. Sempre foi. É a única pessoa em quem confio. Vou entender se você não quiser, mas vou perguntar mesmo assim. Somos um time, sempre seremos. Quer ser minha empresária?

— Eu... — Ela hesita, sem dizer nada, depois fecha os olhos e respira fundo. Aos poucos seu rosto volta à cor normal. Finalmente, ela abre os olhos e assente. — Claro que quero, Dare.

— Você é a melhor — digo, sorrindo e apertando os ombros dela.

— Para você, agora é *senhorita* — retruca ela, retribuindo o sorriso... que some bem depressa. — Ai, o voo! Tenho que pegar aquele voo! — Ela se solta, pega a bolsa no chão e sai correndo. Então para e olha para mim. — Prometo não desapontar você.

Então sai, batendo a porta.

Lonny termina de beber sua água e se levanta.

— E aí, qual é o plano?

— Você não precisa ir — digo a ele, tirando a casaca do Carmindor. — Estou meio que desertando, então isso não está no seu contrato.

— Quer dizer que estou de folga? — retruca ele, ajeitando o terno. — E posso fazer o que quiser? Bom, então quero ajudar você. Qual é o plano?

— Primeiro, vamos achar uma máquina de refrigerante. Se hoje for meu dia de sorte, vou encontrar uma Fanta laranja.

E santa laranja com gás, Batman: vejo o lindo botão que tanto amo reluzindo sob as luzes da máquina do terceiro andar. Quando aperto, sai uma garrafinha cor de abóbora maravilhosa. Tiro a tampa e provo o doce sabor da vitória.

— Esse é o plano? — pergunta Lonny. — Beber refrigerante?

Fecho a tampa e balanço a cabeça, com o plano meio doido já completo na minha mente.

— Vou fazer o que Carmindor deveria ter feito no último episódio de *Starfield*. Vou atrás da garota.



POR TRÊS VEZES na vida, eu achei que não fosse sobreviver. A primeira foi quando minha mãe morreu. Eu era nova demais, e hoje em dia só me lembro do meu pai me abraçando numa manhã fria de setembro e do cheiro de um quarto de hospital esterilizado.

A segunda foi quando Catherine foi à varanda e me encontrou sentada esperando meu pai chegar. O tempo estava úmido e abafado, e eu mal podia esperar para mostrar a ele a história que tinha escrito sobre Carmindor e o rei nox. Era a melhor de todas. Eu estava tão feliz.

Então minha madrastra chegou, segurando o celular contra o ombro, e disse: “Entra, Danielle. Robin não vai voltar.”

Não lembro onde deixei aquela história. Parei de escrever depois disso. Acho que o blog nasceu desse vazio, trazendo um pouco de alegria ao impossível. E eu consegui sobreviver a esses dois eventos. Mas ao terceiro...

Não tenho tanta certeza.

Porque perdi o sapato da minha mãe e vou chegar em casa tarde demais. Quando Hera entra na minha rua e vejo minha casa, a casa dos meus pais, com aquela placa horrorosa que diz VENDE-SE: TRATAR COM O PROPRIETÁRIO, noto que todas as luzes estão acesas. E que o conversível está na garagem. Minha madrastra está de pé na varanda, de braços cruzados, o rosto imóvel e inexpressivo. E o relógio no painel da Abóbora marca 2h05.

Eu sou a princesa Amara, e essa é minha Nebulosa Negra.

Cal se inclina para a frente. Ela está pálida, obviamente nervosa, contorcendo as mãos. Não quero que ela fique encrencada por minha causa, mas não sei o que fazer. Eu disse que ela pode entrar escondido pela minha janela, mas ela está decidida a entrar comigo. Não tem necessidade de ambas sermos punidas.

— Vocês não precisam ir. — Hera desacelera, mas não para o carro.

Ela está sendo uma boa amiga, a melhor do mundo. Fico feliz por termos nos conhecido.

— Ou eu posso ir junto.

Não pode, não. Achei que eu estaria mais apavorada, que sentiria o medo subir pela garganta, que ficaria em carne viva. Mas estou surpreendentemente... calma. A famosa calma no olho do furacão.

Cal aperta meu ombro.

— Estarei ao seu lado.

— Cal, você não precisa...

— Para de tentar assumir a culpa sozinha — interrompe ela. — Eu não sou minha irmã, nem minha mãe. Não aguento mais ficar na sombra delas. Eu tenho minha própria personalidade. E já é hora de minha mãe e Chloe entenderem isso.

A Abóbora para.

— Nossa, ela parece um gato molhado — murmura Hera.

— Ela é assim sempre — respondo.

Hera me abraça.

— A gente se vê amanhã no trabalho?

— Sim — digo, com a voz falhando. — Quer dizer, talvez.

Eu a abraço também e abro a porta, mas Cal hesita, sem saber ao certo como se despedir de Hera. Viro para o lado. Não é da minha conta, e parece que elas precisam de privacidade.

Quando coloco os pés no jardim, Catherine estreita os olhos. Mas então Cal desce do food truck, e o rosto de Catherine se contorce de raiva, como fogos de artifício explodindo. Se fosse só eu, era uma coisa; mas eu e Cal? Sinto o pavor se revirar no meu estômago, como uma cobra. *Ela não pode fazer nada contra você*, digo a mim mesma. *Não precisa ter medo*.

Mas tenho, sim. Tenho tanto medo dela quanto Carmindor tem do rei nox, quanto Amara tem da Nebulosa Negra. Antes de encontrar as fantasias dos meus pais, de conhecer Hera e de conseguir um pouco de felicidade na vida, eu achava que não restava mais nada de bom que Catherine pudesse tirar de mim. Mas aqui, parada, usando os trajes dos meus pais, com o gosto de ponche de melancia ainda na boca, com David Bowie cantarolando “Ziggy Stardust” na caixa de som da Abóbora... percebo que há muito mais em risco do que eu imaginava. Agora eu tenho uma *vida*. Tenho coisas importantes.

Jogo a casaca do meu pai por cima do ombro. O cheiro nela é mais de Darien do que meu; cheiro de canela, goma de roupa, suor e uma noite que nunca vou esquecer. Atrás da gente, Hera passa a marcha e, com um ronco, a Abóbora vai embora, soltando uma nuvem de fumaça preta.

— Calliope... — Catherine encara a filha com ar severo. — Acho que precisamos conversar. Chloe me contou tudo. Estou muito, *muito* desapontada.

— Mãe, eu posso explicar — começa ela, mas Catherine a interrompe.

— Lá dentro, por favor. Não vamos fazer uma cena.

De cabeça baixa, Cal entra depressa em casa. Quando eu passo, Catherine me olha com nojo e entra em casa, batendo a porta.

— Mãe, eu posso explicar. Não é o que parece...

— Ah, querida, eu sei bem o que aconteceu. Só não achei que você tentaria mentir tão *descaradamente* — responde Catherine, a voz assustadoramente fria. — Você fugiu do torneio de tênis? E para sair com sua irmã postiça e uma drogada? Você não quer entrar para o time da faculdade? Não liga para o futuro? Parece que só Chloe tem responsabilidade aqui.

Então, de repente, eu entendo. Chloe chegou em casa antes da gente e contou uma mentira que também incriminaria Calliope. Não consigo acreditar. Por que Chloe faria uma coisa dessas? Elas sempre foram inseparáveis.

Cal parece igualmente chocada.

— Mas... não foi isso que... Chloe...

— Chloe me contou tudo. Vá para seu quarto. Agora.

— Mas mãe...

— Agora!

Por um momento, acho que Cal não vai obedecer... Mas então ela sai correndo, desaparecendo escada acima. Quando ouvimos a porta do quarto bater, Catherine se vira para mim; seu olhar é severo e penetrante.

— Onde você arranhou essas roupas?

A voz dela é afiada como uma faca. Parei na porta para limpar o pé, segurando o sapato da minha mãe — o único pé que sobrou. Catherine me olha com nojo. Por onde passo, espalho purpurina; tem por todos os lados, nas dobras do vestido e grudada na minha pele, como se eu também fosse feita de pó de estrelas.

— São minhas. Eram dos meus pais.

— E você teve a audácia de arrastar Calliope para essa idiotice?

— Não é *idiotice*, era uma convenção. Participamos de um concurso.

— Um *concurso*?

— Um concurso de cosplay. Lembra da ExcelsiCon? O sonho da vida do meu pai? Eu queria ser parte d...

— Não me importo com o que *você* quer, sua peste! — Catherine bufa com tanta força que sai como um sibilo. — Você *sabe* que é fácil levar Calliope no papo. E sabia que conseguiria convencer minha filha a ajudar nos seus planos. Isso tudo começou quando você foi trabalhar naquele food truck imundo.

— Não é imundo!

— As meninas do clube disseram que eu estava dando liberdade demais para você, que não deveria deixar você trabalhar lá, mas eu confiei no seu discernimento. — Ela se levanta e se endireita, o roupão de seda reluzindo. — Você nunca mais vai ver aquela garota, Danielle.

— A Hera? — Sinto um aperto no coração. — Ela não tem nada a ver com isso!

— Vou cortar o mal pela raiz antes que você acabe com esta família — continua ela, erguendo a voz para abafar a minha. — Você nunca mais vai ver aquela menina, nunca mais. Entendeu?

Aquelas palavras me acertam como um soco no estômago. Nunca mais ver a Hera? Nunca mais?

— Vai sair daquele emprego imediatamente. Vou botar você para trabalhar num lugar *de respeito*, onde eu possa ficar de olho.

— Mas... Mas é o meu trabalho! — tento argumentar, a voz falhando. Pedir demissão da Abóbora Mágica? Esse emprego é uma das únicas coisas que consegui com meu esforço. Uma das poucas coisas que foram méritos inteiramente meus, que consegui por conta própria. — Eu conquistei esse trabalho! Eu gosto dele!

— Não posso confiar em você, Danielle. E, se você não é digna de confiança, não merece o que eu posso dar.

— Eu só fui para a convenção que meu pai criou! — Pisco para conter as lágrimas nos cantos dos olhos. — E essa convenção também é minha! Eu fui porque ele é meu pai! Ele é meu! E finalmente senti que ele ficaria orgulhoso de mim... Por que você não está?

Catherine cruza os braços.

— Não tenho como me orgulhar de uma filha que mente para mim.

— *Filha?* Você nunca me deixa fazer nada! Você está me punindo por... Não sei por quê! Mas já faz *anos*! — Sinto as lágrimas queimarem as bochechas. — Por que você me odeia?

— O quê? — Ela pisca, devagar, como se aquilo fosse a coisa mais absurda que já ouviu. — Danielle, eu não odeio você.

Trinco o maxilar.

— Mas é o que parece. A única coisa que eu sempre quis de você, a única, era que se orgulhasse de mim. Como se orgulha de Cal e Chloe. Eu só... — Fecho bem os olhos, tentando conter as lágrimas. Odeio chorar, mas não consigo parar. — Eu só queria... Só queria que você também *me* amasse.

Escondo o rosto no braço, abafando os soluços. O rímel, a purpurina e todas as coisas boas da convenção borram minha pele.

Quando finalmente consigo erguer o rosto, vejo os olhos de Catherine reluzindo à luz da sala. Ela passa um bom tempo em silêncio.

Enfim, ela inclina a cabeça para o lado, sorrindo, como se estivesse tentando ser gentil.

— Eu tentei amar você, minha querida. Mas você dificulta tanto as coisas. — Sinto os soluços entalados na garganta. — Essa sua obsessão não é saudável — continua, irritada. — E também não era saudável para seu pai ficar vivendo num mundo de faz de conta. Ele só fazia isso. E sempre foi assim. Era sempre só você e ele, e esse *Starfield*. E odeio ver como você é parecida com ele.

Abaixo os braços, derrotada, e olho para ela, tentando identificar a mentira por trás da camada de maquiagem. Mas vejo a boca apertada numa linha fina e os olhos carregados, e acho que ela está sendo sincera.

— Eu queria mudar tantas coisas nele. E em você.

— Mudar? O que você queria que eu fosse? — pergunto, sem conseguir me conter. — Uma filha perfeita? Uma versão em miniatura de você? Para ser alguém que você considerasse aceitável e digna do seu amor? Por que eu tenho que provar para você que sou digna?

— Danielle, só quero o seu bem...

— Não, você quer o seu bem! — retruco, irritada, aumentando o tom de voz. — Você nunca me quis, admita! Eu sou um *fardo*. Depois que meu pai morreu, virei apenas isso. E se você quiser me odiar por ser igual a ele, ótimo. Mas eu tenho o melhor do meu pai. Ele me ensinou a lutar pelo que acredito e a ser uma boa pessoa... Ele me criou para ver o melhor nos outros! — Minha voz está tão alta que começa a falhar. — E acabei deixando você passar por cima de todas as coisas boas que ele me deu. Mas chega! Hoje, não. Hoje, na convenção, pela primeira vez eu me senti bem-vinda. E nunca foi assim nesta casa! Na casa dos meus pais! A casa que você quer *vender*!

Ela estreita os olhos.

— *Starfield* não é real, Danielle. Quanto mais cedo você aprender isso, melhor.

Claro que não é real. Eu sei que não é real. É tão falso quanto as armas de isopor e os cenários de papelão. Eu sei que é falso. Mas aqueles personagens — o Carmindor, a princesa Amara, o Euci e até o rei nox — foram meus amigos mesmo quando todas as pessoas no mundo real falavam mal de mim pelas costas, me chamavam de esquisita, me enfiavam nos armários do colégio, me iludiam e logo em seguida me rejeitavam. Os personagens nunca me abandonaram. Eles eram leais, honrados, carinhosos e inteligentes.

Mas tentar explicar *Starfield* para Catherine é como tentar explicar o céu para um peixe da região abissal. Porque ela não é nada disso, nem nunca vai ser.

— Agora vá lá para cima tirar essa roupa *ridícula*.

Eu me viro, derrotada, pronta para obedecê-la, mas Catherine ainda não acabou.

— E me entregue o celular.

Congelo.

— Danielle!

Pego o celular no bolso da casaca. Por um breve momento de loucura, eu me lembro do antigo sonho: Franco e eu, indo embora sem nem olhar para trás. Sei que era só um sonho, porque não posso levar esta casa comigo e, sem ela, não sei o que seria de mim. Este foi o último lar que eu tive, mas nem aqui me sinto mais acolhida. Aliás, em breve nem morar aqui eu vou poder. Não tenho mais para onde ir.

Mas, sendo assim, de que adianta lutar?

Entrego o celular como se estivesse puxando um Band-Aid. Ela coloca aquelas unhas pintadas nele.

— Ótimo. Agora vá para o seu quarto.

Subo a escada de dois em dois degraus, sem conseguir mais segurar o choro. Catherine não vem atrás. Não vale a pena gastar energia comigo, e não sobrou nada que ela possa tirar de mim. No quarto, encosto a testa na porta e fecho bem os olhos.

Não aguento mais. Tenho que ir embora... agora. Mas não tenho meu celular. Não posso ligar para Hera e contar o que aconteceu.

E Carmindor... No fim das contas, até *ele* sabia que não valia a pena.

Quando Darien Freeman me chamou de *ah'blena*, quase pensei que fosse ele. Que Darien Freeman fosse o meu Carmindor. Mas seria impossível. O universo não pode ser tão cruel. E Darien, assim como o Carmindor, não perderia tempo com uma zero à esquerda.

Abraço a casaca do meu pai e desabo no chão, caindo no choro. Porque agora as constelações brilhando lá em cima se tornaram apenas adesivos de estrelas colados no teto. E a fantasia só tem cheiro de suor. E a casa, velha e caindo aos pedaços, é apenas fria. E a sala de estar não vai mais servir de palco para nenhuma valsa.

É por isso que este é o universo impossível: porque é impossível ter qualquer coisa boa. O universo sempre as leva embora.



ACONTECE QUE CHARLESTON não é o lugar ideal para se procurar um food truck.

— Acho que é este — digo, batendo no encosto do banco de Lonny.

Ele para no acostamento. Acho que fica aliviado. Já fomos a outros três parques, até que num dos food trucks, que vendia bolinhos de camarão típicos da região, alguém achou que sabia onde poderíamos encontrar um food truck laranja e amarelo.

“Ah, você está atrás da Abóbora”, disse a senhora, esfregando as mãos engorduradas no avental onde estava escrito: COMIDA DA FAMÍLIA TRADICIONAL. “Acho que aquela lata-velha deve estar em algum lugar do mercado hoje. É por ali.” E ela apontou para o outro lado e deu algumas direções.

Tenho uma dica importante para os aventureiros: se for visitar Charleston, faça o roteiro com antecedência. Tem tantas ruas de mão única que basta errar o caminho uma única vez para nunca mais querer dirigir nesta cidade. Depois de quase atropelar um carrinho de bebê e de passar duas vezes por uma pessoa correndo, finalmente encontramos um food truck amarelo e laranja estacionado no canto mais distante do mercado, perto de um dos deques turísticos.

Lonny liga o pisca-alerta.

— Posso esperar. Ou posso ir junto.

— Acho que consigo sozinho.

— Tem certeza? — pergunta ele, a voz trovejante, me observando pelo retrovisor.

— A não ser que você *queira* vir. Para dar apoio moral.

— Estou tranquilo aqui, chefe.

— Que grande companheiro. Eu ligo quando precisar.

Saio do carro, espero Lonny estacionar e vou até a Abóbora Mágica. O caminhão tem um tom horrível de laranja. Dá para ver a um quilômetro de distância, e acho que é esse o objetivo. A pintura é inspirada numa abóbora, com traços amarelos, vermelhos e pretos contornando as curvas e arestas. Tem uma garota com cabelo verde-azulado recostada no balcão, e meu coração dá um pulo quando a reconheço: é a garota que levou Elle embora.

— Estamos sem bolinho hoje — declara ela, sem tirar os olhos da revista, quando me aproximo.

— Eu não quero bolinhos.

— Bem, espero que não *queira* chips de batata-doce, porque também está em falta.

— Não quero pedir comida nenhuma.

Essa garota me dá um pouco de medo.

— Hum. — Ela continua com o rosto enfiado na revista. — Então o que você quer? Além de estar sem bolinhos e sem chips, estou sem funcionários hoje, e também bastante irritada.

— Eu, é... — Tento dar uma olhada no interior do food truck. Cadê a Elle? Ela tem que estar em algum lugar aqui. Nunca comentou nada sobre folgas comigo. — Na verdade, eu... — Respiro fundo. — Eu estava procurando a Elle.

Aquilo finalmente atrai o interesse da garota.

— Hum.

Fico sem jeito, sem saber o que fazer.

— Hum o quê?

Ela me mostra a revista, com o ensaio fotográfico que fiz depois do *Bom dia, América*. Faço careta.

— Você é bem mais bonito com Photoshop.

— Essa é a primeira vez que me dizem isso. Em voz alta, pelo menos.

— Mas todo mundo deve pensar isso. — Ela deixa a revista de lado e inclina a cabeça.

— O que você está fazendo aqui?

— Você não acreditaria se eu contasse.

Ela ergue a sobrancelha.

— É verdade.

Respiro fundo e pego o sapato perdido de Elle. A garota arregala os olhos.

— Ok, você tem minha atenção.

Explico tudo: a primeira mensagem para o número que eu esperava que fosse de Robin Wittimer, todas as semanas de conversa com Elle, a ExcelsiCon, o baile, o momento desesperador em que o food truck foi embora.

— Quero me encontrar com ela para contar a verdade. Quero pedir desculpa.

Ela se aproxima, por cima do balcão, ponderando:

— Por quê? Para limpar a consciência? E depois vai fugir de novo, *Carmindor*?

Nós dois sabemos que isso foi irônico. Carmindor nunca foge de nada. Ele fica e luta, e encara as consequências. E eu acho que todo mundo tem a chance de ser ele.

E acho que esta é a minha chance.

— Não — respondo. — Não vou fugir de novo. A não ser que ela venha atrás de mim segurando alguma coisa. Nesse caso talvez eu fuja. Mas *dela*, nunca mais.

A garota do cabelo colorido fica um tempo pensando, mastigando um pedaço de chiclete rosa-shocking.

— Bem, a Elle se demitiu. Na verdade, a madrastra a obrigou. E ela não atende o celular, não responde mensagem nem está em casa. Não tenho como falar com ela. — Começo a sentir um aperto no coração, até que ela continua: — Mas... — Levanta o dedo. — Aaaaacho que sei onde ela está. Se você quiser, posso levar você lá.

Hesito.

— Agora? Mas você não...

— Isto aqui é um restaurante sobre rodas, Carmindor. Podemos ir aonde quisermos.

Ela fecha a janela de pedidos, escala até o banco do motorista e abre a porta do carona com o pé. Eu subo e me sento. O carro todo cheira a bolinho de abóbora, óleo e bancos de couro de mais de vinte anos.

— A propósito, meu nome é Hera — diz ela, ligando aquela máquina monstruosa. — E

sugiro que você aperte os cintos.

A Abóbora Mágica começa a rugir, dá uma guinada e começa a se sacudir como se fosse desmontar. Eu sigo as instruções, colocando o cinto depressa. Hera passa a marcha com força e pisa fundo no acelerador, fazendo uma curva com a velocidade de um piloto da Nascar. Olho para o retrovisor e noto que Lonny está bem na nossa cola. Hera abre caminho pelo centro histórico, dispersando a multidão à frente, e segue para a parte residencial da cidade.

— Então... Para onde estamos indo? — pergunto, depois de convencer a mim mesmo de que não vamos morrer.

— Para um clube na Isle of Palms. Um lugar horrível.

— E por que ela estaria trabalhando lá?

— Porque não tinha permissão de ir para a convenção — explica Hera.

O food truck passa, chacoalhando em alta velocidade, por uma das muitas pontes suspensas da cidade.

— A madraستا não queria que ela fosse, mas pegamos a Abóbora... Aliás, eu arrumei um problemão por causa disso. Estou de castigo até o sol começar a nascer a oeste. Há, até parece — acrescenta ela, num murmúrio. — Mas a gente foi mesmo assim, e participamos do concurso. Pensamos que daria para voltar a tempo, mas...

Tudo começa a fazer sentido.

— Por isso vocês saíram correndo.

— Bingo. — Hera abre um sorriso. — E agora aposto a Abóbora que a madraستا aprisionou Elle naquele clube.

Hera sai da ponte, seguindo as placas que indicam a direção para o Country Club Pointe Greene. A paisagem vai ficando mais verde, com uma grama bem-cuidada e folhagem densa. E as estradas parecem melhores. Hera segue o caminho sinuoso até uma guarita e para o food truck bem na frente da cancela amarela. Ela se inclina para fora quando o guarda abre a janela da guarita.

— Qual é o motivo da visita?

— Só viemos dar uma olhada — responde Hera. — Estou pensando em me associar.

Ele mexe o bigode.

— Sinto muito, não posso deixar você entrar sem autorização.

— Autorização de quem?

— De membros do clube — responde ele, bem devagar, como se Hera fosse burra ou algo do tipo. Então ele a olha de cima a baixo, analisando o cabelo colorido, os piercings, a blusa com a inscrição KILLER QUEEN, em homenagem ao Queen. — E acho que você não é membro.

Ela aperta o volante e faz cara feia.

— Você vai ver o que vou fazer com o *seu* membro se você não...

— Com licença — interrompo, me inclinando para a frente.

Ergo os óculos escuros de aviador e abro meu melhor sorriso. Consigo entrar no modo Darien Freeman num piscar de olhos. Nunca achei que fosse ficar feliz com essa máscara.

O guarda estreita os olhos.

— O que foi?

— Oi. Eu sou o Darien. Você deve me conhecer. Já ouviu falar em *Starfield*? — Ele ergue as sobrancelhas. Ah, *bingo*. Continuo: — Uma amiga minha trabalha aqui, e vim à

cidade fazer uma visitinha, não vou ficar muito tempo. Acha que pode nos deixar entrar? Só quero falar com ela rapidinho. Por favor.

Ele parece prestes a concordar — *obrigado*, Starfield, *obrigado* —, mas então franze a testa.

— Não me importo se você é o príncipe da Inglaterra — retruca ele. — Pode mandar sua amiga tirar esse caminhão daqui. Vocês não vão entrar.

— Nossa, que grosseria — murmuro.

Hera resmunga alguma coisa inaudível e dá a ré. O guarda se endireita na cadeira, triunfante, e começa a fechar a janela.

Fico desanimado.

— Acho que vamos ter que esperar até ela sair do trabalho.

— Não.

— Por que não? São só algumas horas, certo?

— Porque Elle só vai para casa com a madrastra. E, se nem o cara da guarita quer deixar a gente entrar, o que acha que Catherine vai fazer?

Ela para o food truck e passa a marcha. O motor cospe fumaça preta.

— E o que mais a gente pode fazer?

Hera estreita os olhos.

— Hoje, a gente luta.

Ela enfia o pé no acelerador. O food truck sai cantando pneu, até pegar tração e dar um solavanco. Agarro o cinto de segurança. Eu já deveria estar acostumado a cenas de ação. Não deveria ficar com medo de morrer em situações como esta.

Mas fico.

Hera joga a Abóbora para o lado e damos a volta na barreira, passando por pouco. O guarda abre a janela da guarita, vermelho como um tomate, e grita para a gente, mas Hera enfia o dedo no botão do rádio e bota o volume no máximo.

A música-tema de *Starfield* sai dos alto-falantes como trombetas anunciando a guerra.



O CLUBE JÁ está sufocante. Hoje de manhã, Catherine me arrancou da cama às seis da manhã e me fez limpar o sótão de uma vez por todas: tirou todos os meus DVDs de *Starfield*, a estatueta do Carmindor, a réplica de comunicador que meu pai me deu quando eu era pequena, alguns pôsteres, cartões-postais e artigos de colecionador (incluindo um tubo de balas PEZ muito raro). Então ela me trouxe de carro até aqui, conversou com o gerente e, cinco horas depois, estou presa neste café na varanda, usando uma blusa verde com manchas de suor e uma bermuda, morta de tédio. Odiava e continuo odiando trabalhar aqui. Mas já desisti de lutar.

O café oferece vista para quase toda a área aberta do clube. De um lado, fica a piscina, e do outro, um quilômetro e meio de colinas de golfe. Passei quase toda a manhã servindo jogadores de golfe de meia-idade cheios de grana e de tempo livre, mas eles não são os únicos clientes hoje. Chloe está sentada com os amigos numa mesa no canto, fofocando tão alto que só pode ser de propósito, tenho certeza. James está ao lado dela, mas, ao contrário do ano passado, quando parecia que ela não conseguia desgrudar dele (enquanto ele fingia que estava gostando de mim), hoje ela não está lhe dando a mínima bola. Ela agora é boa demais para ele. É o que parece, pelo menos. Cal também está ali, na cadeira de sempre, mas não fala nada.

Ela veio falar comigo hoje cedo, enquanto eu limpava o sótão, numa hora em que Catherine não estava por perto, e me entregou uma coisa.

“Chloe e eu achamos isto junto com o vestido, no baú lá em cima. Foi... Foi você que escreveu?”

O papel estava amarelado, mas eu me lembraria mesmo se tivessem passado cem anos. Eu achava que não tinha mais o que chorar, mas meus olhos se encheram de lágrimas. Peguei o maço de folhas, assentindo:

“É... é uma história. Uma fanfic. Eu sempre escrevia essas histórias para o meu pai.” Pisquei para conter as lágrimas e funguei. “Onde foi que você encontrou isto?”

“No baú. Tem um bilhão de folhas. Ele deve ter guardado todas.”

“Todas?” Olhei outra vez para o papel. “Obrigada, Cal.”

Ela abriu um sorriso tímido, como se não fosse apropriado sorrir naquele momento.

“É o mínimo que posso fazer.”

Mas Cal agora está muda. E a voz de Chloe ecoa pela varanda como uma sirene de navio.

— Ele era *tão* maravilhoso — comenta, exibida. — E *tão* legal. E *muito mais* sexy

pessoalmente. Um forte concorrente para você, James — acrescenta, dando um tapinha zombeteiro no joelho dele. — Queria que vocês tivessem ido. Nossa, foi o máximo.

— E onde você arranhou os ingressos? — pergunta James.

— Eu comprei.

— Não sabia que você gostava dessas coisas — comenta Erin, a subcomandante do grupo das gêmeas. — Você sempre zoa sua irmã por causa disso.

As fotos viralizaram durante a noite: dois dançarinos num baile de cosplay, um astro do cinema e uma garota comum num vestido feito de céu estrelado. DARIEN FREEMAN, O PRÍNCIPE ENCANTADO?, diziam as manchetes. E a garota que estavam chamando de Geekerela. Não dá para dizer que odeio o apelido. Seria de se esperar que todos fossem surtar vendo uma foto minha com o Darien Freeman, mas estou de máscara nas fotos. E Chloe, para minha surpresa, apareceu hoje de manhã com o cabelo pintado de vermelho, igual ao meu.

O canal dela no YouTube ganhou dez mil seguidores da noite para o dia, literalmente. O número de visualizações disparou. Ela passou de vlogueira anônima a celebridade virtual na velocidade de dobra. Fizeram até uma petição on-line para Darien encontrar Chloe e os dois terem um “final feliz” — e eu não ficaria surpresa se a própria Chloe tivesse criado a petição. Honestamente, não sei o que é mais engraçado: Chloe fingir ser eu ou eu ter ficado anonimamente famosa na ExcelsiCon. Quer dizer, virei uma celebridade virtual. *A garota que dançou com Darien Freeman.*

Chloe acena para a amiga.

— Irmã *postiça*. E não tenho culpa se ela é toda esquisitona. Falando nisso... Elle! — grita ela, olhando para trás. — Elle! Quero outro latte!

Solto um suspiro e marco a página no livro que estou lendo.

— Com ou sem chantilly? — pergunto, tirando o leite da geladeira que fica embaixo do balcão.

— O que você *acha*? E é bom usar leite de soja.

Preparo o café e levo até Chloe, já que ela não vai se dar ao trabalho de buscar.

— Pena que tive que fugir tão rápido — comenta Chloe, pegando o copo sem nem olhar para mim. — Não tive nem tempo de dizer meu nome! E agora tem um monte de meninas fingindo ser eu. Olhem. — Ela mostra o celular, passando por um monte de fotos cheias de hashtags. — Bando de posers.

— Ouvi dizer que ela perdeu um sapato — digo, me intrometendo. Chloe estreita os olhos para mim, mas ignora. O que tenho a perder? Já desisti. — Talvez a verdadeira garota esteja com o outro sapato.

— Você não tinha contado essa parte — diz outra amiga deles, de cabelo louro com pontas roxas. — Chloe, é isso! Você deveria...

— Eu perdi o outro pé — retruca Chloe, entre dentes. Ela toma um golinho do café, faz cara de nojo e cospe. — Aff, eu falei desnatado, não leite de soja!

Chloe empurra a caneca para mim, e um pouco da bebida transborda, molhando meu avental e a blusa polo verde. Está quente, escaldante. Dou um gritinho, pulando para trás. O latte cai no chão.

— *Ops* — sibila ela, e se vira para os amigos, me ignorando. — Como eu disse, perdi o outro pé. Então não adianta discutir isso.

Pego alguns guardanapos em outra mesa e começo a limpar o café derramado. James

também pega alguns guardanapos e vai me ajudar. Chloe olha para a gente.

— James, você não precisa fazer isso. Esse é o *trabalho* dela.

— Eu sei, mas... — James inclina a cabeça para o lado. — Isso que ouvimos foi um... *trovão*?

— Claro que não. O dia está lindo. — Chloe revira os olhos enquanto termino de limpar o que derramou. — Francamente! Vamos embora daqui.

Ela pega um taco da bolsa de golfe e o gira nas mãos, indo para o campo. Então estala os dedos, mandando a gente ir atrás, e nós vamos. Solto um suspiro, penduro a bolsa de golfe dela no ombro e vou para a colina. Phil, o auxiliar dos jogadores, tinha que ficar doente logo hoje? Se bem que qualquer outro dia seria ruim também. E claro que meu chefe não liga se eu tiver que largar o café para servir de babá para as filhas de Catherine.

No sol quente, Chloe joga a bola no chão e estreita os olhos para o horizonte. Depois se afasta e golpeia com o taco. A bola faz um arco no ar e cai a uns cento e cinquenta metros de distância, numa poça de areia.

— Ops — comenta ela, sem emoção. — Elle, pode pegar a bola, por favor?

O trovão ressoa mais alto, mesmo com o céu azul e limpo. Eu me pergunto se Carmindor está olhando para este mesmo céu. E então, com uma pontada de dor, eu me pergunto por que ainda me importo.

— Elle! — grita Chloe.

Saio correndo, mas o barulho está tão alto... E juro que já ouvi isso antes. Um tremor grave, como um dragão. Ou... *não*.

Não pode ser.

De repente, um dos jardineiros que estava posicionando os irrigadores para a tarde dá um grito e pula para o lado. Por entre os arbustos do estacionamento, aparece voando uma abóbora gigante. Ou melhor, um food truck laranja e amarelo. A Abóbora pousa com tanta força que abre um buraco na grama perfeita e dispara pelo campo até onde estamos, com o para-lama verde-limão sorrindo, uma boca cheia de folhas e gravetos. Música escapa das janelas abertas, num volume tão alto que dá para sentir os alto-falantes pulsando no ritmo: é o tema de *Starfield*.

— Ai, meu Deus, o que é isso? — pergunta Chloe, surpresa.

James pisca.

— Um food truck?

Cal abre um sorriso enorme.

— Se não me engano, chama-se Abóbora Mágica.

O carro para bem na nossa frente. Os limpadores de para-brisa tiram as folhas do vidro, e Hera comemora no banco do motorista:

— Isso foi DEMAIS!

Deixo a bolsa de golfe cair no chão, corro até Hera e a abraço com força.

— Desculpa! — Minha voz sai entrecortada, e eu a abraço ainda mais. — Catherine pegou meu celular, e eu não consegui explicar nada e... Desculpa, desculpa mesmo...

Ela retribui o abraço. Hera tem cheiro do lugar onde eu me sinto acolhida: bolinhos de abóbora e óleo de coco passado.

— Eu também estava com saudade! Você *não vai acreditar* quem pegou carona comigo.

— Eu disse para você parar de sair dando carona para desconhecidos.

Hera dá de ombros.

— Estou tentando...

Neste momento, um garoto de cabelo preto sai do banco do carona e quase cai de cara no chão. Ele se recompõe depressa, apoiando-se na Abóbora. Mesmo estando meio verde, todo mundo o reconhece na hora.

A amiga loura de Chloe fica boquiaberta.

— Meu Deus...

— Esse é... — diz James.

Chloe se empertiga, de olhos arregalados.

— *Darien!*

Quando ouve seu nome, Darien Freeman estufa o peito depressa e vira para ela. Noto uma leve mudança em seu rosto: uma posição muito ensaiada dos lábios, das sobrancelhas... Me lembra o baile. É uma máscara.

Ele se vira para mim.

— Elle...

— Darien! — grita Chloe, mais uma vez, jogando o taco no chão e correndo até ele. — Ai, meu Deus, é você mesmo! — Ela olha em volta, para os amigos, abrindo mais o sorriso, adquirindo aquele ar de *Eu não disse?* — James... James, filma isto!

Ela dá um tapa no braço dele, que pega o celular. Chloe joga o cabelo para trás e corre para Darien, falando:

— Darien! Eu não sabia como você iria me encontrar... Foi a petição? Sabe, eu criei a petição...

— Não acredito que era verdade — sussurra Erin para James, que balança a cabeça, chocado.

Os dois estão sem palavras. Nunca pensei que fosse ver isto acontecer.

Tento ficar calma, mas meu coração quase salta pela boca. Tento não criar expectativa, mas estou cada vez mais ansiosa. Não sei por que ele está aqui, Darien sabe que não foi com Chloe que ele dançou, mas claro que vai sucumbir ao charme dela. Quem poderia resistir?

— Levei um tempo. Eu... Eu só queria pedir desculpa pessoalmente — explica ele.

Chloe finge estar surpresa.

— Pedir desculpa? Pelo quê? E como você me encontrou? — pergunta, tocando o bíceps dele, se inclinando mais para perto.

Para Chloe, flertar é tão natural quanto respirar.

Certo. Porque ela é que sempre quis Darien. Não eu. Talvez em outro universo. Mas neste aqui... Não é para mim.

Mas então ele vira a cabeça e olha para o lado. Para mim. E a máscara começa a se desfazer aos poucos, até eu conseguir enxergar algo familiar. E ele sorri para mim.

— Só vim devolver uma coisa para Elle.

— *Elle?* — repete Chloe.

Ele estende um sapatinho feito de pó de estrelas.

— E então, *ah'blena?* — pergunta, oferecendo o sapato para mim.

Ah'blena. Só uma pessoa no mundo já me chamou assim, já quis me chamar assim.

Meu coração sobe de novo para a garganta, como se fosse um balão.

Carmindor.

E ali, bem na frente de Chloe e seus amigos; na frente de James, que fingia que me amava; na frente de Cal, que aprendeu a ter um pouco de amor-próprio; e na frente de Hera, que me ensinou que posso ser eu mesma, tiro o pé do mocassim (aff, é regra do clube) e estico a perna.

Darien se ajoelha e segura meu calcanhar delicadamente, então calça o sapatinho de pó de estrelas no meu pé.



ELA OLHA PARA mim. O cabelo pintado de vermelho está preso numa trança frouxa, caindo sobre o ombro. Ela ajusta os óculos quadrados de armação preta grossa e dá um passo à frente, hesitante, como se eu estivesse armando uma pegadinha. Tem algumas sardas nas bochechas. Já tinha reparado nelas, mas agora quero traçá-las com os dedos, ligando-as como se fossem constelações; um céu estrelado marcado numa pele que aos poucos vai ficando vermelha. Brilhando.

Elle.

Não é a princesa Amara, não é a garota da convenção que quebrou meu nariz (ainda acho que foi culpa dela, e não se discute), não é uma estranha em quem não sei se posso confiar. Não sei como eu tinha imaginado este primeiro encontro. Um encontro de verdade, sem máscaras nem fantasias, sem nenhuma farsa. Não me lembro nem como eu imaginava que ela era. O que eu pensava. Como achei que seria.

Porque esta é a única Elle possível. É a única que poderia existir. Não vou dizer que ela é perfeita nem que é a garota mais linda que já vi, mas, quando olha para mim, ela é a melhor parte do universo. É a pessoa que eu escolheria para passar a vida inteira comigo na plataforma de observação da *Prospero*.

Ela respira fundo, contraindo os lábios. A grama molhada começa a deixar minha calça úmida, e ouço o familiar “Para trás, por favor” de Lonny ali perto, mas não quero me levantar. Quero ficar aqui, parado neste momento. Fico esperando, me perguntando se ela algum dia vai conseguir me perdoar. Perdoar o Carmindor que ela conheceu, o ator em mim, a minha parte humana. A combinação de Darien Freeman e Carmindor.

Enfim, numa voz tão baixa que quase não escuto — na verdade, nem preciso escutar: não consigo olhar para outro lugar, então leio em seus lábios —, Elle fala o que eu achava que nunca fosse ouvir:

— Ouvi dizer que a vista da plataforma de observação é bem bonita nesta época do ano, Carmindor.



ELE DEMORA UM instante para responder, mas então dá uma risada. Uma risada doce e grave, como um bolo macio coberto por uma mousse cremosa. E ele enfim responde, como eu esperava que respondesse, como eu desejei, com o coração inflando e subindo rumo ao espaço.

— Só ao sul de Metron.

Ele não parece Darien Freeman. Ele parece um cara qualquer de cabelo preto cacheado, usando uma camiseta de *Starfield* apertada, jeans desbotados e tênis Vans velhos. Ele parece alguém que poderia interpretar o Carmindor se usasse o uniforme na cor certa, ou um cara passeando no shopping.

Ele tem uma cicatriz no queixo que o Carmindor não tem, e um hematoma roxo ao redor do nariz que... Ah, é. Acho que isso foi culpa minha. Ele esfrega o olho com a mão como se tivesse entrado um cisco. Talvez esteja lacrimejando. Ah, não, cocô de nox! Ele está chorando?

— Achei que você iria me odiar — explica ele, se levantando. — Eu não escrevi aquela última mensagem... É uma longa história, mas não fui eu. Só que também não tive coragem de consertar a situação. Fiquei com medo. Achei que você me odiaria se eu contasse quem sou.

— Ah, seu tolo! — Eu puxo Darien para abraçá-lo. E ele deixa, escondendo o rosto no meu cabelo. — Para de chorar, assim eu vou chorar também!

— Não estou chorando — responde ele, com a voz falha, claramente chorando. — E só para esclarecer, não vou ser sempre bonitão. Então, se você só estiver encantada com meu abdome sarad...

Toco a barriga dele.

— Nós dois sabemos que é tudo maquiagem.

— Como se atreve? O que estou dizendo é que não vou continuar tão... bonito.

— Então que bom que não me apaixonei pelo seu belo rostinho.

Ele hesita.

— Então você me perdoa? Por mentir? Por...

Toco seus lábios. É uma boa pergunta. E não sei a resposta, mas me lembro da valsa, de quando ele me defendeu, e...

— Acho que eu *poderia* perdoar, se...

— Se?

— Se você me chamar de *ah'blena* outra vez.

Ele segura minha mão e chega mais perto, tão perto que meus ossos fraquejam. Darien cheira à Abóbora Mágica, desodorante e canela, e é um odor que quero guardar na memória. Quero que fique nas minhas roupas. Quero gravar o olhar dele no meu coração, como se eu fosse a última estrela a sumir à noite e a primeira a surgir no crepúsculo. Ele é alto, mas não tanto: quando olho para cima, não consigo ver dentro do nariz até o córtex cerebral. E ele é inseguro e é corajoso e é indeciso e é tão... Darien.

O verdadeiro.

— Ah'... — Ele pronuncia a primeira sílaba, erguendo a mão para o meu queixo — ... *ble*... —, inclina meu rosto para cima e se aproximando lentamente, como duas supernovas prestes a colidir — ... *na*.

E, não sei como, neste universo impossível, a sua boca encontra a minha.

— Filmei! — anuncia James, em algum lugar atrás de mim. — E... botei na net!

— Botou...? — indaga Chloe, a voz quase esganiçada. — Não! Não, deleta! Deleta agora mesmo!

— Com licença, senhorita. — Um cara enorme de terno, provavelmente o guarda-costas de Darien, bota a mão gigante no ombro de Chloe. — Vou ter que pedir para a senhorita se acalmar.

Quando o homem vê que estou olhando, ergue o polegar para mim.

Darien se afasta de mim devagar, sorrindo. Não conseguimos parar de sorrir, não consigo nem me dar ao trabalho de desviar o olhar. O mundo inteiro poderia estar sendo atacado por nox invasores e a gente não iria nem reparar.

— Quero fazer isto desde que você me chamou de *ah'blen*.

— Que bom que você sabe o que significa — digo, num tom zombeteiro, me lembrando do *Bom dia, América*. — Mas e se eu fosse careca? Você nem sabia como eu era.

— Compartilhei — confirma Cal, olhando para a tela do próprio celular.

Hera espia por cima do ombro dela e assente.

— Legal. Botou no Twitter e no Tumblr... Lembrou das hashtags?

— Claro.

— Parem! Isso não tem graça! — grita Chloe. — Vocês são horríveis! Não acredito que estão *arruinando* o meu momento! Arruinando!

Darien dá uma risadinha.

— É você que escreve o *Artilharia rebelde*. O que é bem pior.

Franzo o nariz.

— É mesmo?

— Ah, é. Você é o inimigo.

— É para você ficar esperto.

Ele finge surpresa.

— Ah, eu não iria querer comprometer a integridade de um crítico!

Abro um sorriso, com a boca colada à dele.

— Então é melhor você me beijar de novo. Quero lembrar direitinho dessa parte, para meu próximo post.

— Isso é fácil, princesa.

E ele me beija outra vez. E não é o tipo de beijo que acaba com um universo de possibilidades. É o oposto.

É o tipo de beijo que cria possibilidades.



OITO MESES DEPOIS

OLHO PARA FORA da janela do carro, impressionada.

— São monstros — murmuro para mim mesma, olhando os fãs.

Eu tinha imaginado que chegaria ao tapete vermelho sem grandes sustos, mas não tem a menor chance de isso acontecer com essa multidão, ainda mais usando este vestido. Eu mal consegui sair da Abóbora Mágica para a festa de formatura, agora querem que eu saia tranquilamente do banco traseiro de um carro tão chique? *Ha-ha*.

Hera e Cal também olham pela janela, de mãos dadas. Acho que as duas estão de mãos dadas desde aquele dia no clube. E acho que não vão desgrudar tão cedo. Até vão fazer faculdade na mesma cidade. Quer dizer, Nova York é enorme, e tem muitas faculdades aqui, mas elas vão continuar morando na mesma cidade. Inclusive, foi Hera que criou as roupas que elas estão usando hoje: um terninho delicado para ela, com uma estampa discreta de insígnias estelares, e, para Cal, um vestido roxo-escuro bem justo, cujo tecido é cheio de dobras, igual à Nebulosa Negra.

— Nunca vi tanta gente junta... Ai, *cachorro!* — reclama Hera, afastando o dachshund marrom. — Isto aqui é tecido da melhor qualidade! Se você pular em mim de novo, vou arrancar sua pele e fazer um chapéu!

Franco, o cachorro-quente, balança o rabinho e dá uma latida. Eu o pego no colo e faço carinho no pescoço.

— Shhh, a tia Hera não estava falando sério.

— Ah, pula só para ver!

— Você não combina com as roupas dela — sussurro para Franco. — Nunca vai virar chapéu.

Ele late outra vez, a língua caindo alegremente pelo canto da boca, e Hera abre um sorrisinho. Por trás dessa casca, até que ela se apegou ao Franco.

Depois da convenção, Catherine continuou... Bem, sendo Catherine. Ela nunca pediu desculpa, mas eu também não esperava isso. Só comecei a tratá-la com a mesma cortesia. Ou seja, nenhuma.

Então, em setembro passado, na noite do meu aniversário de dezoito anos, fiz as malas, entrei na Abóbora Mágica, que me esperava na frente de casa (o que com certeza despertou a ira de todos os vizinhos), e fui embora. Não escrevi nem um bilhete. Passei o restante do último ano do colégio morando com Hera e a mãe. Eu sentia falta de casa à noite. Sentia falta dos rangidos. Das goteiras. Mas descobri que, quando fechava os olhos, estava em casa. Ainda via meus pais dançando na sala. Ainda sentia o cheiro do assado queimado que meu pai esquecia no forno. Ainda me lembrava de segui-lo pela casa lendo

as fanfics que eu mesma escrevia. Continuava tudo lá, guardado com carinho dentro de mim. A casa podia pertencer aos meus pais, mas eles não estavam mais lá. Estavam em mim, e eu os carregava aonde quer que fosse.

O carro avança lentamente pela fila. Tem muita gente lá fora, com cartazes, gritando o nome de Darien. Alguns cartazes dizem EU  DARIEN, outros, EU QUERO WABBA-WABBA COM VOCÊ. Isso me lembra da multidão que vi pela primeira vez, naquele *Bom dia, América*.

Levanto Franco, para ele também ver aquele bando de gente doida.

— E seu namoradinho vai nos encontrar no tapete vermelho? — pergunta Hera.

Dou de ombros.

— Acho que sim.

— Você *acha*?

— Hã, eu estava meio ocupada, lembra? — Coloco Franco de volta no banco e faço carinho nas orelhas dele. — Tive que me mudar para o outro lado do país. E teve a semana de orientação na faculdade. E Darien está muito ocupado com a divulgação. Então eu tenho falado mais com Gail, a empresária dele.

Relacionamentos a distância são complicados. Descobri isso bem depressa. O vídeo teve um número enorme de visualizações, mas logo a vida voltou ao normal, e Darien teve que voltar para a pós-produção, a divulgação e as filmagens para a temporada seguinte de *Seaside Cove*. Às vezes ele aparecia em alguma revista com outras meninas — eram só amigas, eu sei, e tinha que engolir o ciúme. Tentei não pensar muito nisso. O último ano de colégio foi bem movimentado, com provas, preparatórios para a faculdade e formulários de inscrição para bolsas. E eu saía bastante com Hera e Cal, até fui a uma festa ou outra. Mas não com o pessoal do clube, claro.

Então, não foi um problema ver Darien seguir com a vida dele enquanto eu seguia com a minha. Mas nunca deixamos de dar boa-noite um para o outro. Nunca.

Só que agora que estamos no mesmo estado, na mesma cidade, fico nervosa. Fico ansiosa com toda a fama dele. Nervosa porque não sei se quero ser parte desse circo. Nervosa porque tenho a vida toda pela frente, e essa é só uma pequena parte dela. Uma parte importante, eu sei, mas ainda assim pequena.

Não sei se aguento continuar me equilibrando na corda bamba. Vou começar a fazer faculdade de cinema na UCLA — ao que parece, meu blog chamou atenção de algum professor de cinema, e ele gostou tanto das minhas críticas que me selecionou, apesar das minhas notas. Meu mundo todo está prestes a se abrir e a desabrochar. Será que realmente quero um namorado famoso, mesmo com tudo isso acontecendo?

Balanço as pernas, ansiosa, enquanto o carro chega ao destino final. Os flashes das câmeras disparam como as luzes estroboscópicas de um trem fantasma. Olho para o tapete vermelho, que parece um corredor longo demais. Respiro fundo.

O carro enfim para.

— Muito bem, senhoritas, chegamos — anuncia o motorista.

Hera e Cal olham para mim com expectativa.

— Então... Tenho uma pergunta — diz Hera. — Isso quer dizer que a gente não pode mais falar que ele atua mal?

— E quando foi que eu falei que ele atua mal?

Hera ergue uma sobrancelha, e meu sorriso desaparece.

— Nenhuma palavra sobre isso, entendeu? — exijo, apontando o dedo para ela.

— Minha boca é um túmulo. — Ela sorri. — Pode ir, Geekerela.

Solto um suspiro. Hoje em dia basta sair num artigo no *BuzzFeed* para arrumar um apelido para a vida toda. Uso a mão livre para abrir a porta. Inspiro, expiro. O mundo está assistindo. Até Catherine e Chloe, em algum lugar, naquela TV gigante delas. Ou talvez as duas estejam sentadas na sala impecável do novo apartamento em Mount Pleasant, procurando outra pessoa para infernizar.

Você consegue, Elle, digo a mim mesma. Você foi sozinha para um baile de cosplay. Um tapete vermelho não é nada perto daquilo.

Incorporo minha Amara interior e abro a porta para um ataque de flashes de câmeras. Deslizo para fora do carro, tropeçando de leve no meio-fio, agarrando Franco embaixo do braço como se ele fosse uma bola de futebol americano e meu objetivo fosse levá-la até a porta daquele cinema. Só preciso chegar lá.

Estico os lábios no que espero que seja meu melhor sorriso e saio andando pelo tapete vermelho. Graças a Deus resolvi usar minhas botas Doc Martens em vez do salto de oito centímetros que Hera sugeriu. Agora eu estaria de cara no chão se estivesse com ele.

— Ei, princesa, qual é o seu nome? — pergunta um paparazzo.

— Veio acompanhada? — pergunta outro.

— Gente, olha ali! Acho que é a vencedora do concurso! — grita alguém, apontando para uma mulher alta e negra que vem andando pelo tapete vermelho.

É a garota que ganhou o concurso, uns meses atrás, na ExcelsiCon. Os paparazzi vão correndo para ela como mariposas ao redor de uma vela.

Fecho os olhos e respiro fundo. Santa multidão desenfreada, Batman, como é que o Darien aguenta isso o tempo todo?

Aperto Franco um pouco mais no meu colo.

— Que loucura essa vida, né, amigão? — sussurro para ele. — Vamos, vou ver se consigo um cachorro-quente para você no buffet. Se tiver comida aí.

Atrás de mim, Cal solta um gritinho contido de surpresa e agarra o braço de Hera.

— Ah, meu Deus, é a Jessica Stone! — Ela aponta para o outro lado do tapete vermelho, para uma linda garota de cabelo preto assinando um pôster de *Starfield*. — Nossa, eu amo essa atriz! Não tanto quanto amo você, claro.

— Ah, tudo bem. Ela está liberada — responde Hera. — A gente divide. Ei, Elle, é o Darien ali?

Sinto um nó na garganta. É o Darien. Ele foi à minha formatura do colégio, algumas semanas atrás — foi bem rápido, e estava usando óculos escuros —, mas agora, estando assim tão pertinho, parece que não o vejo há anos. Ele parece tão diferente quando está em seu habitat natural, tão tranquilo e atraente, com um braço na cintura de Jessica enquanto conversa animadamente com alguma repórter. Todos ao redor ficam hipnotizados por ele, querendo mais. E, por um instante, me sinto tão pequena...

— A gente deveria ir lá falar com ele — sugere Hera, mas eu a seguro antes que ela saia andando. Hera olha confusa para mim. — Por que não?

— É que... Ele está ocupado. Não tem problema, falo com ele depois.

— Mas ele está bem ali — insiste ela, a testa franzida.

— Ela não precisa ir se não quiser — intervém Cal. — Quer dizer, ele parece mesmo ocupado.

— Ocupado demais para sua própria...

Eu a interrompo.

— Quieta. A gente não está... Você sabe: oficialmente. Para a imprensa.

Hera olha feio para mim, mas logo se distrai.

— Olha, aquele não é o Calvin-sei-lá-das-quantas?

Ela dá o braço para Cal e a puxa pelo tapete vermelho.

Engulo o nó na garganta e olho para Franco.

— Bem, amigo, pelo menos você vai ser meu par esta noite, né?

— Já me substituiu? — pergunta uma voz aveludada, num tom um pouco acima do barulho da multidão.

Olho para cima.

Darien, um pouco afastado, coloca as mãos nos bolsos. O terno acentua todos os lugares certos, perfeito em sua silhueta. Ele não está tão musculoso quanto no verão passado, e o cabelo está um pouco maior para a nova temporada de *Seaside*. Darien ergue a sobrancelha. Fico irritada só de pensar em como ele consegue fazer isso tão bem.

Sinto que estou começando a corar.

— Bem, ele atua melhor do que certas pessoas.

— Ai.

— E ele combina perfeitamente comigo — acrescento, puxando o vestido com a mão livre.

Pedi a Hera para fazer um vestido no exato tom de azul do uniforme de Carmindor de Darien. Os botões de bronze estão alinhados no espartilho, e a bainha brilha como se eu tivesse passado por uma poça de ouro. Franco está usando uma roupinha azul, também combinando, que fica apertada na barriga.

Os lábios de Darien se curvam num leve sorriso.

— É o azul errado, sabe?

Eu olho no fundo dos olhos dele.

— Não sei, ouvi dizer que combina tanto com o Carmindor deste novo filme que parece certo.

Ele sorri. Um sorriso enorme e sem pudores, sem segredos.

— Você está linda.

Sorrio também. Por que estou tão nervosa de falar com ele? Como se estivesse equilibrada numa corda bamba, com medo de cair.

— E você está... Você sabe. Não vou inflar esse seu ego mimado. Você está horrível, isso, sim. Parece que só foi dormir às duas da manhã.

— Na verdade foi às quatro e meia, e você sabe que seu nariz treme um pouco quando você mente, né? — Ele toca o próprio nariz, aproximando-se lentamente.

Franzo o nariz e desvio o olhar.

— Eu também fui dormir lá pelas quatro e meia.

Ele se curva um pouco.

— Desculpa por ter mandado mensagem tão tarde.

— Não tem problema. Sério! Eu sei que você estava ocupado salvando a galáxia. — Aponto para Jessica. Ele entende o que quero dizer, e me encara. — Olha, sei que as coisas vão ficar meio doidas por um tempo...

— Exatamente — interrompe ele. — Por isso que eu queria perguntar...

Um repórter chama Darien, e vários começam a fazer perguntas:

— Quem é essa garota?

— Vocês estão juntos?

— De onde ela é, Darien?

— Essa é a garota do verão passado?

Eles não param, um depois do outro... Não sei se são repórteres ou paparazzi, pois são todos iguais. Até blogueiros são considerados jornalistas por aqui. Qualquer coisa é jornalismo. Tweets, fotos no Instagram, atualizações do Tumblr e vídeos de Snapchat são criados mais rápido que a velocidade de dobra. Quanto mais cedo acabarmos com qualquer rumor, melhor.

— Somos só amig... — começo a dizer, mas Darien chega mais perto e tira as mãos dos bolsos.

Ele pega minha mão e entrelaça os dedos nos meus. Fico sem palavras.

Ele vira o rosto para o meu e leva os lábios à minha orelha.

— Responda rápido: quando os nox invadiram o Distrito Onze, no episódio 34, o que o Carmindor e a princesa Amara fizeram?

— Eles... uniram forças? — pergunto com a testa franzida.

Darien assente, muito sério.

— Elle, quer unir as suas forças às minhas? Juntos, conseguiremos derrotar os nox.

Eu olho para ele, sem palavras. Os flashes continuam pipocando. Franco late, o rabo balançando como um cata-vento.

— Elle?

Se eu quero? Será que eu quero? Tento imaginar o oposto, um universo sem Darien. Um universo sem suas mensagens de boa-noite, sem as provocações, sem aqueles sorrisos disfarçados que são só para mim. E, de repente, percebo que não gosto nem um pouco desse suposto universo. Não seria nem de longe tão impossível quanto o meu.

E de que vale um universo se ele não for impossível?

— Mas e... E a divulgação? — É difícil achar as palavras. — E o marketing? E as alianças para nivelar o jogo, e...

Ele beija minha mão.

— Eu quero você, *ah'blena*. Quero tentar isso com você, seja lá o que isso for. Quero que você seja minha copilota. E queria falar isso antes do filme, caso você realmente odeie...

Claro que ele teria medo disso. Claro que ele é tolo a esse ponto. Encosto a testa na dele, e os paparazzi tiram tantas fotos que os flashes piscam como estrelas, quase me deixando cega.

— Se você estragar o Carmindor — digo, com um sorriso, para todo mundo achar que só estamos trocando palavras doces, e não provocando um ao outro —, vou usar meu blog e fazer tudo o que puder para transformar sua vida num inferno.

Abaixo de nós, Franco bota a língua para fora, olhando para Darien e para mim, na expectativa.

— Está falando sério, *ah'blena*?

— Sério mesmo. Palavra de honra, *ah'blen*.

Darien se aproxima ainda mais, apesar da multidão, das câmeras e de Franco enfiando o nariz no bolso do paletó, onde ele deve ter guardado algo para comer, e me beija. Ao

redor, os flashes se acendem como os propulsores da boa e velha *Prospero*, impulsionando meu coração para os confins mais distantes deste universo impossível.

STARFIELD DISPARA PARA AS ESTRELAS

Por Danielle Wittimer

ORIGINALMENTE PUBLICADO EM
ARTILHARIAREBELDE.COM

AS EXPECTATIVAS SÃO sempre altas quando o legado é tão maravilhoso quanto o de *Starfield*. Já faz décadas desde a primeira exibição, mas o seriado ainda se mantém no mesmo nível de gigantes como *Star Trek* e *Star Wars*, na companhia de outros seriados do mesmo porte, como *Firefly* e *Battlestar Galactica*. Os fãs, apesar de poucos, eram muito apaixonados. Nós, pistoleiros estelares, sempre acreditamos que seguiríamos Carmindor aonde quer que fosse, até mesmo pela Nebulosa Negra.

Quando fui ver o filme, achei que era para lá que ele estava nos levando: para o desconhecido. A nostalgia não é páreo para a estética de lentes modernas com efeitos especiais e quadros intencionalmente tremidos. Meu coração estava preparado para se decepcionar, as expectativas eram mínimas, eu tinha aceitado que não veria meu Carmindor na telona. E, mesmo não estando errada, me surpreendi.

O filme começa com um ataque de forças inimigas desconhecidas à *Prospero*, a nave da Federação. E todo mundo que já viu o seriado sabe o que acontece em seguida. O espectador vai tentar se preparar e pedir ajuda aos céus, mas, mesmo assim, quando a Nebulosa Negra surgir, ele será sugado para dentro dela.

Para o público, sobretudo os fãs, é um momento extremamente frágil: o destino do universo está por um fio. E então ele chega à plataforma de controle: Carmindor, o príncipe da Federação com suas botas pretas lustrosas, com a insígnia da Federação, usando um uniforme azul *num tom um pouco mais escuro* que o original. Mas, além da estética, Darien Freeman fez uma interpretação um pouco diferente do Carmindor. Um pouco mais indeciso, um pouco mais inseguro no que diz respeito ao próprio julgamento. É a única coisa de que senti falta do Carmindor original: aquela confiança certa em tudo o que faz.

Mas Darien Freeman dá profundidade ao nosso príncipe da Federação de um jeito que David Singh deixou a desejar, mostrando um lado falho e profundamente humano do personagem que todos conhecemos e amamos. O Carmindor de Freeman é mais jovem e impetuoso e menos heroico e seguro de si, mas ainda é o Carmindor; sempre pensando, sempre tentando se superar. Talvez ele ainda possa se desenvolver mais, mas foi por isto que me apaixonei pelo personagem original: porque ele era um idealista, ele acreditava que podemos sempre nos tornar pessoas melhores. E, com a princesa Amara de Jessica Stone, dona de uma língua afiada, e o Eucinedes canastrão de Calvin Rolfe ao seu lado, o capitão piloto uma nave muito divertida.

Nem tudo no filme é perfeito. Os diálogos criados apenas para situar o público podem parecer meio duros (ainda mais para os antigos pistoleiros estelares), e o fim em aberto talvez deixe algumas pessoas insatisfeitas. Mas, mesmo com os pontos fracos, o remake consegue captar a alma do seriado pelo qual todos nos apaixonamos: a ideia de que, se você acredita em si mesmo e tem bons amigos, tudo é possível. Você pode fazer qualquer coisa. Pode ser qualquer um. Então, como diz o ditado:

Apontar para as estrelas. Mirar. Disparar.

Starfield estreia nos cinemas de todo o país neste fim de semana. As filmagens do segundo filme estão programadas para começar no próximo verão.

AGRADECIMENTOS

ESTE LIVRO FOI um estranho presente para mim, e esta fã aqui tem um zilhão de pessoas para agradecer — sobretudo ao meu agente, que entregou este presente na minha caixa de entrada, e ao meu editor, que me deixou dar asas à imaginação.

Mas quer saber?

Esta história não seria possível sem os fãs. Eu nunca tinha encostado numa caneta para escrever qualquer coisa que não fosse fanfic. O fandom é a minha comunidade, foi onde cresci, em meio a críticas efusivas, guerras de ship e fanfics com casais originais, universos alternativos, baseados em livros e filmes. Isso sem falar nas songfics e nas homenagens à *My Immortal*. Quando eu estava na escola e me sentia triste ou impotente, os comentários, críticas e amigos que eu encontrava no fandom me ajudavam a entender que eu não estava tão sozinha quanto pensava.

E talvez não exista mágica de verdade neste mundo, mas existe o poder do fandom — o poder de gente apaixonada que, quando decide trabalhar em grupo, consegue fazer filmes de seriados de ficção científica cancelados na primeira temporada, recriar cidades fictícias como Stars Hollow, e compor musicais maravilhosos, que vão durar muito mais tempo do que a versão contada pelos trouxas. E esse tipo de mágica nunca vai deixar de existir.

Então, quero agradecer a você. Você, leitor. Você, que faz cosplay, escreve fanfic, desenha fanart, administra fórum, coleciona bonequinhos Funko Pop e deve ter todas as edições dos livros de suas séries favoritas, além de emoldurar os pôsteres autografados e pendurar na parede. Você, que tem coragem de ir audaciosamente aonde nenhum homem jamais esteve.

Nunca desista dos seus sonhos, e nunca deixe que digam que seu amor é inconsequente, inútil ou uma perda de tempo. Porque se você ama mesmo alguma coisa, se aquele OTP, aquele jogo de cartas infantil, aquela série que não chegou ao fim, aquele YA ou aquele desenho animado faz você feliz... Então, sabe o que mais?

Não é perda de tempo. Porque, no fim das contas, somos só um monte de gente esquisita indo falar com mais gente esquisita para perguntar: “Qual é o seu nome de usuário?”

Faça como diria o Carmindor: APONTAR PARA AS ESTRELAS. MIRAR. DISPARAR.

SOBRE A AUTORA



© Meredith Rich 2017

ASHLEY POSTON divide seu tempo entre escrever livros e ser fã. Nasceu e cresceu na Carolina do Sul, Estados Unidos, onde as estrelas brilham como em nenhum outro lugar do mundo.

LEIA TAMBÉM



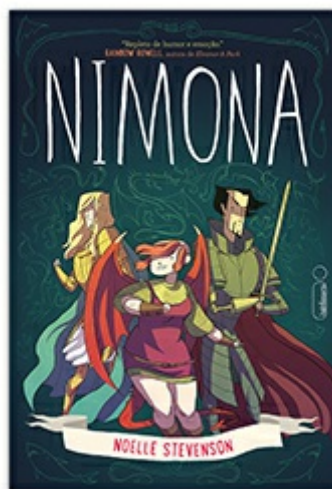
Para todos os garotos que já amei
Jenny Han



P.S.: Ainda amo você
Jenny Han



Agora e para sempre, Lara Jean
Jenny Han



Nimona
Noelle Stevenson